

OBRAS
PÓSTUMAS

Allan Kardec

OBRAS PÓSTUMAS

É preciso propagar a moral e a verdade
MUMS



Mundo Maior
Editora e
Distribuidora

FUNDAÇÃO ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ
DESPERTANDO CONHECIMENTO

Obras Póstumas
Copyright by Fundação Espírita André Luiz • 2013

Mundo Maior Editora
Fundação Espírita André Luiz

Diretoria Editorial: Onofre Astinfero Baptista
Editor: Jorge Alexandre de Lima
Criação de Capa: André Alves Marouço/Leonardo Lopes
Revisão: Equipe Mundo Maior
Tradução: Maria Ângela Baraldi

Rua São Gabriel, 114
Guarulhos/SP – CEP 07056-090
Tel.: (11) 4964-4700

e-mail: editorial@editoramundomaior.com.br

1ª edição – 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kardec, Allan, 1804-1869.
Obras póstumas: é preciso propagar a moral e a
verdade MUMS / Allan Kardec ; tradução Maria
Ângela Baraldi. – São Paulo : Mundo Maior
Editora, 2013.

Título original: Oeuvres posthumes.

1. Espiritismo I. Título.

13-02721

CDD-133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da Editora. (Lei nº9.610 de 19.2.1998).

SUMÁRIO

Biografia de Allan Kardec	9
Discurso pronunciado no túmulo de Allan Kardec por Camille Flammarion.....	17

Primeira Parte

PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIOCINADA.....	29
I – Deus	29
II – A alma	30
III – Criação.....	33

MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Caráter e conseqüências religiosas das manifestações Espíritas.....	37
O perispírito, princípio das manifestações	40
Manifestações visuais	42
Transfiguração. Invisibilidade.....	45
Emancipação da alma	46
Aparição de pessoas vivas. Bicorporeidade.....	50
Dos médiuns	50
Obsessão e possessão.....	59
DOS HOMENS DUPLOS E DAS APARIÇÕES DE PESSOAS VIVAS.....	67
CONTROVÉRSIAS SOBRE A EXISTÊNCIA DE SERES INTERMEDIÁRIOS ENTRE O HOMEM E DEUS	77
CAUSA E NATUREZA DA CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA	85
Explicação do fenômeno de lucidez	85
A SEGUNDA VISTA – CONHECIMENTO DO FUTURO – PREVISÕES.....	91

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FOTOGRAFIA E DA TELEGRAFIA DO PENSAMENTO	99
Fotografia e telegrafia do pensamento	103
ESTUDO SOBRE A NATUREZA DO CRISTO	111
Fontes das provas sobre a natureza do Cristo.....	111
A divindade do Cristo é provada pelos milagres?.....	113
A divindade de Jesus é provada por Suas palavras?	116
Palavras de Jesus, depois de Sua morte	125
Dupla natureza de Jesus.....	126
Opinião dos Apóstolos	128
Predições dos profetas com relação a Jesus	132
O Verbo se fez carne	134
Filho de Deus e filho do homem.....	136
INFLUÊNCIA PERNICIOSA DAS IDEIAS MATERIALISTAS	143
Sobre as artes em geral; sua regeneração pelo Espiritismo.....	143
TEORIA DO BELO	149
A MÚSICA CELESTE	161
A MÚSICA ESPÍRITA	165
O CAMINHO DA VIDA	173
AS CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE	179
Doutrina Materialista	180
Doutrina Panteísta.....	181
Doutrina Deísta.....	182
Doutrina Dogmática	183
Doutrina Espírita.....	184
A MORTE ESPIRITUAL	187
A VIDA FUTURA	193
QUESTÕES E PROBLEMAS	199
As expiações coletivas.....	199
O EGOÍSMO E O ORGULHO	209
LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE	217
AS ARISTOCRACIAS	221
OS DESERTORES	227
BREVE REPOSTA AOS DETRATORES DO ESPIRITISMO	237

Segunda Parte

TRANSCRIÇÕES <i>IN EXTERNSO</i> DO LIVRO DAS PREVISÕES REFERENTES AO ESPIRITISMO	245
A MINHA INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO	247
Meu espírito protetor – 11 de dezembro de 1855	252
Meu guia espiritual – 25 de março de 1856	254
Primeira revelação da minha missão – 30 de abril de 1856.....	257
A minha missão – 7 de maio de 1856	258
Acontecimentos – 12 de maio de 1856.....	259
O Livro dos Espíritos – 10 de junho de 1856	260
Minha missão – 12 de junho de 1856.....	261
O Livro dos Espíritos – 17 de setembro de 1856	264
O Livro dos Espíritos – 11 de setembro de 1856	265
A tiara espiritual – 6 de maio de 1857	266
Primeiro anúncio de uma nova encarnação – 17 de janeiro de 1857.....	269
A Revista Espírita – 15 de novembro de 1857	270
Fundação da Sociedade Espírita de Paris – Paris, 1 de abril de 1858	272
Duração dos meus trabalhos – 24 de janeiro de 1860	273
Acontecimentos. Papado – 28 de janeiro de 1860.....	274
Minha missão – 12 de abril de 1860.....	275
Futuro do Espiritismo – 15 de abril de 1860	275
Meu retorno – 10 de junho de 1860.....	276
Auto-de-fé de Barcelona. Apreensão dos livros – 21 de setembro de 1861	277
Auto-de-fé de Barcelona – 9 de outubro de 1861.....	278
Meu sucessor – 22 de dezembro de 1861	280
Imitação do Evangelho – Ségur, 9 de agosto de 1863.....	282
A Igreja – Paris, 30 de setembro de 1863	285
Vida de Jesus, por Renan – Paris, 14 de outubro de 1863	286
Precursores da tempestade – Paris, 30 de janeiro de 1866	287
A nova geração – Lyon, 30 de janeiro de 1866.....	289
Instrução para a saúde do Sr. Allan Kardec – Paris, 23 de abril de 1866	292

Regeneração da Humanidade – Paris, 25 de abril de 1866.....	294
Marcha progressiva do Espiritismo. Dissidências e perturbações – Paris, 27 de abril de 1866.....	300
Publicações espíritas – 16 de agosto de 1867.....	301
Acontecimentos – 16 de agosto de 1867.....	302
Minha nova obra sobre A Gênese – Ségur, 9 de setembro de 1867.....	303
A Gênese – 22 de fevereiro de 1868.....	304
Acontecimentos – Paris, 23 de fevereiro de 1868.....	305
Meus trabalhos pessoais. Diversos conselhos – Paris, 4 de julho de 1868.....	306
FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.....	309
PROJETO 1868.....	311
Estabelecimento central.....	312
Ensino Espírita.....	313
Publicidade.....	313
Viagens.....	314
CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO	
Exposições de motivos.....	315
I – Considerações preliminares.....	315
II – Dos cismas.....	317
III – O chefe do Espiritismo.....	320
IV – Comissão central.....	323
V – Instituições acessórias e complementares da comissão central.....	327
VI – Amplitude de ação da comissão central.....	329
VII – Os estatutos constitutivos.....	331
VIII – Do programa das crenças.....	333
IX – Vias e meios.....	338
X – Allan Kardec e a nova constituição.....	340
CREDO ESPÍRITA	
Preâmbulo.....	347
Princípios fundamentais da Doutrina Espírita, reconhecidos como verdades inconcussas.....	352
NOTA EXPLICATIVA.....	355

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

É ainda sob o guante da dor profunda que nos causou a prematura partida do fundador da Doutrina Espírita, que nos abalançamos a uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experientes, mas cujo peso e gravidade nos esmagariam, se não contássemos com o auxílio eficaz dos bons Espíritos e com a indulgência dos nossos leitores.

Quem, dentre nós, poderia, sem ser tachado de presunçoso, lisonjear-se de possuir o espírito de método e organização de que se mostram iluminados todos os trabalhos do mestre? Só a sua pujante inteligência podia concentrar tantos materiais diversos, triturá-los e transformá-los, para os espalhar em seguida, como orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer compreendido numa linguagem simples e elevada ao mesmo tempo, tão distanciada do estilo familiar, quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incessantemente, pudera até agora bastar a tudo. Entretanto, o cotidiano alargamento de suas relações e o contínuo desenvolvimento do Espiritismo lhe faziam sentir a necessidade de reunir em torno de si alguns auxiliares inteligentes e preparava simultaneamente a nova organização da Doutrina e de seus labores, quando nos deixou, para ir, num mundo melhor, receber a sanção da missão que desempenhara e coletar elementos para uma nova obra de devotamento e sacrifício.

Era sozinho!... Chamar-nos-emos *legião* e, por muito fracos e inexperientes que sejamos, nutrimos a convicção íntima de que nos

conservaremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de incontestável evidência, nos consagrarmos a executar, tanto quanto nos seja possível e de acordo com as necessidades do momento, os projetos que ele pretendia realizar no futuro.

Enquanto nos mantivermos nas suas pegadas e todos os de boa vontade se unirem, num esforço comum pelo progresso e pela regeneração intelectual e moral da Humanidade, conosco estará o Espírito do grande filósofo e nos secundará com a sua influência poderosa. Dado lhe seja suprir à nossa insuficiência e nos possamos mostrar dignos do seu concurso, dedicando-nos à obra com a mesma abnegação e a mesma sinceridade que ele, embora sem tanta ciência e inteligência.

Em sua bandeira, inscrevera o mestre estas palavras: *Trabalho, solidariedade, tolerância*. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos, acordadamente com os seus anseios, tolerantes e solidários e não tenhamos seguir-lhe o exemplo, reconsiderando, quantas vezes forem precisas, os princípios ainda controvertidos. Tentemos avançar, antes com segurança e certeza, do que com rapidez, e não ficarão infrutíferos os nossos esforços, se, como estamos persuadidos, e seremos os primeiros a dar disso exemplo, cada um cuidar de cumprir o seu dever, pondo de lado todas as questões pessoais, a fim de contribuir para o bem geral.

Sob auspícios mais favoráveis não poderíamos entrar na nova fase que se abre para o Espiritismo, do que dando a conhecer aos nossos leitores, num rápido esboço, o que foi, durante toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos vindouros com a auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lyon, a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na magistratura e na advocacia, Allan Kardec (*Hippolyte Léon Denizard Rivail*) não seguiu essas carreiras. Desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino, pelo seu caráter e pelas suas aptidões especiais, já aos catorze anos ensinava o que sabia àqueles dos seus discípulos que haviam aprendido menos do que ele. Foi nessa escola que lhe desabrocharam as ideias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livre-pensadores.

Nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que por isso teve de suportar, no tocante a essa circunstância, cedo o levaram a conceber a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos com o intuito de alcançar a unificação das crenças. Faltava-lhe, porém, o elemento indispensável à solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, a seu tempo, imprimir-lhe especial direção aos trabalhos.

Concluídos seus estudos, voltou para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduzia para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral e, o que é muito característico, as obras de Fénelon, que o tinham seduzido de modo particular.

Era membro de várias sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras, que, em o concurso de 1831, lhe premiou uma notável memória sobre a seguinte questão: *Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?*

De 1835 a 1840, fundou, em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia etc., empresa digna de encômios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse caminho.

Preocupado sempre com o tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso de ensinar a contar e um quadro mnemônico da História de França, tendo por objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos de maior relevo e as descobertas que iluminaram cada reinado.

Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano proposto para melhoramento da Instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de Aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, para

uso dos professores e das mães de família (1824); *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos exames para os títulos de capacidade; Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia*, que ele professava no Liceu Polimático; *Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona*, seguidos de *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas* (1849), obra muito apreciada na época do seu aparecimento e da qual ainda recentemente eram tiradas novas edições.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse o pseudônimo de Allan Kardec, já ele se ilustrara, como se vê, por meio de trabalhos de natureza muito diferente, porém tendo todos, como objetivo, esclarecer as massas e prendê-las melhor às respectivas famílias e países.

“Pelo ano de 1855, posta em foco a questão das manifestações dos Espíritos, Allan Kardec se entregou a observações perseverantes sobre esse fenômeno, cogitando principalmente de lhe deduzir as consequências filosóficas”. Entreviu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Reconheceu, na ação deste último, uma das forças da Natureza, cujo conhecimento, haveria de lançar luz sobre uma imensidade de problemas tidos por insolúveis, e lhe compreendeu o alcance, do ponto de vista religioso.

“Suas obras principais sobre esta matéria são: *O Livro dos Espíritos*, referente à parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu a 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, relativo à parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo*, concernente à parte moral (abril de 1864); *O Céu e o Inferno*, ou *A justiça de Deus Segundo o Espiritismo* (agosto de 1865); *A Gênese, os Milagres e as Predições* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita*, jornal de estudos psicológicos, periódico mensal começado a 1º de janeiro de 1858. Fundou em Paris, a 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto possa contribuir para o progresso da nova ciência. Allan Kardec se defendeu, com inteiro

fundamento, de coisa alguma haver escrito debaixo da influência de ideias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e calmo, observou os fatos e de suas observações deduziu as leis que os regem. Foi o primeiro a apresentar a teoria relativa a tais fatos e a formar com eles um corpo de doutrina, metódico e regular.

“Demonstrando que os fatos erroneamente qualificados de sobrenaturais se acham submetidos a leis, ele os incluiu na ordem dos fenômenos da Natureza, destruindo assim o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

“Durante os primeiros anos em que se tratou de fenômenos espíritos, estes constituíram antes objeto de curiosidade, do que de meditações sérias. *O Livro dos Espíritos* fez que o assunto fosse considerado sob aspecto muito diverso. Abandonaram-se as mesas girantes, que tinham sido apenas um prelúdio, e começou-se a atentar na doutrina, que abrange todas as questões de interesse para a Humanidade.

“Data do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* a fundação do Espiritismo que, até então, só contara com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera apreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção de homens sérios e tomou rápido desenvolvimento. Em poucos anos, aquelas ideias conquistaram numerosos aderentes em todas as camadas sociais e em todos os países. Esse êxito sem precedentes decorreu sem dúvida da simpatia que tais ideias despertaram, mas também é devido, em grande parte, à clareza com que foram expostas e que é um dos característicos dos escritos de Allan Kardec.

“Evitando as fórmulas abstratas da Metafísica, ele soube fazer que todos o lessem sem fadiga, condição essencial à vulgarização de uma ideia. Sobre todos os pontos controversos, sua argumentação, de cerrada lógica, poucas ensanchas oferece à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo apresenta da existência da alma e da vida futura tendem a destruir as ideias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina e que deriva do precedente é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos e, nestes últimos tempos, por João Reynaud,

Carlos Fourier, Eugênio Sue e outros. Conservara-se, todavia, em estado de hipótese e de sistema, enquanto o Espiritismo lhe demonstra a realidade e prova que nesse princípio reside um dos atributos essenciais da Humanidade. Dele promana a explicação de todas as aparentes anomalias da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais, facultando ao homem saber donde vem, para onde vai, para que fim se acha na Terra e por que aí sofre.

“As ideias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da Humanidade, pela ação dos homens dos tempos idos e que revivem, depois de terem progredido; as simpatias e antipatias, pela natureza das relações anteriores. Essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, dão por base, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal, as próprias leis da Natureza e não mais uma simples teoria.

“Em vez do postulado: *Fora da Igreja não há salvação*, que alimenta a separação e a animosidade entre as diferentes seitas religiosas e que há feito correr tanto sangue, o Espiritismo tem como divisa: *Fora da Caridade não há salvação*, isto é, a igualdade entre os homens perante Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

“Em vez da *fé cega*, que anula a liberdade de pensar, ele diz: *Não há fé inabalável, senão a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade. À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é para este século. É precisamente ao dogma da fé cega que se deve o ser hoje tão grande o número de incrédulos, porque ela quer impor-se e exige a abolição de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.*” (O Evangelho Segundo o Espiritismo.)

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir

a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha.

O corpo se lhe entorpecia e se recusava aos serviços que o Espírito lhe reclamava, enquanto este último, cada vez mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, ia sempre alargando o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual não podia a matéria resistir eternamente. Acabou sendo vencida: rompeu-se o aneurisma e Allan Kardec caiu fulminado. Um homem houve de menos na Terra; mas, um grande nome tomava lugar entre os que ilustraram este século; um grande Espírito fora retemperar-se no Infinito, onde todos os que ele consolara e esclarecera lhe aguardavam impacientes a volta!

“A morte, dizia, faz pouco tempo, redobra os seus golpes nas fileiras ilustres!... A quem virá ela agora libertar?”

Ele foi, como tantos outros, recobrar-se no Espaço, procurar elementos novos para restaurar o seu organismo gasto por uma vida de incessantes labores. Partiu com os que serão os fanais da nova geração, para voltar em breve com eles a continuar e acabar a obra deixada em delicadas mãos.

O homem já aqui não está; a alma, porém, permanecerá entre nós. Será um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador incansável que as falanges do Espaço conquistaram. Como na Terra, sem ferir a quem quer que seja, ele fará que cada um lhe ouça os conselhos oportunos; abrandará o zelo prematuro dos ardorosos, amparará os sinceros e os desinteressados e estimulará os mornos. Vê agora e sabe tudo o que ainda há pouco previa! Já não está sujeito às incertezas, nem aos desfalecimentos e nos fará partilhar da sua convicção, fazendo-nos tocar com o dedo a meta, apontando-nos o caminho, naquela linguagem clara, precisa, que o tornou aureolado nos anais literários.

Já não existe o homem, repetimo-lo. Entretanto, Allan Kardec é imortal e a sua memória, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com os que empunharem forte e vigorosamente o estandarte que ele soube sempre fazer respeitado.

Uma individualidade pujante constituiu a obra. Era o guia e o fanal de todos. Na Terra, a obra substituirá o obreiro. Os crentes não se congregarão em torno de Allan Kardec; congregar-se-ão em torno do Espiritismo, tal como ele o estruturou e, com os seus conselhos, sua influência, avançaremos, a passos firmes, para as fases ditosas prometidas à Humanidade regenerada.

(Revista Espírita, maio de 1869.)

DISCURSO PRONUNCIADO NO TÚMULO DE ALLAN KARDEC POR CAMILLE FLAMMARION

Senhores,

Ao aceitar, com reverência, o convite simpático dos amigos do pensador laborioso, cujo corpo material jaz agora a nossos pés, lembro-me de um triste dia de dezembro de 1865. Eu dizia então as últimas palavras de adeus ao fundador da Livraria Acadêmica, o honorável Didier, que foi, como editor, o colaborador convicto de Allan Kardec, na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era preciosa, e que também morreu subitamente, como se o céu quisesse poupar a esses dois Espíritos íntegros o embaraço filosófico de sair desta vida por uma passagem diferente da comumente admitida. A mesma reflexão se aplica à morte de nosso velho colega Jobard, de Bruxelas.

Hoje, minha tarefa é ainda maior, porque eu queria fazer uma boa apresentação ao pensamento daqueles que me escutam e ao de milhões de homens que, na Europa e no novo mundo, estão ocupados com o problema ainda misterioso dos fenômenos chamados espíritas. Eu

queria, digo, poder lhes apresentar o interesse científico e o futuro filosófico do estudo desses fenômenos (ao qual se têm consagrado, como ninguém ignora, homens eminentes, entre nossos contemporâneos). Gostaria de fazê-los antever os horizontes desconhecidos que o pensamento humano verá se abrirem, à medida que estender seu conhecimento positivo das forças naturais em ação em torno de nós. Além disso, mostrar-lhes que tais constatações são o antídoto mais eficaz da lepra do ateísmo, que parece atacar particularmente nossa época de transição e, enfim, testemunhar aqui, de público, o eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, *chamando a atenção e provocando a discussão* sobre fatos que, até então, pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

Seria, com efeito, um ato importante fixar aqui, diante deste túmulo expressivo, que o exame metódico dos fenômenos chamados erradamente de sobrenaturais, longe de renovar o espírito supersticioso e de enfraquecer a energia da razão, afasta, ao contrário, os erros e as ilusões da ignorância, e *serve melhor ao progresso* do que a negação ilegítima daqueles que não querem de forma alguma se dar ao trabalho de ver as coisas.

Mas não. Aqui não é o lugar para se abrir uma arena de discussão desrespeitosa. Deixemos somente descer de nossa mente, sobre a face impassível do homem deitado ante nós, testemunhos de afeição e sentimentos de pesar, que permaneçam em torno dele, em seu túmulo, como um embalsamamento do coração! E, já que sabemos que sua Alma imortal sobrevive a estes despojos mortais, da mesma forma que preexistiu a eles; que laços indestrutíveis ligam nosso mundo visível ao mundo invisível; que esta Alma existe hoje da mesma forma que há três dias e que não é impossível encontrar-se, no momento, aqui diante de nós, digamos-lhe que não quisemos ver desaparecer sua imagem corporal e encerrá-la no sepulcro sem homenagearmos unanimemente seus trabalhos e sua memória, sem render um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrena, tão útil e dignamente realizada.

Traçarei, de início, em um esboço rápido, as linhas principais de sua carreira literária.

Morto com 65 anos, Allan Kardec consagrou a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, sobretudo, ao uso dos educadores da juventude. Quando, por volta de 1855, as manifestações, aparentemente novas, das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos de objetos e móveis, começaram a chamar a atenção pública e determinaram, mesmo nas imaginações mais aventureiras, uma espécie de febre pela novidade dessas experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus efeitos estranhos, seguiu com a maior paciência e uma prudente perspicácia as experiências e o grande número de tentativas que então se faziam em Paris.

Recolheu e pôs em ordem os resultados obtidos por essa longa observação e com eles compôs um corpo de doutrina publicada em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Vocês todos sabem o sucesso que esta obra teve na França e no estrangeiro. Chegando hoje à sua 15ª edição¹, espalhou por todas as classes a estrutura de uma doutrina elementar, que não é completamente nova em sua essência, já que a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, na nossa pobre Gália, ensinavam seus princípios, mas que se reveste de uma verdadeira forma de atualidade, por sua correspondência com os fenômenos.

Após essa primeira obra, apareceram, sucessivamente, *O Livro dos Médiuns* ou *Espiritismo experimental*; *O que é o Espiritismo?* ou resumo em forma de perguntas e respostas; *O Evangelho segundo o Espiritismo*; *O Céu e o Inferno*; *A Gênese*. E a morte acaba de surpreendê-lo no momento em que, em sua atividade infatigável, trabalhava em uma obra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo.

Na *Revista Espírita* e na Sociedade de Paris, de que ele era o presidente, havia se constituído, de alguma forma, o centro para onde tudo convergia, o traço de união entre todos os experimentadores. Há alguns meses, sentindo próximo seu fim, ele preparou as condições de vitalidade desses mesmos estudos, após sua morte, e estabeleceu o Comitê Central que o sucede.

⁽¹⁾ Em 1869.

Provocou rivalidades, fez escola de caráter um tanto pessoal, pois ainda há alguma divisão entre os espiritualistas e os espíritas.

Daqui para a frente, senhores (tal é, ao menos, o desejo dos amigos da verdade), devemos estar todos reunidos por uma solidariedade reciprocamente fraternal, pelos mesmos esforços na elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal da verdade e do bem.

Argumentaram, senhores, sobre nosso digno amigo, a quem prestamos hoje as derradeiras homenagens, não ser ele exatamente o que se chama de *um sábio*, não ter sido inicialmente físico, naturalista ou astrônomo, e de ter preferido constituir a estrutura de uma doutrina moral antes de ter aplicado a discussão científica à realidade e à natureza dos fenômenos.

Talvez, senhores, seja preferível que as coisas tenham começado assim. É sempre preciso não rejeitar o valor do sentimento. Antes de mais nada, quantos corações foram consolados por esta crença religiosa! Quantas lágrimas foram secadas! Quantas consciências abertas à luz da beleza espiritual! Nem todos são felizes aqui embaixo. Muitas afeições foram rompidas, muitas almas ficaram adormecidas pelo ceticismo! Então, não é de grande valia ter trazido para o espiritualismo tantos seres que vagavam na dúvida e não gostavam mais da vida, nem física nem intelectual?

Allan Kardec foi homem de ciência que, sem dúvida, não pôde prestar este primeiro serviço e assim propagar ao longe, como um convite, a todos os corações. Mas ele era o que chamarei simplesmente de “o bom senso encarnado”. Raciocínio reto e sensato, aplicava sem negligência em sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum. Isto não era uma qualidade menor, na ordem de coisas que nos ocupam. Era, pode-se afirmar, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria se tornado popular nem lançado suas imensas raízes no mundo. A maior parte daqueles que se dedicaram a estes estudos lembra-se de ter sido, na juventude, ou em certas circunstâncias especiais, testemunhas de manifestações inexplicadas. Há poucas famílias que não as tenham observado em sua história. O primeiro ponto era aplicar a esses testemunhos a razão firme do simples bom senso e examiná-los segundo os princípios do método positivo.

Como o próprio organizador deste estudo lento e difícil previu, este complexo estudo deve entrar agora em seu período científico. Os fenômenos físicos, sobre os quais não se insistiu antes, devem se tornar objeto da crítica experimental, à qual devemos a glória do progresso moderno e as maravilhas da eletricidade e do vapor. Este método deve aproveitar os fenômenos de ordem ainda misteriosa a que assistimos, dissecá-los, mensurá-los e defini-los.

Porque, senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual conhecemos apenas o *a*, *b*, *c*. Acabou o tempo dos dogmas. A natureza abraça o Universo, e o próprio Deus, que há muito tempo é feito à imagem do homem, só pode ser considerado pela Metafísica moderna como *um Espírito na natureza*. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas por intermédio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, *são de ordem natural* e devem ser severamente submetidas ao controle da experiência. Não há mais milagres. Assistimos à aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a quais consequências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

De agora em diante, a Ciência rege o mundo e, senhores, não será estranho, neste discurso fúnebre, remarcar sua obra atual e as novas induções que nos desvenda, precisamente do ponto de vista de nossas pesquisas.

Em nenhuma época da história, a Ciência estendeu, diante do olhar atônito do Homem, horizontes tão grandiosos. Sabemos agora que *a Terra é um astro e que nossa vida atual se completa no céu*. Pela análise da luz, conhecemos os elementos que queimam no sol e nas estrelas, a milhões e a trilhões de léguas de nosso observatório terrestre. Pelo cálculo, possuímos a história do céu e da Terra, tanto em seu passado longínquo como em seu futuro, que não existem, para as leis imutáveis. Pela observação, pesamos as regiões celestes que gravitam no espaço. O globo em que estamos se tornou um átomo estelar, voando no espaço, em meio a profundezas infinitas. E nossa própria existência sobre este globo se tornou uma fração infinitesimal de nossa vida eterna. Mas o que pode, com toda razão, nos impressionar mais vivamente ainda é

esse surpreendente resultado dos trabalhos físicos realizados nestes últimos anos: que *vivemos no meio de um mundo invisível*, que age sem cessar ao nosso redor.

Sim, senhores, está aí, para nós, uma revelação imensa. Contemplem, por exemplo, a luz esparramada, a esta hora, na atmosfera, por este brilhante sol, contemplem este azul tão doce da abóbada celeste, notem estes eflúvios do ar morno, que vêm acariciar nossos rostos, olhem estes monumentos e esta terra: bem, apesar de nossos olhos bem abertos, não vemos o que se passa aqui! De cem raios emanados pelo sol, apenas um terço são acessíveis à nossa vista, ou diretamente, ou refletidos por todos esses corpos. Os outros dois terços existem e agem em torno de nós, mas de uma maneira invisível, embora real. São quentes, sem serem luminosos para nós e, entretanto, são muito mais ativos do que aqueles que nos atingem, porque são eles que atraem as flores para o lado do sol, que produzem todas as ações químicas², e são eles também que elevam, de forma igualmente invisível, o vapor de água na atmosfera, para formar as nuvens, exercendo, assim, incessantemente em torno de nós, de uma maneira oculta e silenciosa, uma força colossal, mecanicamente comparável ao trabalho de muitos milhares de cavalos!

Se os raios caloríficos e os raios químicos que agem constantemente na natureza são invisíveis para nós, é porque os primeiros não batem o suficientemente rápido em nossa retina e porque os segundos a atingem rápido demais. Nosso olho só vê as coisas entre dois limites. Aquém e além desses limites, nada enxergam. Nosso organismo terreno pode ser comparado a uma harpa de duas cordas, que são o nervo óptico e o nervo auditivo. Uma certa espécie de movimentos coloca em vibração o primeiro e outra espécie de movimentos coloca em vibração o segundo: está aí *toda a sensação humana*, mais limitada aqui do que a de alguns seres vivos, de alguns insetos, por exemplo, daqueles em que essas mesmas cordas da vista e do ouvido são mais delicadas. Ora, existem, na realidade, na natureza, não dois, mas dez, cem, mil espécies de movi-

⁽²⁾ Nossa retina é insensível para esses raios, mas outras substâncias os *veem*, por exemplo o iodo e os sais de prata. Fotografou-se o espectro solar químico, que nosso olho não vê. Além do mais, a chapa fotográfica jamais mostra alguma imagem visível, saindo da câmera escura, embora a *possua*, uma vez que uma operação química a faça aparecer.

mentos. A Ciência física nos ensina então que vivemos no meio de um mundo invisível e que não é impossível que seres (invisíveis igualmente para nós) vivam também sobre a Terra, em uma ordem de sensações absolutamente diferente da nossa, e sem que possamos sentir-lhes a presença, a menos que eles só se manifestem a nós, entrando em nossa ordem de sensações.

Diante de tais verdades, que apenas se entreabrem, como a negação *a priori* parece absurda e sem valor! Quando se compara o pouco que sabemos e a exiguidade de nossa esfera de percepção à quantidade do que existe, não se pode impedir de concluir que não sabemos nada e que tudo nos resta saber. Com que direito, então, pronunciaríamos a palavra “impossível”, diante dos fatos que constatamos, sem poder descobrir-lhes a causa única?

A ciência nos abre pontos de vista tão autorizados quanto os precedentes, sobre os fenômenos da vida e da morte e sobre a força que nos anima. Basta-nos observar a circulação das existências.

Tudo são apenas metamorfoses. Arrastados em seu curso eterno, os átomos constitutivos da matéria passam sem cessar de um corpo a outro, do animal à planta, da planta à atmosfera, da atmosfera ao homem, e nosso próprio corpo, durante nossa vida inteira, muda incessantemente de substância constitutiva, como a chama que só brilha por elementos renovados sem parar. E, quando a alma é descolada, esse mesmo corpo, tantas vezes já transformado, durante a vida, devolve todas as moléculas definitivamente à natureza, para não mais retomá-las. O dogma inadmissível da ressurreição da carne é substituído pela alta doutrina da transmigração das almas.

Eis o sol de abril, que brilha no céu e nos inunda com seu primeiro orvalho de calor. Os campos já acordam, os primeiros brotos se entreabrem, já floresce a primavera, o azul celeste sorri e a ressurreição se opera. E, no entanto, esta vida nova só é formada pela morte e só recobre ruínas! De onde vem a seiva dessas árvores que reverdecem neste campo de mortos? De onde vem essa umidade que alimenta suas raízes? De onde vêm todos os elementos que farão aparecer, sob as carícias de maio, as pequenas flores silenciosas e os pássaros cantadores? Da morte!...

senhores... destes cadáveres enterrados na noite sinistra dos túmulos!... Lei suprema da natureza, o corpo é apenas uma combinação transitória de partículas que não lhe pertencem e que a alma agrupou, segundo seu próprio tipo, para se criarem órgãos que a colocam em relação com nosso mundo físico. E, enquanto nosso corpo se renova, assim, peça por peça, pela troca eterna das matérias; enquanto um dia ele tomba, massa inerte, para não mais se levantar, nosso Espírito, ser pessoal, guardou constantemente sua *identidade* indestrutível, reinou soberano sobre a matéria de que era revestido, estabelecendo, por esse fato constante e universal, sua personalidade independente, sua essência espiritual não submissa ao império do espaço e do tempo, sua grandeza individual, sua *imortalidade*.

Em que consiste o mistério da vida? Por quais laços a alma está presa ao organismo? Por qual desenlace escapa? Sob quais formas e em quais condições ela existe após a morte? Que lembranças, que afeições guarda? Estão aí, senhores, tantos problemas longe de serem resolvidos e cujo conjunto constituirá a ciência psicológica do futuro. Alguns homens podem negar a existência da alma e mesmo a de Deus, afirmar que a verdade moral não existe, que não há de forma alguma leis inteligentes na natureza e que nós, espiritualistas, somos as vítimas de uma imensa ilusão. Outros podem, ao contrário, declarar que conhecem, por um especial privilégio, a essência da alma humana, a forma do Ser supremo, o estado da vida futura, e nos tratar como ateus, porque nossa razão recusa a aderir à sua fé. Uns e outros, senhores, não impedirão que estejamos aqui, diante dos maiores problemas, que nos interessemos por estas coisas (que estão longe de nos ser estranhas), e que tenhamos o direito de aplicar o método experimental da Ciência contemporânea em busca da verdade.

É pelo estudo positivo dos efeitos que se remonta à apreciação das causas. Na ordem dos estudos reunidos, com o nome genérico de Espiritismo, *os fatos existem*. Mas ninguém conhece sua forma de produção. Existem, tanto quanto os fenômenos elétricos, luminosos, calóricos, mas, senhores, não conhecemos nem a Biologia nem a Fisiologia. O que é o corpo humano? O que é o cérebro? Qual é a ação absoluta da

alma? A gente ignora. Ignoramos igualmente a essência da eletricidade, a essência da luz. Então, é prudente observar com imparcialidade todos esses fatos e tentar determinar-lhes as causas, que são, talvez, de espécies diversas e mais numerosas do que supusemos até agora.

Que aqueles cuja visão é limitada pelo orgulho ou pelo preconceito e não compreendam, absolutamente, esses ansiosos desejos de nossas mentes ávidas para conhecer, que joguem sobre este tipo de estudo o sarcasmo ou a excomunhão. Nós elevaremos mais alto nossas contemplações!

Você foi o primeiro, ó mestre e amigo! Você foi o primeiro que, desde o começo de minha carreira de astrônomo, testemunhou uma viva simpatia por minhas deduções relativas à existência de humanidades celestes. Porque, tendo à mão o livro *Pluralidade dos mundos habitados*, você o colocou imediatamente na base do edifício doutrinário com que sonhava. Frequentemente, conversávamos sobre essa vida celeste tão misteriosa. Agora, ó alma, você sabe, por uma visão direta, em que consiste esta vida espiritual à qual todos retornaremos e que esquecemos durante esta existência.

Agora, você retornou a este mundo de onde viemos e recolhe o fruto de seus estudos terrenos. Seu invólucro dorme a nossos pés, seu cérebro está apagado, seus olhos estão fechados, para não mais se abrirem, não se ouvirá mais sua palavra... Sabemos que todos nós chegaremos a esse mesmo último sono, à mesma inércia, ao mesmo pó. Mas não é nesse invólucro que colocamos nossa glória e nossa esperança. O corpo tomba, a alma fica e retorna ao espaço. Nós nos reencontraremos em um mundo melhor e, no céu imenso, onde se exercerão nossas faculdades mais potentes, continuaremos nossos estudos, que sobre a Terra tinham apenas um teatro muito pequeno para contê-los.

Gostamos muito mais de saber esta verdade do que de acreditar que você jaz inteiro nesse cadáver e que sua alma tenha sido destruída pela parada de funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este brilhante sol é a luz da natureza.

Até logo, meu caro Allan Kardec, até logo!

PRIMEIRA
PARTE

PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIOCINADA

I. Deus

1. *Há um Deus, inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.*

A prova da existência de Deus está neste axioma: *não há nenhum efeito sem causa*. Vemos sem cessar um número imenso de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, já que esta é impotente para reproduzi-los e mesmo para explicá-los. A causa, então, está acima da Humanidade. É esta causa que se chama *Deus, Jeová, Alá, Brahma, Fo-hi, Grande Espírito* etc., dependendo das línguas, do tempo e dos lugares.

Esses efeitos não se produzem ao acaso, fortuitamente e sem ordem. Desde a organização do menor inseto e da menor semente até a lei que rege os mundos que circulam no espaço, tudo atesta um pensamento, uma combinação, uma providência, uma cuidadosa atenção, que ultrapassam todas as concepções humanas. Então, essa causa é soberanamente inteligente.

2. *Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.*

Deus é *eterno*: se Ele tivesse tido um princípio, alguma coisa teria existido antes Dele. Ele teria saído do nada ou teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, recuamos ao infinito, na eternidade.

Deus é *imutável*. Se fosse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

Deus é *imaterial*: isto é, Sua natureza difere de tudo o que chamamos de matéria. De outra forma, estaria sujeito às flutuações e às transformações da matéria e não seria imutável.

Deus é *único*. Se houvesse vários deuses, haveria várias vontades. A partir daí, não haveria unidade de visões nem unidade de poder na ordenação universal.

Deus é *todo-poderoso*, porque é *único*. Se não tivesse o poder soberano, haveria alguma coisa mais poderosa que Ele, não teria feito todas as coisas e aquelas não feitas por Ele seriam obra de um outro Deus.

Deus é *soberanamente justo e bom*. A sabedoria providencial das leis divinas se revela tanto nas menores coisas como nas maiores, e esta sabedoria não permite duvidar nem de Sua justiça nem de Sua bondade.

3. *Deus é infinito em todas as coisas.*

Supondo-se imperfeito um só dos atributos de Deus, se se suprime a menor parcela da *eternidade, da imutabilidade, de imaterialidade, de unidade, de onipotência, de justiça e de bondade* de Deus, pode-se supor um ser que possui o que lhe faltaria e esse ser, mais perfeito que Ele, seria Deus.

II. A alma

4. *Há no Homem um princípio inteligente, que se chama Alma ou Espírito, independente da matéria e que lhe dá o senso moral da faculdade de pensar.*

Se o pensamento fosse uma propriedade da matéria, a matéria bruta pensaria. Ora, como jamais se viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais, quando o corpo está morto não pensa mais, é preciso concluir que a Alma é independente da matéria e que os órgãos são apenas instrumentos que ajudam o Homem a manifestar seu pensamento.

5. *As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social.*

Se, segundo os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a bÍlis é segregada pelo fígado, com a morte do corpo,

a inteligência do Homem e todas as suas qualidades morais voltariam para o nada. Os pais, os amigos e todos aqueles que se amou estariam perdidos para sempre. O homem de gênio não teria mérito, já que deveria suas faculdades transcendentais ao acaso de sua organização. A única diferença entre o imbecil e o sábio seria terem mais ou menos cérebro.

As consequências dessa doutrina seria que o Homem, nada esperando do outro lado da vida, não teria nenhum interesse em fazer o bem. Seria natural que procurasse obter para si o máximo possível de prazeres, mesmo que à custa do próximo. Seria estúpido privar-se de algo em favor dos outros. O egoísmo seria o sentimento mais racional. Aquele que é obstinadamente infeliz sobre a Terra não teria nada melhor a fazer do que se matar, já que cair no nada não seria nem mais nem menos para ele e abreviaria seus sofrimentos.

Então, a doutrina materialista é a sanção do egoísmo, fonte de todos os vícios, a negação da caridade, fonte de todas as virtudes e base da ordem social, e a justificativa do suicídio.

6. *A independência da Alma é provada pelo Espiritismo.*

A existência da Alma é provada pelos atos inteligentes do Homem, que devem ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Sua independência da matéria é demonstrada de uma maneira patente pelos fenômenos espíritas que a mostram agindo por ela mesma, e sobretudo pela experiência de seu isolamento *durante a vida*, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir, na ausência do corpo.

Pode-se dizer que, se a Química separou os elementos da água; se descobriu suas propriedades e se pode, quando quer, desfazer e refazer um corpo composto, o Espiritismo pode igualmente isolar os dois elementos constitutivos do Homem: *o Espírito e a matéria, a Alma e o corpo*, separá-los e reuni-los à vontade, o que não pode deixar dúvida de que são independentes.

7. *A Alma do Homem sobrevive ao corpo e conserva sua individualidade após a morte.*

Se a Alma não sobrevivesse ao corpo, o Homem só teria como perspectiva o nada. O mesmo aconteceria se a faculdade de pensar fosse

produto da matéria. Se a Alma não conservasse sua individualidade, isto é, se fosse se perder no reservatório comum, chamado de *grande todo*, como as gotas de água no oceano, seria para o Homem o nada do pensamento e as conseqüências seriam absolutamente as mesmas como se ele não tivesse Alma.

A sobrevivência da Alma após a morte está provada de maneira irrecusável, e de alguma forma palpável, pelas comunicações espíritas. Sua individualidade está demonstrada pelo caráter e as qualidades próprias a cada um. Essas qualidades, distinguindo as Almas, umas das outras, constituem sua personalidade. Se fossem confundidas em um todo comum, suas qualidades seriam uniformes.

Além destas provas inteligentes, há ainda a prova material das manifestações visuais ou aparições, tão frequentes e tão autênticas que não é lícito colocá-las em dúvida.

8. *A Alma do Homem é feliz ou infeliz após a morte, dependendo do bem ou do mal que fez durante a vida.*

Desde que se admita um Deus soberanamente justo, não se pode admitir que as Almas tenham uma sorte comum. Se a posição futura do criminoso e a do homem virtuoso devesse ser a mesma, estaria excluída toda a utilidade de se procurar fazer o bem. Ora, supor que Deus não faz diferença entre o que faz o bem e o que faz o mal seria negar Sua justiça. Se o mal não recebe sempre sua punição e o bem, sua recompensa, durante a vida terrena, é preciso concluir que a justiça será feita depois, sem o que Deus não seria justo.

Por outro lado, os sofrimentos e as alegrias futuras são provadas materialmente, pelas comunicações que os homens podem estabelecer com as Almas daqueles que viveram e que veem descrever seu estado feliz ou infeliz, a natureza de suas alegrias e de seus sofrimentos e o que os causa.

9. *Deus, a Alma, sobrevivência e individualidade dela após a morte do corpo, sofrimentos e recompensas futuros, são os princípios fundamentais de todas as religiões.*

O Espiritismo vem juntar às provas morais desses princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação, e cortar pela raiz os

sofismas do Materialismo. A incredulidade não tem mais razão de ser diante dos fatos. É assim que o Espiritismo vem devolver a fé àqueles que a perderam e suprimir as dúvidas dos indecisos.

III. Criação

10. *Deus é o criador de todas as coisas.*

Esta proposição é a consequência da prova da existência de Deus.

11. *O princípio das coisas é um dos mistérios de Deus.*

Tudo atesta que Deus é o autor de todas as coisas, mas quando e como Ele as criou? A matéria é eterna como Ele? Ignoramos. Podemos apenas estabelecer sistemas mais ou menos prováveis sobre tudo o que Ele julgou conveniente não nos revelar. Podemos remontar a algumas causas os efeitos que vemos, mas há um limite que nos é impossível ultrapassar e tentar ir além seria perder tempo e arriscar a se enganar.

12. *Para a pesquisa do desconhecido, o Homem tem como guia os atributos de Deus.*

Na pesquisa sobre os mistérios que nos é permitido sondar pelo raciocínio, há um critério certo, um guia infalível: são os atributos de Deus.

Desde que se admita que Deus deve ser *eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom*, que é infinito em Suas perfeições, toda doutrina ou teoria, científica ou religiosa, que tendesse a tirar uma parcela de qualquer um de Seus atributos, seria necessariamente falsa, já que tenderia à negação da própria divindade.

13. *Os mundos materiais tiveram um começo e terão um fim.*

Quer a matéria seja eterna como Deus, ou quer tenha sido criada em uma época qualquer, é evidente, a partir do que ocorre diariamente sob nossos olhos, que suas transformações são temporárias e que destas transformações resultam os diferentes corpos que nascem e que se destroem sem cessar.

Os diferentes mundos, sendo produtos da aglomeração e da transformação da matéria, devem, como todos os corpos materiais, ter um começo e um fim, de acordo com leis que nos são desconhecidas. A Ciência pode, até certo ponto, estabelecer as leis de sua formação e

chegar ao seu estado primitivo. Toda teoria filosófica que contradiga os fatos demonstrados pela ciência é necessariamente falsa, a menos que se prove que foi a ciência que errou.

14. Ao criar os mundos materiais, Deus criou também seres inteligentes que chamamos de Espíritos.

15. A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos. Sabemos apenas que são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirir e tudo conhecer, no decorrer do tempo. No princípio, estão em uma espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

16. À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolve os pensamentos, como ocorre com as crianças, e, com os pensamentos, o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir tal caminho para sua elevação, o que é um dos atributos essenciais do Espírito.

17. O objetivo final de todos os Espíritos é atingir a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado desta conquista é o usufruto da consequência, que é a felicidade suprema, à qual chegam mais ou menos rápido, de acordo com o uso que fazem de seu livre-arbítrio.

18. Os Espíritos são os agentes do poder divino. Constituem a força inteligente da natureza e concorrem para a execução dos desígnios do Criador e para a manutenção da harmonia geral do Universo e das leis imutáveis da criação.

19. Para concorrer, como agentes do poder divino, à obra dos mundos materiais, os Espíritos se revestem temporariamente de um corpo material.

Os Espíritos encarnados constituem a Humanidade. A Alma do Homem é um Espírito encarnado.

20. A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna. A vida corporal é transitória e passageira, é apenas um instante na eternidade.

21. A reencarnação dos Espíritos está nas leis naturais, é necessária para seu progresso e para a execução das obras de Deus. Pelo trabalho que a existência corporal exige, eles aperfeiçoam sua inteligência e

adquirem, observando a lei de Deus, os méritos que devem conduzi-los à felicidade eterna.

O resultado é que, concorrendo para a obra geral da criação, os Espíritos trabalham por seu próprio progresso.

22. O aperfeiçoamento do Espírito é o fruto de seu próprio trabalho. Progride em razão de sua maior ou menor atividade ou da boa vontade para adquirir as qualidades que lhe faltam.

23. O Espírito, não podendo adquirir em uma só existência corporal todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-lo ao destino final, chega ao objetivo por uma sucessão de existências, nas quais em cada uma dá alguns passos à frente, no caminho do progresso, e purifica-se de algumas de suas imperfeições.

24. A cada nova existência, o Espírito traz o que adquiriu em inteligência e em moralidade nas existências anteriores, assim como os germes das imperfeições de que ainda não se despojou.

25. Quando uma existência foi mal empregada pelo Espírito, isto é, não fez nenhum progresso no caminho do bem, essa existência não tem proveito e ele deve recomeçar em condições mais ou menos penosas, por causa de sua negligência e de sua má vontade.

26. A cada existência corporal, o Espírito deve adquirir alguma coisa boa e despojar-se de alguma coisa ruim. O resultado é que, depois de certo número de reencarnações, estará aperfeiçoado e chega ao estado de puro Espírito.

27. O número de existências corporais é indeterminado: depende da vontade do Espírito abreviá-lo, trabalhando ativamente para seu aperfeiçoamento moral.

28. No intervalo entre as existências corporais, o Espírito é errante e vive a vida espiritual. O período em que fica como errante não tem duração determinada.

29. Quando os Espíritos adquiriram a soma de progresso possível em um mundo, deixam-no para reencarnar em outro, mais avançado, em que adquirem novos conhecimentos e, assim, sucessivamente, até quando a reencarnação em um corpo material não lhes é mais necessária e passam a viver exclusivamente a vida espiritual, na qual progridem ainda em

outro sentido e por outros meios. Quando chegam ao ponto culminante do progresso, desfrutam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, de cujos pensamentos tornam-se mensageiros, como ministros diretos de Deus para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens Espíritos de diferentes graus de progresso.

MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Caráter e conseqüências religiosas das Manifestações Espíritas

1. As almas ou Espíritos dos que viveram constituem o mundo invisível, que povoa o espaço em que vivemos. Desde que existem homens, existem espíritos e, se Espíritos têm o poder de se manifestar, devem tê-lo feito em todas as épocas. É o que constatam a história e as religiões de todos os povos. Entretanto, nos últimos tempos, tais manifestações se desenvolveram bastante e adquiriram uma característica de autenticidade, porque estava previsto pela Providência pôr um fim à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo aos que deixaram a Terra virem atestar suas existências e nos revelar sua situação feliz ou infeliz.

2. O mundo visível vive no meio do mundo invisível, com o qual está em contato permanente. A conseqüência é que agem entre si incessantemente. Essa ação é a fonte de um imenso número de fenômenos, que foram encarados como sobrenaturais, pelo fato de a causa não ser conhecida.

A ação do mundo invisível sobre o mundo visível, e vice-versa, é uma das leis, uma das forças da natureza, necessária à harmonia universal, como a lei da atração. Se viesse a cessar, a harmonia seria perturbada, como em um mecanismo que perdesse uma engrenagem. Se essa ação é baseada em uma lei da natureza, resulta que todos os fenômenos que

produz nada têm de sobrenatural. Pareciam sobrenaturais, porque suas causas não eram conhecidas. O mesmo ocorreu com alguns efeitos da eletricidade, da luz etc.

3. Todas as religiões têm como base a existência de Deus e como fim o futuro do Homem, após a morte. Esse futuro, que tem para o Homem um interesse capital, está necessariamente ligado ao mundo invisível. Assim, o conhecimento deste mundo foi, em todos os tempos, o objeto de suas pesquisas e preocupações. Sua atenção foi naturalmente levada para os fenômenos que tendiam a provar a existência desse mundo e não havia nada mais conclusivo do que os fenômenos da manifestação dos Espíritos, pelos quais seus habitantes revelam sua existência. É por isso que esses fenômenos se tornaram a base da maior parte dos dogmas de todas as religiões.

4. O Homem, tendo instintivamente a intuição de um poder superior, foi levado, em todos os tempos, a atribuir os fenômenos à ação *direta* dessa força, cuja causa lhe era desconhecida e que vê como prodígios e efeitos sobrenaturais. Essa tendência é considerada pelos incrédulos como a consequência do amor do Homem pelo maravilhoso, mas não procuram a fonte desse amor. Ela está simplesmente na intuição mal definida de uma ordem extracorporal de coisas. Com o progresso da Ciência e a consciência das leis da Natureza, esses fenômenos, pouco a pouco, passaram do domínio do maravilhoso para o dos efeitos naturais, de tal forma que o que parecia há muito tempo sobrenatural não é mais assim considerado hoje. E o que ainda é hoje não será mais amanhã.

Os fenômenos, dependendo da manifestação dos Espíritos, por sua própria natureza, devem ter fornecido um grande contingente¹ aos fatos considerados maravilhosos. Mas deveria chegar um tempo em que a lei que os rege seria conhecida e esses fenômenos entrariam, como os outros, para a ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo,

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** O dicionário *Aurélio Século XXI* traz diferentes significados para a palavra “contingente”: em Filosofia, são aquelas coisas ou acontecimentos que se concebem, sob qualquer um dos aspectos da sua existência, como podendo ser ou não ser, não trazendo em si a razão da sua existência. Em lógica, uma proposição cuja verdade ou falsidade só pode ser conhecida pela experiência e não pela razão.

fazendo conhecer esta lei, dá a chave da maior parte das passagens não compreendidas das sagradas Escrituras, que se referem a esses fenômenos e dos fatos encarados como milagrosos.

5. A característica do fato milagroso é ser anormal e excepcional, portanto uma alteração essencial das leis da Natureza. Desde que um fenômeno se reproduza em condições idênticas, está submetido a uma lei e não é milagroso. Esta lei pode ser desconhecida, mas nem por isso deixa de existir. O tempo se encarregará de fazê-la conhecida.

O movimento do Sol, ou melhor, da Terra, que foi parada por José, seria um verdadeiro milagre, porque seria uma alteração essencialmente manifesta da lei que rege o movimento dos astros. Mas, se o feito pudesse se repetir, em determinadas condições, é porque estaria submetido a uma lei e deixaria, em consequência, de ser milagroso.

6. É um erro a Igreja se assustar, ao ver se reduzir o círculo de fatos milagrosos, porque Deus prova muito mais sua grandeza e seu poder pelo admirável conjunto de suas leis do que por algumas infrações a essas mesmas leis. E, visto que atribui ao demônio o poder de fazer prodígios, isto implicaria que o demônio poderia interromper o curso das leis divinas. Seria, assim, tão poderoso quanto Deus. Ousar dizer que o espírito do mal pode suspender a ação das leis de Deus é uma blasfêmia e um sacrilégio.

Longe de perder sua autoridade, a religião só tem a ganhar, por fatos considerados milagrosos passarem à ordem de fatos naturais. Primeiro, porque trata-se de um erro, se um fato é indevidamente considerado como milagroso, e a religião só tem a perder, se se apoiar em um erro, se sobretudo se obstinar a encarar como um milagre o que não é mais. Em segundo lugar, porque muitas pessoas, não admitindo a possibilidade de milagres, negam os fatos reputados como milagrosos e, em consequência, negam a religião que se apoia sobre tais fatos. Se, ao contrário, a possibilidade desses fatos é demonstrada, como consequência de leis naturais, não há mais porque rejeitá-los e muito menos a religião que os proclama.

7. Os fatos constatados pela Ciência de uma maneira decisiva não podem ser invalidados por nenhuma crença religiosa contrária. A religião

só pode ganhar em autoridade, se seguir o progresso dos conhecimentos científicos, e perder, se ficar atrás ou protestar, em nome dos dogmas, contra esses mesmos conhecimentos. Porque nenhum dogma conseguiria prevalecer contra as leis da Natureza nem anulá-las. Um dogma fundado sobre a negação de uma lei da Natureza não pode ser a expressão da verdade.

O Espiritismo, fundado no conhecimento das leis até hoje não compreendidas, não vem, de forma alguma, destruir os fatos religiosos, mas sancioná-los, dando-lhes uma explicação racional. Só vem destruir as falsas consequências, que foram deduzidas por causa da ignorância dessas leis ou por causa de sua interpretação errônea.

8. A ignorância das leis da Natureza, levando o Homem a procurar causas fantásticas para os fenômenos que não compreende, é a fonte das ideias supersticiosas, das quais algumas são devidas aos fenômenos espíritas mal compreendidos: o conhecimento das leis que regem os fenômenos destrói essas ideias supersticiosas, trazendo as coisas para a realidade e demonstrando o limite do possível e do impossível.

O perispírito, princípio das manifestações

9. Os Espíritos, já se disse, têm um corpo fluídico, ao qual se dá o nome de *perispírito*. Sua substância é extraída do fluido universal ou cósmico, que o forma e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do Homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, de acordo com os mundos e o grau de purificação do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, sua natureza é mais grosseira e se aproxima muito mais da matéria bruta.

10. Na encarnação, o Espírito conserva seu perispírito: o corpo lhe é apenas um segundo invólucro mais grosseiro, mais resistente, apropriado para as funções que ele deve desempenhar e do qual se despoja, com a morte.

O perispírito é o intermediário entre o Espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para as que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão, o perispírito a transmite e o Espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato parte da

iniciativa do Espírito, pode-se dizer que ele quer, o perispírito transmite e o corpo executa.

11. O perispírito não está totalmente preso nos limites do corpo, como dentro de uma caixa. Por sua natureza fluídica, é expansível, irradia para fora e forma ao redor do corpo uma espécie de atmosfera, que o pensamento e a força de vontade podem estender mais ou menos. Daí acontecer que pessoas que não estão em contato corporal podem estar em contato, pelo perispírito, e se transmitirem, sem saber, suas impressões, algumas vezes mesmo a intuição de seus pensamentos.

12. O perispírito, sendo um dos elementos constitutivos do Homem, desempenha um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando a ciência médica levar em conta a influência do elemento espiritual na economia, terão dado um grande passo e novos horizontes se abrirão. Muitas causas de doenças serão, então, explicadas e poderosos meios de combatê-las serão encontrados.

13. É por intermédio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. Sua natureza etérea não poderia ser um obstáculo, já que se sabe que os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e nos mais imponderáveis. Não há então motivo para se espantar em ver, com a ajuda dessa alavanca, os Espíritos produzirem certos efeitos físicos de diferentes espécies, como pancadas e barulhos de todos os tipos, objetos levantados, transportados ou jogados no espaço. Para entender esses fenômenos, não há nenhuma necessidade de recorrer ao maravilhoso ou aos efeitos sobrenaturais.

14. Os Espíritos, agindo sobre a matéria, podem se manifestar de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, como os barulhos e o movimento dos objetos, pela transmissão de pensamento, pela visão, a audição, a palavra, o toque, a escrita, o desenho, a música etc. Em uma palavra, por todos os meios que podem servir para colocá-los em relação com os homens.

15. As manifestações dos Espíritos podem ser espontâneas ou provocadas. As primeiras ocorrem de forma imprevista e inesperada, muitas

vezes entre as pessoas mais estranhas às ideias espíritas. Em certos casos e em algumas circunstâncias, as manifestações podem ser provocadas pela vontade, sob a influência de pessoas dotadas de faculdades especiais.

As manifestações espontâneas aconteceram em todas as épocas e em todos os países. O meio de provocá-las certamente também era conhecido na Antiguidade, mas era o privilégio de algumas castas, que só o revelavam a raros iniciados, sob condições rigorosas, escondendo-o do povo, para dominá-lo pelo prestígio de um poder oculto. Esse meio, entretanto, se perpetuou pelos séculos, até nossos dias, entre alguns indivíduos, mas quase sempre desfigurado pela superstição ou misturado às práticas ridículas da magia, o que teria contribuído para desacreditá-lo. Até então, havia apenas sementes, jogadas aqui e ali. A Providência tinha reservado para nossa época o conhecimento completo e a propagação desses fenômenos, para separá-los das más misturas e fazê-los servir à melhora da Humanidade, madura, hoje, para compreendê-los e extrair-lhes as consequências.

Manifestações Visuais

16. Por sua natureza e no estado normal, o perispírito é invisível e isto tem em comum um grande número de fluidos, que sabemos existir, entretanto jamais os vimos. Porém pode também, da mesma forma que outros fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança na disposição molecular. Pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, mas pode instantaneamente retomar seu estado etéreo e invisível. Pode-se perceber esse efeito, pelo do vapor, que passa da invisibilidade ao estado nebuloso, depois ao líquido e vice-versa.

Esses diferentes estados do perispírito são o resultado da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como no caso do gás. Quando um Espírito aparece, é porque colocou seu perispírito no estado necessário para torná-lo visível. Mas nem sempre sua vontade é suficiente. É necessário, para que essa modificação do perispírito se opere, o concurso de circunstâncias independentes dele. Ou seja, é preciso que o Espírito tenha a permissão, para se fazer enxergar por

tal pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou é apenas em certas circunstâncias, por motivos que não podemos avaliar. (ver *O Livro dos Médiuns*, questão 105)

Outra propriedade do perispírito, que se prende à sua natureza etérea, é a *penetrabilidade*. Nenhuma matéria lhe constitui obstáculo, atravessa-as todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Por isso, não há fechadura que possa se opor à entrada dos Espíritos. Eles vão visitar o prisioneiro em seu cárcere tão facilmente como visitam o homem que está nos campos.

17. As manifestações visuais mais comuns ocorrem durante o sono, nos sonhos: são as *visões*. As *aparições* propriamente ditas acontecem em estado de vigília e quando se goza da plenitude e de inteira liberdade das aptidões. Apresentam-se, geralmente, com uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e indecisa: é muitas vezes, à primeira vista, um clarão esbranquiçado, cujos contornos se desenham pouco a pouco. Outras vezes, as formas são nitidamente acentuadas e se distinguem os menores traços do rosto, a ponto de se poder fazer-lhe uma descrição bastante precisa. Os gestos e o aspecto são semelhantes ao que era o Espírito, quando vivo.

18. Podendo assumir todas as aparências, o Espírito se apresenta sob aquela com que melhor pode se fazer reconhecer, se este é seu desejo. Embora como Espírito não tenha nenhuma enfermidade corporal, também se mostrará estropeado, manco, ferido, com cicatrizes, se for necessário para constatar sua identidade. O mesmo ocorre com a roupa. A dos Espíritos que nada mais conservam das quedas terrenas, mais comumente, se compõe de um tecido franzido, esvoaçante, com uma cabeleira ondulante e graciosa.

Muitas vezes os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação, como uma auréola, asas, para aqueles que podem ser considerados anjos, um aspecto luminoso resplandecente, enquanto que outros têm atributos que lembram suas ocupações terrenas. Assim, um guerreiro poderá aparecer com sua armadura; um sábio, com livros; um assassino, com um punhal etc. Os Espíritos superiores têm uma figura bela, nobre e serena. Os mais inferiores têm alguma coisa de

selvagem e de bestial e, algumas vezes, trazem ainda os traços dos crimes que cometeram ou dos suplícios que sofreram. Para eles, essa aparência é uma realidade, ou seja, acreditam ser como aparecem, o que significa para eles um castigo.

19. O Espírito que quer ou pode aparecer toma algumas vezes uma forma ainda mais nítida, com toda a aparência de um corpo sólido, a ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer acreditar que se está diante de um ser corporal.

Em alguns casos e em determinadas circunstâncias, a tangibilidade pode se tornar real, isto é, pode-se tocá-lo, apalpá-lo, sentir a mesma resistência e o mesmo calor de um ser vivo, o que não o impede de desaparecer com a rapidez de um raio. Poder-se-ia, então, estar diante de um Espírito com o qual se conversaria, se interagiria, acreditando ser um simples mortal e sem desconfiar que se trata de um Espírito.

20. Seja qual for o aspecto com que se mostra o Espírito, mesmo sob a forma tangível, ele pode, no mesmo instante, estar visível apenas para algumas pessoas. Em uma assembleia, poderia mostrar-se a um ou a vários membros. De duas pessoas colocadas lado a lado, uma pode vê-lo e tocá-lo, a outra nada ver nem sentir.

O fenômeno de aparição a uma única pessoa, entre várias que se encontram juntas, explica-se pela necessidade, para que se produza, de uma combinação entre o fluido perispiritual do Espírito e o da pessoa que o vê. É necessária uma espécie de afinidade que favoreça a combinação entre os dois fluidos. O fenômeno não pode se produzir, se o Espírito não encontra a aptidão orgânica necessária. Se a aptidão existe, o Espírito é livre para aproveitá-la ou não. Daí que, se duas pessoas igualmente dotadas estão juntas, o Espírito pode operar a combinação fluídica somente com aquela das duas a quem quer se mostrar. Não se mostrando à outra, ela não o verá. Seria a mesma coisa se dois indivíduos estivessem com os olhos cobertos por um véu. Se um terceiro indivíduo quisesse se mostrar a apenas um dos dois, ergueria apenas um dos véus. Mas, se este fosse cego, apesar de ser levantado o véu, a faculdade de enxergar não lhe seria dada apenas por ter sido levantado o véu.

21. As aparições tangíveis são muito raras, mas as vaporosas são frequentes. Acontecem, sobretudo, na hora da morte. A Espírito separado parece ter pressa de rever seus parentes e amigos, para avisá-los de que acaba de deixar a Terra e lhes dizer que continua vivo. Que cada um se lembre bem e verá quanto fatos autênticos desse tipo aconteceram, não somente à noite, mas em pleno dia e no estado de vigília mais completo e dos quais não se tinha consciência.

Transfiguração. Invisibilidade

22. O perispírito das pessoas vivas tem as mesmas propriedades que o dos Espíritos. Como já foi dito, não fica confinado no corpo, mas irradia e forma em torno de si uma espécie de atmosfera fluídica. Ora, pode acontecer que, em alguns casos e nas mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação semelhante à que foi descrita. A forma real e material do corpo pode se apagar, sob essa camada fluídica – se assim podemos nos exprimir – e adquirir momentaneamente uma aparência bem diferente, mesmo a de outra pessoa ou a de um Espírito, que combina seu fluido com o do indivíduo. Ou ainda dar a uma figura feia um aspecto bonito e radiante. Este é o fenômeno chamado de transfiguração, muito frequente, e que se produz principalmente quando as circunstâncias provocam uma expansão mais abundante de fluido.

O fenômeno da transfiguração pode se manifestar com uma intensidade muito diferente, de acordo com o grau de purificação do perispírito, grau que corresponde sempre ao da elevação moral do Espírito. Limita-se às vezes a uma simples mudança no aspecto da fisionomia, como também pode dar ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida.

Então, a forma material pode desaparecer sob o fluido perispiritual, mas não há necessidade de esse fluido tomar outro aspecto. Pode, às vezes, simplesmente esconder um corpo inerte ou vivo e torná-lo invisível para uma ou mais pessoas, como o faria uma camada de vapor.

Citamos as coisas atuais apenas como pontos de comparação e não com o objetivo de estabelecer uma analogia absoluta, que não existe.

23. Esses fenômenos podem parecer estranhos apenas para aqueles que não conhecem as propriedades do fluido perispiritual. Para nós, trata-se de um corpo novo, que deve ter propriedades novas e que só pode ser estudado pelos procedimentos regulares da Ciência, mas que tem propriedades naturais e nada tem de maravilhoso, além do fato de ser novidade.

Emancipação da alma

24. Durante o sono, apenas o corpo repousa. A alma não dorme, aproveita o repouso do corpo e os momentos em que sua presença não é necessária, para agir separadamente e ir onde quiser. Aproveita sua liberdade e a plenitude de suas faculdades. Durante a vida, o Espírito jamais fica completamente separado do corpo. Seja qual for a distância a que se transporte, está sempre ligado ao corpo por um laço fluídico, que serve para chamá-lo de volta, quando sua presença é necessária. Esse laço só se rompe com a morte.

“O sono liberta, parcialmente, a alma do corpo. Quando dormimos, estamos momentaneamente no estado em que nos encontramos, de maneira definitiva, após a morte. Os Espíritos que cedo se desprendem da matéria, ao morrerem, tiveram sonhos inteligentes. Alguns, quando dormem, procuram a sociedade dos que lhes são superiores: viajam, conversam e se instruem com eles. Trabalham mesmo em obras que encontram concluídas, no seu retorno. Destes fatos, todos devem aprender a não temer a morte, visto que se morre todos os dias, segundo as palavras de um santo.

“Assim é para o Espírito elevado; mas para a massa dos homens que, ao morrerem, devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza já comentada, vão, seja a mundos inferiores à Terra, em que antigos afetos os chamam, seja à procura dos prazeres talvez ainda mais baixos do que possuíam aqui; vão impregnar-se das doutrinas ainda mais vis, mais desprezíveis, mais nocivas do que as que professavam no plano terreno. E o que gera a simpatia sobre a Terra não é outra coisa senão o fato de nos sentirmos, ao acordar, ligados pelo coração àqueles com quem vimos de passar oito ou nove horas de felicidade ou de alegrias.

“O que explica, também, essas antipatias invencíveis é que sabemos, no fundo do coração, que essas pessoas têm uma consciência diferente da nossa, porque as conhecemos sem jamais tê-las visto. É ainda o que explica a indiferença, visto que não procuramos fazer outras amizades, pois sabemos ter os que nos amam e nos querem. Em uma palavra, o sono influi mais sobre a vida do que se possa pensar.

“Pelo efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos, e é isso que faz com que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, em encarnar-se na Terra. Deus quis que, durante o seu contato com o vício, pudessem retemperar-se na fonte do bem, para não falharem, eles que vinham instruir aos outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para contatar seus amigos do além. É o lazer após o trabalho, enquanto esperam o grande livramento, a libertação final que deve restituir-lhes ao seu verdadeiro meio.

“O sonho é a lembrança do que o seu Espírito viu durante o sono, mas observem que não sonham sempre, porque nem sempre se lembram do que viram ou de tudo o que viram. Isso ocorre, porque a alma não está plenamente desenvolvida em suas faculdades. Muitas vezes, fica apenas a lembrança da perturbação que acompanha a sua partida ou a sua volta, acrescida da lembrança que resulta do que fizeram ou do que os preocupa quando despertados. Sem isto, como explicar esses sonhos absurdos que acontecem aos mais sábios e aos mais simples? Os maus Espíritos também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

“De resto, verão em pouco tempo desenvolver-se outra espécie de sonhos. É tão antiga quanto aquela que conhecem, mas que ignoram. O sonho de Joanna D’ Arc, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns ‘adivinhos’ indianos: é a lembrança da alma inteiramente liberta do corpo, a lembrança dessa segunda vida da qual há pouco lhes falava.” (*O Livro dos Espíritos, questão 402*)

25. A independência e a emancipação da alma se manifestam, sobretudo, de uma maneira evidente, no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia. A lucidez sonâmbula é apenas a faculdade que a alma possui de ver e de sentir, sem o recurso

dos órgãos materiais. Essa faculdade é um de seus atributos, existe em todo o seu ser. Os órgãos do corpo são os canais restritos, por onde lhe chegam algumas percepções. A visão a distância, que alguns sonâmbulos possuem, vem do afastamento da alma que vê o que se passa nos lugares para onde se transporta. Em suas peregrinações, está sempre revestida com seu perispírito, agente de suas sensações, mas que jamais está inteiramente separado do corpo, como dissemos. A separação da alma produz a inércia do corpo, que às vezes parece estar sem vida.

26. Essa separação pode igualmente acontecer em diversos graus, no estado de vigília, mas quando o corpo não está completamente em sua atividade normal. Há sempre uma certa absorção, um distanciamento mais ou menos completo das coisas terrenas. O corpo não dorme, caminha, age, mas os olhos olham sem ver. Compreende-se a alma está em outro lugar. Como no sonambulismo, vê coisas ausentes, tem percepções e sensações que nos são desconhecidas. Às vezes, tem presciência de certos acontecimentos futuros, pela ligação que reconhece com as coisas presentes. Penetrando no mundo invisível, vê os Espíritos com os quais pode conversar e cujas ideias pode nos transmitir.

Com o retorno ao estado normal, geralmente se esquece o que se passou, mas algumas vezes conserva uma lembrança mais ou menos vaga, como se fosse um sonho.

27. A emancipação da alma, às vezes, amortece as sensações físicas, a ponto de produzir uma verdadeira insensibilidade que, nos momentos de exaltação, pode fazer suportar com indiferença as mais vivas dores. Essa insensibilidade provém do afastamento do perispírito, agente de transmissão das sensações corporais: o Espírito ausente não sente as feridas do corpo.

28. A faculdade libertadora da alma, em sua manifestação mais simples, produz o que se chama de sonhar acordado. Dá também a certas pessoas a presciência, que constitui os pressentimentos. Em um maior grau de desenvolvimento, produz o fenômeno chamado de segunda visão, dupla visão ou sonambulismo desperto.

29. O êxtase é o estado no qual a independência da alma e do corpo se manifesta da maneira mais sensível e torna-se, de certa forma, palpável.

“No sonho e no sonambulismo, a alma vagueia pelos mundos terrestres. No êxtase, ela penetra um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, no entanto, poder ultrapassar certos limites que não poderia transpor sem romper totalmente os laços que a ligam ao corpo. Um clarão resplendente e inteiramente novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a empolgam, um bem-estar indefinível a envolve: desfruta, por antecipação, da beatitude celeste *e pode-se dizer que pousa um pé sobre o limiar da eternidade.*”

No estado de êxtase, a prostração do corpo é quase completa, conservando, por assim dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se liga a ele apenas por um fio, que um esforço a mais faria romper irremediavelmente.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 455)

30. O êxtase não está isento de erros. Não mais do que os outros graus de emancipação da alma. Por isso, as revelações dos que entram em êxtase estão longe de ser sempre a expressão da verdade absoluta. A razão está na imperfeição do Espírito humano. Só quando chega ao topo da escala, que pode julgar as coisas de maneira sensata. Até lá, não lhe é permitido ver nem entender tudo. Se, depois da morte, quando a separação é completa, o Espírito não vê tudo de uma forma correta, se existem os que ainda estão imbuídos de preconceitos da vida, que não compreendem as coisas do mundo invisível em que estão, deve acontecer o mesmo, com mais razão ainda, com o Espírito que ainda está preso à carne.

Algumas vezes há entre os extáticos mais exaltação do que verdadeira lucidez, ou melhor dizendo, sua exaltação obscurece a lucidez. Por isso, suas revelações, muitas vezes, são uma mistura de verdades e de erros, de coisas sublimes ou mesmo ridículas. Os Espíritos inferiores também se aproveitam dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando não se sabe dominá-la. Para subjugar o extático, se colocam diante deles com *aparências* que o mantêm em suas ideias e prejulgamentos, de modo que suas visões e revelações, muitas vezes, são apenas um reflexo de suas crenças. Trata-se de um perigo de que só escapam os Espíritos de ordem elevada e contra o qual o observador deve se precaver.

31. Há pessoas cujo perispírito é de tal forma identificado com o corpo, que a separação da alma só se opera com extrema dificuldade, mesmo no momento da morte. São, geralmente, aqueles que vivem com mais apego material. São também aqueles cuja morte é mais penosa, mais cheia de angústias e a agonia é mais longa e mais dolorosa. Mas há outras pessoas em que, ao contrário, a alma está ligada ao corpo por laços tão fracos, que a separação acontece se faz sem abalos, com a maior facilidade e muitas vezes antes da morte do corpo. Ao se aproximar o fim da vida, a alma já antevê o mundo em que vai entrar e deseja o momento de sua libertação completa.

Aparição de pessoas vivas. Bicorporeidade

32. A faculdade libertadora da alma e sua separação do corpo durante a vida podem levar a fenômenos análogos aos que acontecem com Espíritos desencarnados. Enquanto o corpo está dormindo, o Espírito, se transportando para diversos lugares, pode se tornar visível e aparecer sob uma forma vaporosa, seja em sonho, seja no estado de vigília. Pode igualmente se apresentar sob a forma tangível, ou completo ou ao menos com uma aparência tão idêntica à realidade, que muitas pessoas podem estar dizendo a verdade, ao afirmarem tê-lo visto, no mesmo momento, em dois pontos diferentes. Ele estava mesmo, mas de um lado estava apenas o corpo físico e, de outro, apenas o Espírito. Esse fenômeno, muito raro, por sinal, deu lugar à crença na existência de homens duplos, conhecida com o nome de bicorporeidade.

Por mais extraordinário que seja, não deixa de existir, como todos os outros, na ordem dos fenômenos naturais, já que se apoia nas propriedades do perispírito e em uma lei da Natureza.

Dos Médiuns

33. Os médiuns são pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos deles.

Toda pessoa que sente, em qualquer grau, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente ao homem e, por consequência, não é de forma alguma um privilégio exclusivo: há bem

poucas pessoas em que não se encontra nenhum rudimento dessa faculdade. Pode-se, então, dizer que todo mundo, ou quase todo mundo, é médium. Entretanto, aplica-se essa qualificação apenas para aquelas pessoas em que a faculdade mediúnica se manifesta com efeitos ostensivos, com uma certa intensidade.

34. O fluido perispiritual é o agente de todos os fenômenos espíritas, esses fenômenos só podem acontecer pela ação recíproca dos fluidos emitidos pelo médium e pelo Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica prende-se à natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e à sua assimilação mais ou menos fácil à dos Espíritos. Depende, por consequência, da organização do indivíduo e pode ser desenvolvida quando o princípio existe, mas não pode ser adquirida quando esse princípio não existe. A predisposição mediúnica é independente do sexo, da idade e do temperamento. Encontram-se médiuns em todas as categorias de indivíduos, desde a idade mais tenra, até a mais avançada.

35. As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio de seu perispírito. A facilidade dessas relações depende do grau de afinidade que existe entre os dois fluidos. Há os que se assimilam com facilidade e outros que se rejeitam. Daí se deduz que não basta ser médium para se comunicar indistintamente com todos os Espíritos. Há médiuns que não podem se comunicar com certos Espíritos ou com certas categorias de Espíritos, e outros que só conseguem se comunicar por uma transmissão de pensamento, sem nenhuma manifestação exterior.

36. Pela assimilação dos fluidos perispirituais, o Espírito se identifica, por assim dizer, com a pessoa que quer influenciar, não somente lhe transmite seu pensamento, mas pode exercer sobre ela uma ação física, fazê-la agir ou falar como lhe agrada, fazê-la dizer o que ele quer. Em uma palavra, servir-se dos órgãos desta pessoa, como se fossem seus. Pode, enfim, neutralizar a ação de seu próprio Espírito e paralisar seu livre-arbítrio. Os bons Espíritos se servem dessa influência para o bem, e os maus Espíritos, para o mal.

37. Os Espíritos podem se manifestar por uma infinidade de maneiras diferentes e só podem fazê-lo se encontrarem uma pessoa apta

para receber e transmitir tal ou tal gênero de impressão, de acordo com sua aptidão. Ora, como não existe ninguém que possua todas as aptidões no mesmo grau, ocorre que alguns obtêm resultados impossíveis para outros. Essa diversidade de aptidões produz diferentes variedades de médiuns.

38. A vontade do médium nem sempre é necessária. O Espírito que quer se manifestar procura o indivíduo apto a receber sua impressão e muitas vezes serve-se dele, à sua revelia. Outras pessoas, ao contrário, têm consciência de sua faculdade e podem provocar certas manifestações. Daí existirem duas categorias de médiuns: os *médiuns inconscientes* e os *médiuns facultativos*.

No primeiro caso, a iniciativa vem do Espírito; no segundo, vem do médium.

39. Os *médiuns facultativos* só se encontram entre as pessoas que têm um conhecimento mais ou menos completo sobre os meios de se comunicar com os Espíritos e podem, assim, ter a vontade de se servir de sua faculdade. Os *médiuns inconscientes*, ao contrário, se encontram entre aqueles que não têm a menor ideia sobre o Espiritismo nem sobre os Espíritos, mesmo entre os mais incrédulos, e servem de instrumento, sem saber e sem querer. Todos os tipos de fenômenos espíritas podem se produzir por sua influência e são encontrados em todas as épocas e em todos os povos. A ignorância e a credulidade lhes atribuíram um poder sobrenatural e, de acordo com os lugares e os tempos, foram transformados em santos, bruxos, loucos ou visionários. O Espiritismo nos mostra neles a simples manifestação espontânea de uma faculdade natural.

40. Entre as diferentes variedades de médiuns, distinguem-se principalmente: os *médiuns de efeitos físicos*, os *médiuns sensitivos ou impressionáveis*, os *médiuns auditivos, falantes, videntes, inspirados, sonâmbulos, curandeiros*², *escreventes ou psicógrafos*, etc. Descrevemos aqui os mais essenciais³.

(2) **Nota da tradução:** O termo *curandeiro* é usado, aqui, na acepção de “pessoa que cura”, em vez da palavra *curador*, mais utilizada, no Brasil, com a acepção jurídica, de “responsável, com a função de zelar” por um patrimônio ou pessoas, aquele que exerce a *curadoria*. Popularmente, é mais comum a expressão *médium de cura*.

(3) Para mais detalhes, ver *O Livro dos Médiuns*, questão 189.

41. Médiuns de efeitos físicos – São os mais especialmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos de corpos inertes, os ruídos, o deslocamento, levantamento e translação de objetos etc. Esses fenômenos podem ser espontâneos ou provocados. Em todos os casos, requerem o concurso voluntário ou involuntário de médiuns dotados de faculdades especiais. São geralmente manifestações de Espíritos de uma ordem inferior. Os Espíritos elevados só se ocupam de comunicações inteligentes e instrutivas.

42. Médiuns sensitivos ou impressionáveis – Assim são chamadas as pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos, por uma vaga impressão, uma espécie de leve toque em todos os membros, que não podem perceber diretamente. Essa faculdade pode adquirir uma tal sutileza, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que sente, não apenas a natureza boa ou má do Espírito que está a seu lado, mas até mesmo sua individualidade, como o cego, que reconhece instintivamente a aproximação de tal ou tal pessoa. Um bom Espírito provoca sempre uma impressão doce e agradável, ao contrário, a de um mau é penosa, ansiosa e desagradável, uma espécie de cheiro de impureza.

43. Médiuns auditivos – Ouvem a voz dos Espíritos. Algumas vezes é uma voz íntima, que se faz ouvir em seu foro interior. Outras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, como a de uma pessoa viva. Os médiuns auditivos podem também conversar com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com certos Espíritos, reconhecem-os imediatamente pelo som da voz. Quando a própria pessoa não é médium auditivo, pode se comunicar com um Espírito, por intermédio de um médium auditivo, que transmite suas palavras.

44. Médiuns falantes – Os médiuns auditivos que só transmitem o que ouvem não são, na acepção da palavra, *médiuns falantes*. Os *falantes*, muitas vezes, não ouvem nada. O Espírito age sobre seus órgãos da fala, como age sobre a mão dos médiuns escritores. O Espírito que quer se comunicar serve-se do órgão que lhe parece mais flexível. De um, empresta a mão; de outro, a palavra; de um terceiro, o ouvido. O médium falante se exprime, geralmente, sem ter a consciência do que diz e, muitas vezes, diz coisas completamente fora de suas ideias habituais,

de seus conhecimentos e mesmo do porte de sua inteligência. Veem-se, às vezes, pessoas quase analfabetas e com uma inteligência bem comum se expressarem, naquele momento, com uma verdadeira eloquência e tratarem, com uma incontestável superioridade, questões sobre as quais, em estado normal, seriam incapazes de emitir qualquer opinião.

Embora o médium falante esteja perfeitamente acordado, raramente conserva a lembrança do que disse. A passividade, entretanto, não é sempre completa. Existem alguns que têm a intuição do que estão dizendo, no momento em falam.

A palavra, para o médium falante, é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma pessoa estranha pode se comunicar, da mesma maneira que pode fazê-lo, por intermédio de um médium auditivo. A diferença entre o médium auditivo e o falante é que o primeiro fala voluntariamente, para repetir o que ouve, enquanto o segundo fala involuntariamente.

45. Médiuns videntes – Dá-se este nome às pessoas que, em estado normal e perfeitamente acordadas, têm a faculdade de ver os Espíritos. A possibilidade de vê-los em sonho é, sem dúvida, uma espécie de mediunidade, mas não constitui, na acepção da palavra, os médiuns videntes. Explicamos a teoria desse fenômeno no capítulo *Visões e aparições*, em *O Livro dos Médiuns*.

As aparições de pessoas que amamos ou conhecemos são muito frequentes. Apesar de que os que viram essas aparições possam ser considerados como médiuns videntes, normalmente se dá esse nome aos que gozam da faculdade, em geral, permanente de ver quase todos os Espíritos. Entre estes, existem os que só veem os Espíritos que são evocados e dos quais podem fazer a descrição, com minuciosa exatidão. Descrevem os menores detalhes de seus gestos, a expressão de sua fisionomia, os traços do rosto, as roupas e até os sentimentos de que parecem animados. Existem outros médiuns videntes que têm essa faculdade mais geral, veem toda a população espírita ambiente ir e vir e, poder-se-ia dizer, dedicar-se a seus afazeres. Esses médiuns nunca estão sozinhos: têm sempre com eles uma sociedade, que podem escolher, a seu bel prazer, de acordo com seu gosto, porque podem, por sua

vontade, descartar os Espíritos que não lhes convêm ou atrair os que lhes são simpáticos.

46. Médiuns sonâmbulos – O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor dizendo, são dois tipos de fenômenos que muitas vezes estão reunidos. O sonâmbulo age sob influência de seu próprio Espírito. É sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e sente, fora do limite dos sentidos. Busca em si mesmo o que exprime. Suas ideias são, em geral, mais corretas do que em estado normal, seus conhecimentos são mais extensos, porque sua alma está livre. Em síntese, vê por antecipação a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é o instrumento de uma inteligência estranha, é passivo, e o que ele diz não vem dele. Em resumo, o sonâmbulo exprime seu próprio pensamento e o médium exprime o de outro. Mas o Espírito que se comunica a um médium comum pode fazê-lo também a um sonâmbulo. Muitas vezes, o próprio estado de emancipação da alma durante o sonambulismo torna a comunicação mais fácil. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes. Podem conversar com eles e nos transmitir seus pensamentos. O que dizem fora do círculo de seus conhecimentos pessoais lhes é, muitas vezes, sugerido por outros Espíritos.

47. Médiuns inspirados – Estes médiuns estão entre os que têm os sinais de mediunidade menos aparentes. Nesse caso, a ação dos Espíritos é completamente intelectual e moral e se revela tanto nas menores circunstâncias da vida como nas maiores concepções. Nesse aspecto, pode-se dizer que todo mundo é médium, porque não há ninguém que não tenha seus Espíritos protetores e familiares, que fazem todo esforço, para sugerir pensamentos salutares a seus protegidos. No inspirado, muitas vezes, é difícil distinguir o pensamento próprio daquele que é sugerido. Esse último se caracteriza, sobretudo, pela espontaneidade.

A inspiração torna-se mais evidente nos grandes trabalhos de inteligência. Os gênios de todos os tipos, artistas, sábios, literatos, oradores, são sem dúvida Espíritos avançados, capazes, por si mesmos, de compreender e de conceber grandes coisas. Ora, é precisamente porque

são julgados capazes que os Espíritos que querem a realização de certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias. É assim que, muitas vezes, são *médiuns sem saber*. Têm, portanto, uma vaga intuição de uma assistência exterior, porque aquele que o inspira apenas toca sua imaginação. Se não esperasse ser ouvido, por que escreveria tantas vezes: Meu bom gênio, venha me ajudar!?

48. Médiuns de pressentimento – São pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição sobre as coisas comuns. Essa intuição pode vir de uma espécie de dupla visão, que permite antever as consequências das coisas presentes e o encadeamento dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, essa intuição é resultado de comunicações ocultas, que fazem dessas pessoas uma variedade de *médiuns inspirados*.

49. Médiuns proféticos – São igualmente uma variedade de médiuns inspirados. Recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão do que os médiuns de pressentimento, a revelação sobre coisas futuras, de interesse geral, de que são encarregados de levar ao conhecimento dos homens, para instruí-los. O pressentimento é dado à maior parte dos homens, de alguma forma, para seu uso pessoal. O dom da profecia, ao contrário, é excepcional e implica a ideia de uma missão sobre a Terra.

Se há verdadeiros profetas, há ainda mais os falsos, que tomam os sonhos de sua imaginação como revelações, quando são apenas enganadores que, por ambição, se fazem passar por profetas.

“O verdadeiro profeta é *um homem de bem inspirado por Deus*. Pode-se reconhecê-lo por suas palavras e suas ações. Deus não pode se servir da boca do mentiroso para ensinar a verdade.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 624)

50. Médiuns escreventes ou psicógrafos – São as pessoas que escrevem, sob a influência dos Espíritos. Da mesma forma que um Espírito pode agir sobre os órgãos da fala de um médium falante para fazê-lo pronunciar palavras pode se servir de sua mão para escrever. A mediunidade psicográfica apresenta três variedades bem distintas: os *médiuns mecânicos, intuitivos e semi-intuitivos*.

No *médium mecânico*, o Espírito age diretamente sobre a mão, à qual dá impulso. O que caracteriza este tipo de mediunidade é a

inconsciência absoluta do que se escreve, o movimento da mão é independente da vontade. Move-se sem interrupção e apesar do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer, e para quando ele acaba.

No *médium intuitivo*, a transmissão do pensamento se faz por intermédio do Espírito ao médium. O Espírito exterior, no caso, não age sobre a mão, para dirigi-la. Age sobre a alma com que se identifica e à qual imprime sua vontade e suas ideias. A alma recebe o pensamento do Espírito e a transcreve. Nesta situação, o médium escreve voluntariamente e tem a consciência do que escreve, embora não seja seu próprio pensamento.

Muitas vezes, é bem difícil separar o próprio pensamento do médium daquele que lhe é sugerido, o que leva *muitos médiuns deste tipo a duvidarem de sua faculdade*. Pode-se reconhecer o pensamento sugerido, pelo que tem de não preconcebido. Nasce, na medida em que é escrito e muitas vezes é contrário à ideia preliminar que se tinha formado. Pode mesmo até estar fora dos conhecimentos e das capacidades do médium.

Há uma grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração. A diferença consiste em que a primeira, muitas vezes, é mais restrita às questões da atualidade e pode se aplicar fora das capacidades intelectuais do médium. Um médium poderá tratar, por intuição, de um assunto que lhe é completamente estranho. A inspiração se estende por um campo mais vasto e vem geralmente ajudar as capacidades e preocupações do Espírito encarnado. Os traços da mediunidade são geralmente menos evidentes.

O médium *semimecânico* ou *semi-intuitivo* participa das duas outras categorias. Em um médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade. No médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico sente um impulso dado à sua mão, independente de sua vontade, mas ao mesmo tempo tem a consciência do que escreve, no momento em que se formam as palavras. No primeiro, o pensamento segue o ato da escrita; no segundo, a antecede; no terceiro, a acompanha.

51. O médium é apenas um instrumento que recebe e transmite o pensamento de um Espírito estranho, que segue o impulso mecânico

que lhe é dado, e por isto não há nada que não possa fazer, fora de seus conhecimentos, se for dotado da flexibilidade e da aptidão mediúnica necessárias. Assim, existem médiuns *desenhistas, pintores, músicos, poetas*, embora sejam estranhos às artes do desenho, da pintura, da música e da poesia. Existem médiuns analfabetos, que escrevem sem saber ler nem escrever, médiuns *polígrafos*, que reproduzem diferentes tipos de letras e, às vezes, com perfeita exatidão, a letra que o Espírito tinha quando vivo. Existem médiuns *políglotas*, que falam ou escrevem em línguas que lhes são desconhecidas etc.

52. Médiuns curadores – Este tipo de mediunidade consiste na faculdade que certas pessoas possuem de curar, por um simples toque, pela imposição das mãos, o olhar, mesmo um gesto, sem ajuda de nenhum medicamento. Essa faculdade, incontestavelmente, tem seu princípio no poder magnético. Difere dele, entretanto, pela energia e pela instantaneidade da ação, enquanto que as curas magnéticas exigem um tratamento metódico e mais ou menos longo. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos para curar, se sabem e utilizam convenientemente o poder magnético, porque adquiriram a ciência. Nos médiuns de cura, a faculdade é espontânea e alguns a possuem, sem nunca ter ouvido falar em magnetismo.

A faculdade de curar pela imposição das mãos tem, evidentemente, seu princípio em um poder excepcional de expansão, mas acrescido de diversas causas, entre as quais é preciso colocar em primeira linha: a pureza dos sentimentos, o despreendimento, a benevolência, o ardente desejo de aliviar, a prece fervorosa e a confiança em Deus. Em resumo, todas as qualidades morais. O poder magnético é puramente orgânico. Pode, como a força muscular, ser dado a todo mundo, mesmo a um homem perverso. Mas só o homem de bem o utiliza exclusivamente para o bem, sem segunda intenção de interesse pessoal nem de satisfação do orgulho ou da vaidade. Seu fluido depurado tem propriedades benfazejas e reparadoras, que não pode ter o fluido de um homem cheio de vícios ou interesseiro.

Todo efeito mediúnico, como já dito, é o resultado da combinação dos fluidos emitidos por um Espírito e pelo médium: com essa união,

os fluidos adquirem novas propriedades, que não teriam separadamente, ou pelo menos não teriam na mesma intensidade. A prece, que é uma verdadeira evocação, atrai os bons Espíritos atenciosos, para virem ajudar os esforços do homem bem-intencionado. Seus fluidos benfazejos se unem facilmente, enquanto que o fluido do homem cheio de vícios se alia ao dos maus Espíritos que o cercam.

O homem de bem que não tivesse o poder fluídico poderia fazer pouca coisa por si mesmo. Só pode apelar para a assistência dos bons Espíritos, mas sua ação pessoal é quase nula. Um grande poder fluídico, aliado à maior soma possível de qualidades morais, pode operar verdadeiros prodígios de curas.

53. Por outro lado, a ação fluídica é poderosamente ajudada pela confiança do doente e Deus muitas vezes recompensa sua fé com o êxito.

54. Somente a superstição pode atribuir qualquer virtude a algumas palavras e somente Espíritos ignorantes e mentirosos podem sustentar semelhantes ideias, prescrevendo uma fórmula. Entretanto, pode acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de uma fórmula para a prece ou de uma prática determinada contribua para lhe dar confiança. Neste caso, não é a fórmula que é eficaz, mas a fé que aumenta pela ideia atribuída ao emprego da fórmula.

55. É preciso não confundir os *médiuns de cura* com os *médiuns receitistas*. Estes últimos são simples médiuns escreventes, cuja especialidade é servir mais facilmente como intérpretes aos Espíritos, para as prescrições médicas. Mas apenas transmitem o pensamento do Espírito e não têm nenhuma influência, por si mesmos.

Obsessão e possessão

56. A obsessão é a influência que maus Espíritos exercem sobre certas pessoas, para dominá-las e submetê-las à sua vontade, pelo prazer que experimentam em fazer o mal.

Quando um Espírito, bom ou mau, quer agir sobre um indivíduo, o envolve, por assim dizer, com seu perispírito, como se fosse um manto.

Os fluidos se interpenetram, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem e o Espírito pode se servir desse corpo, como se fosse seu, fazê-lo agir de acordo com sua vontade, falar, escrever, desenhar, como fazem os médiuns. Se o Espírito é bom, sua ação é doce, benfazeja. Só faz coisas boas. Se é mau, faz coisas maléficas. Se for perverso e desagradável, aperta como um laço, paralisa, de acordo com sua vontade o julgamento próprio, asfixia sob seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada de água. Faz falar, pensar, agir, por ele, impulsiona, independente da vontade do indivíduo, a atos extravagantes ou ridículos. Em resumo, o magnetiza, o coloca em estado de catalepsia moral, e a pessoa se transforma em um instrumento cego de suas vontades. Esta é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação que se mostram em graus de intensidade muito diferentes. A esse paroxismo da subjugação se chama vulgarmente de *possessão*. Observa-se que, nesse estado, o indivíduo muitas vezes tem consciência de que o que ele faz é ridículo, mas é constringido a fazê-lo, como se um homem mais forte o obrigasse a mover, contra sua vontade, seus braços, suas pernas e sua língua.

57. Já que os Espíritos existiram em todos os tempos, também em todos os tempos desempenharam o mesmo papel, porque este papel está na natureza e a prova disso está no grande número de pessoas obsidiadas ou possuídas, como se queira, mesmo antes que se falasse na questão dos Espíritos ou entre os que, em nossos dias, jamais ouviram falar em Espiritismo nem em médiuns. A ação de Espíritos, bons ou maus, é espontânea. A dos maus produz um grande número de perturbações na economia moral e mesmo física que, por ignorância da verdadeira causa, são atribuídas a causas erradas. Os maus Espíritos são inimigos invisíveis, tão mais perigosos, quanto mais ignoramos sua ação. O Espiritismo, ao se descobrir, vem revelar uma nova causa para certos males da Humanidade. Com a causa conhecida, não se procurará mais combater o mal por meios que, de agora em diante, se sabe serem inúteis e se procurarão meios mais eficazes. Ora, o que levou à descoberta desta causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos tiveram sua presença traída, fez com eles o que o microscópio fez com as coisas infinitamente pequenas: revelou todo

seu mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos, revelou-os e deu os meios para paralisar sua ação e, por consequência, distanciá-los. Então, não trouxe o mal, já que o mal existiu em todos os tempos: ao contrário, traz o remédio para o mal, ao mostrar-lhe a causa. Uma vez que se reconheça a ação do mundo invisível, se terá a chave de um grande número de fenômenos não compreendidos e a Ciência, enriquecida por essa nova lei, verá se abrirem novos horizontes, diante dela. *Quando chegará a este ponto? Quando não professar mais o materialismo*, porque o materialismo a detém em seu desenvolvimento e lhe coloca uma barreira intransponível.

58. Já que existem maus Espíritos que obsedam e há bons que protegem, pergunta-se se os maus Espíritos são mais poderosos do que os bons.

Não é que o bom Espírito seja mais fraco, é o médium que não é bastante forte para sacudir firmemente o manto que foi lançado sobre ele, para se separar do aperto dos braços que o enlaçam e nos quais, é preciso dizer, às vezes se sente bem. Neste caso, se compreende que o bom Espírito não possa triunfar, já que o outro foi o preferido. Admitamos agora o desejo de se desembaraçar desse invólucro fluídico que penetrou no seu, como uma roupa é penetrada pela umidade. Apenas o desejo não é suficiente. Mesmo a vontade nem sempre é suficiente.

Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, o que tem músculos mais fortes derruba o outro. É necessário lutar com um Espírito, não corpo a corpo, mas de Espírito para Espírito. E é ainda o mais forte que vence. Aqui, a força está na *autoridade* que se pode ter sobre o Espírito. E essa autoridade está subordinada à superioridade moral. A superioridade moral é como o sol, que dissipa a bruma, pelo poder de seus raios. Esforçar-se para ser bom, para melhorar, se já é bom, purificar-se das imperfeições, em resumo, se elevar moralmente o mais possível. Esse é o meio para adquirir o poder de comandar os Espíritos inferiores, para afastá-los. De outro modo, eles caçoam de suas tentativas. (*O Livro dos Médiuns*, questões 252 a 279)

Entretanto, pode-se perguntar, por que os Espíritos protetores não

ordenam que se retirem? Sem dúvida, podem e até fazem, algumas vezes. Mas, permitindo a luta, deixam o mérito da vitória. Se deixam pessoas que têm méritos, sob certos aspectos, se debaterem, é para provar-lhes a perseverança e fazê-las adquirir *mais força* no bem. É para elas uma espécie de *ginástica moral*.

Algumas pessoas prefeririam, sem dúvida, outra receita mais fácil para caçar os maus Espíritos: algumas palavras para dizer ou alguns sinais para fazer, por exemplo, o que seria mais cômodo do que corrigir os próprios defeitos. Lamentamos, mas não conhecemos nenhum meio mais eficaz para *vencer um inimigo, do que ser mais forte do que ele*. Quando se está doente, é preciso se resignar a tomar um remédio, por mais amargo que seja. Mas, também, quando se tem a coragem de tomá-lo, como a gente melhora e como se sente forte! Então, é preciso se persuadir de que não há, para atingir este objetivo, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismã, nem quaisquer sinais materiais. Os maus Espíritos riem dessas coisas e muitas vezes têm prazer em indicá-las, com o cuidado de dizer que são infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles de quem querem abusar, porque, confiantes na virtude do procedimento, se entregam sem medo.

Antes de esperar domar os maus Espíritos, é preciso domar a si mesmo. De todos os meios para adquirir a força para conseguir este objetivo, o mais eficaz é a vontade, ajudada pela prece, entenda-se a prece de coração, não de palavras, em que a boca tem maior parte do que o pensamento. É preciso rezar para nosso anjo da guarda e para os bons Espíritos nos assistirem na luta. Mas não é suficiente pedir-lhes para caçarem os maus Espíritos, é preciso se lembrar desta máxima: *ajuda a ti mesmo e o céu te ajudará*, e pedir-lhes, sobretudo, a força que nos falta para vencer nossas más tendências, que são piores que os maus Espíritos, porque são essas tendências que os atraem, como a corrupção atrai as aves de rapina. Rezar também pelo Espírito obsessivo é devolver o bem pelo mal, mostrar-se melhor do que ele. Já é uma superioridade. Com a perseverança, geralmente, acaba-se por conduzi-lo a ter melhores sentimentos e por transformá-lo de perseguidor em um amigo agradecido.

Em resumo, a prece fervorosa e os sérios esforços para melhorar são os únicos meios de afastar os maus Espíritos, que reconhecem seus mestres entre aqueles que praticam o bem, enquanto que as fórmulas os fazem rir, a cólera e a impaciência os excitam. É necessário deixá-los, mostrando-se mais pacientes do que eles.

Mas às vezes acontece que a subjugação aumenta, a ponto de paralisar a vontade do obsedado, e que não se pode esperar dele nenhuma ajuda séria. Então, a intervenção de terceiros se torna necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética. Mas o poder desta intervenção depende também da ascendência moral que os interventores podem ter sobre os Espíritos porque, se não tiverem mais valor que o obsessor, sua ação será inútil. A ação magnética, neste caso, tem como efeito penetrar o fluido do obsedado com um fluido melhor e separar o do mau Espírito. Nessa operação, o magnetizador deve ter o duplo objetivo, de opor uma força moral a outra força moral e de produzir sobre o sujeito uma espécie de reação química. Para nos servir de uma comparação material, enxotando um fluido por outro fluido. Assim, ele não apenas opera uma separação salutar, como dá força aos órgãos enfraquecidos por longa e às vezes vigorosa opressão. De resto, compreende-se que o poder da ação fluídica está na razão, não somente da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido. E, depois do que dissemos, que esta qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se deduzir que um magnetizador comum, que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente, produziria pouco ou nenhum resultado. É absolutamente necessário um magnetizador *espírita*, agindo com conhecimento de causa, com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever. Por outro lado, é evidente que uma ação magnética, dirigida nesse sentido, só pode ser muito útil no caso de obsessão comum, porque, então, se o magnetizador é ajudado pela vontade do obsedado, o Espírito é combatido por dois adversários, em vez de um.

É necessário dizer também que muitas vezes se acusa os Espíritos estranhos de malfeitos, de que eles são inocentes. Certos estados doentios e

certas aberrações que se atribuem a uma causa oculta, às vezes, se devem simplesmente ao Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que comumente as pessoas concentram em si mesmas, sobretudo as tristezas amorosas, fazem-nas cometerem muitos atos excêntricos, que seria um erro colocar na conta da obsessão. Muitas vezes, somos nosso próprio obsessor.

Acrescentemos, enfim, que certas obsessões tenazes, sobretudo em pessoas que têm méritos, às vezes fazem parte de provas a que são submetidas. “Acontece mesmo que a obsessão, quando é simples, é uma tarefa imposta ao obsedado, que deve trabalhar para a melhora do obsessor, como um pai tem a sua, para melhorar uma criança com vícios.” (Ver *O Livro dos Médiuns*)

A prece, geralmente, é um poderoso meio para ajudar na libertação dos obsedados, mas não é uma prece de palavras, dita com indiferença e como uma fórmula banal, que pode ser eficaz neste caso. É preciso uma prece ardente, que seja ao mesmo tempo uma espécie de magnetização mental. Pelo pensamento, pode-se levar para o paciente uma corrente fluídica salutar e cujo poder está em razão da intenção. Então, a prece não tem apenas o efeito de evocar uma ajuda exterior, mas o de exercer uma ação fluídica. O que uma pessoa nem sempre pode fazer sozinha, várias pessoas, unidas pela intenção, conseguem, muitas vezes, com uma prece coletiva e reiterada. O poder da ação é aumentado pelo número de pessoas.

59. A ineficácia do exorcismo, no caso de possessão, é constatada pela experiência e está provado que, na maior parte do tempo, aumenta o mal, mais que diminui. A razão está no fato de que a influência está inteiramente na ascendência moral exercida sobre os maus Espíritos, e não no ato exterior, na virtude das palavras e nos gestos. O exorcismo consiste nas cerimônias e fórmulas de que riem os maus Espíritos, enquanto cedem à superioridade moral que lhes é imposta. Eles veem que se quer dominá-lo, por meios impotentes, que se pensa intimidá-los, com aparelhos inúteis e tendem a se mostrar mais fortes. Por isso, redobram suas forças. São como o cavalo assustado, que joga por terra o cavaleiro inábil e que se dobra, quando encontra seu mestre. Ora, o

verdadeiro mestre aqui é o homem com o coração mais puro, porque é o mais ouvido pelos bons Espíritos.

60. O que um Espírito pode fazer para um indivíduo, vários Espíritos podem fazer sobre vários indivíduos simultaneamente e dar à obsessão um caráter epidêmico. Um bando de maus Espíritos pode invadir uma localidade e se manifestar de diversas maneiras. Era uma epidemia deste tipo que causava estragos na Judeia, no tempo do Cristo. Ora, o Cristo, por Sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios ou maus Espíritos uma tal autoridade, que Lhe era suficiente ordenar que se retirassem para que o fizessem. E o Cristo não usava gestos nem fórmulas.

61. O Espiritismo é fundado sobre a observação de fatos resultantes das relações entre o mundo visível e o invisível. Estes fatos, estando na natureza, foram produzidos em todas as épocas, abundam sobretudo nos livros sagrados de todas as religiões, porque serviram como base para a maior parte das crenças. É por falta de compreendê-los, que a Bíblia e os Evangelhos oferecem tantas passagens obscuras e que foram interpretadas com sentidos diferentes. O Espiritismo é a chave que deve facilitar a compreensão dessas passagens.

DOS HOMENS DUPLOS E DAS APARIÇÕES DE PESSOAS VIVAS

É hoje um fato constatado e perfeitamente explicado que o Espírito, isolando-se de um corpo vivo, aparece em outro lugar, diferente de onde está seu corpo material, com a ajuda de seu invólucro fluídico perispiritual. Mas, até o presente, a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que a separação só pode ocorrer durante o sono, ou pelo menos durante a inatividade dos sentidos corporais. Os fatos seguintes, se estiverem exatos, provariam que pode acontecer também em estado de vigília. Foram extraídos de uma obra alemã: *Os fenômenos místicos da vida humana*, por Maximiliano Perty, professor da Universidade de Berne, publicado em 1861 (Leipzig e Heidelberg).

1. “Um proprietário camponês foi visto por seu cocheiro no estábulo, olhando para o gado, no momento em que estava comungando na igreja. Mais tarde, contou esse fato a seu padre, que lhe perguntou em que ele tinha pensado, no momento da comunhão. – Mas, respondeu, se devo dizer a verdade, pensava em meu gado. – Eis aí sua aparição explicada, respondeu o eclesiástico.”

O padre estava certo, porque o pensamento é atributo essencial do Espírito, e o Espírito deve estar aonde o leva o pensamento. A questão é saber se, em estado de vigília, a separação do perispírito pode ser grande o suficiente para produzir uma aparição, o que implicaria uma espécie

de desdobramento do Espírito, em que uma parte animaria o corpo fluídico e a outra, o corpo material. O que não seria impossível, se se considera que, quando o pensamento se concentra em um ponto distante, o corpo só age maquinalmente, por uma espécie de impulso mecânico, o que acontece principalmente com as pessoas distraídas. Fica animada apenas pela vida material, a vida espiritual segue o Espírito. É então provável que o homem em questão tivesse tido naquele momento uma grande distração e que seu gado o preocupava mais que sua comunhão.

O fato seguinte entra nessa mesma categoria, mas apresenta uma particularidade mais marcante.

2. “O juiz de comarca, J..., em Fr... enviou um dia seu auxiliar a uma pequena vila vizinha. Depois de um certo tempo, viu-o entrar, pegar um livro no armário e folheá-lo. Perguntou-lhe bruscamente por que não partira ainda; a essas palavras o auxiliar desapareceu; o livro caiu por terra, e o juiz o colocou aberto sobre uma mesa, como caíra. À noite, quando o auxiliar veio de retorno, o juiz lhe perguntou se nada lhe ocorrera no caminho, se ele retornara ao aposento onde ele se encontrava neste momento.

Não, respondeu o auxiliar; percorri o caminho com um dos meus amigos. Atravessando a floresta, tivemos uma discussão a propósito de uma planta que encontráramos, e eu dizia que, se estivesse em casa, ser-me-ia fácil mostrar a página de Linné¹ que me daria razão.

Era justamente esse livro que estava aberto na página indicada.”

Por mais extraordinário que seja o fato, não se poderia dizer que seja impossível, materialmente, porque estamos ainda longe de conhecer todos os fenômenos da vida espiritual. Entretanto, há necessidade de

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Carl von Linné (1707-1778) é considerado o fundador da história natural moderna. Nasceu em Råshult, Suécia. O nome original de sua família era Ingermarsson, mas seu pai o mudou para Linné em homenagem à árvore tília (lind). Estudou Medicina e depois se especializou em história natural. Além do sistema binário de classificação, é autor dos termos fauna, flora e mamíferos, entre outros. Propôs a classificação dos seres vivos por dois nomes em latim. Um para o gênero ou característica geral e outro para a espécie. O cão, por exemplo, recebe o nome genérico de *Canis*, a espécie lobo é chamada de *Canis lupus* e o cão doméstico, *Canis familiaris*. Seu sistema de identificação é apresentado nos livros *Systema naturae* (1735) e *Genera plantarum* (1737). Classificou 5.897 espécies e suas descrições ainda hoje servem de referência.

confirmação. Em caso semelhante, seria necessário poder constatar de uma maneira positiva o estado do corpo, no momento da aparição. Até prova em contrário, duvidamos de que este fato seja possível, quando o corpo está em uma atividade inteligente.

Os fatos seguintes são mais extraordinários ainda e confessamos com franqueza que nos inspiram dúvidas ainda maiores. Compreende-se facilmente que o Espírito de uma pessoa viva seja visto por uma terceira pessoa, mas não que um indivíduo possa ver sua própria aparição, sobretudo nas circunstâncias relatadas em seguida.

3. “O secretário de governo de Triptis, em Weimar, dirigindo-se à chancelaria, para procurar um pacote de documentos, de que ele tinha muita necessidade, já se vê sentado lá, na cadeira habitual e com os papéis diante de si. Fica assustado, volta para casa, e manda seu auxiliar, com a ordem de pegar os documentos, que seriam encontrados no lugar de sempre. Ele vai e igualmente vê seu patrão sentado na cadeira.”

4. “Becker, professor de matemática em Rostok, estava com amigos, à mesa, em sua casa. Surgiu entre eles uma controvérsia teológica. Becker vai à sua biblioteca, procurar uma obra que deveria decidir a questão e ali se vê sentado no lugar habitual. Olhando por cima do ombro de seu outro ‘ele mesmo’, percebe que lhe mostra a seguinte passagem, na Bíblia aberta: ‘Arrume sua casa, porque você deve morrer’. Volta para seus amigos, que se esforçam inutilmente, para convencê-lo a não dar a menor importância para aquela visão. – *Ele morreu no dia seguinte.*”

5. “Hoppack, autor da obra *Materiais para o estudo da psicologia*, diz que o abade Steinmetz, tendo um grande número de pessoas em sua casa, dentro de seu quarto, se viu ao mesmo tempo em seu jardim, em seu lugar preferido. Primeiro, mostrando a si mesmo com o dedo, depois seu semelhante, disse: – ‘Aqui está Steinmetz, o mortal, aquele lá é imortal.’”

6. “F..., da cidade de Z..., que mais tarde foi juiz, em sua juventude, estava no campo e foi solicitado pela jovem da casa, para procurar um chapéu de sol que tinha esquecido em seu quarto. Foi e viu a garota sentada na mesa de costura, olhando para frente, muito mais pálida do que quando a tinha deixado. F..., apesar do medo, pegou o guarda-sol

que estava ao lado dela e o levou. Vendo seus traços perturbados, ela disse: ‘Confesse que viu alguma coisa, você me viu. Mas não se preocupe, não estou para morrer. Sou dupla (em alemão *Doppelgaenger*, literalmente: alguém que anda duplicado). Eu estava em pensamento ao lado de meu trabalho e já muitas vezes encontrei minha imagem a meu lado. Com isto nenhum mal fazemos.’”

7. “O Conde D... e as sentinelas afirmaram ter visto, uma noite, a imperatriz Elisabeth, da Rússia, na sala, sentada no trono, vestida com grande luxo, no momento em que estava deitada e dormindo. A dama de honra, que também se convenceu de tê-la visto, foi acordá-la. A imperatriz se dirigiu à sala do trono e viu sua imagem. Deu ordem a uma sentinela que acendesse o fogo: a imagem desapareceu. Três meses depois, a imperatriz morreu.”

8. “Um estudante, chamado Elger, ficou muito triste, depois de se ter visto com uma roupa vermelha, que sempre usava. Não via sua própria figura, mas os contornos de uma forma vaporosa, que se parecia com ele, sempre no crepúsculo ou à luz da lua. Via a imagem, em um lugar onde estudara, por muito tempo.”

9. “Uma professora francesa, Émilie Sagée, perdeu 19 vezes seu trabalho, porque aparecia em todos os lugares, *em dobro*. As jovens de um pensionato, em Neuwelke, na Livônia², a viam algumas vezes no salão ou no jardim, enquanto que ela, na realidade, se encontrava em outro lugar. Outras vezes, viam diante do quadro-negro, durante a lição, duas senhoritas Sagée, uma ao lado da outra, exatamente iguais, fazendo os mesmos movimentos, com a única diferença de que apenas a verdadeira Sagée tinha um pedaço de giz na mão, com o qual escrevia sobre o quadro-negro.”

A obra do senhor Perty contém um grande número de relatos desse tipo. É notável que, em todos os exemplos citados, o princípio inteligente é ativo nos dois indivíduos e mesmo mais ativo no ser material, o que deveria ser o contrário. Mas o que nos parece uma impossibilidade radical é que possa existir um antagonismo, uma divergência de ideias,

⁽²⁾ **Nota da tradução:** Provavelmente, o autor refira-se a Livônia, região localizada ao norte da Europa, vizinha do Mar Báltico.

de pensamentos e de sentimentos. Essa divergência se manifesta, sobretudo, no fato nº 4, em que um adverte o outro sobre sua morte, e no nº 7, em que a imperatriz manda tirar a outra “ela mesma”.

Admitindo-se a divisão do perispírito e um poder fluídico suficiente para manter o corpo em sua atividade normal; supondo também a divisão do princípio inteligente ou uma irradiação capaz de animar os dois seres e de lhes dar uma espécie de onipresença, esse princípio é único e deve ser idêntico. Então, não poderia haver em um lado uma vontade que não existisse no outro, a menos que se admita que haja gêmeos de Espírito, como há gêmeos de corpo, quer dizer, que dois espíritos se identifiquem, para encarnar no mesmo corpo, o que é quase impossível de supor.

Em todas essas histórias fantásticas, há alguma coisa a apreender, há muito a deixar de lado, e há uma parte para virar lenda. O Espiritismo, longe de nos fazê-las aceitar cegamente, nos ajuda a separar o verdadeiro do falso, o possível do impossível, com a ajuda de leis que nos revelam a constituição e o papel do elemento espiritual. Não nos apressemos, entretanto, em rejeitar *a priori* tudo o que não compreendemos, porque estamos longe de conhecer todas essas leis e a natureza ainda não nos revelou todos seus segredos. O mundo invisível é um campo de observações ainda novo, do qual seria presunção pretender já ter sondado todas profundezas, enquanto novas maravilhas se revelam, sem cessar, a nossos olhos. Entretanto, a lógica e as leis conhecidas demonstram a impossibilidade de alguns fatos. Tal é, por exemplo, o que foi relatado na *Revista Espírita*, de fevereiro de 1859, página 41, com o título de: *Meu amigo Hermann*. Tratava-se de um jovem alemão, da alta sociedade, doce, benevolente e de um caráter honrado, que, todos os dias, ao cair da tarde, caía em um estado de morte aparente. Durante esse tempo, seu Espírito acordava nos antípodas³ da Austrália, em um corpo de um mau bandido, que acabava por ser enforcado.

O simples bom senso demonstra que, supondo a possibilidade dessa dualidade corporal, o mesmo Espírito não pode, alternativamente,

⁽³⁾ **Nota da tradução:** Antípodas são lugares e habitantes, no globo terrestre, situados em posições diametralmente opostos. Por exemplo, “a Nova Zelândia fica nos antípodas de Portugal”.

ser um homem honesto, em um corpo, durante o dia, e um bandido, durante a noite, em outro corpo. Dizer que o Espiritismo acredita em semelhantes histórias é provar que não se conhece o Espiritismo, já que ele dá os meios para provar os absurdos. Mas, ao mesmo tempo em que aponta o erro de uma crença, prova que muitas vezes essa crença repousa em um princípio verdadeiro, alterado ou exagerado pela superstição. É separar o fruto da casca que o envolve.

Quantas histórias ridículas surgiram sobre o raio, antes de se conhecerem as leis da eletricidade! Ocorre o mesmo, no que diz respeito às relações com o mundo invisível. Ao dar a conhecer a lei dessas relações, o Espiritismo as limita à realidade. Mas essa realidade é ainda excessiva, para aqueles que não admitem nem almas, nem mundo invisível. A seus olhos, tudo o que escapa ao mundo visível e tangível é superstição. Por isso denigrem o Espiritismo.

Observação – A questão muito interessante de a dos agêneres⁴, que se liga estreitamente à dos *homens duplos*, tem sido relegada a segundo plano pela ciência espírita, pela falta de documentos suficientes, para sua completa elucidação. Essas manifestações, por mais estranhas, mais incríveis que pareçam à primeira vista, foram aprovadas pelos relatos de historiadores dos mais sérios da Antiguidade e da Idade Média. Confirmadas por eventos recentes, anteriores ao advento do Espiritismo ou de contemporâneos, não podem de maneira alguma ser postas em dúvida. Em *O Livro do Médiuns*, no artigo chamado: *Visitas espirituais entre pessoas vivas*, e a *Revista Espírita*, em numerosas passagens, confirma a existência de agêneres, de maneira incontestável. De uma aproximação e de um exame aprofundado de todos esses fatos, resultaria talvez uma solução ao menos parcial da questão e a eliminação de algumas das dificuldades de que parece cercada.

Àqueles de nossos correspondentes que quiserem fazer um estudo especial sobre o assunto, seja pessoalmente ou por intermédio dos Espíritos, somos obrigados a pedir que nos comuniquem o resultado de suas pesquisas, no interesse, bem entendido, da difusão da verdade.

⁽⁴⁾ **Nota da tradução:** Agêneres, do grego (a+gênesis), quer dizer “não gerado”, aquele que nasceu, sem ter sido feto.

Percorrendo rapidamente os anos anteriores da *Revista* e aproximando os fatos assinalados e as teorias para explicá-los, chegamos à conclusão de que conviria, talvez, dividir os fenômenos em duas categorias bem distintas, o que permitira aplicar-lhes explicações diferentes e demonstrar que as impossibilidades que se opõem à sua acepção pura e simples são mais aparentes que reais.

Algumas anotações de P.G. Leymarie:

(Ver, sobre o assunto, os artigos da *Revista Espírita*, de janeiro de 1859, *O louco de Bayonne*⁵; fevereiro de 1859, *Os agêneres* e *Meu amigo Hermann*; maio de 1859, *O laço entre o Espírito e o corpo*; novembro de 1859, *A alma errante*; janeiro de 1860, *O Espírito de um lado e o corpo do outro*; março de 1860, *Estudo sobre o Espírito das pessoas vivas*; *O doutor V... e a senhorita S...*; abril de 1860, *O fabricante de São Petersburgo*; *Aparições tangíveis*; novembro de 1860, *História de Marie d'Agrécie*; julho de 1861. *Uma aparição providencial* etc.)

A faculdade de expansão dos fluidos espirituais é hoje fartamente demonstrada em operações cirúrgicas das mais dolorosas, realizadas em doentes anestesiados por clorofórmio, éter ou pelo magnetismo animal. Com efeito, não é raro vê-los conversando com os assistentes sobre coisas agradáveis e alegres ou se transportando para longe, em Espírito, enquanto o corpo se torce, com toda a aparência de horríveis torturas. A máquina humana, imobilizada completamente ou em parte, se rompe, sob o bisturi brutal do cirurgião, os músculos se agitam, os nervos se contraem e transmitem a sensação ao aparelho *cérebro-espinhal*. Mas a alma que, em estado normal, só capta a dor e a manifesta exteriormente, momentaneamente afastada do corpo submetido à sensação, dominada por outros pensamentos e outras ações, é apenas suavemente advertida do que se passa com seu invólucro mortal e permanece completamente insensível. Quantas vezes não se viram soldados feridos, inteiramente envolvidos no ardor da batalha, perdendo sangue e forças, lutando por muito tempo ainda, sem perceber seus ferimentos? Um homem muito preocupado recebe um choque violento, sem nada sentir. Apenas depois que passa a abstração de sua inteligência, ele percebe ter sido ferido, pela sensação dolorosa que sente. A quem nunca aconteceu, em forte contenção do Espírito, de atravessar uma multidão tumultuada e barulhenta, sem nada ver

⁽⁵⁾ **Nota da tradução:** Bayonne, cidade localizada na costa sudoeste da França.

e nada ouvir, apesar de que, entretanto, o nervo óptico e o aparelho auditivo tivessem percebido as sensações e as tivessem transmitido fielmente à alma?

Não há como duvidar, pelos exemplos anteriores e por um grande número de fatos, que seria muito extenso relatar aqui, mas que cada um pode por si mesmo conhecer e analisar, que o corpo pode, de uma parte, realizar suas funções orgânicas, enquanto o Espírito está entretido, longe, com preocupações de outro tipo. O perispírito, indefinidamente expansível, conservando no corpo a elasticidade e a atividade necessárias à sua existência, acompanha constantemente o Espírito, durante sua viagem longínqua, no mundo ideal.

Por outro lado, se nos lembrarmos de sua propriedade muito conhecida de condensação, que lhe permite se tornar visível, com a aparência corporal, para os médiuns videntes e, mais raramente, por qualquer pessoa que esteja presente no lugar para onde o Espírito se transportou, não poderemos mais pôr em dúvida a possibilidade dos fenômenos da onipresença.

Está demonstrado que uma pessoa viva pode aparecer simultaneamente em dois lugares distantes um do outro. De um lado, com seu corpo real; de outro, com seu perispírito condensado momentaneamente, com a aparência de suas formas materiais. Contudo, de acordo, como sempre, com Allan Kardec, só podemos admitir a onipresença, quando reconhecemos uma semelhança perfeita nas ações do ser aparente. Assim são, por exemplo, os fatos citados anteriormente, com os números 1 e 2. Quanto aos fatos seguintes, inexplicáveis para nós, ao aplicarmos a teoria da onipresença, nos parecem, senão indiscutíveis, ao menos admissíveis, se enquadrados sob outro ponto de vista.

Nenhum de nossos leitores ignora a faculdade que possuem os Espíritos desencarnados de aparecer, com aparência material, em certas circunstâncias e mais particularmente aos médiuns videntes. Entretanto, em um certo número de casos, como nas aparições visíveis e tangíveis para várias ou para um certo número de pessoas, é evidente que a percepção da aparição não se deve à faculdade mediúnica dos assistentes, mas à realidade da aparência corporal do Espírito e, nessa circunstância, como nos fatos de onipresença, essa aparência corporal se deve à condensação do aparelho perispiritual. Ora, se é mais frequente os Espíritos, para serem reconhecidos, aparecerem como eram quando vivos, com as roupas que lhe eram mais habituais, não lhes é impossível se apresentarem vestidos de forma diferente ou mesmo com os traços de alguém, como, por exemplo, *o louco de Bayonne*, que aparecia tanto com a própria forma pessoal ou com os traços de um de seus

irmãos, também morto, como com a aparência de pessoas vivas e presentes. O Espírito tinha necessidade de que sua identidade fosse reconhecida, apesar das formas variadas com que se apresentava; ainda que não tivesse feito assim, não é evidente que as testemunhas da manifestação estivessem persuadidas de que assistiam a um caso de ubiquidade?

Se, considerando esse fato como um precedente, que está longe de ser isolado, procurarmos explicar do mesmo modo os fatos números 3, 4, 5, 6, 8 e 9, talvez nos seja possível aceitar-lhes a realidade, enquanto que, admitindo a onipresença, a incompatibilidade dos pensamentos, o antagonismo dos sentimentos e a atividade do organismo das duas partes, de modo algum podemos encará-los como possíveis.

No fato número 4, em vez de supor o professor Becker na presença de seu sócia, se admitirmos que ele tenha tido que se conciliar com um Espírito, que lhe apareceu com sua própria forma, todo antagonismo desaparece e o fenômeno entra para o domínio do possível. O mesmo ocorre com o fato número 7. Não se compreende Elisabeth da Rússia mandando retirar sua própria imagem, mas se admite perfeitamente que faça retirar um Espírito que tomou sua aparência, para mistificá-la. Certos Espíritos, às vezes, usam um nome falso e se apresentam com o estilo e as formas de outro, para conseguir a confiança dos médiuns e o acesso a grupos. O que haveria de impossível a um Espírito orgulhoso ter prazer em tomar a forma da imperatriz Elisabeth e se sentar em um trono, para dar uma vã satisfação a seus sonhos ambiciosos? Da mesma forma, nos outros casos.

Apenas damos explicações para os casos em que sejam válidas. A nosso ver, é apenas uma suposição muito plausível e não a solução real dos fatos. Mas, assim, nos pareceu de natureza a esclarecer a questão, jogando-lhe as luzes da discussão e da refutação. Com esse objetivo as submetemos a nossos leitores. Possam as reflexões que provocarem, as meditações que fizerem acontecer, cooperarem para a educação de um problema, que pudemos apenas fazer aflorar, deixando aos mais dignos a tarefa de dissipar a obscuridade que ainda o cerca.

(Nota da Redação)

CONTROVÉRSIAS SOBRE A EXISTÊNCIA DE SERES INTERMEDIÁRIOS ENTRE O HOMEM E DEUS

N., 4 de fevereiro de 1867.

Caro mestre,

Há algum tempo não dou sinal de vida. Estive muito ocupado, durante toda minha permanência em Lyon, não pude perceber, como queria, o estado atual da doutrina neste grande centro. Só assisti a uma reunião espírita. Entretanto, pude constatar que, nesses meios, a fé primeira é sempre a que deve estar nos corações verdadeiramente sinceros.

Nos diferentes centros do Sul, ouvi discutirem a opinião de alguns magnetizadores, de que muitos fenômenos, *ditos espíritas*, são simplesmente efeitos do sonambulismo e que o Espiritismo apenas substitui o magnetismo, ou antes, se apossa ridiculamente do nome. É, como o senhor vê, um novo ataque dirigido contra a mediunidade. Assim, de acordo com essas pessoas, tudo o que escrevem os médiuns é resultado das faculdades da alma encarnada. É ela que, separando-se momentaneamente, pode ler o pensamento das pessoas presentes. É ela que vê a distância e prevê os acontecimentos. É ela que, por um fluido magnético-espírita, agita, ergue, gira as mesas, capta os sons etc. Tudo, em

uma palavra, repousaria sobre a essência psíquica, sem a intervenção de seres puramente espirituais.

O senhor me dirá que não é uma novidade. Com efeito, eu mesmo ouvi, há alguns anos, certos magnetizadores defenderem essa tese. Mas, hoje, procura-se implantar essas ideias, que são, em minha opinião, contrárias à verdade. É sempre um erro cair nos extremos e há tanto exagero em tudo relacionar ao sonambulismo como haveria da parte dos espíritas negarem as leis do magnetismo. Não se saberia arrebatar da matéria as leis magnéticas, da mesma forma que do Espírito as leis puramente espirituais.

Onde acaba o poder da alma sobre o corpo? Qual é a parte dessa força inteligente nos fenômenos do magnetismo? Qual é a do organismo? Eis as questões de grande interesse, questões graves, tanto para a Filosofia como para a Medicina.

Esperando a solução desses problemas, citarei para o senhor algumas passagens de Charpignon¹, médico de Orleans, que é partidário da transmissão do pensamento. O senhor verá que ele mesmo se reconhece impotente para demonstrar, *na visão propriamente dita*, que a causa vem da extensão do *simpático orgânico*², como pretendem diversos autores.

Ele diz, na página 289:

“Acadêmicos, dobrem os trabalhos de seus candidatos. Moralistas, promulguem leis para a sociedade, para o mundo. Esse mundo que ri de tudo, que tem prazer no desprezo pelas leis de Deus e pelos direitos do homem, frustra seus esforços, porque tem a seu serviço um poder que vocês não imaginam, e que deixaram crescer de tal forma que não são mais capazes de parar”.

Página 323: “Comprendemos bem até aqui o modo de transmissão de pensamento, mas nos tornamos impotentes para compreender por essas leis de simpatia harmônica o sistema pelo qual o homem forma

⁽¹⁾ Trata-se da obra *Fisiologia, Medicina e Metafísica do Magnetismo*, de J. Charpignon, doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, membro de várias sociedades de sábios, médico em Orleans (Germer Baillièrre, editor, Paris, 1848).

⁽²⁾ **Nota da tradução:** Sistema nervoso autônomo.

em si mesmo tal ou tal pensamento, tal ou tal imagem, e essa solicitação de objetos exteriores. Isso sai das propriedades do organismo e a psicologia, achando nessa faculdade rememorativa ou *criativa*, segundo o desejo do Homem, qualquer coisa de antagônica com as propriedades do organismo, a faz depender de um ser substancial diferente da matéria. Começamos, então, a encontrar no fenômeno do pensamento algumas lacunas entre a capacidade das leis fisiológicas do organismo e o resultado obtido. O princípio do fenômeno, se assim se pode explicar, é bem fisiológico, mas sua extensão verdadeiramente prodigiosa não é mais. E é necessário aqui admitir que o Homem goza de uma faculdade que não pertence a nenhum dos dois elementos materiais de que, até aqui, o vimos composto. O observador de boa-fé reconhecerá, então, a partir daqui, *uma terceira* parte, que entrará na composição do Homem, parte que começa a se revelar a ele, sob o ponto de vista da psicologia magnética, por caracteres novos e que se relacionam àqueles que os filósofos concedem à alma.

“Mas a existência da alma é mais fortemente demonstrada no estudo de algumas outras faculdades do sonambulismo magnético. Assim, na minha opinião, não se saberia explicar como extensão do simpático orgânico a visão a distância, quando é completa e nitidamente separada da transmissão de pensamento”.

Depois, na página 330: “Como se vê, tínhamos muitos motivos para adiantar que o *estudo* dos fenômenos magnéticos tinha grandes relações com a filosofia e a psicologia. Assinalamos um *trabalho* a fazer e convidamos os homens especiais”.

Nas páginas seguintes, discute seres imateriais e suas relações possíveis com nossos indivíduos.

Página 349: “Não temos dúvida de que – e precisamente por causa das leis psicológicas que esboçamos neste trabalho – *a alma humana pode ser esclarecida* diretamente, seja por Deus, seja por outra inteligência. Acreditamos que essa comunicação sobrenatural pode acontecer tanto em estado normal como em estado extático, espontâneo ou artificial”.

Página 351: “Mas voltamos a dizer que a previsão natural ao Homem é limitada e não poderia ser tão precisa, tão constante e tão largamente enunciada, como as previsões feitas pelos profetas sagrados ou pelos homens que eram inspirados por uma inteligência superior à alma humana”.

Página 391: “A Ciência e a crença no mundo natural são dois termos antagônicos, mas, apressemos-nos a dizer, foi em consequência dos exageros que surgiram os dois lados. É possível que a Ciência e a fé se aliem e, então, o espírito humano se encontrará no nível de sua perfectibilidade terrena”.

Página 396: “Tanto o Velho como o Novo Testamento, assim como os anais de história de todos os povos, estão recheados de fatos, que só podem ser explicados pela ação de *seres superiores* ao homem. Por outro lado, os estudos de antropologia, de metafísica e de ontologia provam a realidade da existência de *seres imateriais* entre o homem e Deus e a possibilidade de sua influência sobre a espécie humana”.

Eis agora a opinião de uma das principais autoridades em magnetismo sobre a existência de seres fora da Humanidade, extraída da correspondência de Deleuze com o Dr. Billot:

“O único fenômeno que parece estabelecer a comunicação com os seres imateriais são as aparições. Há muitos exemplos e como estou convencido da imortalidade da alma, não vejo razão para negar a possibilidade de aparição de pessoas que, tendo deixado esta vida, *se ocupam daquelas que lhes foram queridos* e vêm se apresentar a eles, para lhes dar conselhos salutares”.

O Dr. Ordinaire, de Mâcon³, outra autoridade nessa matéria, assim se exprime:

“O fogo sagrado, a influência secreta (de Boileau), a inspiração, não provêm de tal ou tal tecido, como pretendem os frenólogos⁴, mas de uma

⁽³⁾ **Nota da tradução:** Mâcon, cidade do interior da França, próxima de Lyon e da fronteira com a Suíça e Itália.

⁽⁴⁾ **Nota da tradução:** Frenologia, teoria que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas, baseando-se na conformação do crânio.

alma poética, *em relação com um Gênio mais poético ainda*. O mesmo ocorre com a música, a pintura etc. Essas inteligências superiores não seriam almas separadas da matéria, elevando-se gradualmente, à medida que se aperfeiçoam, até a grande, a universal inteligência que as abraça, até Deus? Nossas almas, depois de *diversas migrações*, não adquirem posição entre esses seres imateriais?

“Concluimos, diz o mesmo autor, sobre o que precede, que o estudo da alma ainda está em sua infância, já que do pólipo ao Homem existe uma série de inteligências e que nada se interrompe bruscamente na natureza, deve racionalmente existir entre o Homem e Deus outra série de inteligências. O Homem é um elo que une as inteligências inferiores associadas à matéria às inteligências superiores imateriais. Do Homem até Deus se encontra uma série parecida com aquela que existe do pólipo até o Homem, quer dizer, uma série de seres etéreos mais ou menos perfeitos, com especialidades diversas, ocupando empregos e funções variadas.

“Que essas inteligências superiores se revelam sensivelmente no sonambulismo artificial;

“Que essas inteligências têm relações íntimas com nossas almas;

“Que *devemos* a essas almas *nossos remorsos*, quando fazemos algum mal; nossa satisfação, quando praticamos uma boa ação;

“Que os homens superiores devem suas boas inspirações a essas inteligências;

“Que é a essas inteligências que os extáticos devem a faculdade de prever o futuro e de anunciar acontecimentos futuros;

“Enfim, que para agir sobre essas inteligências e torná-las favoráveis, *a virtude e a prece* têm uma ação poderosa”.

Observações – A opinião de tais homens, e não são os únicos, tem certamente um valor que ninguém poderia contestar, mas seria apenas uma opinião mais ou menos racional, se a observação não a confirmasse. O Espiritismo está inteiro, nas opiniões que você acabou de citar, apenas vem completá-las, por observações especiais, ordená-las, dando-lhes a confirmação pela experiência.

Aqueles que se obstinam a negar a existência do mundo espiritual e que entretanto não podem negar os fatos se esforçam em procurar a causa exclusiva desses fatos no mundo corporal. Mas uma teoria, para ser verdadeira, deve explicar o motivo de todos os fatos que lhe são ligados, um único fato contraditório a destrói, porque não há exceções nas leis da natureza. Isso aconteceu à maior parte daquelas que foram imaginadas, no princípio, para explicar os fenômenos espíritas. Quase todas caíram, uma a uma, diante dos fatos que não puderam apreender. Depois de ter esgotado, sem resultado, todos os sistemas, somos forçados a nos limitar às teorias espíritas, como as mais conclusivas, porque não foram formuladas prematuramente nem sobre observações irrefletidas, e abarcam todas as variedades, todas as nuanças dos fenômenos. O que as faz serem aceitas rapidamente por um grande número de pessoas é que cada um encontra, nessas teorias, a solução completa e satisfatória para o que tinha procurado inutilmente em outras partes.

Entretanto, muitos ainda as rejeitam. Essa rejeição é o que têm em comum com todas as grandes ideias novas, que vêm mudar os hábitos e as crenças. Todas encontraram por muito tempo contestadores obstinados, mesmo entre os homens mais esclarecidos. Mas chega um dia em que o que é verdadeiro deve prevalecer sobre o que é falso e as pessoas se espantam, então, com a oposição que fizeram. Tal fato lhes parece natural. Assim será com o Espiritismo e é notável que, entre todas as grandes ideias que revolucionaram o mundo, nenhuma conquistou em tão pouco tempo um tão grande número de partidários, em todos os países e em todas as categorias da sociedade. Eis por que os espíritas, cuja fé não é cega, como pretendem seus adversários, mas, sim, fundada na observação, não se inquietam com seus contestadores nem com aqueles que não compartilham suas ideias. Dizem a si mesmos que a doutrina, ressaltando as leis da Natureza, em vez de se apoiar sobre sua violação, não pode deixar de prevalecer, quando essas novas leis forem reconhecidas.

A ideia da existência de seres intermediários entre o Homem e Deus não é nova, como se sabe. Mas imaginava-se geralmente que esses seres formavam criações à parte, as religiões os designaram com os nomes de anjos ou demônios. Os pagãos chamavam de deuses. O Espiritismo,

vindo provar que esses seres são apenas as almas dos homens, que chegaram aos diferentes graus da escala espiritual, reconduz a criação à unidade grandiosa, que é a essência das leis divinas. Em vez de um grande número de criações estacionárias, que acusariam a Divindade de capricho ou parcialidade, há apenas uma criação, essencialmente progressiva, sem privilégio para nenhuma criatura. Cada individualidade eleva-se do embrião ao estado de desenvolvimento completo, como o germe da semente chega ao estado de árvore. O Espiritismo mostra-nos, então, a unidade, a harmonia, a justiça da criação. Para ele, os demônios são as almas atrasadas, ainda manchadas pelos vícios da Humanidade. Os anjos são essas mesmas almas, depuradas e desmaterializadas, e entre esses dois pontos extremos, há a multidão de almas, que chegaram aos diferentes degraus da escala progressiva. Por aí se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal.

Quanto à questão proposta: “qual é, nos fenômenos espíritas ou sonâmbulos, o limite entre a ação própria da alma humana e onde começa a dos Espíritos?” Diremos que esse limite não existe, ou melhor, não é absoluto. A partir do instante em que não são espécies diferentes, que a alma é apenas um espírito encarnado e o espírito, uma alma separada dos laços terrenos, que é o mesmo ser, em meios diferentes, as faculdades e as aptidões devem ser as mesmas. O sonambulismo é um estado transitório entre a encarnação e a desencarnação, uma separação parcial, um pé colocado, por antecipação, no mundo espiritual.

A alma encarnada ou, se quiser, o próprio Espírito do sonâmbulo ou do médium pode então fazer quase o que faria a alma desencarnada e até mais, se for mais adiantada, com a diferença, entretanto, de que, por sua separação completa, a alma livre tem percepções especiais, inerentes a seu estado.

Às vezes, é difícil fazer a distinção entre o que, em um efeito, é o produto direto da alma do médium e o que provém de uma fonte estranha, porque, muito frequentemente, essas duas ações se confundem e se corroboram. Assim é que, nas curas pela imposição das mãos, o Espírito do médium pode agir só ou com a assistência de outro Espírito, que a inspiração poética ou artística pode ter uma dupla origem. Mas o

fato de que uma distinção seja difícil não quer dizer que seja impossível. A dualidade, muitas vezes, é evidente e, em todos os casos, se sobressai quase sempre por uma observação atenta.

CAUSA E NATUREZA DA CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA

Explicação do fenômeno de lucidez

As percepções que ocorrem no estado de sonambulismo, sendo de natureza diferente das que ocorrem no estado de vigília, não podem ser transmitidas pelos mesmos órgãos. É constante, nesse caso, que a visão não se efetue pelos olhos, que geralmente estão fechados e que podem mesmo estar cobertos, para descartar qualquer suspeita. Por outro lado, enxergar a distância e através de corpos opacos exclui a possibilidade do uso dos órgãos comuns da visão. É preciso, então, admitir, no estado de sonambulismo, o desenvolvimento de um novo sentido, foco de aptidões inatas e de percepções novas, que nos são desconhecidas e que só podemos perceber por analogia e raciocínio. Essa concepção não é impossível, mas qual o foco desse sentido? Não é fácil determiná-lo com exatidão. Os próprios sonâmbulos não fornecem nenhuma indicação precisa, nesse aspecto. Tanto é que, para ver melhor, alguns colocam os objetos sobre o epigástrico¹, outros sobre a frente e outros sobre o occipital². Então, esse sentido não parece circunscrito a um lugar determinado. Entretanto

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Epigástrico: parte superior do abdome, entre os dois hipocôndrios, que, segundo o dicionário *Aurélio – Século XXI*, são cada uma das duas regiões abdominais superiores e laterais, direita e esquerda

⁽²⁾ **Nota da tradução:** Occipital – parte da cabeça.

é certo que sua maior atividade se localiza nos centros nervosos. É certo que o sonâmbulo vê. Por onde e como? É o que ele próprio não consegue definir.

Lembramos, no entanto, que, no estado de sonambulismo, os fenômenos da visão e as sensações que o acompanham não são essencialmente diferentes dos que ocorrem no estado normal. Assim, apenas usaremos o verbo *ver*, para a comparação, na ausência de um termo melhor, que nos falta, naturalmente, para designar algo desconhecido. Uma pessoa cega de nascença não teria uma palavra específica para expressar *a luz* e relacionaria as sensações que experimenta a alguma daquelas que compreende, por lhe ser familiar.

Procurava-se explicar a um cego a impressão viva e brilhante de uma luz sobre seus olhos. *Eu compreendo*, diz ele, *é como o som do trompete*. Outro, um pouco mais simples, sem dúvida, a quem se tentava fazer compreender a emissão de feixes de raios ou cones luminosos, respondeu: *Ah, sim, é como um pão de açúcar*. Estamos nas mesmas condições, sob o ponto de vista da lucidez do sonâmbulo. Somos verdadeiros cegos e, como eles, em relação à luz, a comparamos ao que, para nós, tem mais analogia com nossa aptidão visual. Mas, se quisermos estabelecer uma analogia absoluta entre essas duas faculdades e julgar uma pela outra, necessariamente nos enganaremos, como os dois cegos que acabamos de citar. Está aí o erro de quase todos aqueles que procuram supostamente se convencer pela experiência. Querem submeter a clarividência do sonâmbulo às mesmas provas que da visão comum, sem nem sonhar que a única relação que existe entre elas é o nome que lhes damos e, como os resultados nem sempre correspondem ao que esperam, acham mais simples negá-la.

Se procedermos por analogia, diremos que o fluido magnético, espalhado por toda a natureza e cujos corpos animados parecem ser os principais hospedeiros, é o veículo da clarividência do sonâmbulo, como o fluido luminoso é o veículo das imagens percebidas por nossa faculdade visual. Ora, da mesma forma que o fluido luminoso torna transparentes os corpos que atravessa livremente, o fluido magnético, que penetra em todos os corpos, sem exceção, faz com que não existam corpos opacos

para os sonâmbulos. Essa é a explicação mais simples e a mais material da lucidez, sob nosso ponto de vista. Acreditamos que esteja certa, porque o fluido magnético desempenha, incontestavelmente, um papel importante nesse fenômeno, mas não saberia elucidar todos os fatos. Há outra, que abarca todos os fatos, para a qual são indispensáveis algumas explicações preliminares.

Na visão a distância, o sonâmbulo não distingue um objeto longínquo, da maneira como poderíamos fazer, com binóculos. *Não é o objeto que se aproxima dele, por uma ilusão de ótica, é ele quem se aproxima do objeto.* Vê precisamente como se estivesse ao lado do objeto, vê a si próprio no lugar que observa. Em uma palavra, transporta-se para o lugar que observa. Seu corpo, nesse momento, fica sempre prostrado, sua fala é mais surda, o som de sua voz tem qualquer coisa de estranho. A vida animal parece se extinguir nele, a vida espiritual está inteira aonde seu pensamento o transporta, só a matéria permanece no mesmo lugar. Há então uma porção de nosso ser que se separa de nosso corpo, para se transportar instantaneamente através do espaço, conduzida pelo pensamento e pela vontade. Essa porção é evidentemente imaterial, de outra forma produziria alguns dos efeitos da matéria: é essa parte de nós mesmos que chamamos de *alma*.

Sim, é a alma que dá ao sonâmbulo as faculdades maravilhosas que possui. A alma que, em determinadas circunstâncias, se manifesta, se isolando em parte e momentaneamente de seu invólucro corporal. Para qualquer um que tenha observado atentamente os fenômenos do sonambulismo, em toda sua pureza, a alma é um fato patente e a ideia de que tudo acaba em nós com a vida animal é um contrassenso, demonstrado com todas as evidências. Também pode-se dizer que o magnetismo e o materialismo são incompatíveis. Se há alguns magnetizadores que parecem se descartar desta regra e que professam as doutrinas materialistas, é porque sem dúvida só fizeram um estudo muito artificial dos fenômenos físicos do magnetismo e não procuraram seriamente a solução para o problema da visão a distância. Seja quem for, jamais vimos um único sonâmbulo que não fosse penetrado por um profundo sentimento religioso, *independente do que pudessem ser suas opiniões, no*

estado de vigília.

Voltemos à teoria da lucidez. Na alma, sendo ela o princípio das faculdades do sonâmbulo, é que reside necessariamente a clarividência e não em tal ou tal parte circunscrita de nosso corpo. É por isso que o sonâmbulo não pode determinar o órgão dessa faculdade, como determinaria o olho para a vista exterior: ele vê através de todo seu ser moral, quer dizer, por toda sua alma, porque a clarividência é um dos atributos de todas as partes da alma, como a luz é um dos atributos de todas as partes do fósforo. Então por tudo onde a alma pode penetrar, há clarividência. Daí a causa da lucidez dos sonâmbulos, através de todos os corpos, sob os invólucros mais espessos e em todas as distâncias.

Uma objeção apresenta-se naturalmente a esse sistema e devemos nos apressar a respondê-la. Se as aptidões dos sonâmbulos são as mesmas da alma separada da matéria, por que não são constantes? Por que alguns sujeitos são mais lúcidos que outros? Por que a lucidez é variável no mesmo sujeito? Concebe-se a imperfeição física de um órgão, porém não se concebe a da alma.

A alma tem laços misteriosos com o corpo, que não nos tinham sido dados a conhecer, antes que o Espiritismo tivesse demonstrado a existência e o papel do perispírito.

Não nos detenhamos mais tempo sobre esta questão aqui, porque já foi tratada de maneira especial na *Revista Espírita* e nas obras fundamentais da doutrina. Limitar-nos-emos a dizer que é por nossos órgãos materiais que a alma se manifesta ao exterior. Em nosso estado normal, essas manifestações são naturalmente subordinadas à imperfeição do instrumento, da mesma forma que o melhor operário não pode fazer um trabalho perfeito com ferramentas ruins. Por mais admirável que seja a estrutura de nosso corpo, por melhor que tenha sido a providência da natureza ao dotar nosso organismo, para a realização das funções vitais, esses órgãos, submetidos a todas as perturbações da matéria, estão longe da sutileza de nossa alma. Também pelo muito tempo que a alma se prende ao corpo, acaba sofrendo seus entraves e instabilidades.

O fluido magnético não é a alma. É um laço, um intermediário entre a alma e o corpo. É por sua maior ou menor ação sobre a matéria,

que torna a alma mais ou menos livre. Daí a diversidade das aptidões sonâmbulas. O sonâmbulo é um homem que só está desembaraçado de uma parte de suas roupas e cujos movimentos ainda são dificultados pelas partes que lhe restam.

A alma só terá sua plenitude e inteira liberdade de faculdades, quando tiver sacudido as últimas roupas terrenas, como a borboleta saída de sua crisálida. Se um magnetizador tivesse suficiente poder para dar à alma uma liberdade absoluta, o laço terreno seria rompido e haveria a morte como consequência imediata. O sonambulismo nos faz, então, colocar um pé na vida futura, afasta um canto do véu, sob o qual se escondem as verdades que o Espiritismo nos faz antever hoje. Mas só a conheceremos em sua essência, quando estivermos inteiramente desembaraçados da vida material que a obscurece aqui embaixo.

A SEGUNDA VISTA – CONHECIMENTO DO FUTURO – PREVISÕES

Se, no estado de sonambulismo, as manifestações da alma se tornam, de alguma maneira, ostensivas, seria absurdo pensar que, no estado normal, ela ficasse confinada em seu invólucro, de uma maneira absoluta, como o caramujo fechado em sua concha. Não é absolutamente a influência magnética que a desenvolve. Essa influência apenas a torna patente pela ação que exerce sobre os órgãos do corpo. Ora, o estado de sonambulismo não é sempre uma condição indispensável para essa manifestação. As faculdades que temos visto se produzirem nesse estado, para alguns indivíduos, se desenvolvem algumas vezes, espontaneamente, no estado normal. Têm, assim, a faculdade de ver além dos limites de nossos sentidos. Percebem as coisas ausentes, em todas as partes em que a alma estende sua ação. Eles veem, se podemos usar esse verbo, através da visão comum, e os quadros que descrevem, os fatos que contam, se lhes apresentam como por efeito de uma miragem. É o fenômeno chamado de *segunda visão*. No sonambulismo, a clarividência é produzida pela causa. A diferença é que, neste estado, é isolada, independente da visão corporal, enquanto que naqueles que são dotados de clarividência no estado de vigília é simultânea.

A segunda vista quase nunca é permanente. Em geral, esse fenômeno se produz espontaneamente, em certos momentos, sem ser um efeito da vontade, e provoca uma espécie de crise, que algumas vezes modifica

sensivelmente o estado físico: o olho tem alguma coisa de vago, parece olhar sem ver, toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação.

Nota-se que as pessoas que têm essa faculdade não a colocam em dúvida, parece-lhes natural, como a de ver com os olhos. Elas a consideram um atributo de seu ser e de forma alguma lhes parece excepcional. Junte-se a isso que o esquecimento, frequentemente, vem em seguida a essa lucidez passageira, cuja lembrança, cada vez mais vaga, acaba por desaparecer, como a de um sonho.

Há gradações infinitas, no poder da segunda visão, desde a sensação confusa até a percepção tão clara e tão nítida quanto no sonambulismo. Falta-nos um termo para designar esse estado especial e, sobretudo, designar os indivíduos que possuem essa aptidão: temos nos servido do termo *vidente* e embora não reflita exatamente a ideia, nós o adotaremos até nova ordem, na falta de um melhor.

Se aproximamos, agora, os fenômenos da clarividência em estado de sonambulismo dos da segunda visão, compreendemos que o vidente possa ter a percepção sobre coisas ausentes. Como o sonâmbulo, ele vê a distância, segue o curso dos acontecimentos, com domínio do que vê, e pode, em alguns casos, prever-lhes o final.

É esse dom da segunda visão que, em estado rudimentar, dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos, que se pode chamar de exatidão de golpe de vista moral. Ainda mais desenvolvido, ele mostra os acontecimentos consumados ou a ponto de se consumar. Enfim, quando chega a seu apogeu, é o êxtase acordado.

O fenômeno da segunda visão, como dissemos, é quase sempre natural e espontâneo, mas parece se produzir mais frequentemente em determinadas circunstâncias. Os tempos de crise, de calamidade, de grandes emoções, todas as causas, enfim, que superexcitam a moral, provocam seu desenvolvimento. Parece que a Providência, diante de perigos iminentes, multiplica em torno de nós a faculdade de preveni-los.

Houve videntes em todos os tempos e em todas as nações. Parece que alguns povos são mais naturalmente predispostos. Diz-se que na Escócia o dom da segunda visão é muito comum. Encontra-se também com muita frequência entre as pessoas do campo e os habitantes das montanhas.

Os videntes foram encarados de formas diferentes, de acordo com os tempos, os costumes e o grau de civilização. Para as pessoas céticas, passam como tendo problemas mentais, alucinados. As seitas religiosas fizeram deles os profetas, as sibilas, os oráculos. Nos séculos de superstição e de ignorância, foram os bruxos, que eram queimados. Para o homem sensato, que acredita no poder infinito da natureza e na inesgotável bondade do Criador, a dupla visão é uma faculdade inerente à espécie humana, pela qual Deus nos revela a existência de nossa essência material. Quem é que não reconheceria um dom dessa natureza em Joana d’Arc e em uma multidão de outros personagens que a História qualifica como inspirados?

Fala-se com frequência de cartomantes, que disseram coisas surpreendentemente verdadeiras. Longe de nós fazer a apologia dos adivinhos, que exploram a credulidade dos espíritos fracos e cuja linguagem ambígua se presta a todas as combinações de uma imaginação impressionada. Mas não é impossível que existam algumas pessoas que atuem como adivinhos e que tenham o dom da segunda visão, mesmo sem saber. A partir daí, as cartas são apenas um meio em suas mãos, um pretexto, uma base de conversação. Falam a partir do que enxergam e não a partir do que indicam as cartas para as quais apenas olham.¹

O mesmo ocorre com outros meios de adivinhação, como as linhas das mãos, a borra de café, as claras de ovos e outros símbolos místicos. As linhas das mãos talvez tenham mais valor que todos os outros meios, não em si mesmas, mas porque o suposto adivinho, pegando e tocando a mão do consulente, se for dotado de segunda visão, se encontra em relação mais direta com este último, como se verifica nas consultas em estados de sonambulismo.

Os médiuns videntes podem ser colocados na categoria de pessoas que possuem a dupla visão. Como eles, na verdade, os médiuns videntes acreditam ver pelos olhos, mas na realidade é a alma que vê e esta é a razão pela qual enxergam tanto com os olhos fechados como abertos. Deduz-se necessariamente que um cego poderia ser médium vidente

⁽¹⁾ Este ponto de vista de Allan Kardec é inteiramente confirmado pelos trabalhos do Dr. Eugène Osty: *Lucidez e intuição* e *O conhecimento supranormal*.

tão bem quanto o que tem a vista intacta. Um estudo interessante a fazer seria o de saber se essa faculdade é mais frequente entre os cegos. Seríamos levados a crer – convencidos pela experiência – que a falta de comunicação com o exterior, em consequência da ausência de certos sentidos, dá, em geral, mais poder à faculdade de abstração da alma e, em consequência, mais desenvolvimento ao sentido interior, por meio do qual se põe em relação com o mundo espiritual.

Os médiuns videntes podem então ser semelhantes a pessoas que usufruem da vida espiritual, mas seria talvez muito absoluto considerar estas últimas como médiuns, porque a mediunidade consiste unicamente na intervenção dos Espíritos. Então o que se faz por si mesmo não pode ser considerado como um ato mediúnico. Aquele que possui a visão espiritual vê por seu próprio Espírito e nada implica, no desenvolvimento de sua faculdade, a necessidade do concurso de um Espírito estranho.

Isto posto, examinemos até que ponto a faculdade da dupla visão pode permitir descobrir as coisas escondidas e penetrar no futuro.

Em todos os tempos, os homens quiseram conhecer o futuro e o fizeram, dando-se ares de importantes, com os meios inventados pela superstição, para levantar o véu que cobre nosso destino. Escondendo-o, a natureza foi muito sábia. Cada um de nós tem sua missão providencial na grande rede humana e concorre para a obra comum, na sua esfera de atividade. Se soubéssemos antes o fim de cada coisa, não há dúvida de que a harmonia geral seria prejudicada. Um futuro feliz, assegurado, tiraria toda a atividade do Homem, já que não teria necessidade de nenhum esforço para chegar ao fim que se propõe: seu bem-estar. Todas as forças físicas e morais seriam paralisadas e a marcha progressiva da humanidade pararia. A certeza da infelicidade teria as mesmas consequências, pelo efeito do desencorajamento. Cada um renunciaria a lutar contra a sentença definitiva do destino. O conhecimento absoluto do futuro seria, então, um presente funesto que nos conduziria ao dogma da fatalidade, o mais perigoso de todos, o mais antipático ao desenvolvimento das ideias. É essa incerteza sobre o momento de nosso fim aqui embaixo que nos faz trabalhar até o último batimento de nosso coração. O viajante arrastado

por um veículo se abandona ao movimento que deve levá-lo ao fim, sem pensar em fazê-lo desviar-se, porque conhece sua impotência. Tal seria o homem que conhecesse seu destino irrevogável. Se os videntes pudessem infringir esta lei da Providência, seriam iguais à divindade. Também não é essa, de forma nenhuma, sua missão.

No fenômeno da dupla visão, a alma está em parte separada do invólucro material que limita nossas faculdades, por isso não existem nem duração nem distâncias. Abrangendo o tempo e o espaço, tudo se confunde no presente. Livre de seus entraves, julga melhor do que nós os efeitos e as causas, vê as consequências das coisas presentes e pode fazer-nos pressenti-las. É neste sentido que se deve entender o dom de presciência atribuída aos videntes. Suas previsões são o resultado de uma consciência mais nítida sobre o que existe e não uma predição de coisas eventuais, sem laço com o presente. É uma dedução lógica do conhecido, para chegar ao desconhecido, que depende muitas vezes de nossa maneira de agir. Quando um perigo nos ameaça, se somos advertidos, estamos no caso de fazer o que for preciso para evitá-lo, tendo liberdade para fazê-lo ou não.

Em caso semelhante, o vidente encontra-se na presença do perigo, que nos é escondido. Ele o informa, indica o meio de contorná-lo, senão o acontecimento segue seu curso.

Suponhamos um carro em uma estrada, chegando a um abismo que o motorista não pode perceber. É bem evidente que se nada venha a fazê-lo se desviar, o carro vai cair. Suponhamos, por outro lado, um homem colocado em um ponto bem alto, de maneira a vislumbrar a estrada. Vendo a perda inevitável do viajante, pode adverti-lo, para desviar a tempo. O perigo será afastado. De sua posição, dominando o espaço, vê o que o viajante, cuja visão está circunscrita pelos acidentes do terreno, não pode distinguir. Ele pode ver se uma causa eventual vai impedir sua queda, conhece então, com antecedência, o fim do acontecimento e pode predizê-lo.

Que este mesmo homem colocado sobre uma montanha perceba, ao longe, uma tropa inimiga na estrada, se dirigindo para uma cidadezinha, para queimá-la. Ser-lhe-á fácil, calculando o espaço e a velocidade,

prever o momento da chegada da tropa. Se descendo à cidade, disser simplesmente: *a tal hora a cidade será incendiada*, quando acontecer, passará, aos olhos da multidão ignorante, por um adivinho, um bruxo, enquanto que ele simplesmente viu o que os outros não puderam ver e deduziu as consequências. Ora, o vidente, como esse homem, abrange e segue o curso dos acontecimentos, não prevê seu fim, pelo dom da adivinhação, ele o vê! Pode então dizer-lhe se você está em um bom caminho, indicar-lhe o melhor e indicar-lhe o que encontrará no fim da estrada. É para você o fio de Ariadne, que mostra a saída do labirinto².

É bem diferente, como se vê, da predição propriamente dita, na acepção comum da palavra. Nada é retirado do livre-arbítrio do Homem, que permanece sempre livre para agir ou não, para completar ou deixar de completar os acontecimentos, por sua vontade ou por sua inércia. É-lhe indicado um meio para chegar ao fim, para que o use. Imaginá-lo submisso a uma fatalidade inexorável, pelos menores acontecimentos da vida, é deserdá-lo de seu mais belo atributo: a inteligência, é assemelhá-lo a uma besta. O vidente não é de forma nenhuma um adivinho. É um ser que percebe o que nós não vemos, é para nós o cão do cego. Então, nada aqui contraria as vias da Providência para o segredo de nosso destino. Ela mesma nos dá um guia.

É por esse prisma que deve ser encarado o conhecimento do futuro, que têm algumas pessoas dotadas de dupla visão. Se esse futuro fosse acidental, se dependesse do que se chama de acaso, se não se ligasse às circunstâncias presentes, nenhuma clarividência poderia penetrá-lo e qualquer previsão, neste caso, não teria nenhum acerto. O vidente, e entendemos aqui o verdadeiro vidente, o vidente sério e não o charlatão,

⁽²⁾ **Nota da redação:** Segundo a mitologia grega, um jovem ateniense chamado Teseu soube que sua cidade deveria pagar a Creta um tributo anual, de sete rapazes e sete moças, para serem entregues ao insaciável Minotauro, que se alimentava de carne humana, e pediu para ser incluído entre eles. O Minotauro vivia em um labirinto, constituído por salas e passagens secretas, em um palácio chamado Knossos, cuja construção é atribuída ao arquiteto ateniense chamado Dedalo. Ao chegar à Creta, Teseu conheceu a princesa Ariadne, filha do rei Minos, que se apaixonou por ele. Para salvá-lo, Ariadne pediu a Dedalo a planta do palácio, pois acreditava que o jovem conseguiria matar o Minotauro, mas se perderia, sem sair do labirinto. Deu-lhe um novelo, recomendando que o desenrolasse à medida em que entrasse no labirinto, para encontrar a saída. Teseu usou essa estratégia, matou o Minotauro e, com a ajuda do fio de Ariadne, encontrou o caminho de volta.

que simula a vidência, o verdadeiro vidente, afirmamos, não diz nada do que se chama comumente de ler a sorte. Ele prevê a saída para o presente, nada mais, e isso já é bastante.³

Quantos erros, quantos falsos modos de pensar, quantas tentativas inúteis evitaríamos, se tivéssemos sempre um guia seguro para nos esclarecer! Quantos homens estão deslocados no mundo, por não terem sido lançados no caminho que a natureza havia traçado para suas faculdades! Quantos fracassos, por ter seguido uma obstinação irrefletida! Uma pessoa poderia ter dito: “Não emprenda tal coisa, porque suas faculdades intelectuais são insuficientes, porque não convém nem à seu caráter nem a sua constituição física, ou ainda porque você não será ajudado de acordo com sua necessidade. Ou então porque você se engana sobre o alcance desta coisa, porque encontrará tal entrave, que não está prevenido”. Em outra circunstância, teria dito: “Você vencerá em tal coisa, se agir de tal ou de tal maneira, se evitar tal comportamento, que pode comprometê-lo”. Sondando as disposições e os caracteres, diria: “Desconfie de tal peça que querem lhe pregar”. Depois, completaria: “Você está prevenido, meu papel acabou. Eu mostro o perigo, se sucumbir, não acuse nem a sorte, nem a fatalidade, nem a Providência, mas apenas você mesmo. O que pode fazer o médico, quando o doente não leva a sério suas receitas?”

⁽³⁾ A opinião de Allan Kardec de que não existe “fatalidade inexorável”, que o futuro está ligado às circunstâncias presentes e que o vidente “prevê a saída para o presente, nada mais” é confirmada pelos trabalhos experimentais do Dr. Eugène Osty, diretor do Instituto Metafísico Internacional, de 1925 a 1938, que assim se exprime, em sua obra *O conhecimento supranormal* (cap. II, p. 280, Alcan, Paris, 1923): “Não tardamos a nos assegurar de que o pré-conhecimento é um conhecimento variável, em elaboração constante e progressiva, e é evolutivo como a vida, é vivo, como se a modalidade transcendental do pensamento de cada um, conhecedora da direção geral e dos acontecimentos preponderantes da existência, se informasse progressivamente sobre os elementos circunstanciais de seu pré-conhecimento, à medida que a personalidade humana avança na atualização de sua trajetória, em meio ao escoamento da vida ambiente”.

Camille Flammarion também achava que a premonição não implica a fatalidade e que o livre-arbítrio pode modificar os acontecimentos.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FOTOGRAFIA E DA TELEGRAFIA DO PENSAMENTO

A ação fisiológica de indivíduo para indivíduo, com ou sem contato, é um fato incontestável. Evidentemente, essa ação só pode ser exercida por um agente intermediário, de que nosso corpo é o reservatório, nossos olhos e nossos dedos, os principais órgãos de emissão e de direção. Esse agente invisível é necessariamente um fluido. Qual é sua natureza? Sua essência? Quais são suas propriedades interiores? É um fluido especial ou uma modificação da eletricidade ou de qualquer outro fluido conhecido? Seria o que se chamava até há pouco tempo de fluido nervoso? Ou antes, não seria o que chamamos hoje de fluido cósmico, quando está esparraçado na atmosfera, e de fluido perispiritual, quando está individualizado?

De resto, esta questão é secundária.

O fluido perispiritual é imponderável, como a luz, a eletricidade e a caloria. É invisível, em estado normal, e só se revela por seus efeitos. Mas se torna visível, no estado de sonambulismo lúcido e, mesmo no estado de vigília, para as pessoas dotadas de dupla visão. No estado de emissão, apresenta-se sob a forma de feixes luminosos, muito parecidos com a luz elétrica difundida no vazio. É apenas a isto, enfim, que se limita

sua analogia com este último fluido, porque não produz, pelo menos ostensivamente, nenhum dos fenômenos físicos que conhecemos. No estado comum, reflete tonalidades diversas, de acordo com o indivíduo de quem emana, ora um vermelho fraco, ora um azulado ou acinzentado, como uma leve bruma. Geralmente, esparrama sobre os corpos que rodeia uma nuance amarelada, mais ou menos acentuada.

Os relatos dos sonâmbulos e dos videntes sobre essa questão são idênticos. Teremos oportunidade de voltar ao assunto, falando sobre as qualidades impressas no fluido, pelo corpo que os coloca em movimento e pelo adiantamento do indivíduo que os emana.

Nenhum corpo lhe é obstáculo. Ele os penetra e atravessa todos. Até o presente, não se conhece nenhum corpo capaz de isolá-lo. Somente a vontade pode estender ou restringir sua ação. A vontade, com efeito, é seu princípio mais poderoso. Pela vontade, as pessoas dirigem as emanações através do espaço, acumulam o fluido sobre um determinado ponto, saturam certos objetos, ou o retiram de lugares onde superabundam. Digamos, de passagem, que é neste princípio que está fundada a força magnética. Ele parece, enfim, ser o veículo da visão psíquica, como o fluido luminoso é o veículo da vista normal.

O fluido cósmico, se bem que seja emanado por uma fonte universal, se individualiza, por assim dizer, em cada ser e adquire propriedades características, que permitem distingui-lo entre todos. Assim, pudemos nos convencer de que mesmo a morte não apaga esses caracteres de individualização, que persistem muitos anos, após o fim da vida. Cada um de nós, então, tem seu fluido próprio, que nos cerca e nos segue em todos nossos movimentos, como a atmosfera segue cada planeta. A extensão do brilho dessas atmosferas individuais é muito variável. Em um estado de repouso absoluto do Espírito, esse brilho pode ser circunscrito ao limite de alguns passos. Mas, sob o império da vontade, pode atingir distâncias infinitas. A vontade parece dilatar o fluido, como o calor dilata o gás. As diferentes atmosferas particulares se encontram, se cruzam, se misturam, sem jamais se confundir absolutamente, como as ondas sonoras, que permanecem distintas, apesar do imenso número de sons que vibram simultaneamente no ar. Pode-se dizer que cada indivíduo é o centro de

uma onda fluídica, cuja extensão é proporcional à força e à vontade, como cada ponto vibrante é o centro de uma onda sonora, cuja extensão é proporcional à força da vibração. A vontade é a causa propulsiva do fluido, como o choque é a causa vibrante do ar e propulsiva das ondas sonoras.

Das qualidades particulares de cada fluido resulta entre eles uma espécie de harmonia ou de desarmonia, uma tendência a se unir ou a se evitar, uma atração ou repulsão, em uma palavra, simpatias ou antipatias, que se experimenta muitas vezes, sem causas determinantes conhecidas. Quando se está na atmosfera de atividade de um indivíduo, sua presença, muitas vezes, nos é revelada pela impressão agradável ou desagradável, que sentimos de seu fluido! Se estamos entre pessoas com quem não partilhamos sentimentos, cujos fluidos não se harmonizam com o nosso, sentimos uma reação sofrida nos oprimir e nos encontramos nesse meio, como uma nota dissonante em um concerto! Ao contrário, quando muitos indivíduos estão reunidos em uma comunidade de visões e de intenções semelhantes, os sentimentos de cada um se exaltam, na mesma proporção da massa das influências dominantes. Quem não conhece a força do entusiasmo, que domina as aglomerações em que há homogeneidade de pensamentos e de vontade? Não se faz ideia de a quantas influências estamos, assim, submetidos, à nossa revelia.

Essas influências ocultas não podem ser a causa de certos pensamentos, desses pensamentos que nos são comuns no mesmo instante, com certas pessoas, desses vagos pressentimentos que nos fazem pensar: há alguma coisa no ar, que pressagia tal ou qual acontecimento? Enfim, certas sensações indefiníveis de bem-estar ou de mal-estar, de alegria ou de tristeza, não seriam o efeito da reação ao meio fluídico em que estamos, das emanções simpáticas ou antipáticas que recebemos e que nos envolvem, como as emanções de um corpo perfumado? Não saberíamos nos pronunciar afirmativamente sobre essas questões, de uma maneira absoluta, mas ao menos convenhamos que a teoria do fluido cósmico individualizado em cada ser, com o nome de fluido perispiritual, abre um campo muito novo para a solução de um imenso número de problemas, até agora inexplicáveis.

Cada um, em seu movimento de translação, traz consigo sua atmosfera fluídica, como o caramujo carrega sua concha. Mas esse fluido deixa traços de sua passagem, deixa como que um rastro luminoso, inacessível a nossos sentidos, no estado de vigília, mas que serve aos sonâmbulos, ao videntes e aos Espíritos desencarnados, para reconstruir os fatos acontecidos e analisar o motivo que os fez acontecerem.

Toda ação física ou moral, evidente ou oculta, de um ser sobre si mesmo ou sobre outro, supõe de um lado um poder ativo e, de outro, uma sensibilidade passiva. Em todas as coisas, duas forças iguais se neutralizam e a fraqueza cede lugar à força. Ora, os homens não são dotados com a mesma energia fluídica. Dito de outra forma, o fluido perispiritual não tem o mesmo poder ativo, em todas as pessoas, o que explica porque, em alguns, esse poder é quase irresistível, enquanto é quase nulo em outros, porque muitas pessoas são bastante acessíveis à sua ação, enquanto que outras lhe são resistentes.

Essa superioridade e essa inferioridade relativas dependem, evidentemente, da organização. Mas seria um erro acreditar que existem em função da força ou da fraqueza físicas. A experiência prova que, algumas vezes, os homens mais robustos sofrem as influências fluídicas mais facilmente do que outros, de constituição muito mais delicada, enquanto que se encontra nestes últimos uma força, cuja aparência frágil não permitiria imaginar. Pode-se explicar de diversas maneiras essa diversidade do modo de ação.

O poder fluídico, aplicado à ação recíproca dos homens, uns sobre os outros, isto é, ao magnetismo, pode depender: 1^a) da soma de fluido que cada um possui; 2^a) da natureza intrínseca do fluido de cada um, abstraindo-se a quantidade; 3^a) do grau de energia da força impulsiva. Talvez mesmo destas três causas reunidas. Na primeira hipótese, aquele que tem mais fluido o doará ao que tem menos, que o receberá. Haveria, neste caso, analogia perfeita com a troca de calor, que fazem entre si dois corpos que se colocam em equilíbrio de temperatura. Seja qual for a causa dessa diferença, podemos perceber o efeito que produz, supondo três pessoas, cujo poder representaremos por três números: 10, 5 e 1. O 10 agirá sobre o 5 e sobre o 1, mas agirá mais energicamente sobre o 1

do que sobre o 5. O 5 agirá sobre o 1, mas será impotente sobre o 10. Enfim, o 1 não agirá sobre nenhum dos outros dois. Esta seria a razão pela qual certas pessoas são sensíveis à ação de um determinado magnetizador e insensíveis a outro.

Pode-se, ainda, até um certo ponto, explicar esse fenômeno, reportando-se às considerações precedentes. Dissemos, com efeito, que os fluidos individuais são simpáticos ou antipáticos, uns em relação aos outros. Ora, não poderia acontecer que a ação recíproca de dois indivíduos ocorresse em razão da simpatia dos fluidos, isto é, de sua tendência a se juntar, por uma espécie de harmonia, como as ondas sonoras produzidas pelos corpos vibrantes? É indubitável que essa harmonia ou simpatia de fluidos é uma condição, senão absolutamente indispensável, ao menos muito preponderante e que, quando há desacordo ou antipatia, a ação só pode ser fraca ou inexistente. Esse sistema nos explica bem as condições prévias para a ação, mas não nos diz de que lado está o poder e, admitindo o sistema, somos forçados a recorrer à nossa primeira suposição.

De resto, que o fenômeno aconteça por uma ou por outra dessas causas, não elimina nenhuma das consequências. O fato existe. É o essencial. Os da luz se explicam igualmente pela teoria da emissão e pela das ondulações. Já os da eletricidade, pelos fluidos positivo e negativo, vítreo e resinoso.

Em um próximo estudo, apoiando-nos nas considerações precedentes, procuraremos estabelecer o que entendemos por fotografia e telegrafia do pensamento.

Fotografia e telegrafia do pensamento

A fotografia e a telegrafia do pensamento são questões até agora apenas esboçadas. Como todas aquelas que não estão relacionadas com as leis que, por essência, devem ser universalmente conhecidas, foram relegadas a segundo plano, se bem que sua importância seja capital e que os elementos de estudos que englobam possam concorrer para esclarecer muitos problemas que permanecem até agora sem solução.

Quando um artista de talento pinta um quadro, a obra magistral a que consagra toda a genialidade, que adquiriu progressivamente, estabelece, de início, os grandes grupos de figuras, de modo que se compreenda, desde o esboço, a que resultado quer chegar. Somente após ter elaborado minuciosamente seu plano geral, é que começa a execução dos pormenores. E, se bem que este último trabalho talvez deva ser tratado com mais cuidado do que o esboço, seria impossível, se este esboço não o tivesse precedido. Ocorre a mesma coisa com o Espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no Espírito de todo ser criado, devem ter sido elaboradas desde a origem. Todas as outras questões, sejam quais forem, dependem das primeiras. Essa é a razão que fez, por algum tempo, ser negligenciado seu estudo direto.

Com efeito, não se pode, logicamente, falar de fotografia e de telegrafia do pensamento, antes de ter demonstrado a existência da alma, que manobra os elementos fluídicos, e a existência dos fluidos, que permitem estabelecer relações entre duas almas diferentes. Ainda hoje, talvez quase não estejamos suficientemente esclarecidos para a elaboração definitiva desses imensos problemas! Entretanto, tentaremos, aqui, algumas considerações, que certamente não ficarão deslocadas, para preparar um estudo mais completo no futuro.

O Homem, sendo limitado em seus pensamentos e aspirações, tendo seus horizontes limitados, para ter uma lembrança apreciável de todas as coisas, precisa necessariamente solidificá-las e rotulá-las, e basear seus estudos futuros sobre os dados adquiridos. As primeiras noções do conhecimento lhe chegam pelo sentido da visão. É a imagem de um objeto que o faz apreender que esse objeto existe. Conhecendo muitos objetos, tirando deduções sobre as diferentes impressões que produziram sobre seu ser interior, fixou-lhes a essência, em sua inteligência, pelo fenômeno da memória. Ora, a memória é uma espécie de álbum, mais ou menos volumoso, que se folheia, para reencontrar as ideias apagadas e recordar os acontecimentos desaparecidos! Esse álbum tem marcadores, nos lugares importantes, pelos quais a gente se lembra imediatamente de alguns fatos. É preciso folhear muito tempo, para lembrar de alguns outros.

A memória é como um livro! Aquele de que já conhecemos algumas passagens, as apresenta facilmente diante dos olhos. As páginas virgens ou raramente percorridas devem ser viradas uma a uma, para recordar um fato, para o qual se tinha dado pouca atenção.

Quando o Espírito encarnado se lembra, sua memória lhe apresenta, de alguma maneira, a fotografia do fato que procura. Em geral, os encarnados que o cercam não veem nada, o álbum está em um lugar inacessível à sua vista. Mas os Espíritos desencarnados veem e folheiam conosco. Em certas circunstâncias, podem mesmo ter a intenção de ajudar ou de atrapalhar nossa pesquisa.

O que se produz do encarnado para o Espírito desencarnado acontece da mesma forma do Espírito para o vidente. Quando se evoca a lembrança de certos fatos na existência de um Espírito, é-lhe apresentada a fotografia desses fatos. E o vidente, cuja condição espiritual é análoga à do Espírito livre, vê como ele e vê mesmo em algumas circunstâncias em que o Espírito não vê por si mesmo. Da mesma maneira, um desencarnado pode folhear a memória de um encarnado, sem que esse último tenha consciência, e lembrar-lhe de fatos esquecidos há muito tempo. Quanto aos pensamentos abstratos, por isso mesmo eles existem, tomam um corpo, para impressionar o cérebro, devem agir naturalmente sobre ele, ficarem ali gravados, de alguma maneira. Neste caso, ainda, como no primeiro, parece perfeita a semelhança entre os fatos que existem na terra e no espaço.

O fenômeno da fotografia do pensamento já foi objeto de algumas reflexões na *Revista*. Para maior clareza, reproduzimos algumas passagens do artigo em que esse assunto foi tratado e completamos com novas observações.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, esse pensamento age sobre eles como o som age sobre o ar. Trazem o pensamento, como o ar traz o som. Na verdade, pode-se dizer que há ondas e raios de pensamento nos fluidos, que se cruzam sem se confundir, como há, no ar, ondas e raios sonoros.

Há mais: o pensamento, criando *imagens fluidicas*, se reflete no invólucro perispiritual, como em um espelho, ou ainda como se essas imagens

de objetos terrenos se refletissem nos vapores do ar. O vapor apreende um corpo e de alguma maneira é fotografado. Quando um homem, por exemplo, tem a ideia de matar outro, por mais impassível que fique seu corpo material, seu corpo fluídico é colocado em ação e reproduz todas as nuances do pensamento. Executa fluidicamente o gesto, o ato que tem intenção de realizar. Seu pensamento cria a imagem da vítima e a cena toda é desenhada, como em um quadro, tal como está em seu Espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no invólucro fluídico, que uma alma pode ler em outra, como em um livro, e ver o que não é perceptível para os olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem sobre os traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza. Mas a alma vê nos traços da alma os pensamentos, que não se mostram no exterior.

Entretanto, se, vendo a intenção, a alma pode pressentir a realização de um ato, que se dará em seguida, não pode determinar o momento em que se dará, nem precisar os pormenores, nem mesmo afirmar se acontecerá mesmo, porque circunstâncias posteriores podem modificar os planos decididos e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não está no pensamento. O que vê é a preocupação do momento ou habitual do indivíduo, seus desejos, projetos, suas boas ou más intenções. Daí ocorrerem erros nas previsões de alguns videntes. Quando um acontecimento é subordinado ao livre-arbítrio de um homem, os videntes só podem pressentir a possibilidade, a partir de um pensamento que veem, mas não afirmar que acontecerá de tal maneira e em tal momento. A maior ou menor exatidão das previsões depende, por outro lado, da extensão e da clareza da visão psíquica. Em alguns indivíduos, Espíritos ou encarnados, é limitada a um ponto ou é difusa, enquanto que em outros é nítida e abarca o conjunto dos pensamentos e das vontades, que concorrem para a realização de um fato. Mas, acima de tudo, está sempre a vontade superior, que pode, em sua sabedoria, permitir ou impedir uma revelação. Neste último caso, um véu impenetrável é jogado sobre a mais perspicaz visão psíquica. (Ver, em *A Gênese*, o capítulo XVI sobre a *Teoria da Presciência*)

A teoria das criações fluídicas e, em seguida, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e pode ser, de agora em

diante, considerada como conhecida, em princípio, salvo as aplicações de detalhes, que serão o resultado da observação. Este fenômeno é incontavelmente a fonte das visões fantásticas e deve desempenhar um importante papel em certos sonhos.

Quem, na Terra, sabe de que maneira se produziram os primeiros meios de comunicação do pensamento? Como foram inventados ou, talvez, encontrados? Porque não se inventa nada, tudo existe em estado latente. Cabe aos homens procurar os meios de fazer funcionar as forças que lhes oferece a Natureza. Quem sabe o tempo que foi necessário para se usar a palavra de um modo completamente inteligível?

O primeiro que soltou um grito desarticulado tinha uma certa consciência do que queria exprimir, mas aqueles a quem se dirigia, de início, não compreenderam nada. Por um longo tempo, existiram palavras combinadas, depois, frases curtas e, enfim, os discursos completos. Quantos milhares de anos não foram necessários, para que a Humanidade chegasse ao ponto em que está hoje?! Cada progresso no modo de comunicação, de relação entre os homens, foi constantemente marcado por uma melhora no estado social dos seres. À medida que as relações de indivíduo para indivíduo se tornam mais estreitas, mais regulares, sente-se a necessidade de um novo modo de linguagem, mais rápido, mais capaz de colocar os homens em relação, instantânea e universalmente, uns com os outros. Por que o que acontece no mundo físico, pela telegrafia elétrica, não se daria no mundo moral de encarnado para encarnado, por telegrafia humana? Por que as relações ocultas, que unem mais ou menos conscientemente os pensamentos dos homens e dos Espíritos, pela telegrafia espiritual, não se generalizariam entre os homens, de uma maneira consciente?

A telegrafia humana! Eis aqui o que certamente vai provocar o riso daqueles que se recusam a admitir qualquer coisa que não esteja no plano material. Mas o que importa a zombaria dos presunçosos? Todas suas negações não impedirão as leis naturais de seguir seu curso e de encontrar novas aplicações, à medida que a inteligência humana estiver em condições de sentir-lhes os efeitos.

O Homem tem uma ação direta sobre as coisas e sobre as pessoas que o cercam. Muitas vezes, uma pessoa que não se leva muito a sério exerce uma influência decisiva sobre outras, que têm uma reputação bem superior. Isso significa que, sobre a Terra, se veem muito mais máscaras do que rostos e que os olhos são obscurecidos pela vaidade, o interesse pessoal e todas as más paixões. A experiência demonstra que se pode agir sobre o Espírito dos homens, sem que eles saibam. Um forte pensamento superior, para usar essa expressão, pode, então, segundo sua força e elevação, atingir mais ou menos homens que não têm nenhuma consciência da maneira como esse pensamento lhe chega. Da mesma forma, muitas vezes, aquele que emite o pensamento não tem consciência do efeito produzido por essa emissão. Está aí um jogo constante de inteligências humanas e de sua ação recíproca de umas sobre as outras. Junte a isso a ação daquelas inteligências que estão desencarnadas e calcule, se puder, o poder incalculável dessa força composta de tantas forças reunidas.

Se fosse possível pôr em evidência imenso mecanismo que o pensamento coloca em jogo e os efeitos que produz, de um indivíduo para outro, de um grupo para outro, e enfim da ação universal dos pensamentos dos homens, uns sobre os outros, o Homem ficaria deslumbrado! Sentir-se-ia aniquilado diante dessa infinidade de pormenores, diante dessas redes inumeráveis, unidas entre si, por uma poderosa vontade e agindo harmonicamente para atingir um objetivo único: o progresso universal.

Pela telegrafia do pensamento, o Homem apreciará, em todo o seu valor, a lei da solidariedade, refletindo que não há um único pensamento, seja criminoso, seja virtuoso ou qualquer outro, que não tenha uma ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles. E, se o egoísmo o fazia desconhecer as consequências para os outros de um pensamento pessoal perverso, ele chegará, por esse mesmo egoísmo, a pensar bem, para aumentar o nível moral geral, pensando nas consequências, sobre ele mesmo, de um mau pensamento de outras pessoas.

Não seriam uma consequência da telegrafia do pensamento essas emoções misteriosas que nos avisam sobre a alegria ou o sofrimento

de um ente querido que está longe de nós? Não é a um fenômeno do mesmo tipo que devemos os sentimentos de simpatia ou de repulsa, que nos atraem para alguns espíritos e nos afasta de outros?

Há certamente aí um campo imenso para o estudo e a observação, de que, por enquanto, podemos perceber apenas os esboços. O estudo dos pormenores será a consequência de um conhecimento mais completo das leis que regem a ação dos fluidos de uns sobre os outros.

ESTUDO SOBRE A NATUREZA DO CRISTO

I. Fontes das provas sobre a natureza do Cristo

A questão da natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo e pode-se dizer que ainda não está resolvida, já que é discutida ainda hoje. Foi a divergência sobre esse ponto que fez nascer a maior parte das seitas que dividiram a Igreja durante dezoito séculos, e é notável que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros do clero com diversos títulos. Eram, portanto, homens esclarecidos, a maior parte escritores de talento, alimentados pela ciência teológica, que não consideravam conclusivas as razões invocadas em favor do dogma da divindade do Cristo. Entretanto, como na atualidade, as opiniões se formaram mais baseadas em abstrações do que em fatos. Procurou-se, sobretudo, o que o dogma poderia ter de plausível ou de irracional e foram negligenciados por todas as partes os fatos que poderiam lançar uma luz decisiva sobre a questão.

Mas onde encontrar esses fatos, a não ser nos atos e palavras de Jesus?

Jesus nada escreveu e Seus únicos historiadores, que são os Apóstolos, também nada escreveram, enquanto viveram. Nenhum historiador profano contemporâneo falou sobre Ele e só existe sobre Sua vida e Sua doutrina um único documento, que são os Evangelhos. Então é somente neles que se há de buscar a chave do problema. Todos os escritos posteriores, sem excluir os de Paulo Apóstolo, apenas são e só poderiam ser comentários ou apreciações, reflexos de opiniões pessoais muitas vezes

contraditórias, que não poderiam, em caso algum, ter a autoridade do relato daqueles que receberam as instruções diretas do Mestre.

Sobre essa questão, como em todos os dogmas em geral, a concordância entre os Pais da Igreja e os escritores sagrados não poderia ser evocada como argumento preponderante nem como uma prova irrecusável em favor da opinião deles, já que nenhum pôde citar um único fato sobre Jesus, fora do Evangelho. Nenhum deles descobriu novos documentos, que fossem desconhecidos por seus predecessores.

Os autores sagrados têm todos girado no mesmo círculo: dão sua opinião pessoal, falam sobre as consequências, segundo seu próprio ponto de vista, comentam sob novas formas e desenvolvem mais ou menos as opiniões contraditórias. Todos os do mesmo partido tiveram de escrever na mesma direção, senão nos mesmos termos, sob pena de serem declarados heréticos, como o foram Orígenes¹ e tantos outros. Naturalmente, a Igreja só colocou entre seus Pais os escritores ortodoxos que defendiam os pontos de vista dela. Só exaltou, santificou e colecionou aqueles que tomaram sua defesa, enquanto rejeitou os outros e aniquilou, tanto quanto possível, seus escritos. Então, a concordância dos Pais da Igreja nada tem de conclusivo, já que é uma unidade de escolha formada pela eliminação dos elementos contrários. Se se tornasse público tudo o que foi escrito a favor e contra, se saberia melhor de que lado penderia a balança.

Isto nada tira do mérito pessoal dos que sustentam a ortodoxia nem de seu valor como escritores e homens conscienciosos. São advogados de uma mesma causa, que a defenderam com um incontestável talento e que deveriam forçosamente chegar às mesmas conclusões. Longe de querer denegri-los no que quer que seja, quisemos simplesmente refutar o valor das consequências que se pretende tirar de sua concordância.

No exame que vamos fazer sobre a questão da divindade do Cristo, deixando de lado as sutilezas da escolástica², que só serviram para

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Orígenes nasceu por volta de 185 d.C., em Alexandria. Convertido ao Cristianismo, divulgou abertamente a doutrina da reencarnação, defendida por Sócrates e por Platão (doutrina paligenética), uma das razões por que foi perseguido pela Igreja Romana. Preso e torturado, morreu no ano de 253.

⁽²⁾ **Nota da tradução:** Escolástica: conjunto de doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos séculos IX ao XVII, caracterizadas, sobretudo, pelo problema da relação entre a fé e a razão.

confundir em vez de elucidar, nos apoiaremos exclusivamente nos fatos ressaltados no texto do Evangelho e que, examinados friamente, conscienciosamente e sem parcialidade, fornecem superabundantemente todos os meios de convicção que se pode desejar. Ora, entre esses fatos, não há nenhum mais preponderante nem mais conclusivo do que as próprias palavras do Cristo, palavras que ninguém poderia recusar sem desmentir a veracidade dos apóstolos. Pode-se interpretar uma parábola, uma alegoria, de diferentes maneiras, mas afirmações precisas, sem ambiguidade, cem vezes repetidas, não poderiam ter um duplo sentido. Ninguém melhor do que Jesus saberia o que Ele próprio queria dizer, como ninguém pode pretender estar mais bem informado do que Ele sobre Sua própria natureza. Quando se comentam Suas palavras e se as explica, para evitar qualquer engano, é a Ele que se deve reportar, a menos que se negue a superioridade que lhe é atribuída e que se queira sobrepor à Sua própria inteligência. Se Ele foi obscuro em alguns pontos, no que diz respeito à Sua pessoa não há equívoco possível. Antes do exame das palavras, vejamos os atos.

II. A divindade do Cristo é provada pelos milagres?

Segundo a Igreja, a divindade do Cristo é estabelecida principalmente pelos milagres, que testemunham um poder sobrenatural. Essa consideração teve peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame. Mas, hoje, que a Ciência trouxe suas investigações para as leis da Natureza, os milagres têm mais incrédulos do que crentes. E o que contribuiu muito para seu descrédito foi o abuso de imitações fraudulentas e a exploração que se fez sobre pretensos milagres. A fé nos milagres foi destruída pelo próprio uso que se fez deles e um dos resultados é que os milagres do Evangelho são agora considerados por muitas pessoas como puramente lendários.

Por outro lado, a própria Igreja tira todo o alcance dos milagres como prova da divindade do Cristo, ao declarar que o demônio pode fazê-los tão prodigiosos quanto ele: porque se o demônio tem tal poder, fica evidente que os fatos desse tipo não têm um caráter exclusivamente

divino. Se pode fazer coisas surpreendentes para seduzir mesmo os eleitos, como os simples mortais poderão distinguir os bons dos maus milagres? E não é para temer que, vendo fatos semelhantes, confundam Deus e satanáis?

Dar a Jesus um tal rival em habilidades foi uma grande falta de conhecimento. Mas, por causa das contradições e das inconseqüências, não se observavam estes fatos com tanta atenção, em uma época na qual os fiéis teriam um problema de consciência em pensar por si mesmos e em discutir o menor artigo imposto à sua crença. Então, não se contava com o progresso e não se imaginava que o reino da fé cega e ingênua, cômodo como o reino do bom prazer, pudesse ter um fim. O papel tão preponderante que a Igreja se obstinou em dar ao demônio teve conseqüências desastrosas para a fé, à medida que os homens se sentiram capazes de ver com os próprios olhos. O demônio, que foi explorado com sucesso por algum tempo, se tornou o machado usado para derrubar o velho edifício das crenças e uma das principais causas da incredulidade. Pode-se dizer que a Igreja, fazendo do demônio um auxiliar indispensável, alimentou aquele que deveria voltar-se contra ela e miná-la em seus fundamentos.

Outra consideração não menos grave é que os fatos milagrosos não são privilégio exclusivo da religião cristã: com efeito, não existe nenhuma religião idólatra ou pagã que não tenha tido seus milagres, todos tão maravilhosos e tão autênticos para os adeptos quanto os da época do Cristianismo. A Igreja, atribuindo às forças infernais o poder de produzi-los, retirou de si mesma o direito de contestá-los.

O caráter essencial do milagre, no sentido teológico, é de ser uma exceção nas leis da Natureza e, por conseqüência, inexplicável para essas mesmas leis. A partir do momento em que um fato pode ser explicado e que se prende a uma causa conhecida, ele deixa de ser milagre. Foi assim que as descobertas da Ciência fizeram entrar no domínio do natural alguns efeitos qualificados de prodígios, enquanto a causa permanecia ignorada. Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre a economia do mundo invisível, no meio do qual vivemos, das faculdades da Alma, da existência e das propriedades do

perispírito deu a chave dos fenômenos de ordem psíquica e provou que não são — não mais que os outros — derrogações das leis da Natureza. Ao contrário, são aplicações frequentes dessas leis. Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da dupla visão, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão de pensamento, da presciência, das curas instantâneas, de possessões, de obsessões, de aparições e transfigurações etc., que constituem a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem a essa categoria de fenômenos.

Sabe-se agora que esses efeitos são o resultado de aptidões e de disposições fisiológicas especiais: que foram produzidos em todos os tempos, entre todos os povos, e considerados sobrenaturais da mesma forma que todos aqueles cuja causa não era compreendida. Isso explica por que todas as religiões tiveram seus milagres, que são apenas fatos naturais, mas quase sempre ampliados até o absurdo pela credulidade, pela ignorância e superstição, e que os conhecimentos atuais os colocaram no devido lugar, permitindo-lhes fazer parte da lenda.

A possibilidade de a maior parte dos fatos que o Evangelho cita como tendo sido realizados por Jesus é, hoje, completamente demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais. Já que se produzem sob nossos olhos, espontaneamente ou provocados, não há nada de anormal no fato de que Jesus possuísse faculdades idênticas às de nossos magnetizadores, curandeiros, sonâmbulos, videntes, médiuns etc. A partir do momento em que essas faculdades são encontradas em diferentes graus, em uma multidão de indivíduos que nada têm de divino, que são encontradas mesmo entre os heréticos e os idólatras, não implicam em nada uma natureza sobre-humana.

Se o próprio Jesus qualifica Seus atos de *milagres*, é porque nisso e em muitas outras coisas Ele precisa adequar Sua linguagem aos conhecimentos de Seus contemporâneos. Como poderiam perceber um sentido em uma palavra que ainda hoje não é compreendida por todos? Para as pessoas comuns, as coisas extraordinárias que Ele fazia e que pareciam sobrenaturais naquele tempo, e mesmo mais tarde, eram milagres. Jesus não podia dar-lhes outro nome. Um fato digno de nota é que usou essa palavra para afirmar a missão que recebera de Deus, segundo Suas

próprias expressões, mas jamais se prevaleceu dos ditos milagres para se atribuir o poder divino.³

É preciso, então, separar os milagres das provas sobre as quais se pretende fundar a divindade da pessoa do Cristo. Vejamos agora se as encontraremos em Suas palavras.

III. A divindade de Jesus é provada por Suas palavras?

Dirigindo-se a Seus discípulos, que disputavam quem entre eles seria o maior, Jesus colocou uma criança a Seu lado e lhes disse:

“Todo aquele que me recebe, *recebe Aquele que me enviou*, porque quem é o menor entre vós todos é o maior”. (Lucas, IX:48)

“Todo aquele que recebe em meu nome uma criança como esta me recebe e todo aquele que me recebe não recebe somente a mim, mas *Aquele que me enviou*”. (Marcos, IX:37)

Jesus lhes disse então: “Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, porque foi de Deus que eu saí e foi de Sua parte que eu vim, porque não vim por mim mesmo, mas foi Ele que me enviou”. (João, VIII:42)

O Cristo lhes disse ainda: “Estou ainda convosco por um pouco de tempo, depois vou para Aquele que me enviou”. (João, VII:33)

“Aquele que os escuta me escuta, aquele que os despreza, me despreza, e *aquele que me despreza, despreza Aquele que me enviou*”. (Lucas, X:16)

O dogma da divindade de Jesus é firmado na igualdade absoluta entre Sua pessoa e Deus, já que Ele é o próprio Deus: é um artigo de fé. Ora, essas palavras tantas vezes repetidas por Jesus: “*Aquele que me enviou*” testemunham não apenas uma dualidade de pessoas, mais ainda, como já dissemos, excluem a igualdade absoluta entre elas. Porque aquele que é enviado é necessariamente *subordinado* ao que envia. Obedecendo, pratica um ato de submissão.

Um embaixador, falando de seu soberano, dirá: “Meu senhor, aquele que me envia...” Mas, se for o soberano em pessoa que vem, falará em seu próprio nome e não dirá: “aquele que me enviou”, porque não pode

⁽³⁾ Para o desenvolvimento completo da questão dos milagres, ver *A Gênese*, capítulos XIII e seguintes, em que são explicados, pelas leis Naturais, todos os milagres do Evangelho.

enviar a si mesmo. Jesus o disse em termos categóricos, com estas palavras: *“Não vim por mim mesmo, mas por Aquele que me enviou”*.

Estas palavras – *aquele que me despreza, despreza Aquele que me enviou* – não implicam a igualdade e menos ainda a identidade. Em todos os tempos, o insulto feito a um embaixador foi considerado como feito ao próprio soberano. Os Apóstolos tinham a palavra de Jesus, como Jesus tinha a de Deus. Quando o Cristo lhes disse: *“Aquele que os escuta me escuta”*, não pretendia dizer que Seus apóstolos e Ele eram uma única e mesma pessoa, igual em todas as coisas.

Além disso, a dualidade das pessoas — assim como o estado secundário e subordinado de Jesus em relação a Deus — é ressaltada sem equívoco nas seguintes passagens:

“Sois vós os que permaneceis sempre firmes comigo, em minhas tentações. É por isso que vos preparo o Reino, como meu Pai o preparou para mim, a fim de que comais e bebais em minha mesa, no meu reino, e que estejais sentados em tronos, para julgar as doze tribos de Israel”. (Lucas, XXII:28 a 30)

“Por mim, digo o que vi em *meu Pai*, e vós fazei o que viram de seu pai”. (João, VIII:38)

“Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu, e saiu desta nuvem uma voz, que os fez ouvirem estas palavras: *Este é meu Filho bem-amado, escutai-O*”. (Marcos, IX:7)

“Ora, quando o Filho do Homem vier, em Sua majestade, acompanhado de todos os anjos, se assentará no trono de Sua glória — e todas as nações estando reunidas, Ele as separará umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos — e colocará as ovelhas à Sua direita e os cabritos à Sua esquerda. Então, o Rei dirá àqueles que estão à Sua direita: *Vinde vós, que foram benditos por meu Pai*, possuir o reino que vos foi preparado desde o começo do mundo”. (Mateus, XXV:31 a 34)

“Todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, Eu o reconhecerei e o confessarei também diante de meu Pai, que está nos céus. E todo aquele que me renunciar diante dos homens, Eu mesmo o renunciarei também *diante de meu Pai, que está nos céus*”. (Mateus, X:32 e 33)

“Ora, Eu vos declaro que todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, *o Filho do Homem o reconhecerá também diante dos anjos de Deus*. Mas, se algum me renunciar diante dos homens, *Eu o renunciarei também diante dos anjos de Deus*”. (Lucas, XII:8 e 9)

“Porque se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará dele, quando vier em Sua glória e *na de Seu Pai e dos santos anjos*”. (Lucas, IX:26)

Nessas duas últimas passagens, Jesus parecia mesmo colocar acima Dele os santos anjos que compõem o tribunal celeste, diante do qual Ele seria o defensor dos bons e o acusador dos maus.

“Mas para aquele que estiver sentado à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim conceder, mas o será para aqueles *que meu Pai preparou*”. (Mateus, XX:23)

“Ora, estando reunidos os fariseus, Jesus lhes fez esta pergunta: — O que achais do Cristo? De quem Ele é filho? E eles Lhe responderam: — De Davi. E Ele lhes respondeu: — E como então Davi chama em espírito seu Senhor, com essas palavras: — O Senhor disse a meu Senhor: Sente-se à minha direita, até que eu reduza seus inimigos para lhe servir como degrau? — Se então Davi o chama de seu Senhor, como poderia ser seu filho?” (Mateus, XXII:41 a 45)

“Mas Jesus, ensinando no templo, lhes disse: Como os escribas dizem que o Cristo é o filho de Davi? Porque o próprio Davi disse a seu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu tenha reduzido teus inimigos a servir-lhe de degrau. — *Já que o próprio Davi o chama de seu Senhor, como seria ele seu filho?*” (Marcos XII:35 a 37 e Lucas, XX:41 a 44)

Por essas palavras, Jesus consagra o princípio da diferença hierárquica que existe entre o Pai e o Filho. Jesus poderia ser o filho de Davi, por filiação corporal e como descendente de Sua raça, por isso teve o cuidado de acrescentar: “Como o chama *em espírito* seu Senhor?” Se há uma diferença hierárquica entre o Pai e o Filho, Jesus, como Filho de Deus, não pode ser igual a Deus.

Jesus confirma esta interpretação e reconhece Sua inferioridade em relação a Deus, em termos que não deixam nenhum equívoco possível:

“Vós ouvistes o que Eu disse: Eu vou e volto para vós. Se me amásseis, vos rejubilaríeis, porque vou para meu Pai, porque meu Pai é MAIOR QUE EU”. (João, XIV:28)

“Então um jovem se aproxima e diz: — Bom mestre, que bem devo fazer para adquirir a vida eterna? Jesus lhe respondeu: — Por que me chamais de bom? *Somente Deus é bom*. Se quereis entrar na vida, observai os mandamentos”. (Mateus, XIX:16 e 17, Marcos, X:17 e 18, Lucas, XVIII:18 e 19)

Não somente Jesus não se disse, em nenhuma circunstância, igual a Deus, mas aqui afirma positivamente o contrário, se vê como inferior em bondade. Ora, declarar que Deus está acima Dele pelo poder e qualidades morais é dizer que Ele mesmo não é Deus. As passagens seguintes apoiam as anteriores e são também explícitas:

“*Não tenho falado por mim mesmo, mas meu Pai, que me enviou, foi quem me determinou por Seu mandamento o que devo dizer e como devo falar*. E Eu sei que Seu mandamento é a vida eterna. Então, o que Eu digo, Eu o digo segundo o que meu Pai me ordenou”. (João, XII:49 e 50)

“Jesus lhe respondeu: *Minha doutrina não é minha, mas Daquele que me enviou*. Se alguém quer fazer a vontade de Deus, reconhecerá se minha doutrina é Dele ou se falo por mim mesmo. Aquele que fala por si próprio procura sua própria glória, mas o que procura a glória daquele que O enviou, esse é verdadeiro e não há injustiça nele”. (João, XII:16 a 18)

“Aquele que não me ama não guarda minha palavra, e a palavra que vós ouvistes não é a minha palavra, *mas a de meu Pai, que me enviou*”. (João, XIV:10)

“O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão. O que acontece com o dia e com a hora ninguém sabe. Não, nem mesmo os anjos que estão no céu, *nem mesmo o Filho*, mas somente o Pai”. (Marcos, XIII:32, Mateus, XXIV:35 e 36)

“Jesus lhes disse então: — Quando tiverdes elevado ao alto o Filho do Homem, então conhecereis o que Eu sou, porque *não faço nada por mim mesmo, só digo o que meu Pai me ensinou*. E Aquele que me enviou

está comigo e não me deixou sozinho, porque *Eu faço sempre o que lhe é agradável*". (João, VIII:28 e 29)

"Eu desci do céu, não para fazer minha vontade, mas para fazer a *vontade Daquele que me enviou*". (João, VI:38)

"*Eu não faço nada por mim mesmo*. Eu julgo o que escuto. E meu julgamento é justo, porque não procuro *minha vontade, mas a vontade Daquele que me enviou*". (João, V:30)

"Mas, para mim, tenho um testemunho maior que o de João, porque as obras que *meu Pai me deu o poder de fazer*, as obras, digo eu, que eu faço dão testemunho de mim, que foi meu Pai que me enviou". (João, V:36)

"Mas agora vós procurais me matar, Eu que disse a verdade *que aprendi de Deus*, o que Abraão não fez". (João, VIII:40)

Desde que Ele *não diz nada por si mesmo*, que a doutrina que ensina *não é a Sua*, mas que a recebeu de Deus, que Lhe ordenou que a fizesse conhecida, que só faz o que Deus Lhe deu o *poder de fazer*, que a verdade que ensina aprendeu de Deus, a cuja vontade é submisso, Ele não é o próprio Deus, mas Seu mensageiro, Seu messias e Seu subordinado.

Seria impossível recusar de uma maneira mais positiva qualquer assimilação com a pessoa de Deus e determinar com palavras mais precisas qual Seu principal papel. Não há nessas afirmações pensamentos ocultos sob o véu da alegoria, que só se descobrem por interpretações: é o sentido próprio, expresso sem ambiguidades.

Se se alegasse que Deus, não querendo se fazer conhecer na pessoa de Jesus, tivesse mudado Sua individualidade, se poderia perguntar em que é baseada essa opinião e quem tem autoridade para sondar o fundo de Seu pensamento e dar a Suas palavras um sentido contrário ao que exprimem? Já que, enquanto esteve visível na Terra, ninguém O considerava como Deus, ao contrário, era visto como um messias; se Ele não quisesse ser conhecido pelo que era, bastava não dizer nada. A partir de Sua afirmação espontânea, é preciso concluir que não era Deus ou, se era, voluntariamente e sem utilidade, disse uma coisa falsa.

É notável que João, o Evangelista, sobre cuja autoridade mais se apoiou para estabelecer o dogma da divindade do Cristo, é precisamente o que mais reafirma os mais numerosos e mais positivos argumentos

contrários. Podemos nos convencer disso pela leitura das passagens seguintes, que nada acrescentam às provas já citadas, é verdade, mas que as apoiam, porque ressaltam evidentemente *a dualidade e a diferença* entre as duas Entidades:

“Por causa disso, os judeus perseguiram Jesus e tentavam matá-Lo, porque tinha feito essas coisas no sábado. Mas Jesus lhes disse: — *Meu Pai as faz até no presente, e Eu também faço*”. (João, V:16 e 17)

“Porque o Pai não julga ninguém. Mas *Ele deu todo o poder de julgar para o Filho* — para que todos honrem o Filho como honram o Pai. Aquele que não honra o Filho não honra o Pai *que O enviou*”.

“Em verdade, em verdade, vos digo, aquele que ouve minha palavra e crê Naquele *que me enviou* tem a vida eterna e não cai na condenação, mas já passou da morte para a vida”.

“Em verdade, em verdade, vos digo, a hora chega, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que ouvirem viverão, porque como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo — *e lhe deu o poder de julgar*, porque Ele é o *Filho do Homem*”. (João, V:22 a 27)

“E o próprio Pai que me enviou tem dado testemunho de mim. *Vós jamais ouvistes Sua voz nem vistes Sua face*. E Sua palavra não permanece em vós, porque não acreditais *Naquele que Ele enviou*”. (João, V:37 e 38)

“E quando Eu julgar, meu julgamento será digno de fé, porque *não estou sozinho, mas meu Pai, que me enviou, está comigo*”. (João, VIII:16)

“Jesus, tendo dito essas coisas, levantou os olhos para o céu e disse: — Meu Pai, chegou a hora. Glorificai vosso filho, para que vosso filho vos glorifique. *Como Vós Lhe destes poder sobre todos os homens*, para que Ele dê a vida eterna a todos aqueles que o Senhor Lhe deu. Ora, a vida eterna consiste em conhecer-vos, O ÚNICO DEUS *verdadeiro, e Jesus Cristo, que enviastes*.

“Eu O glorifiquei sobre a Terra, acabei *a obra de que tinheis me encarregado*. E Vós, meu Pai, glorificai-me também agora, com esta glória que tive no Senhor, antes que o mundo existisse.

“Logo não estarei mais neste mundo, mas eles ainda estarão no

mundo e Eu *retorno a Vós*. Pai santo, conservai em Vosso nome aqueles que me destes, para que sejam um, como nós.

“Eu lhes dei *Vossa palavra* e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como Eu mesmo não sou do mundo.

“Santificai-os na verdade. *Vossa palavra* é a própria verdade. Como Vós *me enviastes ao mundo*, Eu também os enviei ao mundo — e Eu próprio me santifico por eles, para que sejam também santificados na verdade.

“Não peço apenas por eles, mas ainda por aqueles que devem crer em mim, pela palavra deles. Para que estejam todos juntos, como Vós, meu Pai, estais em mim e Eu em Vós. Da mesma maneira, que eles sejam um em nós, *para que o mundo acredite que me enviastes*”.

“Meu Pai, quero que, onde Eu estiver, aqueles que me destes estejam também comigo, para que contemplem minha glória, que o Senhor *me deu antes da criação do mundo*.

“Pai justo, o mundo não vos conheceu, mas Eu vos conheci: e estes aqui sabem que *me enviastes*. Eu os fiz conhecer Vosso nome e os farei conhecer ainda mais, para que *o amor com que me amais* esteja neles e que eu mesmo esteja neles”. (João, XVII:1 a 5, 11 a 14, 17 a 26 – Prece de Jesus)

“É por isso que meu Pai me ama, porque deixo minha vida para retomá-la. Ninguém retira minha vida, sou Eu que a deixo por mim mesmo. Tenho o poder de deixá-la e tenho o poder de retomá-la. É *o mandamento que recebi de meu Pai*”. (João, X:7 e 18)

“Eles retiraram a pedra e Jesus, erguendo os olhos para o alto, disse estas palavras: *Meu Pai, Eu vos dou graças, porque me atendestes*. Por mim, Eu sabia que me atenderíeis sempre; mas digo isto para que esse povo, que me cerca, creia que *fostes Vós que me enviastes*”. (João, XI:41 e 42)

“Não vos falarei muito mais, porque o príncipe deste mundo virá, embora *não exista nada em mim que lhe pertença*, mas para que o mundo saiba que Eu amo meu Pai e faço o que Ele me ordenou”. (João, XIV:30 e 31)

“Se observardes meus mandamentos, permaneceréis no meu amor,

como Eu mesmo *observei os mandamentos de meu Pai* e permaneço em Seu amor”. (João, XV:10)

“Então, Jesus bradou:— Pai, *entrego minha alma em Vossas mãos*. E, pronunciando estas palavras, expirou”. (Lucas, XXIII:46)

Se Jesus, ao morrer, entrega Sua Alma às mãos de Deus, é que tinha uma Alma distinta de Deus, submissa a Deus, então, *Ele não era o próprio Deus*.

As palavras seguintes testemunham certa fraqueza humana, uma apreensão com a morte e com os sofrimentos que Jesus vai suportar e que contrastam com a natureza essencialmente divina que lhe é atribuída. Mas demonstram ao mesmo tempo uma submissão de quem é inferior a seu superior.

“Então Jesus chegou a um lugar chamado Getsêmani e disse a Seus discípulos: — Sentai-vos aqui, enquanto vou orar. E tendo chamado consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, *começou a se entristecer e a ficar em grande aflição*. Então lhes disse: *minha Alma está triste até a morte*. Ficai aqui e vigiai comigo. E, afastando-se um pouco mais, prostrou-se, com o rosto em terra, e orou dizendo: *Meu Pai, se for possível, afastai de mim este cálice*. Entretanto, que não seja *como Eu quero*, mas *como Vós quereis*. Veio em seguida até Seus discípulos e, encontrando-os adormecidos, disse a Pedro: — O quê? Não pudestes vigiar uma hora junto comigo? Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O Espírito está pronto, mas a carne é fraca. Afastou-se ainda para orar uma segunda vez, dizendo: *Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, que seja feita Vossa vontade*”. (Mateus, XXVI:36 a 42)

“Então, Ele lhes disse: *Minha Alma está triste até a morte: ficai aqui e vigiai*. E, afastando-se um pouco mais, prostrou-se contra a terra, orando para que, se fosse possível, *esta hora se afastasse dele*. E dizia: — Abba, meu Pai, *tudo vos é possível, transportai este cálice para longe de mim*, mas que seja feita a Vossa vontade e não a minha”. (Marcos, XIV:34 a 36)

“Logo que chegou àquele lugar, lhes disse: Orem, para que não sucumbam à tentação. E, afastando-se deles à distância do arremesso de uma pedra, ajoelhou-se, dizendo: — Meu Pai, se quiserdes, *afastai de mim este cálice*, entretanto, que *não se faça a minha vontade, mas a*

Vossa. Então Lhe apareceu um anjo do céu que veio fortificá-lo. E, tendo tombado em agonia, redobrava Suas preces. E lhe correu um suor de gotas de sangue, que escorria até a terra”. (Lucas, XXII:40 a 44)

“E, pela nona hora, Jesus bradou: — *Eli! Eli! Lamma Sabachtani?*, quer dizer: *Meu Deus! meu Deus! Por que me abandonastes?*” (Mateus, XXVII:46)

“E à nona hora, Jesus clamou: *Meu Deus! meu Deus! Por que me abandonastes?*” (Marcos, XV:34)

As passagens seguintes poderiam deixar alguma dúvida e fazer acreditar em uma identificação de Deus com a pessoa de Jesus. Mas, além de não prevalecerem sobre os termos precisos que precedem, trazem ainda em si mesmas a retificação.

“Eles Lhe perguntaram: — Quem sois? Jesus lhes respondeu: — *Sou o princípio de todas as coisas*, Eu mesmo que vos falo. Tenho muitas coisas a dizer, *mas Aquele que me enviou é verdadeiro e só digo o que aprendi com Ele.*” (João, VIII:25 e 26)

“O que meu Pai me deu é maior do que todas as coisas e ninguém pode arrebatá-lo da mão Dele. *Meu Pai e Eu somos uma mesma coisa*”. (João, X:29 e 30)

Quer dizer que Seu Pai e Ele são *um apenas pelo pensamento*, já que Jesus exprime *o pensamento de Deus* e tem *a palavra* de Deus.

Então, os judeus pegaram pedras para apedrejá-Lo. E Jesus lhes disse: — Fiz diante de vós muitas boas obras, *pelo poder de meu Pai*: por qual delas me apedrejais? Os judeus responderam: — Não é por nenhuma boa obra que O apedrejam, mas por causa de Sua blasfêmia e porque, sendo homem, se faz Deus. Jesus lhes replicou: — Não está escrito na vossa lei: *Eu disse que sois deuses?* Se então se chama de deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi endereçada, e que a Escritura não possa ser destruída, por que dizeis que Eu blasfemo, Eu, que meu Pai santificou e enviou ao mundo, porque Eu disse que sou Filho de Deus? Se não faço as obras de meu Pai, não acreditais em mim. Mas, se as faço, se não quiserdes acreditar em mim, acreditai em minhas obras, para que saibais e creiais que meu Pai está em mim e Eu em meu Pai”. (João, X:31 a 38)

Em outro capítulo, dirigindo-se a Seus discípulos, lhes disse:

“Naquele dia sabereis que *Eu estou em meu Pai e vós estais em mim e Eu em vós*”. (João, XIV:20)

Não se pode concluir sobre estas palavras que Deus e Jesus sejam *um*. Caso contrário, seria preciso concluir também, pelas mesmas palavras, que os Apóstolos são igualmente *um* com Deus.

IV. Palavras de Jesus, depois de Sua morte

“Jesus lhe respondeu: Não me toqueis, porque ainda não subi para meu Pai, mas encontrai meus irmãos e dizei-lhes por mim: *subo para meu Pai e vosso Pai, para MEU DEUS e vosso Deus*”. (João, XX:17)

“Mas Jesus, aproximando-se, lhes falou assim: Todo poder *me foi dado* no céu e na terra”. (Mateus, XXVIII:18)

“Ora, vós sois testemunhas destas coisas. E vos enviarei *o dom de meu Pai*, que vos foi prometido”. (Lucas, XXIV:48 e 49)

Nas palavras de Jesus, antes ou depois de Sua morte, tudo acusa uma dualidade de pessoas perfeitamente distintas, assim como o profundo sentimento de Sua inferioridade e a subordinação ao Ser Supremo. Pela insistência em afirmar espontaneamente, sem ser constrangido ou provocado por quem quer que fosse, Ele parece querer protestar antes contra o papel que prevê que um dia lhe será atribuído. Se tivesse mantido silêncio sobre o caráter de Sua personalidade, o campo teria ficado aberto a todas as suposições e a todos os sistemas, mas a precisão de Sua linguagem afasta qualquer incerteza.

Que autoridade podemos encontrar maior que as palavras de Jesus? Quando disse categoricamente “Eu sou” ou “Eu não sou tal coisa”, quem ousaria se arrogar o direito de desmenti-Lo, mesmo que fosse para colocá-Lo mais alto do que Ele mesmo se colocava? Quem pode, racionalmente, querer ser mais esclarecido do que Jesus sobre Sua própria natureza? Que interpretações podem prevalecer sobre as afirmações tão formais e tão multiplicadas que estas:

“Eu não vim de mim mesmo, mas Aquele que me enviou é o único Deus verdadeiro. Vim de Sua parte. Digo o que vi na casa de meu Pai. Não está em mim dá-lo a vós, mas isto acontecerá para aqueles que meu Pai preparou. Vou para meu Pai, porque Ele é maior que Eu. Por que me

chamais de bom? Só há um Deus que é bom. Não tenho falado por mim, mas meu Pai, que me enviou, me prescreveu, por Seu mandamento, o que devo dizer. Minha doutrina não é minha, mas Daquele que me enviou. A palavra que ouvistes não é minha, mas de meu Pai, que me enviou. Não faço nada por mim mesmo, mas só digo o que meu Pai me ensinou. Nada posso fazer por mim mesmo. Não procuro minha vontade, mas a vontade Daquele que me enviou. Eu vos tenho dito a verdade, que aprendi de Deus. Meu alimento é fazer a vontade Daquele que me enviou. O Senhor, que é o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, que o Senhor enviou. Meu Pai, entrego minha Alma em Suas mãos. Meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice. Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes? Subo para meu Pai e seu Pai, para meu Deus e seu Deus”.

Quando se leem tais palavras, pergunta-se apenas como pode ter vindo ao pensamento de alguém lhes dar um sentido diametralmente oposto ao que exprimem tão claramente, conceber uma identificação completa de *natureza* e *de poder* entre o Mestre e aquele que se diz Seu servidor. Nesse grande processo, que dura quinze séculos, quais são as peças de convicção? Os Evangelhos — não há outras — que não dão lugar a nenhum equívoco sobre este ponto em litígio. O que se opõe a documentos autênticos, que não se pode contestar sem protestar contra a veracidade dos evangelistas e do próprio Jesus, documentos firmados por testemunhas oculares? Uma doutrina teórica, puramente especulativa, nascida três séculos mais tarde de uma polêmica travada sobre a natureza abstrata do Verbo, vigorosamente combatida durante vários séculos, e que só prevaleceu pela pressão de um poder civil absoluto.

V. Dupla natureza de Jesus

Poder-se-ia objetar que, em razão da dupla natureza de Jesus, Suas palavras eram a expressão de Seu sentimento como homem e não como Deus. Sem examinar, neste momento, qual encadeamento de circunstâncias levou, bem mais tarde, à hipótese desta dupla natureza, vamos admiti-la por um instante e vejamos se, em vez de elucidar a questão, não a complica, a ponto de torná-la insolúvel.

O que deveria ser humano em Jesus era o corpo, a parte material. Sob este ponto de vista, compreende-se que Ele pôde e mesmo deve ter sofrido como homem. O que deveria ser divino Nele é a Alma, o Espírito, o pensamento, em resumo, a parte espiritual do Ser. Se Jesus sentia e sofria como homem, devia pensar e falar como Deus. Falava como homem ou como Deus? Está aí uma questão importante para a autoridade excepcional de Seus ensinamentos. Se falava como homem, Suas palavras são discutíveis. Se falava como Deus, são indiscutíveis. É preciso aceitá-las e submeter-se a elas, sob pena de deserção e de heresia. O mais ortodoxo será aquele que mais se aproximar delas.

Dir-se-á que, sob seu invólucro corporal, Jesus não tinha consciência de Sua natureza divina? Mas, se fosse assim, não teria *pensado como Deus*, Sua natureza divina teria ficado *em estado latente*, só a natureza humana teria presidido a Sua missão, tanto a Seus atos morais como a Seus atos materiais. Então, é impossível fazer abstração de Sua natureza divina durante Sua vida, sem enfraquecer Sua autoridade.

Mas, *se Ele falou como Deus*, por que esse incessante protesto contra Sua natureza divina que, nesse caso, Ele não poderia ignorar? Jesus teria se enganado, o que seria pouco divino, ou teria conscientemente enganado todo o mundo, o que seria menos divino ainda. Parece-nos difícil sair desse dilema.

Se se admite que Jesus falou tanto como homem quanto como Deus, a questão se complica, pela impossibilidade de distinguir o que vinha do Homem do que vinha de Deus.

No caso de ter tido motivos para dissimular Sua verdadeira natureza durante a missão, o meio mais simples seria não falar sobre ela, ou se exprimir, como fez em outras circunstâncias, de modo vago e por meio de parábolas sobre os pontos cujo conhecimento estava reservado para o futuro. Ora, não é este o caso aqui, já que Suas palavras não têm nenhuma ambiguidade.

Enfim, se apesar de todas essas considerações, se pudesse ainda supor que, enquanto visível entre nós, Ele ignorasse Sua verdadeira natureza, essa opinião não seria mais admissível depois de Sua ressurreição, porque, logo que aparece aos discípulos, não é mais o homem que fala, é o Espírito

separado da matéria, que deve ter recobrado a plenitude de suas faculdades espirituais e a consciência de Seu estado normal, de Sua identificação com a divindade. Entretanto, é quando Ele diz: “*Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus!*”.

A subordinação de Jesus é ainda indicada mesmo por Sua qualidade de mediador, que implica a existência de uma pessoa diferente. É Ele que intercede junto a seu Pai, que se oferece em sacrifício para resgatar os pecadores. Ora, se Ele é o próprio Deus, ou se *é igual em todas as coisas*, não tem necessidade de interceder, porque ninguém intercede por si mesmo.

VI. Opinião dos Apóstolos

Até agora nos apoiamos exclusivamente nas próprias palavras do Cristo, como o único elemento decisivo de convicções, porque, fora disso, só pode haver opiniões pessoais.

De todas elas, as que mais têm valor são, incontestavelmente, as dos Apóstolos, uma vez que O assistiram em Sua missão, e se Ele lhes deu instruções secretas sobre Sua natureza, se encontrariam traços destas instruções em seus escritos. Tendo vivido em Sua intimidade, deviam conhecê-lo melhor do que qualquer pessoa. Vejamos então como O consideraram.

“Ó israelitas, escutai as palavras que vou dizer: sabeis que Jesus de Nazaré *foi um homem que Deus tornou célebre entre vós, pelas maravilhas, os prodígios e os milagres que fez através Dele*. Entretanto, vós O crucificastes e O fizestes morrer pelas mãos dos perversos, sendo que Ele tinha sido entregue a vós *por ordem expressa da vontade de Deus* e por um decreto de Sua presciência. Mas Deus O ressuscitou, cessando as dores do inferno, pois seria impossível que Ele permanecesse aqui. Porque Davi disse em Seu nome: — Eu tinha sempre o Senhor presente diante de mim, porque Ele está à minha direita, para que eu não seja enfraquecido. É por isso que meu coração se rejubilou, que cantei cânticos de alegria e que mesmo minha carne repousará com esperança, porque o Senhor não deixará minha alma no inferno e não permitirá que Seu santo experimente a corrupção. O Senhor me fez conhecer o caminho

da vida e me encherá da alegria mostrando-me Sua face”. (Atos dos Apóstolos, II:22 a 28)

“Depois, então, que Ele foi elevado pelo poder de Deus e tendo recebido o cumprimento da promessa que o Pai *Lhe tinha feito, de enviar o Espírito Santo*, Jesus estendeu esse Espírito Santo que vedes e ouvis agora. Porque Davi não subiu ao céu. Ora, ele mesmo disse: — O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, até que eu tenha reduzido seus inimigos, para lhes servir como degrau. Que toda a casa de Israel saiba com muita certeza que *Deus fez Senhor e Cristo a esse Jesus que crucificastes*”. (Atos dos Apóstolos, II:33 a 36)

“Moisés disse a nossos pais: *O Senhor vosso Deus fará nascer entre vossos irmãos um profeta semelhante a mim*. Escutai-o em tudo o que disser. Todo aquele que não escutar esse profeta será exterminado do meio do povo.

“Foi para vós primeiramente que Deus *fez nascer Seu Filho*, Ele O enviou a vós, para bendizer-vos, para que cada um se convertesse de sua má vida”. (Atos dos Apóstolos, III:22, 23, 26)

“Declaramos a todos vós e a todo o povo de Israel que é em nome de *Nosso Senhor Jesus Cristo de Nazaré*, que crucificastes e que *Deus ressuscitou* entre os mortos, é por Ele que este homem está agora curado, como vedes, diante de vós”. (Atos dos Apóstolos, IV:10)

“Os reis da Terra levantaram-se e os príncipes uniram-se contra o *Senhor* e contra *vosso Cristo*. Porque Herodes e Pôncio Pilatos com os gentios e o povo de Israel se uniram verdadeiramente nesta cidade, contra Seu santo *Filho Jesus*, que o Senhor tinha consagrado com Sua unção, para fazer tudo o que Seu poder e Seu conselho determinaram que se fizesse.” (Atos dos Apóstolos, VI:26, 27, 28)

“Pedro e os outros Apóstolos responderam: — é preciso antes obedecer a Deus que aos homens. O Deus de nossos pais *ressuscitou Jesus*, que vós fizestes morrer na cruz. Foi Ele que Deus *elevou para Sua direita*, como sendo o príncipe e o salvador, para dar a Israel a graça da penitência e a remissão dos pecados”. (Atos dos Apóstolos, V:29 a 31)

“Foi esse Moisés que disse aos filhos de Israel: Deus fará nascer entre vossos irmãos *um profeta* como eu, escutai-O.

“Mas o Altíssimo não habita em templos construídos pelas mãos dos homens, segundo esta palavra do profeta: — O céu é meu trono e a terra é meu degrau. Disse o Senhor: que casa vós me edificareis? E qual poderia ser o lugar de meu repouso?” (Atos dos Apóstolos, VII:37, 48 e 49)

“Mas Estêvão estava preenchido pelo Espírito Santo e, levantando os olhos para o céu, viu a glória de Deus e *Jesus, que estava em pé à direita de Deus*, e disse: — Vejo os céus abertos e *o Filho do Homem, que está em pé, à direita de Deus*.

“Então, lançando altos brados e tampando os ouvidos, todos se jogaram sobre ele. E tendo-o arrastado para fora dos muros da cidade, o apedrejaram e as testemunhas jogaram suas roupas aos pés de um jovem chamado Saulo (mais tarde São Paulo). Assim apedrejaram Estêvão, que invocava Jesus e dizia: Senhor Jesus, *receba meu Espírito*”. (Atos dos Apóstolos, VII:55 a 58)

Essas citações testemunham claramente o caráter que os Apóstolos atribuíam a Jesus. A ideia essencial que ressalta é a de Sua subordinação a Deus, da constante supremacia de Deus, sem que nada revele *uma ideia de qualquer assimilação de natureza e de poder*. Para eles, Jesus era um *homem profeta*, escolhido e bendito por Deus. Então, não foi entre os profetas que nasceu a crença na divindade de Jesus. São Paulo, que não conheceu Jesus, mas que de ardente perseguidor se tornou o mais dedicado e o mais eloquente discípulo da nova fé, e cujos escritos prepararam as primeiras publicações da religião cristã, não é menos explícito, nesse caso. É o mesmo sentimento de dois seres distintos e da supremacia do Pai sobre o Filho.

“Paulo, servidor de Jesus Cristo, Apóstolo da vocação divina, escolhido e destinado para anunciar o Evangelho de Deus — que estava prometido antes para Seus profetas, nas santas escrituras — *no que diz respeito a Seu Filho, que nasceu da carne, do sangue e da raça de Davi*, que foi predestinado para ser Filho de Deus, com soberano poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição entre os mortos — por quem recebemos a graça do apostolado, para fazer todas as nações obedecerem à fé, pela virtude de seu nome. Na categoria em que vós também

estais, como tendo sido chamados por Jesus Cristo. A vós que estais em Roma, que são queridos de Deus e chamados para serem santos. *Que Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo nosso Senhor vos deem a graça e a paz*". (Romanos, I:1 a 7)

"Assim, justificados pela fé, tenhamos a paz com Deus, *por Jesus Cristo Nosso Senhor*.

"Por que, quando ainda estávamos na debilidade do pecado, Jesus Cristo foi morto por incrédulos como nós éramos no tempo *destinado por Deus*.

"Jesus Cristo não deixou de morrer por nós, no tempo *destinado por Deus*. Assim, agora estando justificados por Seu sangue, estaremos com mais forte razão livrados *por Ele da cólera de Deus*.

"E não somente estamos reconciliados, mas nos glorificamos *em Deus, por Jesus Cristo*, nosso Senhor, por quem obtivemos essa reconciliação.

"Se, pelo pecado de apenas um, muitos morreram, muito mais a misericórdia e o dom de Deus se estenderam abundantemente sobre muitos, pela graça de *um só homem, que é Jesus Cristo*". (Romanos, V:1, 6, 9, 11, 15 e 17)

"Se somos filhos, somos também herdeiros. Herdeiros *de Deus* e co-herdeiros *de Jesus Cristo*, desde que padeçamos com Ele, para que também com Ele sejamos glorificados". (Romanos, VIII:17)

"Se vós confessardes com palavras que Jesus Cristo é o Senhor e se acreditardes de coração *que Deus O ressuscitou*, sereis salvos". (Romanos, X:9)

"Em seguida, virá a consumação de todas as coisas, *quando Ele tiver entregue Seu reino para Deus, Seu Pai*, e quando tiver destruído todo o império, toda dominação, todo o poder, porque Jesus Cristo deve reinar até que Seu Pai tenha colocado todos Seus inimigos a Seus pés. Ora, a morte será o último inimigo a ser destruído. Porque a Escritura diz que Deus colocou tudo a Seus pés e submeteu tudo a Ele. Sem dúvida, é preciso fazer exceção *Aquele que se submeteu a todas as coisas*. Quando então todas as coisas estiverem submetidas ao Filho, *quando o próprio Filho estiver submetido Aquele que lhe submeteu todas as coisas*, para que Deus seja tudo em todos". (I aos Coríntios, XV:24 a 28)

“Mas vemos que Jesus — que por um pouco foi feito menor que os anjos — foi coroado de glória e de honra, por causa da morte que sofreu. Deus, por Sua bondade, quis que Ele morresse por todos, porque era bem digno de Deus, por quem e para quem existem todas as coisas e, querendo conduzir à glória muitos filhos, consumou e *aperfeçoou pelo sofrimento* Aquele que deveria ser o chefe e o autor de sua salvação.

“Assim, Aquele que santifica e os que são santificados *vêm todos de um mesmo princípio*. Por isso, Ele não se envergonha de chamá-los *irmãos*, dizendo: — anunciarei Vosso nome a meus irmãos; cantarei Vossos louvores na *reunião de Vosso povo*. E em outra parte: — colocarei minha confiança Nele. E em outra ainda: eis-me aqui *com os filhos que Deus me deu*.

“Por isso foi preciso que Ele fosse semelhante a Seus irmãos em tudo, para ser *diante de Deus* um pontífice misericordioso e fiel em Seu ministério, para expiar os pecados do povo. Porque é das penas e dos próprios sofrimentos, pelos quais foi tentado e provado, que Ele tira a virtude e a força para socorrer aqueles que também são tentados”. (Hebreus, II: 9 a 13, 17 e 18)

Então, meus santos irmãos, vós que tendes parte na vocação celeste, considerai Jesus, que é o *apóstolo* e o *pontífice* da religião que professamos. Que é fiel *Aquele que O estabeleceu neste cargo*, como Moisés Lhe foi fiel em toda a sua casa. Porque *Ele foi julgado digno* de uma glória tanto maior que a de Moisés, quanto aquele que construiu a casa é mais estimável do que a própria casa; porque toda casa é construída por alguém. Ora, o arquiteto e o criador de todas as coisas é Deus”. (Hebreus, III:1 a 4)

VII. Predições dos profetas com relação a Jesus

Além das afirmações de Jesus e da opinião dos Apóstolos, existe um testemunho cujo valor o mais ortodoxo dos crentes não poderia contestar, já que é constantemente colocado como uma exceção, ou seja, como um artigo de fé: é o testemunho do próprio Deus, isto é, dos profetas, falando sob Sua inspiração e anunciando a vinda do Messias. Ora, eis as passagens da Bíblia consideradas como a predição desse grande evento.

“Eu O vejo, mas não agora. Eu O olho, mas não de perto, descendeu de Jacob e um cetro se elevou de Israel e ultrapassará os chefes de Moabe e destruirá todos os filhos de Seth”. (Números, XXIV:17)

“Eu farei nascer um profeta, como vós, *entre vossos irmãos*, e colocarei minhas palavras em Sua boca e Ele vos dirá o que *Eu mandar*. E acontecerá que todo aquele que não ouvir as palavras *que Ele tiver dito em meu nome*, eu lhe pedirei contas”. (Deuteronômio, XVIII:18 e19)

“Acontecerá, então, quando forem chegados os dias de ir com seus pais, que farei levantar de vossa posteridade *um de vossos filhos* e estabelecerei Seu reino. Ele me construirá uma casa e Eu consolidarei Seu trono para sempre. Serei Seu pai e Ele será meu filho. E não Lhe retirarei minha misericórdia, como a retirei daquele que existiu antes de vós, e o *estabelecerei* em minha casa e em meu reino para sempre e Seu trono será consolidado para sempre”. (Paralipômenos, XVII:11 a 14)

“É por isso que o próprio Senhor vos dará um sinal. Ei-lo: uma virgem ficará grávida e dará à luz um filho que se chamará Emanuel”. (Isaías, VII:14)

“Porque o menino nasceu para nós, o Filho nos foi dado e o império foi colocado sobre seus ombros e se chamará Seu nome o Admirável, o Conselheiro, o Deus forte, o Poderoso, o Pai da eternidade, o Príncipe da Paz”. (Isaías, IX:5)

“Eis aqui *meu servidor*, eu O apoiarei: *é meu eleito, minha alma colocou nele sua afeição, coloquei meu Espírito sobre Ele*; Ele exercerá a justiça entre as nações.

“Ele absolutamente não se retirará, não se apressará. Até que tenha estabelecido a justiça sobre a Terra e os seres se fixarão em Sua lei”. (Isaías, XLII:1 a 4)

“Ele usufruirá do trabalho de Sua alma e nele será saciado; e *meu servidor* justo nele justificará muitos, pelo conhecimento que terão sobre Ele e Ele próprio suportará as iniquidades de vocês”. (Isaías, LIII:11)

“Rejubilai-vos ao extremo, filha de Sião; lançai brados de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que vosso rei virá a vós, justo e salvador humilde, e montado sobre uma jumenta e sobre o potrinho da jumenta. E eu suprimirei os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém, e

o arco do combate será também exterminado e o rei falará de paz às nações. E sua dominação se estenderá de um mar a outro, e do rio até os extremos da Terra”. (Zacarias, IX:9 e 10)

“E Ele (o Cristo) se manterá e governará pela força do Eterno e com a magnificência do nome do *Eterno Seu Deus*. E Ele voltará e agora será glorificado até os extremos da Terra, e será Ele que fará a paz”. (Miquéias, V:4)

A distinção entre Deus e Seu futuro enviado é caracterizada da maneira mais formal. Deus O designa como *Seu servidor*, por consequência, Seu subordinado. Nada, em Suas palavras, que implique a ideia de igualdade de poder nem de consubstancialidade entre as duas pessoas. Deus, então, teria se enganado e os homens que vieram *três séculos depois* de Jesus Cristo teriam enxergado melhor que Ele? Essa parece ser a pretensão deles.

VIII. O Verbo se fez carne

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram criadas por Ele e nada do que foi criado foi criado sem Ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

“Houve um homem enviado por Deus, que se chamava João. Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho da luz, para que todos acreditassem por intermédio Dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho sobre Aquele que era a luz.

“Aquele era a verdadeira luz que ilumina todo Homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo e o mundo foi feito por Ele e o mundo não O conheceu. Ele veio para o que era Seu e os Seus não O receberam. Mas deu a todos que O receberam o poder de serem filhos de Deus, àqueles que acreditam em Seu nome, que não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do Homem, mas do próprio Deus.

“E o Verbo foi feito carne e habitou entre nós. E nós vimos Sua glória, a glória que o Filho único deveria receber do Pai. Eu digo, Ele habitou entre nós, cheio de graça e de verdade”. (João, I:1 a 14)

Essa passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma ideia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus. Foi também sobre ela que, mais tarde, se estabeleceu a controvérsia sobre o assunto. A questão da divindade de Jesus apareceu gradativamente, nasceu de discussões surgidas a respeito das interpretações dadas por alguns às palavras *Verbo* e *Filho*. Somente no século IV é que foi adotada, em princípio, por uma parte da Igreja. Então, esse dogma é o resultado da decisão dos homens e não de uma revelação divina.

Primeiro é preciso observar que as palavras que citamos são de João e não de Jesus e, admitindo-se que não tenham sido alteradas, na realidade, só exprimem uma opinião pessoal, uma indução em que se reencontra o misticismo habitual de sua linguagem. Não poderiam prevalecer sobre as reiteradas afirmações do próprio Jesus.

Mas, aceitando-as como estão, não resolvem de modo algum a questão, no sentido da divindade, porque se aplicariam da mesma forma a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, *o Verbo* é Deus, porque é a palavra de Deus. Jesus recebeu esta palavra diretamente de Deus, com a missão de revelá-la ao Homem e a assimilou. A palavra divina de que Ele estava penetrado encarnou-se Nele. Ele a trouxe, ao nascer, e com razão João pôde dizer: “*O Verbo foi feito carne e habitou entre nós*”. Jesus pôde ter sido encarregado de transmitir a palavra de Deus, sem ser o próprio Deus, como um embaixador transmite as palavras de um soberano, sem ser o soberano. Segundo o dogma da divindade, é Deus que fala. Na outra hipótese, Ele fala pela boca de Seu enviado, o que nada tira da autoridade de Suas palavras.

Mas quem autoriza esta suposição em preferência à outra? A única autoridade competente para resolver a questão é Jesus, quando diz: “*Não falei por mim mesmo, mas Aquele que me enviou me indicou, por Seu mandamento, o que devo dizer. Minha doutrina não é minha, mas a Daquele que me enviou. A palavra que ouvistes não é a minha palavra, mas a de meu Pai, que me enviou*”. É impossível exprimir-se com mais clareza e precisão.

A qualidade de Messias ou *enviado*, que lhe é dada em todo transcorrer dos Evangelhos, implica uma posição subordinada em relação

Àquele que ordena. O que obedece não pode ser igual ao que comanda. João caracteriza essa posição secundária e, em consequência, estabelece a dualidade das pessoas quando diz: “*E vimos Sua glória, como a glória que o Filho único deveria receber do Pai*”. Porque aquele que recebe não pode ser igual ao que dá, e aquele que dá a glória não pode ser igual àquele que a recebe. Se Jesus é Deus, possui a glória por si mesmo e não a espera de ninguém. Se Deus e Jesus são um só Ser com dois nomes diferentes, não poderia existir entre eles nem supremacia nem subordinação. A partir daí não há paridade absoluta de posição. São dois Seres distintos.

A qualificação do *Messias divino* não implica mais igualdade entre o mandatário e o mandante do que a do *enviado real*, entre um rei e seu representante.

Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de ter Sua missão dada por Deus e por Suas perfeições O colocarem em relação direta com Deus.

IX. Filho de Deus e filho do homem

O título de *Filho de Deus*, longe de implicar a igualdade, é muito mais o sinal de uma submissão. Ora, se é submisso a alguém e não a si mesmo.

Para que Jesus fosse o igual absoluto de Deus, seria preciso que fosse como Ele, por toda eternidade, isto é, que fosse *não criado*. Ora, o dogma diz que Deus O *gerou* por toda a eternidade. Mas quem diz *gerou* diz *criou*. Que seja ou não por toda a eternidade, não deixa de ser uma criatura e, como tal, subordinada a seu Criador. É essa a ideia implicitamente contida na palavra *Filho*.

Jesus nasceu no tempo? Em outras palavras: houve um tempo, na eternidade passada, em que Ele não existia? Ou Ele é coeterno com o Pai? Tais são as sutilezas sobre as quais se tem discutido há séculos. Sobre que autoridade se apoia a doutrina da coeternidade, que virou dogma? Sobre a opinião dos homens que a estabeleceram. Mas sobre que autoridade esse homens basearam sua opinião? Não foi sobre a de Jesus, já que Ele se declara subordinado. Não foi sobre a dos profetas, que O anunciam como o enviado e o servidor de Deus. Em que documentos

desconhecidos, mais autênticos que os Evangelhos, eles encontraram essa doutrina? Aparentemente na consciência e na superioridade de suas próprias luzes.

Deixemos, então, essas inúteis discussões que não chegariam a resultado algum e cuja solução, se fosse possível, não tornaria os homens melhores. Digamos que Jesus é *Filho de Deus*, como todas as criaturas. Ele chama Seu Pai, como nos ensinou a chamá-lo de nosso Pai. Ele é o *Filho bem-amado de Deus*, porque, tendo chegado à perfeição que O aproxima de Deus, possui toda Sua confiança e todo Seu afeto. Ele próprio se diz *Filho único*, não porque seja o único que tenha chegado a esse degrau, mas porque só Ele estava predestinado a cumprir essa missão sobre a Terra.

Se a qualificação de *Filho de Deus* pode parecer apoiar a doutrina da divindade, o mesmo não acontece com a de *Filho do Homem*, que Jesus deu a si mesmo, em Sua missão, e que foi objeto para muitos comentários.

Para compreender o verdadeiro sentido desta qualificação, é preciso recorrer à Bíblia, na passagem em que foi dada pelo próprio Deus ao profeta Ezequiel.

“Assim foi essa imagem da glória do Senhor que me foi apresentada. Ao ver essas coisas, curvei o rosto sobre a terra e ouvi uma voz que me disse: — *Filho do Homem*, ficai de pé e eu vos falarei. E o Espírito, falando comigo, entrou em mim e me fortaleceu em pé e eu ouvi que me dizia: — *Filho do Homem*, eu vos enviei para os filhos de Israel, para um povo desertor, que se afastou de mim. Até hoje, eles e seus pais violaram a aliança que eu tinha feito com eles”. (Ezequiel, II:1 a 3)

“Filho do Homem, eis que vos foram preparadas cadeias, correntes que vos prenderão e das quais não saireis”. (Ezequiel, III:25)

“O Senhor ainda me dirigiu a palavra e disse: — E vós, Filho do Homem, escutai o que diz o Senhor Deus à terra de Israel: o fim se aproxima, aproxima-se esse fim, nos quatro cantos da terra”. (Ezequiel, VII:1 e 2)

“No décimo dia do décimo mês do nono ano, o Senhor me dirigiu a palavra e disse: — Filho do Homem, marcai bem este dia em que o rei da Babilônia reuniu suas tropas diante de Jerusalém”. (Ezequiel, XXIV:1 e 2)

“O Senhor me disse ainda estas palavras: — Filho do Homem, vou atingir-vos com uma ferida e tirar-vos o que é mais agradável a vossos olhos, mas não vos lamentareis nem chorareis, lágrimas não correrão em vosso rosto. Suspirareis em segredo, não guardareis luto, como se faz pelos mortos. A coroa permanecerá sobre vossa cabeça e tereis vossos sapatos nos pés: não cobrireis o rosto e de jeito nenhum comereis as carnes que se dão àqueles que estão de luto. Falei, então, de manhã, ao povo e à tarde minha mulher morreu. Na manhã seguinte, fiz o que Deus tinha me ordenado”. (Ezequiel, XXIV:15 a 18)

“O Senhor ainda me falou: Filho do Homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dizei-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Infelizes dos pastores de Israel que apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?”. (Ezequiel, XXXIV:1 e 2)

“Então, ouvi o que me falava, dentro da casa. E o homem que estava próximo de mim me disse: — Filho do Homem, é aqui o lugar do meu trono, o lugar onde colocarei meu pés e onde habitarei para sempre, entre os filhos de Israel, e a casa de Israel não profanará mais meu santo nome no futuro, nem eles, nem seus reis, com suas idolatrias, com os sepulcros de seus reis, nem em suas altas relações sociais”. (Ezequiel, XLIII:6 e 7)

“Porque Deus não ameaça como o homem e não se enfurece como o *Filho do Homem*”. (Judite, VIII:15)

É evidente que a qualificação de *Filho do Homem* quer dizer aqui: *quem nasceu do homem*, em oposição ao que está fora da Humanidade. A última citação, tirada do livro de Judite, não deixa dúvida sobre a significação desta palavra, empregada em um sentido muito literal. Deus só designa Ezequiel com esse nome, sem dúvida, para lembrá-lo de que, apesar do dom da profecia que lhe foi dado, não deixa de pertencer à Humanidade, para que não acredite ter uma natureza excepcional.

Jesus dá a si mesmo essa qualificação, com uma persistência notável, porque só em raras circunstâncias se diz *Filho de Deus*. Vindo de Sua boca, só pode ter o significado de lembrar que Ele também pertence à Humanidade. Por aí se assemelha aos profetas que O antecederam e aos quais se comparou, referindo-se à Sua morte, quando diz: “*Jerusalém*

que mata os Profetas!”. A insistência com que Ele se designa Filho do Homem parece um protesto antecipado contra a qualidade que prevê que lhe darão mais tarde, para que fique bem constatado que tal qualidade não saiu de Sua boca.

É de se notar que, durante essa interminável polêmica que apaixonou os homens durante séculos e ainda persiste, que acendeu fogueiras e fez correr ondas de sangue, foi debatida uma abstração — a natureza de Jesus, da qual se fez a pedra angular do edifício, embora Ele não tenha falado sobre ela. E esqueceu-se uma coisa, a que o Cristo disse ser “*toda a lei e os profetas*”: o Amor a Deus e ao próximo e a caridade, que Ele colocou como condição expressa para a salvação. Insistiu-se sobre a questão da afinidade de Jesus com Deus e passou-se completamente em silêncio sobre as virtudes que recomendou e das quais deu o exemplo.

O próprio Deus ficou apagado diante da exaltação da personalidade do Cristo. No símbolo de Niceia⁴, está dito simplesmente: — Acreditamos

⁴**Nota da tradução** – O Concílio de Niceia foi uma reunião dos bispos da igreja católica, realizada no ano 325 d.C., durante o reinado de Constantino, o primeiro imperador romano a se converter ao Cristianismo. Nesta reunião discutiu-se a natureza do Cristo e rejeitou-se a opinião chamada de *ariana*, que defendia que Cristo e Deus tinham naturezas diferentes e que o Cristo seria um ser inferior a Deus. Em Niceia, essa posição foi considerada herética e decidiu-se em favor da trindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo sendo uma só pessoa). Também neste concílio, mudou-se a data de comemoração da Páscoa, que até então era feita com os judeus, e do dia semanal de descanso, que passou a ser o domingo (sábado para os judeus). O resumo das decisões deste concílio se chamou “O Símbolo de Niceia” (cuja expressão se traduz na oração do Credo). A posição *ariana* referia-se ao bispo de Alexandria, chamado *Ário*, que defendia a doutrina de que só existia um Deus verdadeiro, o Pai Eterno, princípio de todos os seres. O Cristo seria criação de Deus, como instrumento para a criação do mundo, pois a divindade transcendente não podia colocar-se em contato com a matéria. Cristo, inferior e limitado, não possuía o mesmo poder divino, mas se situava entre o Pai e os homens, sem se confundir com nenhuma das naturezas, por se constituir em um semideus. Mas as posições assumidas em Niceia não se firmaram como definitivas. Surgiram calúnias, suspeitas, deposições e novos exílios, ora contra os niceanos, ora contra os arianos. O conflito revelava uma clara oposição entre o Ocidente latino e o Oriente grego, a partir das disputas de primazia hierárquica e política. Assim, houve uma nova reunião geral dos bispos, na fronteira dos dois impérios, os ocidentais se congregaram em torno do Símbolo de Niceia e excomungaram os hereges; os orientais, por sua vez, apoiaram *Ário* e excomungaram não apenas os niceanos como o próprio bispo de Roma. O Ocidente, entretanto, conseguiu uma vitória que precipitou a ruptura entre as duas igrejas: um dos decretos reconhecia Roma como suprema instância de apelo para a cristandade universal. Quando Teodósio, ardente partidário da Igreja Romana, tomou a direção do Império Oriental, em 378, promulgou um edito impondo a doutrina romana. Para consolidar suas medidas, convocou um concílio ecumênico em Constantinopla, que condenou as doutrinas trinitárias heréticas e colocou-as na ilegalidade, assim como todos os seus partidários. No fim do reinado de Teodósio, ao tornar-se oficialmente religião do Império, o Cristianismo ortodoxo-romano venceu em definitivo.

em um só Deus etc. Mas como é esse Deus? Não há nenhuma menção a Seus atributos essenciais, a Sua soberana vontade e soberana justiça. Essas palavras teriam sido a condenação dos dogmas que consagram Sua parcialidade em relação a certas criaturas, sua inexorabilidade, sua inveja, sua cólera, seu Espírito vingativo, com que se autoriza para justificar as crueldades que são cometidas em Seu nome.

Se o Concílio de Niceia, que se constituiu em fundamento da fé católica, estava de acordo com o espírito do Cristo, por que a execração final? Não é a prova de que é obra da paixão dos homens? A quem se deve, aliás, sua adoção? À pressão do imperador Constantino, que tinha feito do assunto mais uma questão política do que religiosa. Sem sua ordem, o Concílio de Niceia não teria se realizado. Sem a intimidação que ele exerceu, é mais provável que o arianismo levasse a melhor. Dependeu, então, da autoridade soberana de um homem que não pertencia à Igreja, que reconheceu mais tarde o erro que tinha feito publicamente e que inutilmente tentou retornar, conciliando as partes. Dele dependeu, portanto, que não sejamos arianos em vez de sermos católicos e que o arianismo não fosse hoje a ortodoxia e o catolicismo a heresia.

Após dezoito séculos de lutas e disputas inúteis, nas quais se colocou de lado completamente a parte mais essencial do ensinamento do Cristo, a única que poderia assegurar a paz da Humanidade, lamentamos essas discussões estéreis que só trouxeram confusão, produziram a incredulidade e cujo objeto não satisfaz mais a razão.

Existe, atualmente, uma tendência manifesta da opinião geral de voltar às ideias fundamentais da primitiva Igreja e à parte moral do ensinamento do Cristo, porque é a única que pode tornar os homens melhores. Isso é claro, positivo, e não pode dar lugar a nenhuma controvérsia. Se a Igreja tivesse seguido esse caminho desde o princípio, seria hoje muito poderosa, em vez de estar em declínio. Teria concentrado a imensa maioria dos homens, em vez de estar despedaçada pelas facções.

Quando os homens caminharem sob essa bandeira, se estenderão a mão fraternalmente, em vez de se lançarem à execração e à maldição por questões que, na maior parte do tempo, não compreendem.

Essa tendência de opinião é o sinal de que chegou o momento de levar a questão para seu verdadeiro terreno.

INFLUÊNCIA PERNICIOSA DAS IDEIAS MATERIALISTAS

Sobre as artes em Geral; sua regeneração pelo Espiritismo

Lê-se no *Correio de Paris*, seção *Mundo Ilustrado*, de 19 de dezembro de 1868:

“Carmouche¹ escreveu mais de duzentas comédias e *vaudevilles*² e, no máximo, nosso tempo sabe seu nome. É terrivelmente fugaz essa glória dramática que excita tantos desejos. A menos que se tenha assinado extraordinárias obras de arte, se está condenado a ver o nome cair no esquecimento, tão logo se deixa de estar em plena atividade. Mesmo durante a luta, se é ignorado pela maioria. Com efeito, o público, quando olha o cartaz, só se preocupa com o título da peça. O nome de quem a escreveu pouco importa. Tentem pensar quem foi que assinou tal ou tal obra encantadora de que você se lembra. Quase sempre não conseguirá responder. E quanto mais avançarmos, mais será assim: *as preocupações materiais substituindo cada vez mais as preocupações artísticas*.

“O próprio Carmouche contava uma anedota típica sobre esse assunto. Meu livreiro, dizia ele, com quem eu conversava sempre sobre

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Pierre-François-Adolphe Carmouche, teatrólogo francês. Nasceu em 1797 e morreu em 1866, na cidade de Lyon. Compôs mais de 225 peças teatrais.

⁽²⁾ **Nota da tradução:** *Vaudeville*, em teatro, é um gênero de comédia leve e muito movimentada, que originariamente comportava cenas cantadas e passou, em seguida, a caracterizar-se pelos quiproquós (situações cômicas, resultantes de equívocos) e por situações imprevistas e intriga complexa.

meu pequeno comércio, me falava assim: “Não está mal, senhor, mas as coisas se modificam. Os artigos vendidos atualmente não são mais os mesmos. Antes, quando eu via chegar um jovem de 18 anos, sabia que nove entre dez vezes iria me pedir um dicionário de rimas. Hoje, ele vem para me pedir um manual de operações da Bolsa”.

As preocupações materiais substituem as artísticas. Como ser diferente, no momento em que se esforça para concentrar todos os pensamentos do Homem na direção carnal e em destruir-lhe toda esperança, toda aspiração, para além desta existência? Essa consequência é lógica, inevitável, para aquele que não vê nada, fora do pequeno círculo efêmero da vida presente. Quando não se vê nada atrás de si, nada diante de si, nada acima, sobre o que pode se concentrar o pensamento, senão no ponto em que se encontra? O sublime da arte é a poesia do ideal, que nos transporta para fora da estreita esfera de nossa atividade. Mas o ideal está exatamente nessa região extramaterial, em que só se penetra pelo pensamento, que a imaginação concebe, mas que os olhos não percebem. Ora, que inspiração o Espírito pode buscar no nada?

Se o pintor que só tivesse visto o céu nublado, as estepes áridas e monótonas da Sibéria, acreditasse que todo o mundo se reduzisse a isso, conseguiria conceber e descrever a claridade e a riqueza de tons da natureza tropical? Como vocês querem que seus artistas e seus poetas os transportem para regiões que eles só veem com os olhos da alma, que não compreendem e nas quais não acreditam?

O Espírito só pode se identificar com o que sabe ou com o que acredita ser uma verdade. E essa verdade, mesmo moral, se torna para ele uma realidade, que quanto mais sente, melhor exprime. Então, se à inteligência das coisas se junta a flexibilidade do talento, ele consegue passar suas próprias impressões às outras almas. Mas que impressões pode passar alguém que não as tem?

A realidade, para o materialista, é a Terra. Seu corpo é tudo, já que fora não há nada, já que seu próprio pensamento se acaba com a desorganização da matéria, como o fogo, com o combustível. Ele só pode traduzir pela linguagem da arte o que vê e o que sente. Ora, se só vê e sente a matéria tangível, não pode transmitir outra coisa. Não pode

buscar inspiração onde só vê o vazio. Se se aventurar em um mundo desconhecido para ele, entrará neste mundo desconhecido como um cego e, apesar de seus esforços para se elevar ao diapasão do ideal, fica no chão, como um pássaro sem asas.

A decadência das artes, neste século, é o resultado inevitável da concentração das ideias sobre as coisas materiais. E essa concentração, por sua vez, é o resultado da ausência de qualquer crença na espiritualidade do ser. O século só colhe o que semeou. *Quem semeia pedras não pode colher frutas*. As artes só sairão de seu torpor pela reação em direção às ideias espiritualistas.

E, como o pintor, o poeta, o escritor, o músico poderiam ligar seu nome a obras duráveis, quando, a maioria não acredita — eles mesmos — em seus trabalhos? Quando não percebem que a lei do progresso, esse poder invencível, que liga, em sua passagem, os universos, no caminho do infinito, lhes pede mais que pálidas cópias de criações magistrais dos artistas do passado. Nó nos lembramos dos trabalhos de Fídias³, de Apeles⁴, de Rafael⁵, de Michelângelo⁶, faróis luminosos, que se destacam na obscuridade dos séculos passados, como estrelas brilhantes no meio de trevas profundas. Mas quem pensaria em destacar a luz de uma lâmpada, lutando contra o brilho do Sol de um belo dia de verão?

O mundo caminhou a passos de gigante, desde os tempos históricos. As filosofias dos povos primitivos foram gradualmente transformadas.

⁽³⁾ **Nota da tradução:** Fídias (490-432 a.C.) foi um dos mais famosos escultores gregos, que vivia em Atenas. Uma de suas obras mais famosas foi a Estátua de Zeus (447 a.C.), figura central do Templo de Olímpia, esculpida em marfim e ébano, com cerca de 18 metros de altura e destruída por um incêndio (415).

⁽⁴⁾ **Nota da tradução:** Apeles (352-308 a.C.) foi um dos mais famosos pintores clássicos da Grécia. Segundo testemunhos da Antiguidade, impressionava por sua destreza manual e pela precisão das linhas. Distinguiu-se sobremaneira no retrato, por sua grande habilidade artística no emprego da perspectiva e do claro-escuro.

⁽⁵⁾ **Nota da tradução:** Rafael ou Raffaello Sanzio (1483-1520), pintor italiano, conhecido como o “príncipe dos pintores”. Admirado pela aristocracia e pela corte papal, foi encarregado (1508) pelo papa Júlio II de decorar com afrescos as salas do Vaticano, hoje conhecidas como as *stanze de Rafael*. Durante 12 anos, incumbiu-se de numerosos projetos de envergadura, nos quais deu mostras de uma imaginação variada e fértil.

⁽⁶⁾ **Nota da tradução:** Michelângelo ou Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564), é considerado o gênio italiano da escultura universal. Autor de obras imortais da escultura, a exemplo de *Davi* e o *Moisés*; da arquitetura, como a *cúpula da Basílica de São Pedro* e da pintura, como os *afrescos da capela Sistina*. Com dezenas de obras mundialmente famosas, é um dos mais reverenciados artistas do mundo ocidental, mesmo na atualidade.

As artes, que se apoiam nas filosofias, de que são a consagração idealizada, devem também ter se modificado e se transformado. É matematicamente exato dizer que, sem crença, as artes não têm a vitalidade possível e que toda transformação filosófica conduz necessariamente a uma transformação artística paralela.

Em todas as épocas de transformação, as artes correm perigo, porque a crença sobre a qual se apoiam não é mais suficiente para as aspirações crescentes da Humanidade e os novos princípios, ainda não estando adotados de maneira definitiva pela maioria dos homens, os artistas só ousam explorá-los, hesitando sobre a mina desconhecida que se abre aos seus pés.

Durante as épocas primitivas, em que os homens só conheciam a vida material, em que a filosofia divinizava a natureza, a arte procurou, antes de tudo, a perfeição da forma. A beleza corporal era, então, a primeira das qualidades. A arte se prendeu a reproduzir, a idealizar. Mais tarde, a filosofia tomou um novo caminho. Os homens, progredindo, reconheceram acima da matéria um poder criador e organizador, que recompensava os bons, punia os maus, criava uma lei da caridade. Um mundo novo, o mundo moral, edificou-se sobre as ruínas do velho mundo. Desta transformação nasceu uma arte nova, que fez a alma pulsar sob a forma e juntou à perfeição plástica a expressão de sentimentos desconhecidos dos antigos. O pensamento venceu a matéria, mas se revestia das formas severas da filosofia em que a arte se inspirava. As descrições e as pinturas de torturas físicas e morais dos condenados sucederam as tragédias de Ésquilo⁷ e os mármores de Milos⁸. A arte elevou-se, revestiu-se de um caráter grandioso e sublime, mas ainda sombrio. Está completa nas pinturas do inferno e do céu da Idade

⁽⁷⁾ **Nota da tradução:** Ésquilo (525-456 a.C.) foi um dos mais conhecidos poetas trágicos da Grécia, cuja obra é conhecida na atualidade. Um de seus trabalhos mais famosos é *Prometeu acorrentado*.

⁽⁸⁾ **Nota da tradução:** Uma das mais famosas esculturas em mármore do mundo ocidental, que se encontra no museu do Louvre, em Paris, é a *Vênus de Milos* ou *Afrodite*. Encontrada durante o século II a.C., na ilha de Milos, no Mar Egeu, a obra contrasta a delicadeza da forma feminina com a textura pesada do manto. Ela já teve braços, mas não se sabe ao certo em que posição. *Afrodite*, na mitologia grega, era a deusa da beleza e do amor, tinha o poder de inspirar ou de destruir o amor no coração dos humanos. Encarnava a perfeição da beleza feminina.

Média, de sofrimentos eternos ou de uma beatitude tão distante de nós, tão elevada, que nos parece quase inacessível. Talvez por isto nos toque tão pouco, quando a vemos reproduzida em tela ou em mármore.

Ainda hoje, ninguém poderia contestar, o mundo está em um período de transição, hesitando entre os hábitos antiquados, as crenças insuficientes do passado e as novas verdades que lhe são progressivamente reveladas.

Como a arte cristã sucedeu a arte pagã e a transformou, a arte espírita será o complemento e a transformação da arte cristã. O Espiritismo nos mostra, com efeito, o futuro sob uma nova luz e mais ao nosso alcance. Por ele, a felicidade está mais perto de nós, está a nosso lado, nos Espíritos que nos cercam e que nunca deixaram de estar em relação conosco. A morada dos eleitos e a dos condenados não está mais isolada. Há solidariedade entre o céu e a terra, entre todos os mundos de todos os universos. A felicidade consiste no amor mútuo de todas as criaturas que chegaram à perfeição e na constante atividade, com o objetivo de instruir e de conduzir para esta mesma perfeição aqueles que estão atrasados. O inferno está no próprio coração do culpado, que encontra o castigo no remorso, mas que não é eterno, e o perverso, entrando no caminho do arrependimento, reencontra a esperança, essa sublime consolação dos infelizes.

Que fontes inesgotáveis de inspiração para a arte! Que obras de arte de todos os tipos as novas ideias poderão produzir, com a reprodução de cenas tão múltiplas e tão variadas da vida espírita! Em vez de representar relíquias frias e inanimadas, se verá a mãe, tendo ao lado o filho querido, em sua forma radiosa e etérea, a vítima perdoando seu carrasco; o criminoso fugindo em vão do espetáculo incessante de suas ações condenáveis! O isolamento do egoísta e do orgulhoso, no meio da multidão; a confusão do Espírito, nascendo na vida espiritual etc. E se o artista quer se elevar acima da esfera terrestre, aos mundos superiores, verdadeiros édens, em que os Espíritos avançados gozam a felicidade adquirida, ou reproduzir algumas cenas de mundos inferiores, verdadeiros infernos, onde as paixões reinam soberanas, que cenas emocionantes, que quadros cheios de interesse não se poderão produzir!

Sim, certamente o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado, e, quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção, sorverá nessa fonte as mais sublimes inspirações e seu nome viverá nos séculos futuros, porque *o estudo da vida futura e eterna da alma substituirá as preocupações materiais e efêmeras da vida presente.*

TEORIA DO BELO

Será o belo algo convencional e relativo a cada tipo? O que constitui a beleza para alguns povos não é, para outros, uma horrível fealdade? Os negros se acham mais belos que os brancos e vice-versa. Nesse conflito de gostos, há uma beleza absoluta e em que consiste? Somos realmente mais belos que os hotentotes¹ e os cafres²? Por quê?

Essa questão, que à primeira vista parece estranha ao objeto de nossos estudos, interessa de uma maneira direta e toca mesmo no futuro da Humanidade. Foi-nos sugerida, assim como sua resposta, pela seguinte passagem de um livro de Charles Richard, muito interessante e instrutivo, chamado *As revoluções inevitáveis no globo e na humanidade*.

O autor dedica-se a combater a opinião sobre a degeneração física do Homem, a partir dos tempos primitivos. Contesta vitoriosamente a crença na existência de uma raça primitiva de gigantes e empenha-se em provar que, do ponto de vista da força física e da estatura, os homens de hoje equivalem aos antigos, se não lhes levam vantagem.

Sobre a beleza das formas, assim se exprime, na página 41 e seguintes: “No que diz respeito à beleza do rosto, à graça da fisionomia, a esse conjunto que constitui a estética do corpo, a melhora é ainda mais facilmente constatada.

“Basta, para isso, olhar os tipos que as medalhas e as estátuas antigas nos transmitiram intactos, através dos séculos.

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Hotentote – povo da África do Sul.

⁽²⁾ **Nota da tradução:** Cafre: nome dado pelos islamitas aos gentios e idólatras e, por extensão, aos negros pagãos da África oriental. Aplica-se, sobretudo, às populações bantas de Moçambique, da África do Sul e dos demais países do sudeste da África.

“A iconografia de Visconti e o museu do conde de Clarol³ são, entre muitas outras, duas fontes em que é fácil buscar os elementos variados desse estudo interessante.

“O que impressiona, de início, no conjunto de figuras, é a rudeza dos traços, *a animalidade da expressão, a crueldade do olhar*. Sente-se um arrepio involuntário, porque se está diante de pessoas que cortariam vocês em pedaços, sem piedade, para dar como comidas às moreias, como o fazia Polion, rico gastrônomo de Roma e parente de Augusto.

“O primeiro Brutus (Lucius-Junius)⁴, o que mandou cortar a cabeça de seus dois filhos e assistiu a sangue frio ao suplício, parece um animal de rapina. Seu perfil sinistro toma emprestado da águia e do gavião o que os dois carniceiros do ar têm de mais selvagem. Vendo-o, não se pode duvidar de que ele mereceu a vergonhosa honra que a História lhe confere. Se matou os dois filhos, teria certamente enforcado sua mãe, pelo mesmo motivo.

“O segundo Brutus (Marcus), que apunhalou César, seu pai adotivo, precisamente na hora em que ele mais contava com seu reconhecimento e seu amor, lembra em seus traços um tolo fanático. Não há nem mesmo a beleza sinistra que o artista descobre muitas vezes nessa energia indomável que leva ao crime.

“Cícero⁵, o orador brilhante, o escritor espirituoso e profundo, que deixou tão grande lembrança de sua passagem pelo mundo, tem uma figura sem importância e comum, que deveria torná-lo mais agradável de ouvir do que de ver.

“Júlio César⁶, o grande, o incomparável vencedor, o herói dos massacres, que entrou no reino das sombras com um cortejo de dois milhões de almas que executou durante sua vida, é tão feio quanto seu

⁽³⁾ **Nota da tradução:** Não foi possível encontrar referências sobre as citações de Visconti e conde de Clarol, a que o autor se refere neste contexto.

⁽⁴⁾ **Nota da tradução:** Brutus Lucius Junius (85-42 a.C.) foi o legendário instaurador da República Romana. Fazia-se passar por idiota, escondendo grande astúcia. Por parte de mãe, era primo do último rei de Roma, chamado Tarquínio, o soberbo. Abafou uma conspiração real, da qual seus filhos, Titus e Tiberius, tomaram parte. Mandou matar os traidores, inclusive os filhos.

⁽⁵⁾ **Nota da tradução:** Marco Tulio Cícero (106-43 a.C.) foi considerado um dos mais eloquentes oradores de sua época.

⁽⁶⁾ **Nota da tradução:** Gaius Julius Caesar Octavianus Augustus, em latim, (63 a.C.–14 d.C.) foi o primeiro imperador romano. Morreu no mês de agosto, que foi batizado em sua homenagem. Antes, se chamava *Sextilis*.

predecessor, mas com outro tipo de feiura... Sua figura magra e ossuda, montada sobre um pescoço comprido e feio, por causa de um pomo-de-adão saliente, o fazia parecer mais com um feirante idiota do que com um grande guerreiro.

“Galba, Vespasiano, Nerva, Caracala, Alexandre, Severo, Balbino⁷, são mais hediondos do que feios. É com dificuldade que, nesse museu dos antigos tipos de nossa espécie, pode-se encontrar aqui ou ali algumas figuras que se pode olhar com alguma simpatia. A de Cipião, o Africano⁸, a de Pompeu⁹, de Cômodo¹⁰, de Heliogábalo¹¹, de Antinous¹², o favorito de Adriano, estão entre esse pequeno número. Sem serem belos, no sentido moderno da palavra, essas figuras são pelo menos regulares, com um aspecto agradável.

“As mulheres não são mais bem apresentadas do que os homens e possibilitam as mesmas observações. Lúvia, filha de Augusto, tem o perfil pontiagudo de uma fuinha; Agripina¹³ dá medo de ver e Messalina¹⁴, como que para derrotar Cabanis e Lavater, parece uma criada gorda, que gosta mais de uma boa sopa do que de outras coisas.

⁽⁷⁾ **Nota da tradução:** Todos imperadores romanos.

⁽⁸⁾ **Nota da tradução:** (236-184 a.C.) foi o vencedor de Aníbal e conquistador de Cartago (202 a.C.). Herdeiro de distinta família do patriciado romano, Cipião unia as atribuições de um audaz comandante de armas com as sutilezas de um refinado homem culto, íntimo das artes gregas.

⁽⁹⁾ **Nota da tradução:** Pompeu (106-48 a.C.), general romano, teria sido o autor da frase: “Navegar é preciso, viver não é preciso”, para os soldados, que teriam se recusado a navegar durante a guerra.

⁽¹⁰⁾ **Nota da tradução:** Cômodo (161-192), imperador romano.

⁽¹¹⁾ **Nota da tradução:** Heliogábalo (204-224), também imperador romano.

⁽¹²⁾ **Nota da tradução:** Antinous teria sido um jovem grego, por quem o imperador Adriano (76-138), um dos mais poderosos do antigo Império Romano, nutriu grande paixão.

⁽¹³⁾ **Nota da tradução:** Agripina, neta de César Augusto, primeiro imperador romano, era uma das matronas mais populares do império romano, conhecida por suas virtudes e respeito à tradição.

⁽¹⁴⁾ **Nota da tradução:** Valéria Messalina (17-48) foi a terceira mulher do imperador Cláudio. Os historiadores clássicos a descrevem como uma mulher cruel, ambiciosa, desleal e adúltera.

⁽¹⁵⁾ **Nota da tradução:** Temístocles (525-460 a.C.), general grego, nascido em Atenas, cuja habilidade política e militar transformou a capital da Grécia na maior potência naval helênica e tornou possível a vitória sobre os invasores persas.

⁽¹⁶⁾ **Nota da tradução:** Milcíades, general ateniense.

⁽¹⁷⁾ **Nota da tradução:** Armand Jean du Plessis, cardeal Richelieu, nasceu em Paris em 1585. Foi ministro de Luís XIII, de 1624 a 1642. Levou a França e seu rei a um grande poder. Sua administração foi assinalada por reformas nas finanças, no exército e na legislação. Fundou a Academia Francesa e foi o criador do Absolutismo Real.

⁽¹⁸⁾ **Nota da tradução:** Antoine Nompard de Caumont, duque de Lauzun (1632-1723), soldado e cortesão francês.

“É preciso dizer que os gregos são geralmente melhores do que os romanos. As figuras de Temístocles¹⁵ e de Melcíades¹⁶, entre outros, podem ser comparadas aos mais belos tipos modernos. Mas Alcebíades, esse avô tão distante de nossos Richelieu¹⁷ e Lauzun¹⁸, cujas proezas enchem sozinhas a crônica de Atenas, tem, como Messalina, muito pouco físico para seu desempenho. Ao ver seus traços solenes e sua frente séria, poderia ser tomado antes por um jurista, preso a um texto de lei do que por esse audacioso conquistador, que se exilava em Esparta, unicamente para ludibriar o pobre rei Ágis e depois se vangloriar de ter sido amante de uma rainha.

“Qualquer que seja a vantagem que se possa dar aos gregos, em comparação com os romanos, alguém que se dê ao trabalho de comparar esses velhos tipos com os de nosso tempo reconhecerá, sem muito esforço, que houve progresso, tanto nesse campo como em outros. Apenas é bom não esquecer, nessa comparação, que se trata aqui de classes privilegiadas, sempre mais belas que as outras e que, em consequência, os tipos modernos, para serem comparados aos antigos, devem ser escolhidos nas salas de visita e não em espeluncas. Porque a pobreza, infelizmente, em todos os tempos e sob todos os aspectos, nunca é bela. É exatamente assim, para nos envergonhar e nos forçar a algum dia nos livrarmos dela.

“Não quero dizer, então, o que seria um erro, que a feiura desapareceu completamente de nossos rostos e que a marca divina se reencontra enfim sob todas as máscaras que escondem uma alma. Longe de mim uma afirmação que poderia ser facilmente contestada por todos.

⁽¹⁵⁾ **Nota da tradução:** Temístocles (525-460 a.C.), general grego, nascido em Atenas, cuja habilidade política e militar transformou a capital da Grécia na maior potência naval helênica e tornou possível a vitória sobre os invasores persas.

⁽¹⁶⁾ **Nota da tradução:** Milcíades, general ateniense.

⁽¹⁷⁾ **Nota da tradução:** Armand Jean du Plessis, cardeal Richelieu, nasceu em Paris em 1585. Foi ministro de Luís XIII, de 1624 a 1642. Levou a França e seu rei a um grande poder. Sua administração foi assinalada por reformas nas finanças, no exército e na legislação. Fundou a Academia Francesa e foi o criador do Absolutismo Real.

⁽¹⁸⁾ **Nota da tradução:** Antoine Nompar de Caumont, duque de Lauzun (1632-1723), soldado e cortesão francês. ¹⁹⁾ **Nota da tradução:** Como se viu em nota anterior, há muitas versões sobre Vênus, a deusa da beleza. Segundo a mitologia grega, Vênus teria nascido da espuma do mar, fecundada pelo sangue de Urano (o céu). A *Vênus de Médicis* é uma das numerosas estátuas da deusa mitológica e se encontra em Florença, na Itália, mas esteve, por 15 anos, no Museu do Louvre, em Paris.

Minha pretensão limita-se a constatar que em um período de dois mil anos, *tão pouco, para uma humanidade que tem tanto tempo a viver*, a fisionomia da espécie já melhorou sensivelmente.

“Por outro lado, acredito que as mais belas figuras antigas são inferiores àquelas que podemos admirar diariamente nas reuniões públicas, nas festas e até nas ruas. Se não temesse ferir certas modéstias e também provocar certos ciúmes, poderia citar cem exemplos conhecidos por todos, no mundo contemporâneo, que confirmariam a evidência do fato.

“Os adoradores do passado enchem a boca, para falar da Vênus de Médicis¹⁹, que lhes parece o ideal de beleza feminina, e não percebem que mais de cinquenta exemplares dessa mesma Vênus passeiam todos os domingos nas avenidas de Arles²⁰ e que são poucas as nossas cidades, principalmente as do Meio-Dia²¹, que não possuem algumas delas...

“... Em tudo o que acabamos de dizer, só comparamos nosso tipo atual ao dos povos que nos precederam alguns milhares de anos. Mas, voltando mais longe, para outras épocas, percebemos nas camadas terrestres, onde repousam os fragmentos das primeiras raças que habitaram nosso planeta, a vantagem sensível em nosso favor, do ponto de vista da beleza, que qualquer negação se apaga por si mesma.

“Sob essa influência teológica, que deteve Copérnico²², Tycho-Brahe²³, que perseguiu Galileu²⁴, e que, nos últimos tempos, obscureceu por um momento o gênio do próprio Cuvier²⁵, a Ciência hesitava em sondar os

⁽²⁰⁾ **Nota da tradução:** Arles, bairro parisiense.

⁽²¹⁾ **Nota da tradução:** Sul do país.

⁽²²⁾ **Nota da tradução:** Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo que, em 1543, apresentou uma teoria que só pôde ser comprovada no século seguinte: a do heliocentrismo, de que a Terra girava em torno do Sol e não o contrário (geocentrismo), que vigorava na época.

⁽²³⁾ **Nota da tradução:** Tycho-Brahe (1546-1601), famoso astrônomo dinamarquês. Entre muitos estudos, propôs um modelo próprio, em que afirmava que todos os planetas giravam em torno do Sol, menos a Terra, em torno da qual girariam o Sol e a Lua.

⁽²⁴⁾ **Nota da tradução:** Galileu Galilei (1564-1642), matemático, físico e astrônomo italiano. A partir de um folheto, construiu a primeira luneta astronômica em Veneza. Fez observações da Via-Láctea a partir de 1610, que o levaram a adotar o sistema de Copérnico. Pressionado pela Igreja, foi para Florença, onde concluiu seus estudos de que o centro planetário era o Sol e não a Terra, esta girava ao redor dele como todos os planetas. Foi condenado pela Inquisição e teve que negar tudo no tribunal.

⁽²⁵⁾ **Nota da tradução:** Georges Cuvier (1789-1832), filósofo, naturalista e anatomista francês. Entre outros estudos, ocupou vários cargos oficiais, como o de inspetor da instrução pública, e também deu significativas contribuições à paleontologia, com a descoberta, o estudo e a reconstrução de grande número de fósseis.

mistérios das épocas antediluvianas. O relato bíblico, admitido ao pé da letra, no mais estrito sentido, parece ter dito a última palavra sobre nossa origem e sobre os séculos que nos separam dela. Mas a verdade, impiedosa em seus progressos, acabou por romper a capa de ferro com que se queria aprisioná-la para sempre e por mostrar inteiramente as formas até então escondidas.

“O homem que vivia antes do dilúvio, em companhia dos mastodontes, do urso das cavernas e de outros grandes mamíferos, hoje desaparecidos, em resumo, o homem fóssil, tanto tempo negado, foi enfim encontrado e sua existência, colocada fora de dúvida. Os trabalhos sérios dos geólogos, particularmente os de Boucher de Perthes, de Filippi e de Lyell, nos permitem agora apreciar os caracteres físicos desse venerável antepassado do gênero humano. Ora, apesar dos contos imaginados pelos poetas sobre sua beleza original e do respeito que lhe devemos, como antigo chefe de nossa raça, a ciência é obrigada a constatar que era de uma feiura prodigiosa.

“Seu ângulo facial quase não ultrapassava 70 graus, seus maxilares, de um volume considerável, eram armados por dentes longos e salientes. A fronte era pequena. Os ossos temporais e o nariz eram achatados, as narinas largas. Em resumo, esse pai venerável devia parecer muito mais com um orangotango do que com seus filhos distantes de hoje. Se não se tivessem encontrado perto deles machados de pedra que tinham fabricado e, em alguns casos, os animais que ainda tinham marcas das feridas produzidas por essas armas rudimentares, poder-se-ia duvidar do importante papel que desempenhou em nossa filiação terrena. Não apenas ele sabia fabricar machados, como também clavas e pontas de lança de pedra. A elegância antediluviana chegou mesmo a confeccionar braceletes e colares com pequenas pedras arredondadas, que enfeitavam, naqueles tempos recuados, o braço e o pescoço do sexo encantador, que se tornou muito mais exigente depois, como todos podem ver.

“Não sei o que pensarão os elegantes de nossos dias, cujos ombros faiscam com diamantes. Quanto a mim, confesso, não consigo me livrar de uma emoção profunda, imaginando esse primeiro esforço tentado pelo homem, *mal saído do estado de brutalidade*, para agradar sua companheira, pobre e nua como ele, no meio de uma natureza inóspita, sobre a

qual sua raça deveria um dia reinar. Oh, nossos distantes antepassados! Se vocês já amavam, sob suas faces rudimentares, como poderíamos duvidar de sua paternidade, diante desse sinal divino de nossa espécie?

“É, pois, evidente que esses disformes humanos são nossos pais, já que nos deixaram os traços de sua inteligência e de seu amor, atributos essenciais que nos separam do animal. Podemos, então, examiná-los, sem as camadas da crosta terrestre que os cobrem, medir, como se mediria com um compasso, o progresso físico que nossa espécie realizou, desde que apareceu na Terra. Ora, esse progresso que, o tempo todo, poderia ser contestado pelo espírito do sistema e pelos preconceitos da educação, adquire aqui uma tal evidência, que só se pode reconhecê-lo e proclamá-lo.

“Alguns milhares de anos poderiam deixar dúvidas, algumas centenas de séculos as dissipam irrevogavelmente...

“...Como ainda somos jovens e recentes em todas as coisas! Ignoramos ainda nosso lugar e nosso caminho na imensidade do Universo e ousamos negar progressos que, por falta de tempo, não se pôde ainda constatar suficientemente. Crianças que somos, tenhamos um pouco de paciência e os séculos, nos aproximando do fim, nos revelarão esplendores que escapam, pela distância, de nossos olhos, apenas entreabertos.

“Mas, desde hoje, proclamemos alto e bom som, já que a Ciência nos permite, o fato capital e consolador do progresso, lento, mas seguro, de nosso tipo físico para esse ideal antevisto pelos grandes artistas, através das inspirações que o céu lhes envia para nos revelar seus segredos. O ideal não é um produto enganoso da imaginação, um sonho fugitivo, destinado, de tempos em tempos, a enganar nossas misérias. É um objetivo fixado por Deus para nosso aperfeiçoamento, objetivo infinito, porque só o infinito, em todos os casos, pode satisfazer nosso Espírito e lhe oferecer uma carreira digna dele”.

Destas observações sensatas, resulta que a forma do corpo se modificou em *um sentido determinado* e de acordo com uma lei, à medida que o ser moral se desenvolveu; que a forma exterior está em relação constante com o instinto e os apetites do ser moral. Que, quanto mais seus instintos se aproximam da animalidade, mais a forma também se aproxima. Enfim, que à medida que os instintos materiais se purificam

e dão lugar aos sentimentos morais, o invólucro exterior, que não está mais destinado à satisfação de necessidades grosseiras, se reveste de formas cada vez menos pesadas, mais delicadas, em harmonia com a elevação e a delicadeza dos pensamentos. Assim, a perfeição da forma é a consequência da perfeição do Espírito: de onde se pode concluir que o ideal da forma deve ser a que sonham os Espíritos, em estado de pureza, a que sonham os poetas e os verdadeiros artistas, porque penetram, pelo pensamento, nos mundos superiores.

Há muito tempo se diz que o rosto é o espelho da alma. Essa verdade, que se tornou axiomática, explica o fato comum de que certas feiuras desaparecem sob o reflexo das qualidades morais do Espírito e que, muitas vezes, se prefere uma pessoa feia, dotada de eminentes qualidades, a outra que só tenha beleza plástica. Porque esta feiura só consiste em irregularidades de forma, mas não exclui a fineza dos traços, necessária à expressão de sentimentos delicados.

Pode-se concluir, pelo que foi dito antes, que a beleza real consiste na forma que se distancia o mais possível da animalidade e reflete melhor a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. Influindo o moral sobre o físico, que ele apropria a suas necessidades físicas e morais, pode-se concluir: 1) que o tipo de beleza consiste na forma mais própria possível para a expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais, 2) que, à medida que o Homem se elevar moralmente, seu invólucro se aproximará do ideal de beleza, que é a beleza angelical.

O negro pode ser bonito para o negro, como um gato para um gato. Mas ele não tem beleza²⁶, no sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios grossos, acusam a materialidade dos instintos, podem bem exprimir as paixões violentas, mas não saberiam se prestar às nuances delicadas do sentimento e às modulações de um Espírito elevado. Eis por que podemos, sem presunção, acreditar, nos acharmos mais bonitos que os negros e os hotentotes. Mas talvez sejamos, nós também, para as gerações futuras melhoradas, o que os hotentotes são para nós. E quem sabe se, quando encontrarem nossos fósseis, não os considerarão como sendo de alguma variedade de animais.

Este artigo, tendo sido lido na Sociedade de Paris, foi objeto de

²⁶ Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 355.

um grande número de comunicações, todas apresentando as mesmas conclusões. Apresentamos as duas seguintes, como as mais desenvolvidas:

Paris, 4 de fevereiro de 1869 – (médium Sra. Malet)

Vocês pensaram certo; a origem primordial de toda a bondade e de toda inteligência é também a fonte de toda beleza. O amor produz a perfeição de todas as coisas e ele próprio é a perfeição. O Espírito é chamado a adquirir essa perfeição. Essa essência é seu destino. Ele deve, por seu trabalho, se aproximar dessa inteligência soberana e dessa bondade infinita. Deve também se revestir cada vez mais da forma perfeita que caracteriza os seres perfeitos.

Se, em suas sociedades infelizes, sobre seus globos ainda mal equilibrados, a espécie humana está tão longe dessa beleza física, é porque a beleza moral ainda mal começou a ser desenvolvida. A conexão entre essas duas belezas é um fato certo, lógico, e do qual a alma, mesmo aqui embaixo, tem a intuição. Com efeito, vocês todos sabem como é penoso o aspecto de uma fisionomia charmosa desmentida pelo caráter. Se ouvem falar de uma pessoa de mérito comprovado, a revestem, imediatamente, com os traços mais simpáticos e ficam dolorosamente impressionados ao ver uma figura que contradiz suas previsões.

O que concluir daí, a não ser que, como todas as coisas que o futuro nos reserva, a alma tem a presciência da beleza, à medida que a Humanidade progride e se aproxima de seu tipo divino. Não procurem argumentos contrários a esta afirmação de decadência aparente em que se encontra a raça mais avançada deste globo. Sim, é verdade, a espécie parece degenerar, corromper-se, as enfermidades se abatem sobre vocês antes da velhice. A própria infância sofre de doenças que normalmente pertencem a outra fase da vida, mas isso é uma transição. A época de vocês é ruim, acaba e começa. Acaba um período doloroso e começa uma época de regeneração física, de avanço moral, de progresso intelectual. A nova raça, de que já falei, terá mais aptidões, mais recursos a serviço do Espírito. Será maior, mais forte, mais bela. Desde o começo, se colocará em harmonia com as riquezas da criação que a raça de vocês,

descuidada e cansada, desdenha ou ignora. Vocês terão feito grandes coisas que ela aproveitará, avançando no caminho das descobertas e do aperfeiçoamento, com um ardor fervoroso, cujo poder vocês não conhecem.

Mais avançadas também em bondade, seus descendentes farão o que vocês não souberam fazer: desta Terra infeliz, farão um mundo feliz, em que o pobre não será rejeitado nem desprezado, mas socorrido por todas as instituições grandes e liberais. Já desponta a aurora dessas ideias, a claridade nos chega, por alguns momentos. Amigos, eis o dia, enfim, em que a luz clareará a Terra, obscura e miserável, em que a raça humana será boa e bela, de acordo com o grau de avanço que tiver conquistado, em que o sinal colocado na frente do homem não será mais o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança. Então, uma multidão de Espíritos avançados terá seu lugar reservado entre os colonos desta Terra. Serão maioria e tudo cederá diante deles. Acontecerá a renovação e a face do globo será mudada, porque essa nova raça será grande e poderosa e o momento em que virá marcará o começo de tempos felizes.

Panfílio

Paris, 4 de fevereiro de 1869.

A beleza, do ponto de vista puramente humano, é uma questão discutível e muito discutida. Para bem julgá-la, é preciso estudá-la com desinteresse amador. Quem está seduzido não poderia falar a respeito do assunto. O gosto de cada um também é levado em conta nas apreciações que são feitas.

Só existe o belo, o realmente belo, naquilo que é belo sempre e para todos. Essa beleza eterna, infinita, é a manifestação divina em seus aspectos incessantemente variados. É Deus em Suas obras, em Suas leis! Eis a única beleza absoluta. É a harmonia das harmonias e tem o direito ao título de absoluta, porque não se pode conceber nada de mais belo.

Quanto ao que se convencionou chamar de belo e que é verdadeiramente digno deste título, é preciso considerar como algo relativo,

porque se pode sempre conceber alguma coisa mais bela, mais perfeita. Só há uma beleza, uma perfeição: Deus. Fora Dele, tudo o que realçamos por esses atributos são apenas pálidos reflexos do belo único, um aspecto harmonioso das mil e uma harmonias da criação.

Há tantas harmonias quantos objetos criados, portanto, diferentes belezas típicas, que determinam o ponto culminante de perfeição que pode atingir uma das subdivisões do elemento animado. A pedra é bonita e diferentemente bonita. Cada espécie mineral tem suas harmonias e os elementos que reúnem todas as harmonias da espécie possuem a maior soma de beleza que a espécie possa atingir.

A flor também tem suas harmonias: pode possuir todas ou algumas, isoladamente, e ser diferentemente bela, mas só será bela quando as harmonias que concorrem para sua criação forem harmonicamente reunidas. Dois tipos de beleza podem produzir, pela fusão, um ser híbrido, disforme, de aspecto desagradável. Há, então, a cacofonia²⁶! As vibrações seriam harmônicas, isoladamente, mas a diferença de cada tonalidade produziu uma dissonância, com o encontro das ondas vibratórias. Daí o surgimento *do monstro!*

Descendo a escala criada, cada tipo animal oferece as mesmas observações e a ferocidade, a astúcia, mesmo a inveja, poderão originar belezas especiais, se o princípio que determina a forma não tiver mistura. A harmonia, mesmo no mal, produz o belo. Há o belo satânico e o belo angelical. A beleza energética e a beleza resignada. Cada sentimento, cada grupo de sentimentos, desde que seja harmônico, produz um tipo de beleza particular, de que todos os aspectos humanos são, não degenerescência, mas esboços. Assim, é verdadeiro dizer não que somos mais belos, mas que estamos mais próximos da beleza real, à medida que nos elevamos para a perfeição.

Em algo perfeito, todos os tipos se unem harmonicamente. Por isso é o belo absoluto. Nós, que progredimos, só possuímos uma beleza relativa, enfraquecida e abatida pelos elementos sem harmonia de nossa natureza.

Lavater

²⁶ Cacofonia – União não harmônica de sons diversos (Dicionário Houaiss).

A MÚSICA CELESTE

Certo dia, em uma das reuniões da família, o pai tinha lido uma passagem de *O Livro dos Espíritos* sobre a música celeste. Uma das filhas, boa musicista, dizia a si mesma: mas não há música no mundo invisível. Isto lhe parecia impossível, no entanto não falou nada sobre o que pensava. Na reunião da noite, ela própria escreveu, espontaneamente, a seguinte comunicação:

“Esta manhã, minha filha, seu pai lia para você uma passagem de *O Livro dos Espíritos*. Falava de música e você aprendeu que a do céu tem uma beleza muito diferente da música da Terra. Os Espíritos a acham bem superior à de vocês. Tudo isto é verdade, entretanto, você pensava consigo mesma: Como Bellini¹ poderia vir me dar conselhos e ouvir minha música? É, provavelmente, um Espírito leviano e farsante (alusão aos conselhos que o Espírito de Bellini lhe dava, às vezes, sobre sua música). Você se engana, minha filha, quando os Espíritos tomam um encarnado sob sua proteção, seu objetivo é fazê-lo avançar.

“Assim, Bellini não acha sua música bonita, porque não pode ser comparada à do espaço. Mas ele vê sua aplicação e seu amor por essa arte. Se lhe dá conselhos, é por sincera satisfação, deseja que seu professor seja recompensado por todo o seu esforço. Mesmo achando sua interpretação bem infantil, diante das sublimes harmonias do mundo invisível, aprecia seu talento, que pode ser considerado grande na Terra. Acredite, minha filha, os sons de seus instrumentos, suas mais belas vozes, não poderiam lhes dar a mais vaga ideia sobre a música celeste e sua suave harmonia”.

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Vincenzo Bellini (1801-1835), compositor da escola romântica italiana, cuja música é considerada extremamente melodiosa.

Alguns instantes depois, a jovem disse: “Papai, papai, estou anesthesiada, estou caindo”. Em seguida, jogou-se sobre uma poltrona, gritando: “Ó papai, papai, que música deliciosa!... Acorde-me, porque estou indo embora”.

Os assistentes, assustados, não sabiam como acordá-la e ela disse: “Água, água”. Com efeito, algumas gotas jogadas sobre ela deram resultado. No começo aturdida, voltou lentamente a si, sem ter a menor consciência do que tinha se passado.

Na mesma tarde, o pai, estando só, recebeu a seguinte explicação do Espírito de São Luís:

“Quando você lia para sua filha a passagem de *O Livro dos Espíritos* sobre a música celeste, ela estava em dúvida, não compreendia que a música pura pode existir no mundo espiritual. Por isso, esta tarde, eu lhe disse a verdade, mas não se tendo ela convencido, permitiu-lhe Deus aquele sono sonambúlico para convencê-la.

Então, seu Espírito, separando-se do corpo adormecido, lançou-se no espaço e foi admitido nas regiões etéreas. Seu êxtase era produzido pela impressão da harmonia celeste. Também foi ela quem gritou: “Que música! Que música!”. Mas, sentindo-se cada vez mais levada para as regiões etéreas, pediu que fosse acordada, indicando-lhe o meio, isto é, a água.

“Tudo se fez pela vontade de Deus. O Espírito de sua filha não duvidará mais. Por mais que não tenha, ao ser acordada, conservado a memória nítida do que se passou, seu Espírito sabe em que se apoiar.

“Agradeça a Deus os favores com que Ele cumula esta criança. Agradeça-Lhe por se dignar, cada vez mais, a fazê-los conhecer Sua onipotência e bondade. Que Suas bênçãos se esparramem sobre vocês e sobre este médium feliz, entre mil outros!”

Observação — Talvez as pessoas se perguntem sobre a certeza que aquela jovem pôde ter sobre o que ouviu, já que não se lembra de nada. Se, quando acordada, os detalhes foram apagados de sua memória, o Espírito se lembra. Resta-lhe uma intuição que modifica seus pensamentos. Em vez de se opor, aceitará sem dificuldade as explicações que lhe forem dadas, porque as compreenderá e intuitivamente as sentirá de acordo com seu sentimento íntimo.

O que se passou aqui, por um fato isolado, no espaço de alguns minutos, durante a curta excursão que o Espírito da jovem fez no mundo espiritual, é semelhante ao que ocorre de uma existência para a outra, porque quando o Espírito que reencarna possui luzes sobre um assunto qualquer, ele se apropria mais facilmente de todas as ideias que se relacionam a esse assunto, se bem que não se lembre, como homem, da forma como as adquiriu. Ao contrário, as ideias para as quais não está maduro entram com dificuldade em seu cérebro.

Assim se explica a facilidade com que algumas pessoas assimilam as ideias espíritas. Essas ideias só revelam as que essas pessoas já possuem. São espíritas de nascença, como outras são poetas, músicos ou matemáticos. Compreendem à primeira palavra e não têm necessidade de fatos materiais para se convencer. É incontestavelmente um sinal de avanço moral e da origem espiritual.

Nas comunicações acima, foi dito: “Agradeça a Deus os favores com que Ele cumula esta criança. Que Suas bênçãos se esparramem sobre vocês e sobre este médium feliz, entre mil outros!”. Essas palavras pareceriam indicar um favor, uma preferência, um privilégio, enquanto o Espiritismo nos ensina que Deus, sendo soberanamente justo, não privilegia nenhuma de Suas criaturas e não facilita mais o caminho para uns do que para outros. Sem nenhuma dúvida, o mesmo caminho está aberto para todos, mas nem todos o percorrem com a mesma rapidez e com os mesmos frutos. Nem todos aproveitam da mesma maneira as instruções que recebem. O Espírito dessa jovem, embora jovem como encarnado, sem dúvida já viveu muito e certamente é adiantado.

Então, os bons Espíritos o encontram dócil a seus ensinamentos, têm prazer em instruí-lo, como o professor o faz ao aluno em quem encontra boa disposição. É nesse sentido que ele é um feliz médium, entre muitos outros que, por seu avanço moral, não desfrutaram de nenhuma vantagem de sua mediunidade. Não há, nesse caso, nenhum favor, nenhum privilégio, mas uma recompensa. Se o Espírito deixasse de ser digno, logo seria desamparado por seus bons guias, correndo a rodeá-lo uma multidão de maus Espíritos.

A MÚSICA ESPÍRITA

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o Presidente me deu a honra de perguntar minha opinião sobre o estado atual da música e as modificações que a influência da crença espírita poderia exercer sobre ela. Se não atendi imediatamente a esse benevolente e simpático pedido, creiam, senhores, foi só porque uma causa maior motivou minha abstenção.

Os músicos, infelizmente, são homens como os outros, e, portanto, falíveis e passíveis de pecar. Não fui isento de fraquezas e se Deus me deu vida longa para ter tempo de me arrepender, a embriaguez do sucesso, a complacência dos amigos, a bajulação dos cortesãos, muitas vezes, me elevaram acima da média. Um maestro é poderoso neste mundo em que o prazer tem um tão grande papel. Então, aquele cuja arte consiste em deleitar os ouvidos, em enternecer o coração, vê bem as armadilhas que se criam sob seus pés e cai nelas, o infeliz! Embriaga-se com a embriaguez dos outros, os aplausos lhe enchem os ouvidos e ele vai direto ao abismo, sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrebatamento.

Entretanto, apesar de meus erros, eu tinha fé em Deus. Acreditava na alma que vibrava em mim e, separada de sua caixa sonora, se reconheceu rapidamente entre as harmonias da criação e confundiu sua prece com as que se elevam da natureza ao infinito, da criação ao Ser não criado!...

Estou feliz pelo sentimento que minha vinda entre os espíritas provocou, porque foi ditada pela simpatia. E, se a curiosidade me atraiu de início, é a meu reconhecimento que vocês devem minha apreciação sobre a questão que me foi colocada. Eu estava lá, prestes

a falar, acreditando que sabia tudo, quando meu orgulho, ao cair, revelou minha ignorância. Fiquei mudo e escutei: voltei, me instruí e quando a reflexão e a meditação se juntaram às palavras de verdade ditas por seus instrutores, pensei: o grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas, na opinião dos homens, infelizmente, só fez colocar em série algumas das pérolas menos imperfeitas da coleção musical criada pelo Mestre dos mestres.

Rossini juntou notas, compôs melodias, bebeu na taça que contém todas as harmonias. Roubou algumas faíscas do fogo sagrado, mas nem ele nem outros criaram este fogo sagrado! Nós não inventamos: copiamos do grande livro da natureza e a multidão aplaude quando não deformamos muito a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste!

Quem poderia fazê-la? Que Espírito sobre-humano poderia fazer a matéria vibrar em uníssono com essa arte encantadora? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia perceber as nuances infinitamente variadas?... Quem possui o sentimento de harmonia a esse ponto? Não, o homem não está preparado para semelhantes condições!... Mais tarde?... Bem mais tarde!...

Esperando por esse momento, voltarei logo, talvez, para satisfazer o desejo de vocês e dar-lhes minha apreciação sobre o estado atual da música e dizer-lhes quais transformações que os progressos do Espiritismo poderão introduzir. Hoje é muito cedo ainda. O assunto é vasto, eu já o estudei, mas ainda ultrapassa minha capacidade. Quando eu for mestre, se isto é possível, ou melhor, quando tiver visto tudo que o estado de meu Espírito me permitir, eu os satisfarei. Um pouco de tempo ainda. Se um músico pode falar bem sobre a música do futuro, deve fazê-lo como um mestre, e Rossini não quer de jeito nenhum falar como um estudante.

Rossini¹
(Médium Sr. Desliens)

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Gioacchino Antonio Rossini (1792-1868) foi compositor italiano da primeira metade do século XIX. Com estilo pessoal, reformulou o estilo da ópera. Uma de suas principais e mais conhecidas óperas é “O barbeiro de Sevilha”.

Meu silêncio sobre a questão que o Mestre da Doutrina Espírita me fez foi explicado. Era conveniente, antes de abordar esse difícil assunto, recolher-me, lembrar-me e condensar os elementos que estavam em minhas mãos. Eu não tinha nada a estudar na música, tinha somente que classificar os argumentos com método, para apresentar um resumo capaz de dar a ideia de minha concepção sobre a harmonia. Este trabalho, que tive dificuldade para fazer, está terminado e estou pronto a submetê-lo à apreciação dos espíritas.

É difícil definir a harmonia. Muitas vezes, é confundida com a música, com os sons resultantes de um arranjo de notas e das vibrações dos instrumentos que reproduzem esse arranjo. Mas isto não é a harmonia, assim como a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases e é tangível. A luz que a chama projeta é um reflexo dessa combinação e não a chama em si mesma. A luz não é tangível. Aqui, o efeito é superior à causa.

O mesmo acontece com a harmonia, que resulta de um arranjo musical, é um efeito igualmente superior à causa. A causa é material e tangível. O efeito é sutil e intangível.

Pode-se conceber a luz sem chama e compreende-se a harmonia sem música. A alma está apta a perceber a harmonia fora da ajuda da instrumentação, como está apta a ver a luz, independentemente de qualquer combinação material. A luz é um sentido íntimo que a alma possui: quanto mais desenvolvido esse sentido, mais percebe a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma: é percebida na medida do desenvolvimento desse sentido.

Fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina, nós as possuímos na medida dos esforços que fazemos para adquiri-las. Comparo a luz e a harmonia para me fazer entender melhor e também porque esses dois prazeres da alma são filhos de Deus e, em consequência, são irmãos.

A harmonia do espaço é tão complexa, tem tantos graus que conheço e muitos mais que me escapam, no éter infinito, que aquele que está colocado a certa altura de percepção fica preso pelo espanto, contemplando essas harmonias diversas, que constituiriam, se estivessem reunidas, a mais insuportável cacofonia, enquanto que, percebidas separadamente,

constituem a harmonia particular de cada grau. Essas harmonias são elementares e grosseiras nos graus inferiores, levam ao êxtase nos graus superiores. Tal harmonia que fere um Espírito com percepções sutis arrebatava um Espírito com percepções grosseiras. E, quando é permitido a um Espírito inferior deleitar-se com as delícias das harmonias superiores, o êxtase o toma e a prece entra em seu interior. O arrebatamento o leva às esferas elevadas do mundo moral. Ele vive uma vida superior à sua e gostaria de continuar a viver sempre assim. Mas, quando a harmonia cessa de penetrá-lo, ele acorda, ou, se quiserem, adormece. Em todos os casos, volta à realidade de sua situação e nas lamentações que deixar escapar por ter descido faz uma prece ao Eterno para pedir forças e voltar a subir. Isso é para ele um grande estímulo.

Não tentarei explicar os efeitos musicais que o Espírito produz agindo no éter. O certo é que o Espírito produz os sons que quer, mas não pode querer o que não sabe. Ora, então, aquele que compreende bem, que tem em si a harmonia — que dela está pleno, esse nada impalpável, essa abstração, que é a concepção da harmonia —, age quando quer no fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que o Espírito concebe. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito. A harmonia que traz dentro de si se concretiza, por assim dizer, expande-se doce e suave como o perfume da violeta ou ruga como a tempestade. Ou explode como o trovão, ou lamenta como a brisa. É rápida como um raio ou lenta como a nuvem. É partida como um soluço ou unida como a relva. É desenfreada como uma catarata ou calma como um lago. Murmura como um riacho, ou faz o estrondo de uma torrente. Tem tanto a aspereza agreste das montanhas, como o frescor de um oásis. É alternadamente triste e melancólica como a noite, feliz e alegre como o dia. É caprichosa como a criança, consoladora como a mãe e protetora como o pai. É desordenada como a paixão, límpida como o amor e grandiosa como a natureza. Quando está em seu último grau, se confunde com a prece, glorifica Deus e coloca em arrebatamento aquele que a produz ou a concebe.

Ó comparação! Comparação! Por que ser obrigado a usá-la? Por que é preciso dobrar-se a suas necessidades e emprestar imagens grosseiras da natureza tangível, para fazer com que se conceba a sublime harmonia

na qual o Espírito se deleita? E, ainda, apesar das comparações, não se pode fazer compreender essa abstração, que é um sentimento, quando é causa, e uma sensação, quando se torna efeito.

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o que tem conhecimento intelectual. Usufriui constantemente de uma e do outro, da propriedade inalienável que acumulou. O Espírito inteligente, que ensina sua ciência àqueles que a ignoram, experimenta a felicidade de ensinar, porque faz felizes aqueles que instrui. O Espírito que faz ressoar o éter com os acordes da harmonia que existe nele experimenta a felicidade de ver satisfeitos aqueles que o escutam.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito. A primeira o extasia, a segunda o esclarece e a terceira o eleva. Possuídas em suas plenitudes, se misturam e constituem a pureza. Espíritos que as possuem, desçam até nossas trevas e iluminem nosso caminho. Mostrem-nos o caminho que aprenderam, para que sigamos suas pegadas.

Quando penso que esses Espíritos, cuja existência posso compreender, são seres acabados, átomos diante do Mestre universal e eterno, minha razão fica confundida, sonhando com a grandeza de Deus e com a felicidade infinita que se experimenta, só pelo fato de se ter pureza infinita, já que tudo o que a criatura adquire é apenas uma parcela que emana do Criador. Ora, se essa parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e a extasiar pela suavidade, a resplandecer pela virtude, o que deve então produzir a fonte eterna e infinita de onde emana? Se o Espírito, ser criado, chega a extrair tanta felicidade de sua pureza, que idéia se deve ter da que haure do Criador, de Sua pureza absoluta? Eterno problema!

O compositor que concebe a harmonia a traduz na grosseira linguagem chamada de música. Concretiza sua ideia e a escreve. O artista aprende a forma e pega o instrumento que deve lhe permitir traduzir a ideia. O ar, colocado em movimento pelo instrumento, a leva ao ouvido, que a transmite à alma do ouvinte. Mas o compositor não foi capaz de traduzir inteiramente a harmonia que concebia, por falta de uma linguagem suficiente. O executante, por sua vez, não compreendeu toda a ideia escrita e o instrumento indócil de que se serve não lhe permite traduzir tudo o que ele compreendeu. O ouvido é atingido pelo ar grosseiro que o cerca

e a alma recebe, enfim, por um órgão rebelde, a horrível tradução da ideia que eclodiu na alma do maestro. A ideia do maestro era seu sentimento íntimo. Por mais que seja deformada pelos agentes de instrumentação e de percepção, produz, entretanto, sensações para aqueles que o escutam. Essas sensações são de harmonia. A música as produziu; são efeitos. A música se colocou a serviço do sentimento para produzir a sensação. O sentimento, no compositor, é de harmonia. A sensação, no ouvinte, também é de harmonia, com a diferença de que é concebida por um e recebida por outro. A música é o *médium* da harmonia, recebe e transmite, como o refletor é o *médium* da luz, como você é o *médium* dos Espíritos. A música torna a harmonia mais ou menos deformada, dependendo de como é executada, como o refletor reenvia melhor ou pior a luz, dependendo de ser mais ou menos brilhante e polido, como o médium transmite melhor ou pior o pensamento do Espírito, dependendo de que seja mais ou menos flexível.

E agora, que a harmonia está bem compreendida em seu significado, que se sabe que é concebida pela alma e transmitida para a alma, se compreenderá a diferença que há entre a harmonia da Terra e a harmonia do Espaço.

Entre vocês, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção. Entre nós, tudo é sutil: vocês têm o ar, nós temos o éter. Vocês têm o órgão que obstrui e esconde. Entre nós, a percepção é direta e nada a obscurece. Entre vocês, o autor é traduzido. Entre nós, ele fala sem intermediário e na linguagem que exprime todas as concepções. E, entretanto, essas harmonias têm a mesma fonte, como a luz da lua tem a mesma fonte que a do Sol. A harmonia da Terra é apenas o reflexo da harmonia do espaço.

A harmonia é tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: é um sentimento. Para compreendê-lo é preciso possuí-lo e para possuí-lo cumpre tê-lo adquirido. O homem que é feliz não pode explicar sua alegria. Aquele que teme não pode explicar seu medo. Podem falar sobre os fatos que provocam esses sentimentos, defini-los, descrevê-los, mas os sentimentos continuam não explicados. O fato que causa a alegria de um nada produzirá sobre o outro. O objeto que ocasiona o medo de um produzirá a coragem do outro. As mesmas causas são

seguidas de efeitos contrários. Em Física, isso não existe, em Metafísica existe. Existe, porque o sentimento é a propriedade da alma e as almas diferem entre si em sensibilidade, impressionabilidade e liberdade. A música, que é a causa segunda da harmonia percebida, penetra e transporta um e deixa o outro frio e indiferente. O primeiro está em condições de receber a impressão produzida pela harmonia e o segundo está em estado contrário. Ouve o ar que vibra, mas não compreende a ideia que traz. Este último chega a se aborrecer e dorme, o primeiro chega ao entusiasmo e chora. Evidentemente, o homem que experimenta as delícias da harmonia é mais elevado, mais purificado do que aquele que não pode concebê-la. Sua alma está mais apta a sentir, desprende-se mais facilmente e a harmonia a ajuda a se desprender, a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. Então, é preciso concluir que a música é essencialmente moralizadora, já que leva a harmonia para as almas e que a harmonia as eleva e as faz crescer.

A influência da música sobre a alma, sobre seu progresso moral, é reconhecida em todo o mundo. Mas, geralmente, a razão dessa influência é ignorada. Toda a explicação está neste fato: a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Esse sentimento existe em certo grau, mas se desenvolve sob a ação de sentimento similar mais elevado. Aquele que não tem esse sentimento é levado a ele gradativamente. Acaba também por se deixar penetrar e conduzir para o mundo ideal onde, por um instante, esquece os grosseiros prazeres que prefere à divina harmonia.

E, uma vez que se considera que a harmonia resulta do estado do Espírito, se deduzirá também que, se a música exerce uma feliz influência sobre a alma, quem a concebe exerce também uma influência sobre a música. A alma virtuosa, que tem a paixão pelo bem, pelo belo, pelo grande, e que a recebeu da harmonia, produzirá composições capazes de penetrar nas almas mais fechadas e de comovê-las. Se o compositor é comum, como encontrará a virtude que desdenha, o belo que ignora e o grande que não compreende? Suas composições serão o reflexo de seus gostos sensuais, de sua leviandade, de seu descuido. Serão ora libidinosas, ora obscenas, ora cômicas, ora burlescas, comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirem e os perverterão, em vez de melhorá-los.

O Espiritismo, moralizando os homens, exercerá então uma grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes, ao fazer ouvir suas composições.

As pessoas rirão menos, chorarão mais. A vontade de rir dará lugar à emoção, a feiura dará lugar à beleza e o cômico, à grandeza.

Por outro lado, os ouvintes que o Espiritismo houver disposto a receber facilmente a harmonia experimentarão, à audição da música séria, um verdadeiro encantamento. Desdenharão a música frívola e licenciosa que se apodera das massas. Quando o grotesco e o obscuro cederem lugar ao belo e ao bem, os compositores desse tipo desaparecerão, porque, sem ouvintes, nada ganharão, e é para ganhar que se mancham.

Oh! Sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como poderia ser diferente? Seu advento mudará a arte, depurando-a. Sua fonte é divina, sua força o conduzirá a todos os lugares em que há homens para amar, para se elevar e para compreender. Ele se tornará o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas, lhe pedirão suas inspirações e elas lhes serão dadas, porque o Espiritismo é rico, é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini, em uma nova existência, voltará para continuar a arte que ele considera como a primeira de todas. O Espiritismo será seu símbolo e o inspirador de suas composições.

Rossini

(Médium, Sr. M. Nivart)

O CAMINHO DA VIDA

A questão da pluralidade das existências desde há muito tem preocupado os filósofos e mais de um deles viu na anterioridade da alma a única solução possível para os mais importantes problemas da psicologia. Sem esse princípio, viram-se parados, a cada passo, acuados em um impasse de que só podiam sair com a ajuda da pluralidade das existências.

A maior objeção que se pode fazer a essa teoria é a ausência de lembrança das existências anteriores. Com efeito, a sucessão de existências inconscientes umas das outras, deixar um corpo para logo retomar outro, sem a memória do passado, equivaleria ao nada, porque seria o nada para o pensamento. Seriam tantos pontos de partida novos, sem ligação com os precedentes; seria uma ruptura incessante com todas as afeições que são o charme da vida presente e a esperança mais doce e mais consoladora do futuro; seria, enfim, a negação de toda responsabilidade moral. Uma tal doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça de Deus como a de uma só existência com a perspectiva de uma eternidade de penas, por causa de alguns erros temporários. Compreende-se, então, aqueles que têm uma ideia semelhante sobre a reencarnação e a rejeitem, mas não é assim que o Espiritismo a apresenta.

A existência espiritual da alma, nos diz o Espiritismo, é sua existência normal, com lembrança retrospectiva indefinida. As existências corporais são apenas intervalos, curtas estações na existência espiritual, e a soma de todas essas estações é apenas uma mínima parte da existência normal, absolutamente como se, em uma viagem de vários anos, de tempos em tempos, se parasse por algumas horas. Se, durante as existências corporais parece haver uma solução de continuidade pela

ausência da lembrança do passado, a ligação se restabelece durante a vida espiritual, que não tem interrupção. A solução de continuidade só existe, na realidade, para a vida corporal exterior e de convivência. E aqui a ausência de lembrança prova a sabedoria da Providência, que não quis que o Homem ficasse muito afastado da vida real, na qual tem deveres a cumprir. Mas, no estado de repouso do corpo, no sono, a alma retoma em parte sua emancipação e aí se restabelece a cadeira interrompida apenas durante a vigília.

Pode-se ainda fazer uma objeção e perguntar que proveito se pode tirar das existências anteriores para melhorar na atual, se não se tem lembrança dos erros cometidos? O Espiritismo responde de início que a lembrança de existências infelizes, juntando-se às misérias da vida presente, tornaria esta ainda mais penosa. É então um acréscimo de sofrimentos, dos quais Deus quis nos poupar. Sem isso, qual não seria nossa humilhação, pensando no que já fomos! Essa lembrança é inútil para nossa melhora. Damos alguns passos à frente, durante cada existência, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma delas é, pois, um novo ponto de partida, em que somos aquilo que fizemos, em que nos julgamos pelo que somos, sem termos de nos inquietar pelo que fomos. Se em uma existência anterior fomos antropófagos, que nos acrescenta sabê-lo, se não o somos mais? Se tivemos algum defeito qualquer, do qual não resta mais nenhum traço, é uma conta liquidada, com que não temos de nos preocupar. Suponhamos, ao contrário, que só se corrigiu a metade de um defeito, certamente o resto estará na vida seguinte e é preciso se dedicar a corrigi-lo. Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão. Foi punido por isso na vida corporal e na vida espiritual. Arrependeu-se, corrigiu-se da primeira tendência, mas não da segunda. Na existência seguinte, só será ladrão. Talvez um grande ladrão, mas não mais um assassino. Ainda mais um passo adiante e será apenas um pequeno ladrão. Um pouco mais tarde, não roubará mais, mas poderá ter a vontade de fazê-lo, que sua consciência neutralizará. Depois, um último esforço e todo o traço da doença moral desaparece, ele será um modelo de probidade. Que lhe interessa, então, o que foi? A lembrança de ter morrido na guilhotina lhe seria uma tortura e uma humilhação

eternas? Apliquem esse raciocínio a todos os vícios, a todos os defeitos, e reconhecerão que a alma melhora, passando e repassando por todos os exames rigorosos da reencarnação. Deus não é mais justo por ter feito o Homem árbitro de seu próprio destino, pelo esforço que pode fazer para melhorar, do que de ter criado a alma e o corpo ao mesmo tempo e de condenar essa alma a tormentos perpétuos, por erros passageiros, sem lhe dar os meios para se purificar de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, o futuro está em suas mãos. Sofre as consequências, se demorar muito tempo para melhorar. É a suprema justiça e mais a esperança, que nunca lhe são negadas.

A comparação a seguir pode ajudar a compreender as peripécias da vida da Alma.

Imaginemos uma longa estrada, em cujo percurso encontram-se, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que é preciso atravessar. Na entrada de cada floresta, a estrada larga e bela é interrompida e só volta a tê-la na saída. Um viajante segue por essa estrada e entra na primeira floresta. Lá dentro, não encontra mais um atalho batido e sim um labirinto indestrinçável, no meio do qual se perde. A claridade do Sol desapareceu sob a espessa abóbada formada pelas árvores. Ele erra, sem saber aonde vai. Enfim, depois de imenso cansaço chega ao fim da floresta, exausto, arranhado pelos espinhos, ferido pelas pedras. Daí, reencontra a estrada e a luz e prossegue seu caminho, procurando curar-se dos ferimentos.

Mais longe, chega a uma segunda floresta, em que o esperam as mesmas dificuldades. Porém, um pouco mais experiente, sai menos ferido. Em uma, encontra um lenhador que lhe indica a direção a seguir para não se perder. A cada nova travessia, sua habilidade aumenta, de tal forma que os obstáculos são cada vez mais fáceis de transpor. Certo de que vai encontrar a boa estrada na saída, essa confiança o sustenta. Depois, sabe se orientar para encontrá-la com mais facilidade. A estrada conduz ao pico de uma montanha muito alta, de onde avista todo o percurso, desde o ponto de partida. Assim, vê as diferentes florestas que atravessou e se lembra dos reveses por que passou, mas essa lembrança não lhe é penosa, porque ele chegou ao fim. É como o velho soldado que, na calma de seu lar, lembra-se das batalhas a que assistiu. Essas

florestas que atravessam a estrada são, para ele, como pontos negros sobre uma fita branca, e reflete: “Quando estava nelas, principalmente dentro da primeira, como me pareciam enormes para atravessar! Parecia que eu jamais chegaria ao fim. Tudo à minha volta era gigantesco e intransponível. E quando penso que sem esse bravo lenhador, que me mostrou o caminho certo, eu ainda estaria lá! Agora que observo essas mesmas florestas, do ponto em que estou, como me parecem pequenas! Parece-me que com apenas um passo eu poderia atravessá-las. E mais: minha vista as penetra e distingo os pequenos detalhes, vejo até os passos em falso que dei”.

Então, um senhor lhe diz: — Meu filho, você chegou ao fim da viagem, mas um repouso indefinido logo lhe causaria um mortal aborrecimento e você começaria a lamentar a falta dos revezes que experimentou e que davam atividade a seus membros e a seu Espírito. Daqui, vê um grande número de viajantes na estrada que percorreu e que, da mesma forma, correm o risco de se perder no caminho. Você tem experiência, não tem mais medo de nada. Vá encontrá-los e se esforce com seus conselhos para guiá-los, para que cheguem mais cedo.

— Vou com alegria — responde nosso homem. Mas completa: — por que não há uma estrada reta, do ponto de partida até aqui? Pouparia os viajantes de passar por essas abomináveis florestas.

— Meu filho — responde o interlocutor, — olhe bem e verá que alguns as evitam. São aqueles que adquiriram mais cedo a experiência necessária e sabem pegar um caminho mais direto e mais curto para chegar. Mas essa experiência é o fruto do trabalho que foi necessário na primeira travessia, de tal maneira que só chegam até aqui em razão de seu mérito. Você mesmo, o que saberia se não tivesse passado por elas? A atividade que desenvolveu, os recursos de imaginação que lhe foram necessários para abrir uma passagem aumentaram seus conhecimentos e desenvolveram sua inteligência. Sem isso, você seria tão principiante como no ponto de partida. E, depois, procurando sair dos embaraços, você mesmo contribuiu para melhorar as florestas que atravessou. É pouco o que fez, imperceptível, mas pense nos milhares de viajantes que fazem o mesmo e que, trabalhando por eles, sem dúvida, trabalham para o bem comum. Não é justo que recebam como pagamento

por suas penas o repouso que gozam aqui? Que direito teriam se nada tivessem feito?

— Meu pai — retoma o viajante — em uma dessas florestas encontrei um homem que me disse: “Na fronteira, há um imenso abismo que é preciso transpor com um só salto. Mas, entre milhares, só um consegue. Todos os outros caem no fundo, em uma fornalha ardente, e ficam perdidos, sem retorno”. Não vi esse abismo.

— Filho, é porque ele não existe. Caso contrário, seria uma peça abominável, pregada a todos os viajantes que veem à minha casa. Sei bem que eles precisam ultrapassar as dificuldades, mas sei também que cedo ou tarde a ultrapassarão. Se eu tivesse criado impossibilidades para um único deles, sabendo que ele iria fracassar, teria sido uma crueldade. E mais ainda se tivesse feito para muitos deles. Este abismo é uma alegoria, de que você vai ver a explicação. Olhe a estrada, no intervalo entre as florestas. Veja que, entre os viajantes, alguns caminham devagar, com ar de felicidade. Veja como estão alegres por encontrarem na saída esses amigos que perderam de vista nos labirintos da floresta. Mas ao lado deles há outros que se arrastam penosamente, estão estropiados e imploram a piedade dos passantes, porque sofrem cruelmente com as feridas que, por seus erros, acabaram se fazendo entre os espinhos. Eles vão curá-las e isso lhes será uma lição, que aproveitarão na nova floresta que vão atravessar e de onde sairão menos contundidos. O abismo é a figura dos males que sofrem e, dizendo que só um em mil consegue transpor, esse homem tinha razão, porque é muito grande o número de imprudentes, mas ele errou ao dizer que uma vez caindo dentro do abismo, não se sai mais. Há sempre uma saída para chegar a mim. Vá, meu filho, vá mostrá-la para aqueles que estão no fundo do abismo. Ajude os feridos e mostre o caminho àqueles que atravessam as florestas.

A estrada é a figura da vida espiritual da alma, em cujo percurso o viajante é mais ou menos feliz. As florestas são as existências corporais, em que se trabalha ao mesmo tempo para o próprio adiantamento e para a obra geral. Aquele que chegou ao fim e volta para ajudar os que estão para trás são os anjos guardiães, missionários de Deus, que encontram sua felicidade ao vê-lo, como a encontram também nas atividades em que se desdobram para fazer o bem e obedecer ao Mestre Supremo.

AS CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE

Há poucos homens que vivem sem se preocupar com o amanhã. Se as pessoas se preocupam com o que acontecerá depois de um dia de vinte e quatro horas, com mais razão, é natural que se preocupem com o que acontecerá depois do grande dia da vida, porque não se trata de alguns instantes, mas da eternidade. Viveremos ou não viveremos? Não há meio termo, é uma questão de vida ou de morte, é a suprema alternativa!...

Se perguntar-se sobre o sentimento íntimo de quase toda a universalidade dos homens, eles responderão: “Viveremos”. Essa esperança é uma consolação. Entretanto, uma pequena minoria se esforça, há algum tempo, sobretudo, para lhes provar que não viverão. É preciso admitir que esta escola tem adeptos, principalmente entre aqueles que, duvidando da responsabilidade sobre o futuro, acham mais cômodo gozar o presente sem constrangimentos, sem serem incomodados pela perspectiva das consequências. Mas é a opinião de uma minoria.

Se vivermos, como viveremos? Em que condições estaremos? Aqui os sistemas variam de acordo com as crenças religiosas e filosóficas. Entretanto, todas as opiniões sobre o futuro do Homem podem se reduzir a cinco alternativas principais, que resumiremos a seguir, para que a comparação facilite o discernimento de cada um, com conhecimento de causa, o que lhe parece a mais racional e que responde melhor a suas

aspirações pessoais e às necessidades da sociedade. Essas cinco alternativas são as que resultam das doutrinas do Materialismo, do Panteísmo, do Deísmo, do Dogmatismo e do Espiritismo.

I. Doutrina Materialista

A inteligência do Homem é uma propriedade da matéria, nasce e morre com o organismo. O Homem não é *nada antes e nada depois* da vida corporal.

Consequência — O Homem, sendo apenas matéria, tem apenas os gozos materiais como reais e desejáveis. As afeições morais não têm futuro. Com a morte, são rompidos, para sempre, os laços morais. As misérias da vida não têm compensação, o suicídio se torna o fim racional e lógico da existência, quando não se tem esperança de minorar os sofrimentos, quando é inútil se impor uma obrigação de vencer as más tendências. Vive para si mesmo, enquanto está aqui; é estupidez se aborrecer e sacrificar o próprio repouso, o bem-estar, em prol de outra pessoa, isto é, por seres que, por sua vez, serão aniquilados e que nunca mais se verá. Deveres sociais, o bem e o mal são convencionados, o freio social se reduz ao poder material da lei civil.

Observação — Talvez seja útil lembrar a nossos leitores algumas passagens do artigo que publicamos sobre o Materialismo, na *Revista Espírita*, de agosto de 1868.

“O Materialismo, dizíamos, ostentando-se como nunca tinha acontecido em nenhuma época anterior, colocando-se como o regulador supremo dos destinos morais da Humanidade, teve o efeito de assustar as massas, pelas consequências inevitáveis de suas doutrinas para a ordem social. Por si mesma, provocou, em favor das ideias espiritualistas, uma enérgica reação, que deve ter lhe provado que está longe de ter simpatias tão gerais como supõe e que é uma estranha ilusão pensar que um dia imporá suas leis ao mundo.

“Certamente, as crenças espiritualistas dos tempos passados são insuficientes para o presente século: não estão ao nível intelectual de nossa geração. Contradizem, em alguns pontos, alguns dados indiscutíveis da Ciência. Sustentam ideias incompatíveis com a necessidade do positivo

que predomina na sociedade moderna. Por outro lado, cometem o erro enorme de se impor pela fé cega e de condenar o livre exame. Daí, sem dúvida alguma, o desenvolvimento da incredulidade entre a maioria. É bem evidente que se os homens fossem alimentados, desde crianças, por idéias de natureza a serem confirmadas pela razão, mais tarde, não haveria incrédulos. Quantas pessoas, reconduzidas à crença pelo Espiritismo, nos disseram: — “Se nos tivessem sempre apresentado Deus, a alma e a vida futura, de uma maneira racional, jamais teríamos duvidado!”

“O fato de um princípio receber uma má ou falsa aplicação faz com que seja necessário rejeitá-lo? Acontece com as coisas espirituais o mesmo que acontece com a legislação e com todas as instituições sociais: é preciso apropriá-las aos novos tempos, sem medo de fracassar. Mas, em vez de apresentar alguma coisa melhor do que o velho espiritualismo, o materialismo preferiu suprimi-lo, o que o dispensava de pesquisar e parecia mais cômodo àqueles que eram importunados pela ideia da existência de Deus e do futuro. O que se pensaria de um médico que, achando que o regime de um convalescente não estaria suficientemente nutritivo para seu restabelecimento, lhe prescrevesse não comer mais nada?”

“O que surpreende, entre a maioria dos materialistas da escola moderna, é o espírito de intolerância, que ultrapassou todos os limites, quando são eles que mais reivindicam o direito de liberdade de consciência!...”

II. Doutrina Panteísta

O princípio inteligente – alma –, independente da matéria, pelo nascimento é retirado do todo universal, individualiza-se em cada ser, durante a vida, e com a morte retorna para a massa comum, como as gotas de chuva no oceano.

Consequências — Sem individualidade e sem consciência de si mesmo, é como se o ser não existisse. As consequências morais dessa doutrina são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista.

Observação — Um certo número de panteístas admite que a alma, retirada, ao nascer, do todo universal, conserva sua individualidade

durante um tempo indefinido e que só retorna à massa depois de ter chegado aos últimos degraus da perfeição. As consequências dessa variedade de crença são absolutamente as mesmas que as da doutrina panteísta propriamente dita, porque é completamente inútil ter o trabalho de adquirir alguns conhecimentos, dos quais se vai perder a consciência, aniquilando-se depois de um tempo relativamente curto. Se a alma se recusa geralmente a admitir semelhante concepção, como deve ser penosamente afetada, imaginando que o momento em que atingir o conhecimento e a perfeição suprema seria aquele mesmo em que estaria condenada a perder o fruto de seus trabalhos, ao perder a individualidade.

III. Doutrina Deísta

O Deísmo compreende duas categorias bem distintas de crentes: *os deístas independentes e os deístas providenciais*.

Os *deístas independentes* acreditam em Deus, admitem todos os atributos, como criador. Dizem que Deus estabeleceu as leis gerais que regem o Universo, mas essas leis, uma vez criadas, funcionam por si mesmas e Seu autor não se ocupa de mais nada. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que o Criador se preocupe com elas. Não há nenhuma providência. Deus não se ocupa de nós, não há a quem agradecer ou a quem rezar.

Aqueles que não reconhecem qualquer intervenção da Providência na vida do Homem são como as crianças, que se acreditam muito capazes para se libertar da tutela, dos conselhos e da proteção de seus pais ou que pensassem que seus pais não deveriam mais se ocupar delas, a partir do momento em que foram colocadas no mundo.

Sob o pretexto de glorificar Deus, muito grande, dizem, para abaixar-se até Suas criaturas, fazem Dele um grande egoísta e O rebaixam ao nível dos animais, que abandonam suas crias à Natureza.

Essa crença é resultado do orgulho, é sempre a ideia de ser submisso a um poder superior, que melindra o amor-próprio e do qual se procura ficar distante. Enquanto uns recusam absolutamente esse poder, outros admitem reconhecer sua existência, mas o condenam à nulidade.

Há uma diferença essencial entre o *deísta independente*, de que acabamos de falar e o *deísta providencial*. Este último, com efeito, crê não apenas na existência e no poder criador de Deus, como também na origem das coisas. Acredita ainda em Sua intervenção incessante na criação e reza para Ele, mas não admite o culto exterior nem o dogmatismo atual.

IV. Doutrina Dogmática

A alma, independente da matéria, é criada no momento do nascimento de cada ser: sobrevive e conserva sua individualidade após a morte. Seu destino é, desde aquele momento, irrevogavelmente fixado. São nulos seus progressos posteriores. É, por consequência, por toda a eternidade, intelectual e moralmente, o que era durante a vida. Os maus são condenados a castigos perpétuos e irremissíveis no inferno. Daí, para eles, a completa inutilidade do arrependimento. Deus parece, assim, se recusar a lhes deixar a possibilidade de reparar o mal que fizeram. Os bons são contemplados com a visão de Deus e a contemplação perpétua no céu. Os casos que podem merecer o céu ou o inferno, por toda a eternidade, são deixados para a decisão e o julgamento de homens falíveis, a quem é dado absolver ou condenar.

Nota — Se se argumentasse sobre essa última proposição, que Deus julga em última instância, poder-se-ia perguntar qual seria o valor da decisão pronunciada pelos homens, já que poderia ser anulada.

Separação definitiva e absoluta entre os condenados e os eleitos. Inutilidade de socorros morais e de consolações para os condenados. Criação de anjos ou almas privilegiadas, isentos de qualquer trabalho para chegar à perfeição etc., etc., etc.

Consequências — Esta doutrina deixa sem solução os seguintes graves problemas:

1ª) De onde vêm as disposições inatas intelectuais e morais, que fazem os homens nascerem bons ou maus, inteligentes ou idiotas?

2ª) Qual o destino das crianças que morrem na infância? Por que alguns entram na vida bem-aventurados, sem o trabalho a que outros se sujeitaram durante longos anos? Por que alguns são recompensados

sem ter podido fazer o bem ou são privados de uma felicidade perfeita, sem ter feito o mal?

3^a) Qual o destino daqueles que têm problemas mentais e não têm consciência de seus atos?

4^a) Onde está a justiça das misérias e das enfermidades de nascença, já que não são o resultado de nenhum ato da vida presente?

5^a) Qual é o destino dos selvagens e de todos aqueles que morrem forçosamente em um estado de inferioridade moral, em que foram colocados pela própria natureza, se não lhes é permitido progredir posteriormente?

6^a) Por que Deus criou alguns mais favorecidas do que outros?

7^a) Por que Ele chama si, prematuramente, aqueles que teriam podido melhorar, se tivessem vivido mais tempo, já que não lhes é dada a oportunidade de se adiantar, depois da morte?

8^a) Por que Deus criou anjos, que chegaram à perfeição sem trabalho, enquanto outras criaturas são submetidas às mais rudes provas, das quais têm mais chance de fracassar do que de saírem vitoriosas? etc., etc.

V. Doutrina Espírita

O princípio inteligente é independente da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. Há um mesmo ponto de partida para todas as almas, sem exceção. Todas são criadas simples e ignorantes e submetidas à lei do progresso indefinido. Nada de criaturas privilegiadas e mais favorecidas que outras. Os anjos são seres que chegaram à perfeição, depois de terem passado, como as outras criaturas, por todos os degraus da inferioridade. As almas ou Espíritos progredem mais ou menos rapidamente, em virtude de seu livre-arbítrio, por seu trabalho e boa vontade. A vida espiritual é a vida normal; a vida corporal é uma fase temporária da vida do Espírito, durante a qual ele veste momentaneamente um invólucro material do qual se despoja com a morte.

O Espírito progride no estado corporal e no estado espiritual. O estado corporal lhe é necessário até que atinja um certo grau de perfeição: desenvolve-se pelo trabalho a que está submetido por suas próprias necessidades e adquire conhecimentos práticos especiais. Uma

única existência corporal é insuficiente para fazê-lo adquirir todas as perfeições, então retoma um corpo quantas vezes lhe forem necessárias e, a cada vez, chega com o progresso que adquiriu em existências anteriores e na vida espiritual. Quando já adquiriu no mundo tudo o que poderia, deixa-o para ir a outros mundos mais avançados intelectual e moralmente, cada vez menos materiais. Assim, sucessivamente, até a perfeição possível à criatura.

O estado feliz ou infeliz dos Espíritos é inerente ao seu avanço moral. Sua punição é a consequência de seu endurecimento no mal, de modo que, perseverando no mal, punem-se a si mesmos. Mas a porta do arrependimento jamais lhes é fechada e podem, quando querem, voltar para o caminho do bem e alcançar, com o tempo, todos os progressos.

As crianças que morrem na infância podem ser mais ou menos avançadas, porque já viveram em existências anteriores, em que puderam fazer o bem ou cometer más ações. A morte não as livra das provas que devem sofrer e elas recomeçam, no devido tempo, uma nova existência sobre a Terra ou em mundos superiores, de acordo com seu grau de elevação.

A alma daqueles que têm problemas mentais tem a mesma natureza da de outro encarnado. Sua inteligência é, muitas vezes, superior e eles sofrem com a insuficiência de meios para manter uma relação com seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não poderem falar. Abusaram da inteligência em existências anteriores e aceitaram, voluntariamente, ser reduzidos à impotência, para expiar o mal que cometeram etc., etc.

A MORTE ESPIRITUAL

A questão da *morte espiritual* é um dos novos princípios que marcam os passos do progresso da ciência espírita. O modo como foi apresentada, parecendo uma teoria individual, fez com que, de início, fosse rejeitada, porque parecia implicar, em determinado tempo, a perda do *eu* individual e assemelhar as transformações da alma às da matéria, cujos elementos se desagregam para formar um novo corpo. Os seres felizes e aperfeiçoados seriam, na realidade, novos seres, o que é inadmissível. A equidade das penas e dos gozos futuros só é evidente com a eternidade dos seres, gravitando na escala do progresso e se depurando pelo trabalho e pelos esforços da força de vontade.

Essas eram as consequências que se podia tirar *a priori* daquela teoria. Entretanto, temos que admitir que a teoria não foi apresentada com a charlatanice de um orgulhoso que queria impor seu sistema. O autor disse modestamente que estava lançando uma ideia no plano da discussão e que ela poderia sair uma nova verdade. Na opinião de nossos eminentes guias espirituais, o autor teria pecado menos pelo fundo e mais pela forma, que se prestou a uma falsa interpretação. Por isso, nos incentivaram a estudar seriamente a questão. E é isso que tentaremos fazer, baseando-nos na observação dos fatos que resultam da situação do Espírito, nas duas épocas capitais, a do retorno à vida corpórea e a da volta à vida espiritual.

No momento da morte do corpo físico, vemos o Espírito entrar em um estado de confusão e perder a consciência de si mesmo, de forma que jamais testemunha o último suspiro de seu corpo. Pouco a pouco, a confusão se dissipa e ele se reconhece, como quem sai de um sono

profundo. Sua primeira sensação é a da libertação de seu fardo carnal. Depois vem a surpresa, com a visão do novo meio em que se encontra. Está na situação de quem foi anestesiado para sofrer uma amputação e que é transportado, durante o sono, para outro lugar. Quando acorda, sente-se livre do membro que o fazia sofrer. Muitas vezes, procura esse membro e fica surpreso por não mais senti-lo. Da mesma forma, no primeiro momento, o Espírito procura seu corpo, o vê a seu lado, sabe que é o seu e se surpreende por estar separado dele. Só pouco a pouco se dá conta da nova situação.

Nesse fenômeno, operou-se apenas uma mudança material, mas, no aspecto moral, o Espírito é exatamente o que era algumas horas antes. Não sofre qualquer modificação sensível. Suas faculdades, seus pensamentos, seus gostos, suas tendências, seu caráter são os mesmos. As mudanças que pode sofrer operam-se gradualmente, pela influência do meio que o cerca. Em resumo, só há morte para o corpo, para o Espírito há apenas sono.

Na reencarnação, as coisas se passam de forma diferente.

No momento da concepção do corpo destinado ao Espírito, este é preso por uma corrente fluídica que, semelhante a um laço, o atrai e aproxima de sua nova morada. Desde então, pertence ao corpo, como o corpo lhe pertence até a morte corporal. Entretanto, a união completa, a tomada de posse real só acontece na hora do nascimento.

Desde o instante da concepção, uma perturbação apodera-se do Espírito. Seus pensamentos tornam-se confusos, suas faculdades se aniquilam. Essa perturbação cresce à medida que o laço se aperta e se completa nos últimos tempos da gestação, de modo que o Espírito não tem consciência do seu nascimento no corpo físico, da mesma maneira que não tem nenhuma consciência no momento de sua morte.

A partir do momento em que a criança respira, pouco a pouco a confusão se dissipa, seus pensamentos voltam gradualmente, mas em condições diferentes das da morte do corpo.

No ato da reencarnação, as faculdades do Espírito não são simplesmente obstruídas por uma espécie de sono momentâneo, como no retorno à vida espiritual. Todas, sem exceção, ficam em estado *latente*. A

vida corpórea tem como objetivo desenvolvê-las pelo exercício, mas não podem ser desenvolvidas todas simultaneamente, porque o exercício de uma poderia prejudicar o desenvolvimento de outra, enquanto que, pelo desenvolvimento sucessivo, as faculdades se apoiam umas sobre as outras. Então, é útil que algumas fiquem em repouso, enquanto outras entram em atividade. Por isso que, na nova existência, o Espírito pode se apresentar com um aspecto completamente diverso do que foi em existência anterior, principalmente se estiver mais avançado.

Em uma, a faculdade musical, por exemplo, poderá estar muito ativa. Ele conceberá, perceberá e, em seguida, executará tudo o que é necessário para o desenvolvimento dessa faculdade. Em outra existência, será a vez da pintura, das ciências exatas, da poesia etc. Enquanto as novas faculdades são exercidas, a da música ficará latente, mantendo o progresso realizado. O resultado é que aquele que foi artista em uma existência poderá ser um sábio, um homem de Estado, um estrategista, em outra existência em que não terá nenhum dom artístico e vice-versa.

O estado latente das faculdades, na reencarnação, explica o esquecimento das existências anteriores, enquanto que na morte do corpo, havendo apenas em um estado de sono de pouca duração, o Espírito, ao despertar, tem a lembrança e a consciência da vida corporal que acabou de deixar.

As faculdades que se manifestam estão naturalmente relacionadas à posição que o Espírito deve ocupar no mundo e às provas que escolheu. Entretanto, acontece muitas vezes, que os preconceitos sociais o deslocam, o que faz com que certas pessoas estejam intelectual e moralmente acima ou abaixo da posição que ocupam. Esse deslocamento, pelos entraves que implica, faz parte das provas e deve cessar com o progresso. Em uma ordem social avançada, tudo se rege de acordo com a lógica das leis naturais e aquele que só está apto a ser sapateiro não é, por direito de nascimento, chamado para governar os povos.

Voltemos à criança. Até o nascimento, todas as faculdades estão latentes e o Espírito não tem nenhuma consciência de si mesmo. No momento do nascimento, aquelas que devem ser exercidas não têm um impulso súbito, seu desenvolvimento segue o dos órgãos que devem

servir à sua manifestação. Por sua atividade íntima, crescem com o desenvolvimento do órgão correspondente, como o broto, ao desenvolver-se, transparece na casca da árvore. O resultado é que, na primeira infância, o Espírito não goza da plenitude de nenhuma de suas faculdades, não apenas como encarnado, mas também como Espírito. Ele está verdadeiramente criança, como o corpo ao qual está ligado; não se encontra penosamente apertado em um corpo imperfeito. Se fosse assim, Deus teria feito da encarnação um suplício para todos os Espíritos, bons ou maus. É diferente no caso daqueles que têm problemas mentais: os órgãos não se desenvolvem paralelamente às faculdades e o Espírito acaba por se encontrar na posição de um homem preso por laços que lhe suprimem a liberdade de movimentos. Esta é a razão pela qual se pode evocar o Espírito de um idiota e obter respostas sensatas, enquanto que o de uma criança pequena ou que ainda não nasceu é incapaz de responder.

Todas as faculdades, todas as aptidões estão em estado de germe no Espírito, desde sua criação. Estão em estado rudimentar, como todos os órgãos, no primeiro fiozinho do feto disforme, como todas as partes da árvore encontram-se na semente. O selvagem, que mais tarde se tornará um homem civilizado, tem os germens que, um dia, o farão um sábio, um grande artista ou um grande filósofo.

À medida que esses germens chegam à maturidade, a Providência lhes dá, *para a vida terrena*, um corpo apropriado a suas novas aptidões. É assim que o cérebro de um europeu é organizado de modo mais completo, dotado de um maior número de circunvoluções do que o do selvagem. Para *a vida espiritual*, a Providência dá um corpo fluídico, ou perispírito, mais sutil, sensível a novas emoções. À medida que o Espírito cresce, a Natureza o dota dos instrumentos que lhe são necessários.

No sentido de desorganização, de desagregação das partes, de dispersão dos elementos, só há morte para o invólucro material e o invólucro fluídico, mas a alma ou Espírito não pode morrer para progredir. De outra forma, perderia sua individualidade, o que equivaleria ao nada. No sentido de transformação, de regeneração, pode-se dizer que o Espírito morre a cada encarnação, para ressuscitar com novos atributos, sem

deixar de ser ele mesmo. Como um camponês, por exemplo, que enriqueceu e se tornou um grande fidalgo. Deixou a cabana por um palácio, a jaqueta por uma roupa bordada. Tudo mudou em seus hábitos, em seus gostos, em sua linguagem e mesmo em seu caráter. Em resumo, o camponês está morto, enterrou suas roupas de lã grosseira, para renascer como homem do mundo, e, no entanto, é sempre o mesmo indivíduo, mas transformado.

Cada existência corporal é, então, para o Espírito uma oportunidade de progresso mais ou menos sensível. Voltando para o mundo dos Espíritos, leva novas ideias, seu horizonte moral se alargou, suas percepções são mais finas, mais delicadas, vê e compreende o que não via e não compreendia antes. Sua visão que, no princípio, não se estendia além de sua última existência, abarca sucessivamente as existências passadas, assim como para o homem, quando se educa, vê a obscuridade se dissipar e ele descortina um horizonte mais amplo. A cada nova estação, na erraticidade, se desenrolam diante de seus olhos novas maravilhas do mundo invisível, porque a cada uma um véu se rompe. Ao mesmo tempo, seu invólucro fluídico depura-se, torna-se mais leve, mais brilhante. Mais tarde, será resplandecente. É um Espírito quase novo, é esse camponês polido e transformado. O velho Espírito está morto e, entretanto, é sempre o mesmo Espírito.

É assim, acreditamos, que convém entender a morte espiritual.

A VIDA FUTURA

A vida futura não é mais um problema: é um fato conhecido pela razão e pela demonstração, para a quase unanimidade dos homens, porque aqueles que a negam são uma pequena minoria, apesar do barulho que se esforçam em fazer. Não é então a realidade da vida futura que nos propomos a demonstrar aqui. Seria repetir, sem nada acrescentar à convicção geral. Admitindo-se o princípio, propomos como premissa examinar sua influência sobre a ordem social e a moralização, de acordo com a maneira como é encarada.

As consequências do princípio contrário, quer dizer, do niilismo, são igualmente muito conhecidas e muito bem compreendidas, para que seja necessário desenvolvê-las de novo. Diremos apenas que, se estivesse demonstrado que a vida futura não existe, a vida presente só teria como meta a manutenção de um corpo que amanhã, de uma hora para outra, poderia deixar de existir e tudo nesse caso estaria acabado, sem retorno. A consequência lógica de uma tal condição da Humanidade seria a concentração de todos os pensamentos no aumento dos prazeres materiais, sem preocupação com os prejuízos do próximo: para que se privar, se impor sacrifícios? Qual a necessidade de se obrigar a melhorar, corrigir os próprios defeitos? Também seriam perfeitamente inúteis os remorsos, o arrependimento, já que não haveria nada a esperar. Seria, enfim, a consagração do egoísmo, da máxima: *o mundo é dos mais fortes e dos mais espertos*. Sem a vida futura, a moral é apenas uma obrigação, um código de convenção imposto arbitrariamente, mas sem nenhuma raiz no coração. Uma sociedade fundada sob tal crença só teria ligação com a força e logo cairia na devassidão.

Pode-se afirmar que, entre os que negam a existência da vida futura, existem pessoas honestas, incapazes de fazerem conscientemente o mal ao próximo e que são suscetíveis dos maiores devotamentos! Digamos, de início, que entre muitos incrédulos, a negação do futuro é mais uma bravata, uma vaidade, o orgulho de se passar por espírito forte, do que o resultado de uma convicção absoluta. No foro íntimo de sua consciência, há uma dúvida que os incomoda, por isso procuram abafá-la. Mas não é sem um certo constrangimento que pronunciam o terrível *nada*, que os priva do fruto de todos os trabalhos da inteligência e rompe para sempre as mais caras afeições. Mais de um daqueles que gritam mais forte são os primeiros a tremer diante da ideia do desconhecido. Também, quando se aproxima o momento fatal de entrar nesse desconhecido, bem poucos dormem o último sono com a convicção de que não acordarão em lugar nenhum, porque a Natureza jamais abre mão de seus direitos.

Digamos, então, que para a maioria a incredulidade é relativa, quer dizer, sua razão, não estando satisfeita nem com dogmas, nem com crenças religiosas e não tendo encontrado em nenhuma parte como preencher o vazio interior, essas pessoas concluíram que não existe vazio e construíram sistemas para justificar a negação. Só são incrédulas por falta de algo melhor. São muito raros os incrédulos absolutos, se é que eles existem.

Uma intuição latente e inconsciente sobre o futuro pode, assim, deter um número de pessoas na sua inclinação para o mal e se poderia citar um grande número de atos, mesmo entre os mais endurecidos, que testemunham que esse sentimento secreto os domina, sem que o saibam.

É preciso dizer também que, seja qual for o grau de incredulidade, as pessoas com uma certa condição social são contidas pelo respeito humano. Sua posição as obriga a se manterem em uma linha de conduta muito reservada. Receiam, acima de tudo, o estigma e o desprezo, que as fariam decair na categoria social que ocupam, perdendo a consideração de todos, privando-as dos prazeres que buscam no meio social. Se, no fundo, não têm a virtude, têm pelo menos o verniz da virtude. Mas para

aqueles que não têm nenhuma razão para se prender à opinião pública, que desprezam o “que vão dizer de mim”, e não se pode negar que são a maioria, qual o freio que lhes poderia ser imposto, para conter o exagero das paixões brutais e dos apetites grosseiros? Em que base apoiar a teoria do bem e do mal, a necessidade de reformar as más tendências, o dever de respeitar o que o outro possui, se eles mesmos nada possuem? Qual pode ser o estímulo à honra, para pessoas que se convenceram de que são apenas animais? A lei, dizem, está aí para mantê-los. Mas a lei não é um código de moral que toca o coração, é uma força a que se submetem e da qual escapam, quando podem. Mas se forem presos pela lei, será para eles uma má sorte ou falta de habilidade, que tratam de corrigir na primeira oportunidade.

Aqueles que acham que há mais mérito para os incrédulos em fazerem o bem, sem esperar recompensa na vida futura em que não acreditam, apoiam-se em um sofisma sem nenhum fundamento. Os crentes também dizem que o bem realizado, tendo em vista vantagens futuras, tem menor mérito. Vão até mais longe, porque estão convencidos de que, de acordo com o motivo que leva a agir, o mérito pode ser completamente anulado. A perspectiva da vida futura não exclui o desinteresse das boas ações, porque a felicidade que proporcionam está antes subordinada ao grau de adiantamento moral. Ora, os orgulhosos e os ambiciosos estão entre os que menos apresentam adiantamento moral. Mas os incrédulos que praticam o bem são tão desinteressados como pretendem? Não esperam nada do outro mundo nem deste mundo? O amor-próprio não é levado em conta? São insensíveis à aprovação dos homens? Seria um grau de perfeição rara e acreditamos que existam bem poucas pessoas que sejam levadas a esse grau de perfeição apenas pelo culto à matéria.

Uma objeção mais séria é esta: se a crença na vida futura é um elemento moralizador, por que os homens a quem é pregada, desde que estão na Terra, continuam igualmente tão maus?

De início, quem diz que não seriam piores, sem isso? Não se poderia duvidar, se se considerarem os resultados inevitáveis do niilismo universalizado. Não se percebe, ao contrário, observando as diferentes escalas

da Humanidade, desde a selvageria até a civilização, o abrandamento dos costumes e a ideia mais racional da vida futura caminharem lado a lado com o progresso intelectual e moral? Mas essa ideia, ainda muito imperfeita, não pôde exercer a influência que terá, necessariamente, à medida que for mais bem compreendida e as pessoas adquirirem noções mais justas sobre o futuro que nos está reservado.

Por mais firme que seja a crença na imortalidade, o Homem quase não se preocupa com sua alma, a não ser do ponto de vista místico. A vida futura, muito pouco claramente definida, o impressiona apenas vagamente; é uma meta que se perde a distância e não um meio, porque o destino está irrevogavelmente fixado e nunca lhe foi apresentado como progressivo, de onde se conclui que a pessoa será, na eternidade, o que é, ao partir daqui. Por outro lado, o quadro que se fez sobre a vida futura, as condições determinantes da felicidade ou da infelicidade que lá existiriam estão longe de satisfazer completamente a razão, sobretudo em um século de exame, como o nosso. Depois, a vida futura não se prende diretamente à vida terrena de modo suficiente. Entre as duas não há qualquer solidariedade e sim um abismo, de forma que aquele que se preocupa principalmente com uma delas, quase sempre, perde a outra de vista.

Sob o império da fé cega, essa crença abstrata bastava à inspiração dos homens, quando se deixavam conduzir por ela. Hoje, sob o reino do livre exame, eles querem conduzir a si mesmos, ver com seus próprios olhos e compreender. As vagas noções sobre a vida futura não estão à altura das novas ideias e não respondem mais às necessidades criadas pelo progresso. Com o desenvolvimento das ideias, tudo deve progredir ao redor do Homem, porque tudo é coerente, tudo é solidário na Natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, formas de agir. O movimento para frente é irresistível, porque é a lei da existência dos seres. Seja quem for que fique para trás, abaixo do nível social, será colocado de lado, como as roupas que não servem mais e, finalmente, será levado pela onda que sobe.

Assim acontece com as ideias infantis sobre a vida futura, com que nossos pais se contentavam. Insistir em difundir-las hoje seria contribuir

para aumentar a incredulidade. Para ser aceita pela opinião pública e exercer sua influência moralizadora, a vida futura deve se apresentar com um aspecto de coisa positiva, quase tangível, capaz de suportar o exame sem deixar sombra de dúvida. É no momento em que a insuficiência de noções sobre o futuro abre a porta para a dúvida e a incredulidade que são dados ao Homem novos meios de investigação, para penetrar nesse mistério e fazê-lo compreender a vida futura em sua realidade, em seu positivismo, em suas relações íntimas com a vida corporal.

Por que, em geral, se tem tão pouco cuidado com a vida futura? Trata-se, no entanto, de uma realidade, já que a cada dia veem-se milhares de pessoas partirem para esse destino desconhecido. Como cada um de nós deve fatalmente partir, quando chegar sua vez, e essa hora pode soar a qualquer momento, parece natural que a gente se preocupe com o que virá depois. Por que não fazemos isso? Precisamente porque o destino é desconhecido e não se teve, até o presente, nenhum meio para conhecê-lo. A inexorável ciência veio pra desalojá-lo do lugar a que estava circunscrito. Está perto? Está longe? Está perdido no infinito? As filosofias do passado não respondem, porque nada sabem. Então se diz “será o que será”. Daí a indiferença pelo assunto.

Foi-nos ensinado que se é feliz ou infeliz na vida futura, dependendo de como se viveu, bem ou mal. Mas como isso é vago! Em que consistem essa felicidade e infelicidade? O quadro que nos fizeram está de tal forma em desacordo com a ideia que temos da justiça de Deus, semeado de tantas contradições, de inconseqüências, de impossibilidades radicais, que involuntariamente somos assaltados pela dúvida, quando não caímos na incredulidade absoluta. Depois se diz que aqueles que se enganaram sobre os lugares de permanência futura podem, da mesma forma, ter sido induzidos a erro também sobre as condições atribuídas à felicidade e ao sofrimento. Por outro lado, como ficaremos no mundo de lá? Seremos seres concretos ou abstratos? Teremos uma forma, uma aparência? Se não tivermos corpo, como poderemos ter sofrimentos materiais? Se os felizes não têm nada a fazer, a ociosidade perpétua, em vez de uma recompensa, torna-se um suplício, a menos que se admita o Nirvana, do Budismo, que não é muito mais desejável.

O Homem só se preocupará com a vida futura quando enxergar um fim nítida e claramente definido, uma situação lógica, que responda a todas suas aspirações, resolvendo as dificuldades do presente, quando não encontre aí o que a razão não possa admitir. Se ele se preocupa com o amanhã é porque a vida de amanhã liga-se intimamente à vida da véspera; são solidárias uma com a outra: ele sabe que do que faz hoje depende a posição de amanhã e do que fará amanhã dependerá a posição de depois de amanhã, e assim por diante.

Assim deve ser para o Homem a vida futura, não mais perdida nas nuvens da abstração e sim uma atualidade palpável, complemento necessário da vida presente, *uma das fases* da vida geral, como os dias são fases da vida corpórea. Quando ele vir o presente agir sobre o futuro, pela força das coisas, e, sobretudo, quando compreender *a reação do futuro sobre o presente*; quando, em resumo, ele vir o passado, o presente e o futuro se encadearem por uma inexorável necessidade, como a véspera, o dia de hoje e o amanhã, na vida atual, então as suas ideias mudarão completamente, porque verá na vida futura, não apenas uma meta, mas um meio. Não um efeito distante, mas atual. Assim, essa crença exercerá forçosamente e, por consequência natural, uma ação preponderante sobre o estado social e a moralização.

Este é o ponto de vista com que o Espiritismo nos faz encarar a vida futura.

QUESTÕES E PROBLEMAS

As expiações coletivas

Pergunta — O Espiritismo explica-nos perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como conseqüências imediatas dos erros cometidos na existência presente ou expiação do passado. Mas, já que cada um só deve ser responsável por seus próprios erros, como se explicam as infelicidades coletivas, que atingem grupos de indivíduos, como às vezes toda uma família, uma cidade, uma nação ou toda uma raça, e que atingem tanto os bons como os maus, tanto os inocentes como os culpados?

Resposta — Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, procedendo-se ao estudo da individualidade e ao estudo da família até de todo o conjunto, generalizando gradualmente e constatando a universalidade dos resultados.

O mesmo ocorre hoje com as leis que vocês conhecem pelo estudo do Espiritismo. Podem aplicar, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, que são individualidades coletivas. As faltas do indivíduo, da família, da nação, seja qual for seu caráter, são expiadas pela mesma lei. O carrasco expia o mal praticado, quer tendo a vítima presente no espaço, ou vivendo em contato com ela em uma ou várias existências sucessivas, até a reparação de todo o mal cometido. Sucede o mesmo quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações são solidárias, o que não anula a expiação simultânea dos erros individuais.

Em todo Homem há três caracteres: o de indivíduo, ou próprio ser, em si mesmo; o de membro da família e, enfim, o de cidadão. Sob cada uma dessas três faces, ele pode ser criminoso ou virtuoso, isto é, pode ser virtuoso como pai de família e, ao mesmo tempo, criminoso como cidadão e reciprocamente. Daí as situações especiais que lhe são criadas nas existências sucessivas.

Salvo exceção, pode-se admitir como regra geral que todos aqueles que estão reunidos por uma tarefa comum em uma existência já viveram juntos, para trabalhar por um mesmo resultado, e estarão reunidos no futuro, até que tenham atingido o objetivo, isto é, expiado o passado ou completado a missão aceita.

Graças ao Espiritismo, compreende-se hoje a justiça das provas que não dependem de atos da vida presente, considerando serem dívidas adquiridas no passado. Por que não seria a mesma coisa com as provas coletivas? Vocês dizem que as infelicidades gerais atingem tanto o inocente quanto o culpado, mas não sabem que o inocente de hoje pode ter sido o culpado de ontem? Quer seja atingido individual ou coletivamente, é porque mereceu. E depois, como já dissemos, há erros do indivíduo e do cidadão. A expiação de uns não dispensa da expiação dos outros, porque é preciso que a dívida seja paga até o último centavo. As virtudes da vida privada não são as mesmas da vida pública. Assim, quem é excelente cidadão pode ser péssimo pai de família e quem é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser um mau cidadão, ter insuflado o fogo da discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. Esses erros coletivos são expiados coletivamente pelos indivíduos que juntos os praticaram e que se reencontram, para sofrerem juntos a pena de talião, ou para ter a ocasião de reparar o mal que fizeram, socorrendo e assistindo aqueles que maltrataram em outros tempos. O que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus sem a preexistência da alma, torna-se claro e lógico pelo conhecimento desta lei.

A solidariedade, que é o verdadeiro laço social, não existe só para o presente. Estende-se ao passado e ao futuro, já que os mesmos indivíduos se encontraram, se reencontram e se reencontrarão, para escalar

juntos a escada do progresso, ajudando-se mutuamente. É isso que o Espiritismo leva a compreender, pela equitativa lei da reencarnação e da continuidade das relações entre os mesmos seres.

Clelie Duplantier

Nota: Se bem que essa comunicação esteja de acordo com os princípios conhecidos da responsabilidade sobre o passado e da continuidade das relações entre os Espíritos, traz uma ideia nova, de algum modo, e de grande importância. A distinção que estabelece entre as faltas individuais ou coletivas, as da vida privada e da vida pública, dá a razão de certos fatos ainda pouco compreendidos e mostra de um modo mais preciso a solidariedade que reúne os seres e as gerações entre si.

Assim, muitas vezes se renasce na mesma família ou pelo menos os membros de uma mesma família renascem juntos, para constituir uma nova em outra posição social, para reatar seus laços de afeição ou para reparar erros recíprocos. Para considerações de uma ordem mais geral, se renasce muitas vezes no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, seja por simpatia, seja para continuar com os elementos já elaborados dos estudos feitos, para se aperfeiçoar, continuar trabalhos que a brevidade da vida ou as circunstâncias não permitiram acabar. Essa reencarnação no mesmo meio é a causa do caráter diferente dos povos e das raças. Mesmo melhorando, os indivíduos conservam a nuance primitiva, até que o progresso os tenha transformado completamente.

Então, os franceses de hoje são os mesmos do último século; os da Idade Média, os dos tempos dos druidas. São os cobradores de impostos e as vítimas do período feudal. Aqueles que escravizaram os povos e os que trabalharam para sua emancipação, que se reencontram na França transformada, onde alguns expiam no rebaixamento seu orgulho de raça, e onde outros usufruem o fruto de seus trabalhos. Quando se pensa em todos os crimes daqueles tempos, em que a vida dos homens e a honra das famílias não valiam nada, em que o fanatismo erguia fogueiras em honra à divindade, em todos os abusos do poder, em todas as injustiças que se cometiam pelo desprezo dos direitos mais sagrados,

quem pode ter certeza de ter as mãos limpas desses crimes enquanto se espanta ao ver grandes e terríveis expiações coletivas?

Mas sempre surge uma melhora dessas convulsões sociais. Os Espíritos se esclarecem pela experiência. A infelicidade é o estimulante que os impulsiona a procurar um remédio para o mal. Eles refletem na erraticidade, tomam novas resoluções e, quando voltam, fazem as coisas de melhor maneira. É assim que se completa o progresso, de geração em geração.

Não se pode duvidar que existam famílias, cidades, nações, raças, culpadas, porque, dominadas pelos instintos do orgulho, do egoísmo, da ambição, da ganância, andam por um mau caminho e fazem coletivamente o que um indivíduo faz isoladamente. Uma família enriquece às expensas de outra família. Um povo subjuga outro povo e lhe traz a desolação e a ruína. Uma raça quer aniquilar outra raça. Eis por que há famílias, povos e raças sobre os quais pesa a pena de talião.

“Quem matou com a espada pela espada será morto”, disse o Cristo. Essas palavras podem ser traduzidas assim: aquele que derramou o sangue verá seu sangue derramado, aquele que levou a tocha do incêndio à casa do próximo verá a tocha do incêndio em sua casa, aquele que esfolou será esfolado, aquele que subjugou e maltratou o fraco será fraco, subjugado e maltratado, por sua vez, seja um indivíduo, uma nação ou uma raça, porque os membros de uma individualidade coletiva são solidários tanto no bem como no mal que fizeram em comum.

Enquanto o Espiritismo alarga o campo da solidariedade, o Materialismo o reduz às mesquinhas proporções da existência efêmera do Homem, produz um dever social sem raízes, sem nenhuma outra sanção, além da boa vontade e do interesse pessoal do momento. É uma teoria, uma máxima filosófica que em nada impõe a prática. Para o Espiritismo, a solidariedade é um fato que repousa em uma lei universal da Natureza, que religa todos os seres do passado, do presente e do futuro e de cujas consequências ninguém pode escapar. Eis o que todo Homem pode compreender, por menos letrado que seja.

Quando todos os homens compreenderem o Espiritismo, compreenderão a verdadeira solidariedade e, em consequência, a verda-

deira fraternidade. A solidariedade e a fraternidade não serão mais deveres de circunstância, que se prega, muitas vezes, mais em interesse próprio do que no interesse do próximo. O reino da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da justiça para todos. E o reino da justiça será o da paz, da harmonia entre os indivíduos, as famílias, os povos e as raças. Chegaremos a isso? Duvidar seria negar o progresso. Se se compara a sociedade atual, entre as nações civilizadas, ao que havia na Idade Média, certamente há uma grande diferença. Se os homens caminharam até aqui, por que parariam? A contar pelo caminho que fizeram em apenas um século, pode-se imaginar o que farão daqui a mais outro século.

As convulsões sociais são as revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os sufoca, o sinal de suas aspirações para esse mesmo reino da justiça de que têm sede, sem, entretanto, perceberem com clareza o que querem e quais os meios para atingirem o que desejam. É por isso que se mexem, se agitam, se viram do direito e do avesso, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem milhões de injustiças, pretensamente por espírito de justiça, esperando que desse movimento saia talvez alguma coisa. Mais tarde, definirão melhor suas aspirações e o caminho será claro.

Qualquer pessoa que vá fundo aos princípios do Espiritismo filosófico, que considere os horizontes que ele descortina, os pensamentos e os sentimentos que desenvolve, não pode duvidar da parte preponderante que deverá ter na regeneração. Porque o Espiritismo conduz precisamente, e por força dos fatos, ao fim a que aspira a Humanidade: o reino da justiça, pela extinção dos abusos que detiveram o progresso e pela moralização das massas. Se aqueles que sonham com a manutenção do passado não pensassem assim, não se obstinariam tanto com ele, o deixariam morrer sua bela morte, como aconteceu com várias utopias. Isso só deveria fazer certos zombadores pensarem que deve haver nessa postura algo mais sério do que imaginam. Mas há pessoas que riem de tudo, ririam de Deus, se O vissem na Terra. Depois, há aqueles que têm medo de ver se levantar diante deles a alma que se obstinam em negar.

Seja qual for a influência que o Espiritismo venha a exercer sobre o futuro das sociedades, não se pode dizer que substituirá sua autocracia por outra autocracia nem que imporá leis. Primeiro, porque, proclamando o direito absoluto da liberdade de consciência e do livre exame em matéria de fé, quer ser aceito livremente como crença, por convicção e não por imposição. Por sua natureza, não pode e não deve exercer nenhuma pressão. Condenando a fé cega, quer ser compreendido. Para ele, não há mistérios, mas uma fé raciocinada, apoiada sobre fatos e que quer a luz. Não repudia nenhuma das descobertas da Ciência. Tendo em vista que a Ciência reúne leis da natureza e que essas leis são de Deus, repudiar a Ciência seria repudiar a obra de Deus.

Em segundo lugar, como a ação do Espiritismo está em seu poder moralizador, não pode se revestir de nenhuma forma autocrática, porque estaria fazendo o que condena. Sua influência será preponderante, pelas modificações que trará nas ideias, nas opiniões, no caráter, nos hábitos dos homens e das relações sociais. Essa influência será tanto maior quanto menos for imposta. O Espiritismo, autoridade como filosofia, só tem a perder, neste século de questionamento, se transformar-se em autoridade temporal. Portanto, não será o Espiritismo que fará as instituições sociais do mundo regenerado. Serão os homens que as constituirão, sob o domínio das ideias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas pelo efeito do Espiritismo.

Essencialmente positivo em suas crenças, o Espiritismo rejeita todo misticismo, a menos que se estenda esse nome, como fazem aqueles que não acreditam em nada, a toda ideia espiritualista, à crença em Deus, na alma e na vida futura. É certo que ele leva os homens a se ocuparem seriamente da vida espiritual, porque é a vida normal e é aí que se devem completar suas existências, já que a vida terrena é transitória e passageira. Pelas provas que fornece sobre a vida espiritual, ensina os homens a atribuírem uma importância relativa às coisas materiais e por isso lhes dá a força e a coragem para suportar pacientemente os revezes da vida terrena. Mas, ao lhes ensinar que, morrendo, não deixam este mundo para nunca mais voltar, que podem voltar para aperfeiçoar sua educação intelectual e moral, enquanto não estejam suficientemente avançados

para merecer um mundo melhor, que os trabalhos e os progressos que realizam ou ajudam a realizar serão proveitosos a eles próprios para melhorar sua posição futura, o Espiritismo mostra que eles devem ter todo interesse em não negligenciá-los. Se rejeitam a ideia de voltar à Terra, como têm seu livre-arbítrio, depende deles mesmos fazer o que for necessário para ir para outros lugares. Mas que não se enganem sobre as condições que podem fazê-los merecer uma mudança de residência! Não é com a ajuda de algumas fórmulas de palavras ou de ações que obterão essa mudança, mas com uma reforma séria e radical de suas imperfeições. É modificando-se, despojando-se de suas más paixões, adquirindo cada dia novas qualidades, ensinando a todos pelo exemplo a linha de conduta que deve levar solidariamente todos os homens à felicidade, pela fraternidade, tolerância e pelo amor.

A Humanidade compõe-se de personalidades que constituem as existências individuais e de gerações que constituem as existências coletivas. Tanto umas como as outras caminham para o progresso, por meio de diferentes provas, que são, dessa forma, individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Da mesma forma que para o encarnado cada existência é um passo à frente, cada geração marca uma etapa de progresso para o conjunto: esse progresso de conjunto é irresistível, ao mesmo tempo que modifica e transforma em instrumento de regeneração os erros e os preconceitos de um passado condenado a desaparecer. Ora, como as gerações são compostas de indivíduos que já viveram em gerações anteriores, o progresso das gerações é também resultante do progresso dos indivíduos.

Mas, poderão dizer, quem me demonstrará a solidariedade que existe entre a geração atual, as gerações anteriores e as que virão? Como poderão me provar que já vivi na Idade Média, por exemplo, e que voltarei para tomar parte nos acontecimentos que ocorrerão na sequência dos tempos?

O princípio da pluralidade das existências está suficientemente demonstrado na *Revista Espírita* e nas obras fundamentais da Doutrina, para que nos detenhamos no assunto. A experiência e a observação dos fatos da vida diária estão repletas de provas físicas de uma demonstração

quase matemática. Sugerimos apenas aos pensadores para se prenderem às provas morais, que resultam do raciocínio e da indução.

É absolutamente necessário ver uma coisa para acreditar nela? Vendo os efeitos, não podemos ter a certeza material da causa?

Fora da experimentação, a única via legítima que se abre a essa pesquisa é a de remontar o efeito à causa. A justiça oferece-nos um exemplo bem notável desse princípio, quando se aplica em descobrir os *indícios* dos meios que serviram para que um crime fosse cometido, as *intenções*, que se juntam à culpabilidade do malfeitor. O criminoso não foi apanhado no momento do fato, mas é condenado pelos indícios.

A Ciência, que pretende caminhar apenas baseada na experiência, afirma, todos os dias, que os princípios são apenas deduções de causas das quais só se viram os efeitos.

Em geologia, determina-se a idade das montanhas. Os geógrafos assistiram à elevação, viram se formarem as camadas de sedimentos que determinam sua idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos permitem apreciar o peso dos planetas, sua densidade, volume e velocidade, a natureza dos elementos que os constituem. Entretanto, os sábios não puderam fazer a experiência direta e é à analogia e à indução que devemos tantas belas e preciosas descobertas.

Os primeiros homens, com o testemunho dos próprios sentidos, afirmaram que era o Sol que girava em torno da Terra. Entretanto, esse testemunho os enganou e o raciocínio prevaleceu.

A mesma coisa acontecerá com os princípios preconizados pelo Espiritismo, desde que se queira estudá-los de maneira imparcial. Então a Humanidade entrará verdadeira e rapidamente na era do progresso e da regeneração, porque os indivíduos não se sentirão mais isolados entre dois abismos — o desconhecimento do passado e a incerteza do futuro — e trabalharão com ardor para aperfeiçoar e multiplicar os elementos de felicidade, que são sua obra. Porque reconhecerão que não é por acaso a posição que ocupam no mundo e que eles próprios usufruirão no futuro de melhores condições, frutos de seu trabalho e de sua vigilância. Enfim, o Espiritismo lhes ensinará que os erros coletivos

são expiados solidariamente, os progressos realizados em comum são igualmente solidários e, em virtude desse princípio, desaparecerão as divergências entre as raças, as famílias e os indivíduos da Humanidade, que se despirá das roupas de criança e caminhará rápida e virilmente para a conquista de seu verdadeiro destino.

O EGOÍSMO E O ORGULHO

Suas causas, efeitos e os meios de destruí-los

Reconhece-se muito bem que a maior parte das misérias da vida tem sua origem no egoísmo dos homens. Visto que cada um pensa em si, antes de pensar nos outros, e quer sua satisfação acima de tudo, cada um procura naturalmente essa satisfação a qualquer preço e sacrifica sem escrúpulo os interesses do próximo, desde as menores até as maiores coisas, tanto de ordem moral quanto material. Daí os antagonismos sociais, os conflitos e as misérias, porque cada qual quer excluir seu vizinho.

O egoísmo tem sua raiz no orgulho. A exaltação da personalidade leva o Homem a se considerar acima dos outros. Acreditando-se com direitos superiores, fere-se com tudo o que, segundo ele, atinge seus direitos. A importância que, por orgulho, dá à sua própria pessoa o torna naturalmente egoísta.

O egoísmo e o orgulho têm sua origem em um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm sua razão de ser e sua utilidade, porque Deus nada teria feito que fosse inútil. Deus não criou o mal. Foi o Homem que o produziu, pelo abuso que faz dos dons de Deus, em virtude de seu livre-arbítrio. Esse sentimento, cercado por limites justos, é então bom em si mesmo. É o exagero que o torna mau e pernicioso. A mesma coisa acontece com todas as paixões, quando o Homem, muitas vezes, ultrapassa seus limites providenciais. Deus não o criou egoísta e orgulhoso, mas, sim, simples e ignorante. Foi o Homem

que se fez egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe deu para sua conservação.

Os homens não podem ser felizes se não vivem em paz, quer dizer, se não são animados por um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; em resumo, enquanto tentarem esmagar-se uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais, mas supõem abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho. Então, com esses vícios, não há verdadeira fraternidade, portanto, não há nem igualdade nem liberdade, porque o egoísta e o orgulhoso querem tudo para si. Estarão sempre aí os vermes roedores de todas as instituições progressistas. Enquanto reinarem, os sistemas sociais mais generosos, os mais sabiamente combinados, ruirão sob seus golpes. Sem dúvida, é bonito proclamar o reino da fraternidade, mas para que serve, se o acompanha, sempre, uma causa destrutiva? É construir sobre um terreno insalubre. Em um tal país, se se quer homens saudáveis, não é suficiente enviar médicos, porque morrerão como os outros. É preciso destruir as causas da insalubridade. Se vocês querem que os homens vivam como irmãos na Terra, não basta lhes dar lições de moral. É preciso destruir as causas do antagonismo e atacar o princípio do mal: o orgulho e o egoísmo. É aquela ferida que deve merecer toda a atenção daqueles que querem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto esse obstáculo subsistir, verão seus esforços paralisados, não apenas por uma resistência de inércia, mas por uma força ativa que trabalhará sem parar para destruir sua obra, porque toda ideia grande, generosa e libertadora arruína as pretensões pessoais.

É impossível destruir o egoísmo e o orgulho — dirão alguns — porque esses vícios são inerentes à espécie humana. Se fosse assim, seria preciso perder a esperança em todo progresso moral. Entretanto, quando se considera o Homem em diferentes épocas, não se pode desconhecer um progresso evidente: se ele progrediu, pode progredir ainda mais. De outro lado, será que não se encontra nenhum Homem desprovido de orgulho e de egoísmo? Não existem, ao contrário, essas naturezas generosas, em que o sentimento de amor ao próximo, de humildade, de

devotamento e de abnegação parece inato? Existem em menor número do que os egoístas, isso é certo. Se fosse diferente, os egoístas não seriam a regra, mas existem mais naturezas generosas do que se imagina, e se parecem tão pouco numerosas é porque o orgulho se coloca em evidência, enquanto que a virtude modesta fica na sombra. Então, se o egoísmo e o orgulho estivessem entre as condições necessárias para a Humanidade, como as de se alimentar, para viver, não haveria exceções. O ponto essencial é transformar a exceção em regra. Para tanto, é necessário antes de tudo destruir as causas que produzem e mantêm o mal.

A principal dessas causas prende-se evidentemente à falsa ideia que o Homem tem de sua natureza, de seu passado e de seu futuro. Não sabendo de onde vem, acredita ser mais do que é. Não sabendo para onde vai, concentra todo o seu interesse na vida terrena, quer viver da forma mais agradável possível, quer todas as satisfações, todas as vantagens possíveis. Por isso, avança sem escrúpulo sobre o vizinho, se este lhe for um obstáculo. É preciso que ele domine, a igualdade daria a outros os direitos que quer só para si, a fraternidade lhe imporá sacrifícios, em detrimento de seu bem-estar. Quer a liberdade para si e a concebe para os outros, desde que não atinja nenhuma de suas prerrogativas. Se todos têm as mesmas pretensões, há conflitos eternos, que fazem custar muito caro alguns prazeres que se chega a conseguir.

O Homem deve se identificar com a vida futura e mudar completamente sua maneira de ver as coisas, como um indivíduo que vai ficar apenas algumas horas em uma residência e sabe que, quando sair, terá outra magnífica para o resto de seus dias.

A importância da vida presente, tão triste, tão curta, tão efêmera, apaga-se diante do esplendor do futuro infinito que se abre à frente. A consequência natural, lógica, dessa atitude é sacrificar um presente transitório por um futuro durável, enquanto antes sacrificava tudo pelo presente. Se a vida futura se torna sua meta, pouco importa ter um pouco mais ou um pouco menos nesta aqui. Os interesses mundanos são o acessório e não o principal; trabalha-se no presente para assegurar a posição no futuro e, mais, sabe-se em que condições se pode ser feliz.

Pelos interesses mundanos, o Homem pode colocar obstáculos às condições para ser feliz. É essencial descartá-los. Ele se torna egoísta pela força dos fatos. Se voltar seus olhos para o alto, para uma felicidade que ninguém pode entrar, não terá interesse em destruir seu próximo e o egoísmo não encontra mais espaço, embora lhe reste sempre o estímulo do orgulho.

A causa do orgulho está na crença que o Homem tem em sua superioridade individual e é aqui que ainda se faz sentir a influência da concentração do pensamento na vida terrena. Para o que não vê nada antes dele, nada depois, nada acima dele, o sentimento de personalidade o arrasta e o orgulho não conhece medida.

A incredulidade não possui qualquer meio para combater o orgulho, mas também o estimula e lhe dá razão, ao negar a existência de um poder superior à Humanidade. O incrédulo só acredita em si mesmo. É natural, então, que tenha orgulho. Enquanto o orgulhoso só vê o acaso nos golpes que o atingem, aquele que tem fé vê a mão de Deus e se curva. Crer em Deus e na vida futura é a primeira condição para moderar o orgulho, mas não é suficiente. Com o futuro, é preciso ver o passado, para se ter uma ideia justa do presente.

Para que o orgulhoso pare de acreditar em sua superioridade, é preciso provar-lhe que ele não é mais que os outros e que os outros são tanto quanto ele. Que a igualdade é um fato e não apenas uma bela teoria filosófica, verdades que ressaltam na preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o Homem é levado a crer que Deus o superdotou, excepcionalmente, porque Nele crê. Quando não crê, dá graças ao acaso e a seu próprio mérito. A preexistência, iniciando-o na vida anterior da alma, o ensina a distinguir a vida espiritual infinita da vida corporal temporária. Por aí, sabe que as almas saem iguais das mãos do Criador, que têm um mesmo ponto de partida e um mesmo objetivo, que todas devem atingir em mais ou menos tempo, de acordo com seus esforços. Sabe que ele próprio só chegou ao que é depois de ter penosamente vegetado por muito tempo como os outros que estão em graus inferiores, que entre os mais atrasados e os mais adiantados

existe apenas uma questão de tempo, que as vantagens de nascimento são puramente corporais e independentes do Espírito. Que o mais simples proletário, em outra existência, pode nascer em um trono e o mais poderoso renascer proletário. Se só considera a vida corporal, vê as desigualdades sociais do momento que o atingem. Mas, se volta-se para o conjunto da vida do Espírito, para o passado e para o futuro, desde o ponto de partida até o ponto de chegada, essas desigualdades se apagam e ele reconhece que Deus não privilegiou nenhum de Seus filhos, com prejuízo para outros, que fez partes iguais para cada um e não aplainou a estrada para uns mais do que para outros. Que aquele que é menos avançado na Terra pode chegar antes, se trabalhar mais para seu aperfeiçoamento. Reconhece, enfim, que cada um só chega por seus esforços pessoais, que o princípio da *igualdade* parece ser, assim, um princípio de justiça e uma lei da Natureza, diante dos quais cai o orgulho do privilégio.

A reencarnação, provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, por expiação ou prova, faz-nos saber que naquele que se trata com desdém pode-se encontrar uma pessoa que foi nosso superior ou nosso igual em outra existência, um amigo ou um parente. Se o Homem soubesse, o trataria com respeito, mas não teria nenhum mérito. Por outro lado, se soubesse que um amigo atual foi seu inimigo, seu servidor ou seu escravo, o rejeitaria. Ora, Deus não quis que fosse assim, por isso jogou um véu no passado. Desse modo, o Homem é conduzido a ver todas as pessoas como seus irmãos e seus iguais. Essa é uma base natural para a fraternidade. Sabendo que ele próprio poderá ser tratado como tratou os outros, a caridade torna-se um dever e uma necessidade, fundados na própria lei da Natureza.

Jesus enunciou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, como uma condição expressa para a salvação. Mas estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, o Espiritismo, pelo conhecimento que proporciona sobre a vida espiritual, pelos novos horizontes que descobre e pelas leis que revela, sancionar este princípio, provando que não é apenas uma doutrina moral, mas uma lei da natureza, e que praticá-la é do interesse do Homem. Ora, ele a praticará quando deixar

de ver no presente o começo e o fim e compreender a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. Sua importância pessoal se anula no campo imenso do infinito que o Espiritismo o faz antever. Compreende que, sozinho, não é nada e nada pode, que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais que outros: duplo fracasso para seu orgulho e seu egoísmo.

Mas, para isso, é preciso a fé, sem a qual o Homem ficará forçosamente detido na rotina do presente. Não a fé cega que foge da luz, restringe as ideias e por isso mesmo alimenta o egoísmo, mas a fé inteligente, raciocinada, que quer a claridade e não as trevas, que rasga corajosamente o véu dos mistérios e alarga o horizonte. É essa o primeiro elemento de todo o progresso que o Espiritismo traz ao Homem, fé robusta, porque está fundada na experiência e nos fatos, porque lhe dá provas palpáveis sobre a imortalidade da alma, lhe ensina de onde vem e para onde vai e por que está sobre a Terra, por que, enfim, determina suas ideias incertas sobre seu passado e seu futuro.

Uma vez trilhando esse caminho, o egoísmo e o orgulho não terão mais a mesma força e se apagarão pouco a pouco, por falta de objetivo e de alimento, e todas as relações sociais se modificarão, sob o império da caridade e da fraternidade bem compreendidas.

Isto pode acontecer por uma brusca mudança? Não, é impossível: nada é brusco na Natureza. Nunca a saúde volta subitamente a um doente. Entre a doença e a saúde há sempre a convalescença. Então, o Homem não pode, instantaneamente, mudar seu ponto de vista e voltar os olhos da Terra para o céu. O infinito o confunde e o ofusca, precisa de tempo para assimilar as novas ideias. O Espiritismo é, sem objeção, o mais poderoso elemento moralizador, porque destrói o egoísmo e o orgulho pela base, dando um ponto de apoio à moral, faz milagres de conversão. É verdade que ainda são curas individuais e muitas vezes parciais. Mas o que produziu sobre os indivíduos é a prova do que produzirá um dia sobre as massas. Não pode arrancar de uma vez só as ervas daninhas. Daí a fé. A fé é uma boa semente, mas é necessário a ela o tempo para germinar e dar frutos. Por isso nem todos os espíritas são perfeitos. O Espiritismo apanhou o Homem no

meio da vida, no fogo das paixões, na força dos preconceitos e se, em tais circunstâncias, operou prodígios, o que será quando apanhá-lo ao nascer, virgem de todas as impressões nocivas, quando sugará a caridade com o leite materno e será embalado pela fraternidade? Quando, enfim, uma geração for educada e nutrida com ideias que a fortificarão em vez de a desunir? Sob o domínio destas ideias, transformadas em lei para todos, o progresso não encontrará mais obstáculos no egoísmo e no orgulho; as instituições se reformarão por si mesmas e a Humanidade avançará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, enquanto espera os do céu.

LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE

*Liberdade, igualdade, fraternidade*¹. Essas três palavras são por si mesmas o programa de toda uma ordem social, de que resultaria o progresso mais absoluto da Humanidade, se os princípios que representam pudessem ser inteiramente aplicados. Vejamos os obstáculos que, no atual estado da sociedade, podem se opor a essa completa aplicação e procuremos o remédio para o mal.

A fraternidade, na rigorosa acepção da palavra, resume todos os deveres dos homens, de uns para com os outros. Significa: devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência. É a caridade evangélica por excelência e a aplicação da máxima: “Agir com os outros como queremos que os outros ajam conosco”. A contrapartida é o *egoísmo*. A fraternidade diz: “Cada um por todos e todos por um”. O egoísmo diz: “Cada um por si”. Esses dois atributos são a negação um do outro. É tão impossível a um egoísta agir fraternalmente com seus semelhantes como a um avaro ser generoso, a um homem pequeno atingir a altura de um homem grande. Ora, o egoísmo é a praga dominante da sociedade, quanto mais reina, mais o reino da fraternidade será impossível. Cada um quer a fraternidade em seu proveito, mas não a quer para proveito dos outros. Ou, se quer, é só depois de se assegurar que não perderá nada.

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** *Liberdade, igualdade e fraternidade* são os ideais propostos pela Revolução Francesa, em 1789.

Considerada do ponto de vista de sua importância para a realização da felicidade social, a fraternidade está na primeira linha: é a base. Sem ela não poderiam existir seriamente nem a igualdade nem a liberdade. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é a consequência das outras duas.

Com efeito, suponhamos uma sociedade de homens suficientemente desinteressados, bons e benevolentes, para viverem fraternalmente. Não haveria entre eles nem privilégios, nem direitos excepcionais, sem o que não haveria fraternidade. Tratar alguém como irmão é tratar de igual para igual. É querer para ele o que se quer para si. Em um grupo de irmãos, a igualdade será a consequência de seus sentimentos, sua maneira de agir, e se estabelecerá pela força das coisas. Mas qual é o inimigo da igualdade? É o orgulho. O orgulho que, por toda parte, quer se sobressair e dominar, que vive de privilégios e exceções, pode se sujeitar à igualdade social, mas jamais a criará e a quebrará na primeira oportunidade. Ora, o orgulho, sendo também uma das pragas da sociedade, enquanto não for destruído, será uma barreira à verdadeira igualdade.

A liberdade, já dissemos, é filha da fraternidade e da igualdade. Falamos da liberdade legal e não da liberdade natural que é, de direito, imprescritível para toda criatura humana, desde o selvagem até o homem civilizado. Homens que vivam como irmãos, com direitos iguais, animados por um sentimento de benevolência recíproca, praticarão a justiça entre eles, não procurarão fazer mal entre si e, em consequência, nada terão a temer uns dos outros. A liberdade será sem perigos, porque ninguém pensará em abusar, em prejuízo de seus semelhantes. Mas como o egoísmo que tudo quer para si, e o orgulho que quer dominar sempre, aceitariam a liberdade que os destronaria? Os inimigos da liberdade são ao mesmo tempo o egoísmo e o orgulho, da mesma forma que o são da igualdade e da fraternidade.

A liberdade supõe a confiança mútua. Ora, não poderia haver confiança entre pessoas movidas pelo sentimento exclusivo da personalidade. As pessoas, só podendo se satisfazer à custa de outras, estarão sempre com um pé atrás, umas com as outras. Sempre com o medo de perder o que chamam de seus direitos, a dominação é a própria

condição de sua existência. Por isso, criarão sempre dificuldades à liberdade e a sufocarão sempre que puderem.

Os três princípios são, como já dissemos, solidários uns com os outros e servem de apoio recíproco. Sem a coexistência dos três, o edifício social não seria completo. A fraternidade praticada com pureza não pode estar sozinha, porque, sem a igualdade e a liberdade, não há verdadeira fraternidade.

A liberdade sem fraternidade é a rédea colocada no pescoço de todas as más paixões, que correrão sem freio. Com a fraternidade, o Homem não faz mau uso de sua liberdade: é a ordem. Sem a fraternidade, usa a liberdade para dar curso a todas as suas torpezas: é a anarquia, o excesso de liberdade. Por isso, as nações mais livres são forçadas a colocar restrições à liberdade. A igualdade, sem a fraternidade, conduz aos mesmos resultados, porque quer a liberdade. Sob o pretexto da igualdade, o pequeno humilha o grande, para tomar-lhe o lugar, e à sua vez torna-se tirano. É apenas uma mudança de lugar do despotismo.

Resulta daí que enquanto os homens estiverem imbuídos do sentimento da verdadeira fraternidade, será preciso mantê-los submissos? Que sejam impróprios para as instituições fundadas sobre os princípios da igualdade e de liberdade? Essa opinião seria mais do que imprópria, seria absurda. Não se espera que uma criança esteja completamente crescida, para ensiná-la a caminhar. Por outro lado, quem, na maioria das vezes, a tem sob tutela? São pessoas generosas, com grandes ideias, guiadas pelo amor ao progresso? Aproveitam a submissão de seus inferiores, para desenvolver neles o sentido moral e para elevá-los, pouco a pouco, à condição de homens livres? Não. São homens, na maior parte das vezes, ciumentos de seu poder, com ambição e ganância, às quais outros homens servem como instrumentos mais inteligentes que os animais. Com esse propósito, em vez de emancipá-los, os mantêm o maior tempo possível na ignorância e sob seu jugo. Mas essa ordem de coisas muda por si mesma, pelo poder irresistível do progresso. A reação é às vezes violenta e tanto mais terrível quando o sentimento da fraternidade, imprudentemente asfixiado, não interpõe seu poder moderador. A luta estabelece-se entre os que querem sair e os que querem prender.

Daí, um conflito que se prolonga muitas vezes durante séculos.

Enfim, se estabelece um equilíbrio artificial. Deveria ser melhor, mas sente-se que as bases sociais não são sólidas. O chão treme a todo instante sob os pés, ainda não é o reino da liberdade e da igualdade, sob a égide da fraternidade, porque o orgulho e o egoísmo estão sempre presentes e levam ao fracasso os esforços dos homens de bem.

Todos vocês que sonham com essa idade de ouro para a Humanidade, trabalhem, antes de tudo, na base do edifício, antes de querer cobrir o topo. Deem-lhe como fundamento a fraternidade, em sua mais pura acepção. Mas, para isso, não basta apenas decretá-la e escrevê-la em uma bandeira. É preciso que esteja no coração, e não se muda o coração dos homens por decreto. Da mesma forma que para fazer um campo frutificar é preciso arrancar as pedras e os espinhos, trabalhem sem descanso para extirpar o vírus do orgulho e do egoísmo, porque é a fonte de todo o mal, o obstáculo real ao reino do bem. Destruam nas leis, nas instituições, nas religiões, na educação, até os últimos vestígios dos tempos de barbárie e de privilégios e todas as causas que mantêm e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, que se ingere, por assim dizer, com o leite materno e se respira por todos os poros, na atmosfera social. Somente aí os homens compreenderão os deveres e os benefícios da fraternidade. Então, também estabelecerão, por eles mesmos, sem trauma nem perigo, os princípios complementares da igualdade e da liberdade.

É possível a destruição do egoísmo e do orgulho? Dizemos alto e bom som que SIM. Caso contrário, seria necessário colocar um ponto de parada no progresso da Humanidade. O Homem cresce em inteligência, é um fato incontestável. Chegou a um ponto culminante, que não saberia ultrapassar? Quem ousaria sustentar essa tese absurda? O Homem progride em moralidade? Para responder a esta pergunta basta comparar as épocas de um mesmo país. Por que teria atingido mais cedo o limite do progresso moral do que o do progresso intelectual? Sua aspiração para uma ordem de coisas melhores é um sinal da possibilidade de atingi-las. Aos homens do progresso pertence a tarefa de ativar este movimento, pelo estudo e pela prática dos meios mais eficazes.

AS ARISTOCRACIAS

Aristocracia vem do grego *aristos*, o melhor, e *kratos*, poder. Aristocracia, então, em sua acepção literal significa: *poder dos melhores*. Há que se convir que o sentido primitivo muitas vezes foi singularmente modificado, mas vemos que tipo de influência o Espiritismo pode exercer sobre sua aplicação. Para isso, tomemos as coisas do ponto de partida e as sigamos através dos tempos, para deduzir o que acontecerá mais tarde.

Em nenhum tempo, em nenhum povo, os homens em sociedade puderam viver sem chefes, mesmo entre os mais selvagens. Isto acontece porque, em razão da diferença de aptidões e de caracteres inerentes à espécie humana, em todos os lugares há homens incapazes, que é preciso ser dirigidos, fracos que reclamam proteção, paixões que é preciso reprimir. Daí, a necessidade de uma autoridade. Sabe-se que nas sociedades primitivas essa autoridade era deferida aos chefes de família, aos anciãos, aos velhos, em resumo, aos patriarcas. Essa foi a primeira de todas as aristocracias.

As sociedades tornaram-se mais numerosas, a autoridade patriarcal ficou impotente, em certas circunstâncias. As disputas entre tribos vizinhas levaram a combates. Para dirigi-los, eram necessários não velhos, mas homens fortes, vigorosos e inteligentes. E surgiram os chefes militares. Esses chefes, vitoriosos, ganharam autoridade, porque se esperava encontrar em seu valor uma garantia contra os ataques dos inimigos. Muitos, abusando da posição, tomaram o poder. Depois, os vencedores se impuseram aos vencidos ou os reduziram à escravidão. Surgiu a autoridade da força bruta, que constituiu a segunda aristocracia.

Os fortes, com seus bens, muito naturalmente transmitiram sua autoridade aos filhos, e os fracos e oprimidos, sem ousar contestar, acostumaram-se, pouco a pouco, a considerá-los como os herdeiros dos direitos conquistados por seus pais e como seus superiores. Aparece então a divisão da sociedade em duas classes: os superiores e os inferiores, os que comandam e os que obedecem. Por consequência, surgiu a aristocracia de nascimento, que se tornou tão poderosa e tão prepotente quanto a da força, porque, se não tinha a própria força, como nos primeiros tempos, em que era preciso expor-se ao perigo, tinha uma força mercenária. Tendo todo o poder, naturalmente deu a si todos os privilégios.

Para conservar esses privilégios, era preciso lhes dar o prestígio da legalidade, e a aristocracia fez leis em seu benefício, e isso lhe era fácil, porque só ela fazia as leis. Nem sempre isso sendo suficiente, ela se atribuiu o prestígio do direito divino, para se tornar respeitável e inviolável. Para assegurar esse respeito, por parte da classe submissa, que se tornava cada vez mais numerosa e mais difícil de conter, mesmo pela força, só havia um meio: o de impedi-la de ver com clareza, isto é, mantê-la na ignorância.

Se a classe superior tivesse sustentado a classe inferior sem fazer nada, teria mantido a situação por muito tempo ainda. Mas como a classe inferior era obrigada a trabalhar para viver e trabalhar mais quanto mais fosse oprimida, resultou que a necessidade de encontrar sempre novos recursos, de lutar contra uma concorrência invasora, de procurar novos mercados para os produtos, desenvolveu-lhes a inteligência e a classe se esclareceu, pelas mesmas causas que eram usadas para sujeitá-las. Não se vê nisso o dedo da Providência?

Então, a classe submissa viu claro, viu a pouca consistência do prestígio que a esmagava e, sentindo-se forte numericamente, aboliu os privilégios e proclamou a igualdade diante da lei. Esse princípio marcou, em alguns povos, o fim do reino da aristocracia por nascimento, que é apenas nominal e honorífica, já que não confere mais direitos legais.

Então, apareceu um novo poder: o do dinheiro, porque com ele se dispõe dos homens e das coisas. Era um sol nascente, diante do qual as pessoas se inclinavam, como antes se inclinavam diante de um brasão

ou de outro símbolo qualquer. O que não se concedia mais ao título concedia-se à fortuna e a fortuna teve seus privilégios legais. Mas se percebeu que, para fazer fortuna, era preciso determinada dose de inteligência, e não era necessário tanto para herdá-la; que os herdeiros são muitas vezes mais hábeis para gastar do que para ganhar; que os próprios meios para enriquecer não são sempre irrepreensíveis. O resultado é que o dinheiro perde pouco a pouco seu prestígio moral e este poder tende a ser substituído por outro, por uma aristocracia mais justa, a da inteligência, diante da qual todos podem se inclinar sem se aviltar, porque pertence tanto ao pobre como ao rico.

Será a última? A mais alta expressão da Humanidade civilizada? Não.

A inteligência nem sempre é uma garantia de moralidade e o Homem mais inteligente pode fazer o mau uso de suas faculdades. Por outro lado, apenas a moralidade pode, muitas vezes, ser incapaz. A união dessas duas faculdades, *inteligência e moralidade*, é necessária para criar uma preponderância legítima, à qual a massa se submeterá cegamente, porque lhe inspirará toda confiança, por suas luzes e por sua justiça. Será a verdadeira aristocracia, a consequência, ou antes, o sinal de elevação do reino do bem sobre a Terra. Chegará naturalmente pela força dos acontecimentos. Quando os homens dessa categoria forem suficientemente numerosos para formar uma maioria que se impõe, será a eles que a massa confiará seus interesses.

Como vimos, todas as aristocracias tiveram sua razão de ser. Nasceram do estado da Humanidade. O mesmo acontecerá com a que se tornará uma necessidade. Todas cumpriram ou cumprirão seu tempo, de acordo com a região, porque nenhuma teve por base o princípio moral. Só esse princípio pode constituir uma supremacia durável, porque será animado por sentimentos de justiça e de caridade, supremacia que chamaremos de *aristocracia intelecto-moral*.

Um tal estado de coisas é possível, com o egoísmo, o orgulho, a ganância que reinam soberanos sobre a Terra? Respondemos claramente que sim: não só é possível, como chegará, porque é inevitável.

Hoje, a inteligência domina, é soberana, ninguém pode contestar. E é tão verdade, que vocês veem o homem do povo chegar aos bons

empregos. Essa democracia não é mais justa, mais lógica, mais racional do que a da força bruta, a do nascimento ou a do dinheiro? Por que então seria impossível chegar a da moralidade? — Porque — dizem os pessimistas — o mal domina sobre a Terra. Foi dito que o bem jamais vencerá? Os costumes e, por conseguinte, as instituições sociais, não são cem vezes melhores hoje do que eram na Idade Média? Cada século não foi marcado por um tipo de progresso? Por que então a Humanidade pararia, quando ainda tem tanto a fazer? Os homens, por um instinto natural, procuram seu bem-estar. Se não o encontram completamente no reino da inteligência, o procuram em outra parte. E onde poderão encontrá-lo, senão no reino da moralidade? Para isso, é necessário que a moralidade vença numericamente. Há muito a fazer, é incontestável, mas, ainda uma vez, seria uma estúpida pretensão dizer que a Humanidade chegou a seu apogeu, quando se a vê caminhar, sem cessar, na via do progresso.

Digamos, de início, que, na Terra, os bons não são tão raros como se pensa. Infelizmente, é verdade que os maus são numerosos, mas o que os faz parecer ainda mais numerosos é que eles têm mais audácia e sentem que ela lhes é necessária para vencerem. Entretanto, compreendem de tal forma a preponderância do bem que, não conseguindo praticá-lo, usam sua máscara para agirem como se fossem bons.

Os bons, ao contrário, não ostentam suas boas qualidades, não se põem em evidência, e por isso não parecem tão numerosos. Mas prestem atenção aos atos íntimos, realizados sem ostentação e, em todas as categorias da sociedade, vocês encontrarão ainda muitas boas e leais naturezas, para acalmar-lhes o coração e não deixá-los perder a esperança na Humanidade. Depois, é preciso dizer também que, entre os maus, há muitos que o são apenas pela influência do meio e que se tornariam bons se tivessem uma boa influência. De fato, achamos que em 100 indivíduos, haja 25 bons e 75 maus. Desses últimos, há 50 que são maus por fraqueza e que seriam bons se tivessem bons exemplos diante deles e, sobretudo, se tivessem tido uma boa direção desde a infância. E entre os 25 claramente maus, nenhum é incorrigível.

No atual estado de coisas, os maus estão em maioria e fazem a lei para os bons. Suponhamos que alguma circunstância leve à conversão

50 medianos. Os bons estarão em maioria e farão, por sua vez, a lei. Entre os outros 25 francamente maus, muitos sofrerão a influência da lei, e restarão apenas alguns incorrigíveis, sem preponderância.

Tomemos um exemplo, para comparação: há povos em que o assassinato e o roubo são normais e entre os quais o bem é exceção.

Entre os povos mais avançados e melhor governados da Europa, o crime é a exceção. Perseguido pelas leis, o criminoso não tem influência na sociedade. O que ainda domina nessas sociedades são os vícios de caráter: o orgulho, o egoísmo, a ganância e seus seguidores.

Por que, então, esses povos, ao progredirem, não transformariam os vícios em exceção, como acontece hoje com os crimes, ao mesmo tempo em que povos inferiores atingiriam o mesmo nível de vocês? Negar a possibilidade desse caminho ascendente seria negar o progresso.

Certamente, esse estado de coisas não pode acontecer em um dia, mas se há uma causa que deve apressar seu advento é, sem dúvida, o Espiritismo. Agente por excelência da solidariedade humana, mostrando as provas da vida atual como a consequência lógica e racional dos atos praticados nas existências anteriores, fazendo de cada homem o artesão voluntário de sua própria felicidade, de sua divulgação universal resultará, necessariamente, uma elevação sensível do nível moral atual.

Os princípios gerais da nossa filosofia estão elaborados e coordenados e já reuniram, em uma admirável comunhão de pensamentos, milhões de adeptos, disseminados em toda a Terra. Os progressos realizados sob sua influência, as transformações individuais e locais, que foram provocadas em menos de quinze anos, nos permitem calcular as imensas modificações fundamentais que serão alcançadas no futuro.

Se, porém, graças ao desenvolvimento e à aceitação geral dos ensinamentos dos Espíritos, o nível moral da Humanidade tende constantemente a se elevar, não se vá daí concluir que a moralidade se tornará preponderante sobre a inteligência. O Espiritismo, não quer ser aceito cegamente, antes pede a discussão e a luz.

Em vez da fé cega que aniquila a liberdade de pensar, diz ele: *“Só existe fé inquebrantável quando se pode olhar a razão face a face, em todas*

as épocas da Humanidade. É preciso uma base para a fé e esta base é a inteligência perfeita do que se deve crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender”. (O Evangelho Segundo o Espiritismo)

Temos razão para considerar o Espiritismo um dos mais poderosos precursores da aristocracia do futuro, isto é, da *aristocracia intelecto-moral*.

OS DESERTORES

Se todas as grandes ideias tiveram seus apóstolos fervorosos e devotados, mesmo as melhores tiveram também seus desertores. O Espiritismo não poderia escapar às consequências da fraqueza humana, ele teve os seus também e é sobre esse assunto que algumas observações não serão inúteis.

No começo, muitos desprezaram a natureza e fim do Espiritismo e não lhe previram o alcance. Bem no início, levados pela curiosidade, muitos viram as manifestações apenas como uma distração. Divertiram-se com os Espíritos enquanto esses quiseram distraí-los. Era um passatempo, muitas vezes um acessório para reuniões noturnas.

Essa maneira de apresentar as coisas, no começo, foi uma estratégia hábil dos Espíritos. Sob a forma de diversão, a ideia se espalhou e lançou suas sementes, sem intimidar as consciências temerosas. Brincou-se com a criança, mas a criança deveria crescer.

Quando os Espíritos brincalhões foram sucedidos por Espíritos sérios e moralizadores, quando o Espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais deixaram de encontrar divertimento. Para aqueles que buscam, antes de tudo, a vida material, era um censor inoportuno e aborrecido, que mais de uma pessoa colocou de lado. Não há o que lamentar sobre esses desertores, porque pessoas frívolas são pobres auxiliares. Entretanto, essa primeira fase não foi um tempo perdido, longe disso. Com ajuda desse disfarce, a ideia foi cem vezes mais popularizada do que se tivesse se revestido, desde a origem, de uma forma severa. Mas saíram sérios pensadores desse meio indolente e leve.

Esses fenômenos que entraram em moda, pelo atrativo da curiosidade, se tornaram um entusiasmo e provocaram a atenção de pessoas que esperavam encontrar uma porta aberta nesta novidade. As manifestações pareciam uma matéria maravilhosamente explorável, e mais de uma pessoa sonhou usá-las como auxiliares em sua indústria, outras viram uma variante para a arte de adivinhar, um meio talvez mais seguro que a cartomancia, a borra de café etc. etc., para conhecer o futuro e descobrir as coisas escondidas. Porque, na opinião deles, os Espíritos deveriam saber tudo.

Desde que essas pessoas perceberam que a especulação escorregava entre suas mãos e virava mistificação, que os Espíritos não vinham ajudar a fazer fortuna, a dar-lhes os números premiados da loteria, dizer-lhes verdadeiras sortes, fazê-las descobrir tesouros ou receber heranças, dar-lhes alguma boa invenção, rendosa e passível de receberem pelo registro da patente, suprir sua ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, concluíram que os Espíritos já não eram bons para mais nada e suas manifestações eram apenas ilusões. Tanto quanto exaltaram o Espiritismo, tanto quanto tiveram esperança de tirar algum proveito, o denegriram quando lhes trouxe o desapontamento. Mais de um crítico que o ridicularizou o levaria às nuvens, se o tivesse feito descobrir um parente rico, que lhe deixasse uma inesperada herança ou o fizesse ganhar na Bolsa. Estão aí os mais numerosos da categoria dos desertores, mas convenhamos que não se pode, em sã consciência, chamá-los de espíritas.

Essa fase teve igualmente sua utilidade. Mostrando o que não se deveria esperar de ajuda dos Espíritos, tornou conhecido o objetivo sério do Espiritismo, depurou a doutrina. Os Espíritos sabem que as lições de experiência são as mais proveitosas. Se, desde o princípio, tivessem dito: não peçam esta ou aquela coisa, porque não conseguirão, talvez não tivessem sido acreditados. Por isso não interferiram, para que a verdade surgisse da observação. Essas decepções desencorajaram os exploradores e contribuíram para diminuir o número deles. Foram parasitas e não adeptos sinceros do Espiritismo.

Algumas pessoas, mais perspicazes que outras, anteviram o homem na criança que acabava de nascer e tiveram medo, como Herodes teve

medo do Menino Jesus. Não ousando atacar o Espiritismo de frente, serviram-se de agentes que o abraçaram para asfixiá-lo, que usam uma máscara para se infiltrar em toda parte e insuflar habilmente o desentendimento no centros, esparramando sub-repticiamente o veneno da calúnia, lançando o pomo da discórdia, incitando atos comprometedores para também perverter a doutrina, para torná-la ridícula ou odiosa e simular, em seguida, o abandono. Outros são ainda mais hábeis, pois, pregando a união, semeiam a divisão. Submetem habilmente à discussão as questões mais irritantes e ofensivas. Excitam a uma inveja de preponderância entre os diferentes centros. Ficariam encantados se os vissem se apedrejando e levantando bandeira contra bandeira, por algumas divergências de opinião sobre algumas questões de forma ou de fundo, muitas vezes provocadas. Todas as doutrinas tiveram seus Judas, também ao Espiritismo não poderiam faltar e não faltaram.

Esses são espíritas de contrabando, mas que tiveram também sua utilidade. Fizeram com que o verdadeiro espírita aprendesse a ser prudente, circunspecto e a não confiar nas aparências.

Por princípio, é preciso desconfiar dos ardores muito fervorosos, que quase sempre são fogo de palha ou fingimento, entusiasmos de circunstâncias, que substituem os atos pela abundância de palavras. A verdadeira convicção é calma, refletida, motivada. Revela-se, como a verdadeira coragem, pelos feitos, isto é, pela firmeza, pela perseverança e, sobretudo, pela abnegação. O desinteresse moral e material é a verdadeira pedra de toque da sinceridade.

A sinceridade tem um caráter original *sui generis*, reflete-se por nuances muitas vezes mais fáceis de compreender do que de definir. É sentida por esse efeito da transmissão de pensamento, cuja lei o Espiritismo veio nos revelar. E a falsidade não chega jamais a ser completamente dissimulada, porque não pode mudar a natureza das correntes fluídicas que projeta. Erra grosseiramente quem acredita operar essa mudança, por uma baixa e servil adulação, que só pode seduzir as almas orgulhosas, mas é por essa mesma adulação que se trai, perto das almas elevadas.

Jamais o gelo pode imitar o calor.

Se passarmos à categoria dos Espíritos propriamente ditos, ainda nos encontraremos presos a certas fraquezas humanas, sobre as quais a doutrina nem sempre triunfa imediatamente. As mais difíceis de serem vencidas são o egoísmo e o orgulho, essas duas paixões originais do Homem. Entre os adeptos convictos, não há deserções, na acepção da palavra, porque aquele que desertasse, por um motivo de interesse ou qualquer outro, nunca teria sido sinceramente espírita. Mas, entre eles, pode haver fraquezas. A coragem e a perseverança podem se curvar diante de uma decepção, uma ambição não concretizada, uma superioridade não obtida, um amor-próprio melindrado, uma prova difícil. Recua-se, diante do sacrifício do bem-estar, do medo de comprometer os interesses materiais, do medo do que as pessoas vão pensar, fica-se confuso por causa de uma mistificação. Não se renuncia, mas se esfria. A gente vive para si mesmo e não para os outros, quer se beneficiar com a crença, mas desde que nada custe. Certamente aqueles que agem assim podem ser crentes, mas, com certeza, são crentes egoístas, cuja fé não foi incendiada pelo fogo sagrado do devotamento e da abnegação. Sua alma tem dificuldade para se destacar da matéria. Fazem-se presentes, mas não se pode contar com eles.

Todos os outros são espíritas que verdadeiramente merecem este nome: aceitam todas as consequências da doutrina e se reconhece neles o esforço para melhorar. Sem negligenciar mais do que convém os interesses materiais, esses são para eles o acessório e não o principal. A vida terrena é apenas uma travessia mais ou menos penosa, e o futuro depende de seu emprego útil ou inútil. Suas alegrias são pequenas, ao lado da meta esplêndida que anteveem do outro lado. Não se aborrecem com os obstáculos que encontram no caminho; os revezes, as decepções, são provas, diante das quais não se desencorajam de forma nenhuma, porque o repouso é o prêmio para o trabalho. É por isso que não se veem entre eles nem deserções nem enfraquecimentos.

Também os bons Espíritos protegem visivelmente aqueles que lutam com coragem e perseverança, com devotamento sincero e sem segundas intenções. Ajudam-nos a triunfar sobre os obstáculos e aliviam as provas que não podem evitar, enquanto que abandonam, não menos

visivelmente, aqueles que os abandonam e sacrificam a causa da verdade à sua ambição pessoal.

Devemos colocar entre os desertores do Espiritismo aqueles que se retiram por não concordarem com o nosso método, achando-o muito lento ou muito rápido, e pretendem atingir mais rapidamente e em melhores condições as metas a que nos propusemos? Não, certamente, se a sinceridade e o desejo de propagar a verdade forem seus guias. Sim, se seus esforços tendem unicamente a se mostrarem e a chamarem para si a atenção pública, para satisfazer seu amor-próprio e seu interesse pessoal.

Vocês têm uma maneira de ver diferente da nossa, não simpatizam com os princípios que admitimos! Nada prova que estejam mais próximos da verdade do que nós. Pode-se divergir de opinião, em matéria de ciência. Procurem de seu lado, que procuraremos do nosso. O futuro certamente mostrará quem de nós está certo e quem está errado. Não pretendemos ser os únicos com condições de fazer estudos sérios e úteis. Outros poderiam certamente fazer o que fizemos. Que os homens inteligentes se reúnam conosco ou não, não importa!... É muito bom que os centros de estudo se multipliquem, porque será um sinal de progresso incontestável, que aplaudiremos com todas nossas forças.

Quanto às rivalidades, às tentativas de nos suplantar, temos um meio infalível de não receá-las. Trabalhamos para compreender, para engrandecer nossa inteligência e nosso coração, lutamos com os outros, mas lutamos com caridade e abnegação. Que o amor pelo próximo, inscrito em nossa bandeira, seja nossa máxima. A procura da verdade, não importa de que parte venha, é nossa única meta! Com tais sentimentos, enfrentaremos sem medo a chacota de nossos adversários e as tentativas de nossos competidores. Quando nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio de ficarmos teimando com ideias falsas, mas há princípios sobre os quais certamente jamais haveremos de nos enganar: o amor pelo bem, a abnegação, a renúncia a todo sentimento de inveja e ciúme. Esses são nossos princípios, nos quais vemos o laço que deve unir todos os homens de bem, seja qual for a divergência de suas opiniões. O egoísmo e a má-fé levantam barreiras insuperáveis entre eles.

Mas qual será a consequência desse estado de coisas? Sem dúvida, as intrigas dos falsos irmãos poderão trazer momentaneamente algumas perturbações parciais. Por isso, é preciso fazer todo esforço para eliminá-las, na medida do possível, mas necessariamente terão um tempo limitado e não poderiam ser prejudiciais no futuro. Primeiro, porque são uma manobra da oposição, que cairá pela força dos fatos. Depois, seja o que for que se diga ou que se faça, não conseguirão subtrair da doutrina seu caráter distintivo, sua filosofia racional e lógica, sua moral consoladora e regeneradora.

Hoje, as bases do Espiritismo estão colocadas de uma maneira inquebrantável. Os livros, escritos sem equívocos e postos ao alcance de todas as inteligências, serão sempre a expressão clara e exata do ensinamento dos Espíritos e o transmitirão intacto aos que virão depois de nós.

É essencial não esquecer que nós estamos em um momento de transição e que nenhuma transição se faz sem conflito. Portanto, ninguém se deve espantar ao ver se agitam algumas paixões: as ambições comprometidas, os interesses melindrados, as pretensões decepcionadas, mas pouco a pouco tudo isso cessará: a febre se acalma, os homens passam e as novas ideias permanecem. Espíritas, se querem ser invencíveis, sejam benevolentes e caridosos. O bem é uma couraça contra a qual virão sempre se quebrar as manobras da malevolência!

Não tenhamos medo: o futuro é nosso. Deixemos nossos adversários se debaterem sob a opressão da verdade que os ofusca. Toda oposição é impotente contra a evidência, que triunfa inevitavelmente pela própria força dos fatos. A divulgação universal do Espiritismo é uma questão de tempo e, neste século, o tempo caminha a passos gigantescos, com o impulso do progresso.

Allan Kardec

Nota – Publicamos, como complemento deste artigo, uma instrução dada sobre o mesmo assunto por Allan Kardec, depois de sua entrada no mundo dos Espíritos. Pareceu-nos interessante para nossos leitores juntar às páginas eloquentes e viris que precedem a opinião atual do organizador, pela excelência de nossa filosofia.

Paris, 12 de novembro de 1869.

“Quando eu estava corporalmente entre vocês, dizia sempre que deveria fazer uma história do Espiritismo, a que não faltasse interesse. É ainda hoje a minha opinião, e os elementos que juntei para esse fim, um dia, poderão servir para pôr em prática minha ideia.

Com efeito, eu estava mais bem colocado que qualquer outro para apreciar o curioso espetáculo provocado pela descoberta e divulgação de uma grande verdade. Antes, pressentia, hoje conheço a ordem maravilhosa e a harmonia inconcebível que presidem à concentração de todos os documentos destinados a criar a nova obra.

A benevolência, a boa vontade, o devotamento absoluto de alguns, a má-fé, a hipocrisia, as manobras malevolentes de outros, tudo concorre para assegurar a estabilidade do edifício que se levanta.

Nas mãos dos poderes superiores que presidem todos os progressos, as resistências inconscientes ou simuladas, os ataques, com o objetivo de semear o descrédito e o ridículo, tornam-se instrumentos de elaboração.

Quanto já se fez! Quantos motivos já se colocaram em movimento para asfixiar a criança no berço!

O charlatanismo e a superstição quiseram sucessivamente se apoderar de nossos princípios, para explorá-los em benefício próprio. Toda a ira da imprensa se voltou contra nós. Expuseram ao ridículo as coisas mais respeitáveis, atribuíram ao Espírito do mal os ensinamentos dos Espíritos mais dignos de admiração e de veneração universais. E, no entanto, todos esses esforços acumulados, essa coalizão de todos os interesses melindrados só conseguiram proclamar a impotência de nossos adversários.

É em meio a essa luta incessante contra os prejulgamentos estabelecidos, contra os erros oficializados, que se aprende a conhecer os homens. Eu sabia, consagrando-me à minha obra predileta, que me expunha ao ódio, à inveja, ao ciúme dos outros. O caminho estava semeado de dificuldades, que renasciam sem cessar. Como nada podiam contra a doutrina, atacavam o homem, mas, por esse lado, eu era forte, porque tinha renunciado à minha personalidade. As tentativas de calúnia não

me importavam. Minha consciência e a grandeza do objetivo me faziam esquecer as dificuldades e os espinhos do caminho. As testemunhas de simpatia e de estima que eu recebi daqueles que souberam me apreciar foram a mais doce recompensa que eu jamais ambicionara. Mas, infelizmente, quantas vezes eu teria sucumbido, sob o peso de minha tarefa, se a afeição e o reconhecimento de muitos não me tivessem feito esquecer a ingratidão e a injustiça de alguns. Porque, se os ataques dirigidos contra mim me encontravam sempre insensível, devo dizer que me senti penosamente atingido todas as vezes que encontrei falsos amigos entre aqueles de quem eu esperava mais.

Se é justo reprovar aqueles que tentaram explorar o Espiritismo ou corromper seus escritos, sem ter feito um estudo preliminar, são também muito culpados aqueles que, após terem assimilado todos os seus princípios, não contentes de terem se afastado, voltaram-se contra ele! Sobretudo para os desertores dessa categoria é preciso pedir a misericórdia divina, porque voluntariamente apagaram a chama que os clareava e com a ajuda da qual poderiam esclarecer os outros. Eles não demoram a perder a proteção dos bons Espíritos e – tivemos a triste experiência – são vistos logo a cair, de queda em queda, nas situações mais críticas!

Depois de voltar ao mundo dos Espíritos, revi um certo número desses infelizes! Arrependem-se, agora, lamentam sua ociosidade e sua má vontade, mas não podem recuperar o tempo perdido!... Voltarão logo para a Terra, com a firme resolução de colaborar ativamente para o progresso e estarão ainda em luta com suas antigas tendências, até que tenham definitivamente triunfado.

Poder-se-ia acreditar que os Espíritos de hoje, esclarecidos por esses exemplos, evitarão cair nos mesmos erros. Assim não será, porém. Por muito tempo ainda haverá falsos irmãos e amigos desastrados. Mas, assim como seus irmãos mais velhos, não conseguirão fazer o Espiritismo sair de seu caminho. Se causam algumas perturbações momentâneas e puramente locais, a Doutrina não sofrerá com isso. Ao contrário, logo os Espíritos desviados reconhecerão seu erro; virão, com novo ardor, colaborar na obra, por ora ignorada, e agindo em conjunto com

os Espíritos superiores que dirigem as transformações humanitárias, avançarão a passos rápidos para os tempos felizes, prometidos à Humanidade regenerada.”

BREVE RESPOSTA AOS DETRATORES DO ESPIRITISMO

O direito de exame e de crítica é imprescritível e do qual o Espiritismo não tem a pretensão de fugir, mas, sim, de satisfazer a todos. Cada pessoa é livre para aprová-lo ou rejeitá-lo, porém seria necessário discuti-lo com conhecimento de causa. Ora, a crítica, na maior parte das vezes, só tem provado sua ignorância a respeito dos princípios mais elementares do Espiritismo, atribuindo-lhe opiniões exatamente contrárias ao que diz, imputando-lhe ações que ele reprova e confundindo-o com imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, enfim, divulgando as excentricidades de alguns indivíduos, como se fossem uma regra geral. Muitas vezes também a maledicência o responsabilizou por atos repreensíveis e ridículos, em que seu nome esteve envolvido acidentalmente, e usou esse fato como uma arma contra o Espiritismo.

Antes de imputar a uma doutrina a incitação a qualquer ato repreensível, a razão e a equidade pedem que se examine se esta doutrina contém máximas que justifiquem esse ato.

Para conhecer a parte de responsabilidade que cabe ao Espiritismo, em determinada circunstância, há um meio bem simples: o de perguntar, *com boa-fé*, não para os adversários, mas para a própria fonte, o que essa doutrina aprova e o que condena. É muito fácil, já que não existe nada secreto: seus ensinamentos estão ao alcance de todos e todos podem fiscalizá-los.

Se os livros da Doutrina Espírita condenam de maneira explícita e formal um ato justamente reprovado, se apenas encerram instruções de natureza a levar ao bem, é porque o indivíduo culpado do malfeito, mesmo que possua esses livros, não buscou neles a sua inspiração.

O Espiritismo não é mais solidário com aqueles que gostam de se dizer espíritas do que a medicina o seria com os charlatães que a exploram, ou do que a salutar religião o seria com os abusos ou mesmo com os crimes que se cometem em seu nome. Só reconhece como seus adeptos aqueles que se dedicam à prática de seus ensinamentos, isto é, que trabalham pela própria melhora moral, esforçando-se para vencer as próprias más inclinações, para serem menos egoístas e menos orgulhosos, mais humildes, mais pacientes, mais benevolentes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em todas as coisas, porque são esses os sinais característicos do verdadeiro espírita.

O objetivo desta pequena exposição não é refutar todas as falsas alegações dirigidas contra o Espiritismo, nem desenvolver ou provar todos seus princípios e ainda muito menos procurar converter às suas ideias aqueles que professam opiniões contrárias, mas dizer, em algumas palavras, o que ele é e o que não é, o que admite e o que desaprova.

Suas crenças, suas tendências e sua meta resumem-se nas seguintes proposições:

1ª) *O elemento espiritual e o elemento material* são os dois princípios, as duas forças da Natureza que se completam e agem incessantemente um sobre o outro, sendo ambos indispensáveis para o funcionamento do mecanismo do Universo.

Da ação recíproca desses dois princípios nascem fenômenos que cada um dos dois, isoladamente, é incapaz de explicar.

A Ciência propriamente dita tem como missão especial o estudo das leis da Natureza.

O Espiritismo tem como objeto o estudo do *elemento espiritual* em suas relações com o elemento material, e encontra na união desses dois princípios a razão de um grande número de fatos até agora não explicados.

O Espiritismo caminha ao lado da Ciência, no terreno da matéria: admite todas as verdades que a Ciência constata. Mas continua suas investigações no terreno da espiritualidade, onde cessam as da Ciência.

2^a) O elemento espiritual é um estado ativo da Natureza e os fenômenos a ele ligados estão submetidos a determinadas leis. Por isso mesmo, são tão naturais quanto aqueles que têm sua origem na matéria inerte.

Certos fenômenos só foram reputados como *sobrenaturais* pela ignorância das leis que os regem. Em consequência desse princípio, o Espiritismo não admite o caráter milagroso atribuído a certos fatos, constatando-lhes, porém, a realidade ou a possibilidade. Para ele, não há milagres, como anulação das leis naturais. Daí se conclui que os espíritos não fazem nenhum milagre e que é imprópria a qualificação de taumaturgos que alguns lhes atribuem.

O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual se prende de uma maneira direta à questão do passado e do futuro do Homem. Sua vida é limitada à existência atual? Ao entrar nesse mundo, sai do nada e, ao sair, volta para o nada? Já viveu e viverá ainda? *Como viverá e em que condições?* Em uma palavra, de onde vem e para onde vai? Por que está na Terra e por que sofre? Essas são as questões que cada um se faz, porque têm um interesse capital para todos e nenhuma doutrina ainda lhes deu uma solução racional. A doutrina que dá essa solução racional é o Espiritismo, apoiada em fatos, satisfazendo às exigências mais rigorosas da lógica e da justiça. Esta é uma das principais causas da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é uma concepção pessoal nem o resultado de um sistema preconcebido. É resultante de milhares de observações, em todos os pontos do globo, as quais convergiram para um centro que as reuniu e as entrelaçou. Todos seus princípios constituintes, sem exceção, foram deduzidos da experiência. A experiência sempre precedeu a teoria.

Assim, desde o início, do Espiritismo ter raízes em todas as partes. A história não tem nenhum outro exemplo de uma doutrina filosófica ou religiosa que tenha, em dez anos, reunido um tão grande número de adeptos. Entretanto, não utilizou, para se fazer conhecer, nenhum dos meios vulgarmente em uso. Propaga-se por si mesmo, pelas simpatias que encontrou.

Um fato não menos notável é que em nenhum país a doutrina nasceu nas camadas mais baixas da sociedade. Propagou-se do alto para baixo na escala social. É nas classes mais esclarecidas que ainda está quase que exclusivamente propagando-se, sendo a parte iletrada de seus seguidores uma ínfima minoria.

Está comprovado que a propagação do Espiritismo seguiu, desde a origem, um caminho constantemente ascendente, apesar de tudo o que se faz para entravá-lo e para corromper-lhe o caráter, para desacreditar a opinião pública. É mesmo de se notar que tudo o que se fez, nesse sentido, favoreceu sua difusão. O barulho que se fez em torno do Espiritismo levou-o ao conhecimento de pessoas que antes nunca tinham ouvido falar sobre ele. Quanto mais o difamaram ou o ridicularizaram, quanto mais os discursos foram violentos, mais estimularam a curiosidade. E, como só pode ganhar, diante de um exame, resultou que seus adversários, sem querer, se transformaram em ardentes propagadores. Se os ataques não lhe trouxeram nenhum prejuízo é porque, estudando-o em sua verdadeira fonte, se encontrou outra coisa, muito diferente de como havia sido representado.

As pessoas imparciais perceberam sua moderação nas lutas que teve de sustentar. Jamais fez represálias contra seus adversários nem devolveu injúria por injúria.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que tem consequências religiosas, como toda filosofia espiritualista. Por isso mesmo, toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, uma vez que não tem culto, nem ritual, nem igreja e que, entre seus adeptos, ninguém recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote. Essas qualificações são uma pura invenção da crítica.

As pessoas são espíritas apenas porque simpatizam com os princípios da doutrina e porque se enquadram em sua conduta. É uma opinião como outra qualquer, que qualquer um deve ter o direito de professar, da mesma forma que se é judeu, católico, protestante, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e até materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como um direito

natural, reclama-a para os seus e para todos. Respeita todas as convicções sinceras e espera a reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito ao *livre exame*, em matéria de fé. O Espiritismo combate o princípio da fé cega, que impõe ao homem a abdicação de seu próprio julgamento. Defende que toda fé imposta é sem raiz. Por isso escreveu entre suas máximas: *não há fé mais inquebrantável do que aquela que pode encarar a razão diante de si, em todas as fases da Humanidade.*

Consequente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a ninguém. Quer ser aceito livremente e por convicção. Expõe suas doutrinas e recebe aqueles que vêm a ele voluntariamente.

Não procura afastar ninguém de suas convicções religiosas; não se dirige àqueles que têm uma fé que lhe basta, mas àqueles que, não estando satisfeitos com o que lhe foi dado, procuram algo melhor.

SEGUNDA
PARTE

TRANSCRIÇÕES
IN EXTENSO
DO LIVRO DAS
PREVISÕES
REFERENTES AO
ESPIRITISMO

MANUSCRITO FEITO COM ESPECIAL
CUIDADO POR ALLAN KARDEC
E DO QUAL NENHUM CAPÍTULO FORA
AINDA PUBLICADO

A MINHA INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO

Em 1854, ouvi pela primeira vez falar em mesas girantes. Um dia, encontrei o Sr. Fortier, o magnetizador, que eu conhecia há muito tempo e ele me disse:

— “Sabe a singular propriedade que se acabou de descobrir no magnetismo? Parece que não se magnetiza só os indivíduos, mas as mesas, que giram e andam à nossa vontade”.

— “É muito singular, com efeito”, respondi: “Mas, a rigor, isto não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode muito bem agir sobre corpos inertes e fazê-los se mover”. Os relatos publicados nos jornais de experiências feitas em Nantes, em Marselha e em outras cidades, não poderiam deixar dúvida sobre a realidade do fenômeno.

Algum tempo depois, revi o Sr. Fortier e ele me disse:

— “Veja o que é bem mais extraordinário, não apenas fazem girar uma mesa, magnetizando-a, como a fazem falar. Pergunta-se e ela responde”.

— “Isto, repliquei, é outra questão, acreditarei se vir e quando me for provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode se tornar sonâmbula. Até lá, permita-me achar que é história para dormir em pé.”

Esse raciocínio era lógico. Eu compreendia a possibilidade do movimento por uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, me parecia absurdo atribuir inteligência a uma coisa puramente

material. Estava na posição dos incrédulos de hoje, que negam porque apenas veem um fato que não entendem. Há 50 anos, se tivessem dito pura e simplesmente a alguém que se poderia transmitir um telegrama para 500 léguas e receber a resposta em uma hora, essa pessoa riria e não lhe teriam faltado excelentes razões científicas para provar que era materialmente impossível. Hoje, que a lei da eletricidade é conhecida, isso não espanta mais a ninguém, nem mesmo o camponês. A mesma coisa acontece com todos os fenômenos espíritas. Para qualquer pessoa que não conhece a lei que os rege, parecem sobrenaturais, maravilhosos, e, por consequência, impossíveis e ridículos. Uma vez que se conhece a lei, o maravilhoso desaparece, o fato não é mais rejeitado pela razão, porque é compreendido com facilidade.

Na época, eu estava diante de um fato não explicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que minha razão rejeitava. Ainda não tinha visto nem observado nada. As experiências, realizadas na presença de pessoas honradas e dignas de crédito, tinham me confirmado a possibilidade do efeito puramente material, mas a ideia de uma mesa *falante* ainda não entrava em minha cabeça.

No ano seguinte, era começo de 1855, encontrei o Sr. Carlotti, um amigo há vinte e cinco anos, que me falou durante quase uma hora sobre esses fenômenos, com o entusiasmo que tinha por todas as ideias novas. O Sr. Carlotti era córsico¹, de uma natureza ardente e enérgica. Eu sempre admirava nele as qualidades que distinguiam uma grande e bela alma, mas desconfiava de sua exaltação. Primeiro, falou da intervenção dos Espíritos e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentaram minhas dúvidas. “Um dia você será um dos nossos”, me disse. Não neguei, mas lhe respondi: “Veremos, mais tarde”.

Algum tempo depois, por volta do mês de maio de 1855, estive na casa de uma sonâmbula, a Sra. Roger, com o Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que me falaram sobre esses fenômenos, da mesma forma que o Sr. Carlotti, mas com outro tom. O Sr. Pâtier era um funcionário público, de meia-idade,

⁽¹⁾ **Nota da tradução:** Córsico, nascido na Córsega, ilha francesa no Mar Mediterrâneo.

homem instruído, de caráter grave, frio e calmo, fala pausada, isenta de entusiasmo, e me causou viva impressão. Quando me convidou para assistir às experiências que seriam feitas na casa da Sra. Plainemaison, na Rua Grange-Batelière, nº 18, aceitei imediatamente. O encontro ficou marcado para a terça-feira, às 8 horas da noite.

Foi lá, pela primeira vez, que testemunhei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, e tudo em condições tais que não permitiam qualquer dúvida. Vi também algumas tentativas muito imperfeitas de escrita mediúnica sobre uma lousa, com a ajuda de uma cesta. Eu não parava de pensar, mas havia ali um fato que devia ter uma causa. Percebi naquelas futilidades aparentes e na espécie de jogo que se fazia com esses fenômenos alguma coisa muito séria, como se fosse a revelação de uma nova lei, em que prometi a mim mesmo me aprofundar.

Logo apareceu a oportunidade para observar mais atentamente o que ainda não tinha podido fazer. Em uma das reuniões da Sra. Plainemaison, conheci a família Baudin, que então morava na Rua Rochechouart. O Sr. Baudin me convidou para assistir às reuniões semanais em sua casa, das quais, a partir daí, me tornei muito assíduo.

Havia muita gente nessas reuniões. Além dos frequentadores habituais, eram admitidos sem problema todos os que pediam para comparecer. Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam em uma pedra, com a ajuda de uma cesta, chamada de *tupia*², descrita em *O Livro dos Médiuns*.

Esse método, que exige a ajuda de duas pessoas, exclui qualquer possibilidade de participação das ideias do médium. Lá, vi comunicações seguidas e respostas a questões propostas e mesmo a perguntas mentais, que mostravam de uma maneira evidente a intervenção de uma inteligência desconhecida.

Os assuntos tratados eram geralmente frívolos, ocupava-se, sobretudo, de todas as coisas relacionadas à vida material, com o futuro, em resumo, nada de verdadeiramente sério. A curiosidade e a diversão eram a principal motivação dos assistentes. O Espírito que se manifestava

⁽²⁾ **Nota da tradução:** Tupia: pião, pitorra ou carrapeta.

habitualmente tinha o nome de *Zéfiro*³, nome perfeitamente de acordo com seu caráter e com o da reunião. Ele era muito bom e se tinha declarado o protetor da família. Se tinha sempre uma palavra para fazer rir, sabia, quando necessário, dar sábios conselhos e dirigir, se fosse o caso, palavras mordazes e espirituosas. Logo nos conhecemos e ele constantemente me deu provas de uma grande simpatia. Não era muito avançado mas, mais tarde, assistido por Espíritos superiores, me ajudou em meus primeiros trabalhos. Depois disse que deveria reencarnar e não ouvi mais falar dele.

Foi aí que fiz meus primeiros estudos sérios sobre o Espiritismo, mas ainda mais por observações do que por revelações. Apliquei a essa nova ciência, como tinha feito até então, o método da experimentação. Jamais criei teorias preconcebidas. Observava atentamente, comparava, deduzia as consequências, a partir dos efeitos procurava chegar às causas, pela dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, só admitindo uma explicação como válida, quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde os 15 anos.

Compreendi desde o início a gravidade da exploração que iria empreender. Antevi nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que tinha procurado durante toda a minha vida. Era, enfim, uma revolução completa nas ideias e nas crenças do mundo. Era preciso então agir com seriedade e sem leviandade, ser positivo e não idealista, para não se deixar levar pelas ilusões.

Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os Espíritos, sendo apenas as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria nem a soberana ciência, que aquilo que sabiam era limitado ao grau de seu progresso e que suas opiniões só tinham o valor de uma opinião pessoal. Essa verdade, reconhecida desde o princípio, me preservou do grave perigo de acreditar que eram infalíveis e me impediu de formular teorias prematuras, baseadas no que só um ou alguns deles tinham dito.

⁽³⁾ **Nota da tradução:** Provavelmente Allan Kardec referiu-se à mitologia grega, em que os ventos eram considerados divindades. *Zéfiro* era o vento oeste, suave e primaveril. Deuses que podiam gerar filhos e *Zéfiro* teria gerado Xantos e Bálios, dois cavalos imortais, capazes de falar.

O simples fato da comunicação com os Espíritos, independentemente do que dissessem, provava a existência do mundo ambiente invisível. Já era um ponto essencial, um campo imenso aberto para nossas explorações, a chave de um imenso número de fenômenos inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado desse mundo, seus costumes, se se pode falar assim. Logo percebi que cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me revelava um estado desse mundo, absolutamente como se chega a conhecer o estado de um país, perguntando aos habitantes de todas as classes e de todas as condições. Cada um pode nos ensinar alguma coisa e cada um, individualmente, não pode nos ensinar tudo. Cabe ao observador formar o conjunto, com a ajuda de documentos recolhidos em diferentes lados, colecionados, coordenados, controlados, uns pelos outros. Agi, então, com os Espíritos, como teria feito com os homens. Foram, para mim, desde o menor até o maior, elementos para me informar e não *reveladores predestinados*.

Tais foram as disposições com as quais empreendi e sempre prossegui meus estudos espíritas. Observar, comparar e julgar, essa foi a regra constante que segui.

Até então, as sessões na casa do Sr. Baudin não tinham tido nenhum objetivo determinado. Tentei ali conseguir resolver os problemas que me interessavam, do ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível. Chegava a cada sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente em ordem. Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e de uma maneira lógica. A partir desse momento, as reuniões tiveram outra característica. Entre os assistentes, havia pessoas sérias que começaram a ter grande interesse pelo assunto e, se me acontecia de faltar, ficava-se como que sem o que fazer. As perguntas fúteis tinham perdido o interesse para a maioria. No início, eu só tinha em vista minha própria instrução. Mais tarde, quando vi que tudo formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, pensei em publicá-la, para a instrução de todos. Essas mesmas questões, sucessivamente desenvolvidas e completadas, foram a base de *O Livro dos Espíritos*.

No ano seguinte, em 1856, acompanhei também as reuniões espíritas que ocorriam na Rua Tiquetone, na casa do Sr. Roustan e da Srta. Japhet, sonâmbula. Eram reuniões sérias e ordeiras. As comunicações eram transmitidas por intermédio da Srta. Japhet, médium, com a ajuda da cesta de bico.

Meu trabalho estava em grande parte terminado e tomava as proporções de um livro, mas eu tinha que fazer uma verificação, através de outros Espíritos, com a ajuda de diferentes médiuns. Tive a ideia de fazer dele objeto de estudos para as reuniões do Sr. Roustan. Depois de algumas sessões, os Espíritos disseram que prefeririam vê-la na intimidade e me marcaram alguns dias para trabalhar em particular com a Srta. Japhet, para fazê-lo com mais calma e também para evitar as indiscrições e os comentários prematuros do público.

Não me contentei com essa verificação, como os Espíritos me tinha recomendado. As circunstâncias puseram-me em contato com outros médiuns e cada vez que tinha oportunidade aproveitava para colocar algumas das questões que me pareciam mais difíceis. Foi assim que mais de dez médiuns deram sua assistência para esse trabalho. Foi da comparação e da fusão de todas essas respostas coordenadas, classificadas e várias vezes refeitas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que surgiu em 18 de abril de 1857.

No fim deste mesmo ano, as duas senhoritas Baudin se casaram, as reuniões cessaram e a família se dispersou. Mas então minhas relações começavam a se estender e os Espíritos multiplicaram os meios de instrução para meus trabalhos posteriores.

11 de dezembro de 1855.

(Casa do Sr. Baudin – médium: Srta. Baudin)

Meu Espírito protetor

Pergunta ao Espírito Zéfiro: — No mundo dos Espíritos, existe um que seja para mim um bom gênio?

Resposta: — Sim.

P — É o Espírito de um parente ou de um amigo?

R — Nem um nem outro.

P — Quem era ele sobre a Terra?

R — Um homem justo e sábio.

P — O que devo fazer para atrair sua benevolência?

R — O máximo de bem possível.

P — Quais os sinais em que posso reconhecer sua intervenção?

R — A satisfação que você sentir.

P — Há um meio de invocá-lo? Qual?

R — Ter uma fé viva e pedir com insistência.

P — Após minha morte, eu o reconhecerei no mundo dos Espíritos?

R — Que dúvida? Ele virá felicitá-lo, se você cumprir bem sua tarefa.

Observação: Vê-se, por essas questões, que eu era bem iniciante sobre as coisas do mundo espiritual.

P — O Espírito de minha mãe vem algumas vezes me visitar?

R — Sim, e ela o protege tanto quanto lhe é possível.

P — Muitas vezes a vejo em sonho. É uma lembrança e um efeito de minha imaginação?

R — Não, é ela mesma quem aparece. Você deve compreender isso pela emoção que sente.

Observação: É perfeitamente exato. Quando minha mãe me aparecia em sonho, eu sentia uma emoção indescritível, o que o médium não poderia saber.

P — Há algum tempo, quando evocamos S..., perguntamos se ele poderia ser o Espírito protetor de um de nós e ele respondeu: “Que um de vocês se mostre digno e eu estarei com ele. Z dirá a vocês”. Você acredita que eu seja merecedor dessa benevolência?

R — Sim, se você quiser.

P — O que é preciso fazer?

R — Fazer todo o bem que puder e suportar as dificuldades da vida com coragem.

P — Estou apto, pela natureza de minha inteligência, a penetrar, tanto quanto é permitido ao Homem, nas grandes verdades de nossa futura destinação?

R — Sim, você tem a aptidão necessária, mas o resultado dependerá de sua perseverança no trabalho.

P — Já posso contribuir para a propagação dessas verdades?

R — Sem dúvida.

P — Por quais meios?

R — Você saberá mais tarde. Enquanto espera, trabalhe.

25 de março de 1856.

(Casa do Sr. Baudin – médium: Srta. Baudin)

Meu guia espiritual

Nessa época, eu morava na Rua dos Mártires, nº 8, segundo andar, no fundo do pátio. Uma tarde, estava em minha sala de trabalho e ouvi pequenos golpes repetidos contra a parede que me separava do quarto vizinho. No começo, não prestei nenhuma atenção, mas como os golpes persistiam com mais força, mudando de lugar, olhei minuciosamente dos dois lados da parede, tentando ouvir se viriam de outro andar, e não consegui descobrir. O curioso é que cada vez que eu procurava, o barulho parava e recomeçava assim que eu voltava a trabalhar. Minha mulher chegou por volta das dez horas. Veio à minha sala de trabalho e, ouvindo os golpes, me perguntou o que era. — Não sei, respondi, — faz uma hora que está assim. Procuramos juntos, sem sucesso, e o barulho continuou até a meia-noite, hora em que fui me deitar.

No dia seguinte, havia sessão na casa do Sr. Baudin, contei o fato e pedi explicação.

Pergunta — Você sem dúvida ouviu sobre o fato que acabei de contar. Poderia me dizer a causa desses golpes que se fizeram ouvir com tanta persistência?

Resposta — Era seu Espírito familiar.

P — Com que objetivo batia assim?

R — Queria se comunicar com você.

P — Você poderia me dizer o que ele queria comigo?

R — Pode perguntar a ele, porque está aqui.

Observação: Naquela época não se fazia distinção entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos. Eram confundidos com a denominação geral de Espíritos familiares.

P — Meu Espírito familiar, seja quem for você, agradeço por ter vindo me visitar. Poderia me dizer que é?

R — Para você, me chamarei *A Verdade* e, todos os meses, aqui estarei à sua disposição, durante quinze minutos.

P — Ontem, quando bateu, enquanto eu trabalhava, tinha alguma coisa de particular para me dizer?

R — O que tinha a dizer era sobre o trabalho que você fazia, o que você escrevia me desagradava e eu queria fazê-lo parar.

Observação: O que eu escrevia era justamente sobre meus estudos relativos aos Espíritos e suas manifestações.

P — Sua desaprovação era quanto ao capítulo que eu escrevia ou sobre o conjunto do trabalho?

R — Sobre o capítulo de ontem; peço para revê-lo, releia-o esta noite, você reconhecerá seus erros e os corrigirá.

P — Eu mesmo não estava satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor?

R — Está melhor, mas não o suficiente. Leia da 3^a à 30^a linha e você reconhecerá um grave erro.

P — Eu mudei tudo o que tinha feito ontem.

R — Não importa! Isso não impede de o erro continuar. Releia e verá.

P — O nome *Verdade* que você assume é uma alusão à verdade que procuro?

R — Talvez. Ou ao menos é de um guia que o protegerá e o ajudará.

P — Posso evocá-lo em minha casa?

R — Sim, para assisti-lo pelo pensamento, mas para respostas escritas, vai levar muito tempo para obtê-las em sua casa.

Observação: Realmente, durante cerca de um ano, não consegui obter em minha casa nenhuma comunicação escrita e cada vez que encontrava um médium, de quem esperava obter alguma coisa, uma circunstância imprevista se opunha. Só obtinha comunicações escritas fora de casa.

P — Você poderia vir mais de uma vez por mês?

R — Sim, mas não prometo, até nova ordem.

P — Você foi alguma pessoa conhecida aqui na Terra?

R — Eu disse que *para você*, eu seria a *Verdade*, o *que para você* queria dizer discrição: não deve querer saber antes.

Observação: À noite, voltando para casa, apressei-me a reler o que tinha escrito e tanto na cópia jogada no cesto como na nova, na 30^a. linha reconheci um grave erro, que me espantei ter cometido. Depois disso, não aconteceu mais nenhuma manifestação do mesmo tipo, as relações com meu Espírito protetor estavam estabelecidas e essas manifestações não eram mais necessárias, por isso cessaram. O intervalo de um mês, que ele tinha assinalado para suas comunicações, foi raramente observado no princípio: mais tarde, deixaram de ser realizadas. Era, sem dúvida, um aviso para eu ter que trabalhar por mim mesmo e não ter que recorrer a ele à menor dificuldade.

9 de abril de 1856.

(Casa do Sr. Baudin – médium: Srta. Baudin)

Pergunta — (A Verdade) Você criticou o trabalho que eu fazia no outro dia e tinha razão. Eu o reli e reconheci, na 30^a linha, um erro contra o qual protestou com seus golpes. Isto me levou a reconhecer outros defeitos e a refazer o trabalho. Está mais satisfeito agora?

Resposta — Acho que está melhor, mas espere um mês antes de divulgá-lo.

P — O que entende por divulgá-lo? Não tenho, é claro, a intenção de publicá-lo ainda, nem sei se devo fazê-lo algum dia.

R — Quero dizer mostrá-lo a estranhos. Encontre um pretexto para escondê-lo daqueles que pedirão para vê-lo. Daqui até lá você melhorará esse trabalho. Recomendo-lhe para evitar a crítica, cuido de seu amor-próprio.

P — Você disse que seria para mim um guia, que me ajudaria e me protegeria. Concebo essa proteção e seu objetivo em certa ordem de coisas, mas você poderia me dizer se essa proteção se estende também sobre as coisas materiais da vida?

R — Na Terra, a vida material exige muito. Não ajudá-lo a viver seria não amá-lo.

Observação: A proteção desse Espírito, de cuja superioridade, então, estava longe de suspeitar, jamais me faltou. Sua atenção e a dos bons Espíritos sob suas ordens estendeu-se sobre todas as circunstâncias de minha vida, seja para amenizar as dificuldades materiais, seja para facilitar a realização de meus trabalhos, seja, enfim, para me preservar dos efeitos da malevolência de meus antagonistas, sempre reduzidos à impotência. Se as atribulações inerentes à missão que eu tinha de cumprir não puderam me ser poupadas, sempre foram abrandadas e largamente compensadas por bem doces satisfações morais.

30 de abril de 1856.

(Casa do Sr. Roustan – médium: Srta. Japhet)

Primeira revelação da minha missão

Havia algum tempo que eu acompanhava as sessões na casa do Sr. Roustan, e tinha começado a verificação do meu trabalho, que mais tarde deveria formar *O Livro dos Espíritos*. Em uma sessão íntima, em que estavam presentes sete ou oito pessoas, nós nos entretínhamos com diferentes assuntos, relativos aos acontecimentos que poderiam levar

a uma transformação social, quando a médium, apanhando a cesta, escreveu espontaneamente o seguinte:

“Quando o bordão soar, vocês o deixarão, somente devem aliviar seu semelhante. Individualmente o magnetizarão, para curar. Depois, cada um com seu posto preparado, todos serão necessários, já que tudo será destruído, sobretudo por um tempo. Não haverá religiões e uma será necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os primeiros fundamentos já estão colocados...”

A você, Rivail, sua missão está aí (livre, a cesta virou fortemente para meu lado, como o teria feito uma pessoa que me indicasse com o dedo). A você, M..., compete a espada que não fere, mas que mata. Contra tudo o que existe, será você que virá primeiro. Ele, Rivail, virá em segundo lugar, é o trabalhador que reconstrói o que foi destruído”.

Observação – Foi a primeira revelação positiva sobre minha missão e confesso que, quando vi a cesta dirigir-se bruscamente para mim e me chamar pelo nome, não pude evitar certa emoção.

O Sr. M..., que assistia a essa reunião, era um jovem com as mais radicais opiniões, comprometido com negócios políticos, obrigado a não se colocar muito em evidência. Acreditando em uma agitação próxima, preparava-se para tomar parte e combinava seus planos de reforma. De resto, era um homem doce e inofensivo.

7 de maio de 1856.

(Casa do Sr. Roustan – médium: Srta. Japhet)

A minha missão

Pergunta (a Hahnemann) — Outro dia, os Espíritos me disseram que eu tinha uma missão importante a cumprir e seu objetivo. Eu queria saber se você a confirma.

Resposta — Sim, e se você interrogar suas aspirações, suas tendências e o objeto quase constante de suas meditações, isso não deve surpreendê-lo. Você deve completar o que sonhou há muito tempo. É preciso que

trabalhe ativamente para estar pronto, porque o dia está mais próximo do que você pensa.

P — Para completar essa missão como a concebo, são necessários meios de execução que estão ainda longe de mim.

R — Deixe que a Providência faça sua obra e você ficará satisfeito.

Acontecimentos

P — A comunicação dada outro dia parece fazer presumir acontecimentos muito graves: poderia nos dar algumas explicações sobre esse assunto?

R — Não podemos precisar os fatos, o que podemos dizer é que haverá muita ruína e desolação, porque os tempos previstos para uma renovação da Humanidade chegaram.

P — Quem causará essas ruínas? Será um cataclismo?

R — Não será um cataclismo material, como vocês o entendem, mas calamidades de todos os tipos desolarão as nações, a guerra dizimará os povos, as instituições antiquadas afundarão em ondas de sangue. É preciso que o velho mundo desabe para abrir uma nova era de progresso.

P — Então a guerra não será circunscrita a uma região?

R — Não, abrangerá a Terra.

P — Entretanto, nada, neste momento, parece pressagiar uma tempestade próxima.

R — As coisas estão por um fio de aranha, partido ao meio.

P — Podemos, sem indiscrição, perguntar de onde partirá a primeira faísca?

R — Da Itália.

12 de maio de 1856.

(Sessão pessoal na casa do Sr. Baudin)

Acontecimentos

Pergunta (A Verdade) — O que você pensa do Sr. M...? É um homem que terá influência nos acontecimentos?

Resposta — Muito barulho. Ele tem boas ideias, é um homem de ação, mas não é uma cabeça.

P — É preciso levar ao pé da letra o que foi dito, de que lhe cabe o papel de destruir o que existe?

R — Não. Quis-se personificar nele o partido cujas ideias ele representa.

P — Posso manter relações de amizade com ele?

R — Não no momento, você correria riscos inúteis.

P — O Sr. M... disse que há um médium que lhe precisou a marcha dos acontecimentos, por assim dizer, em um determinado dia. É verdade?

R — Sim, fixaram-lhe épocas, mas são Espíritos levianos que não sabem mais que ele e exploram sua exaltação. Você sabe que não devemos precisar as coisas futuras. Os acontecimentos pressentidos acontecerão em um tempo próximo, mas que não pode ser prefixado.

P — Os Espíritos disseram que são chegados os tempos em que as coisas devem acontecer. Que sentido dar a essas palavras?

R — Para coisas de tamanha gravidade, o que são alguns anos a mais ou a menos? Elas não chegam bruscamente, como um raio, mas são preparadas há muito tempo por acontecimentos parciais, que são precursores, como os ruídos surdos que precedem a erupção de um vulcão. Pode-se então dizer que os tempos são chegados, sem que isso signifique que as coisas acontecerão amanhã. Quer dizer que vocês estão no período em que elas deverão acontecer.

P — Você confirma então o que foi dito: que não haverá cataclismos?

R — Certamente, não receiem nem dilúvio nem um incêndio de seu planeta, nem outras coisas desse tipo, porque não se pode chamar de cataclismo a perturbações locais, que acontecem em todas as épocas. Só haverá um cataclismo moral, de que os Homens serão os instrumentos.

10 de junho de 1856.

(Casa do Sr. Roustan – médium: Srta. Japhet)

O Livro dos Espíritos

Pergunta (a Hahnemann) — Eu pensei que, já que acabamos logo a primeira parte do livro, para ir mais depressa poderia pedir a B... para me ajudar. O que acha?

Resposta — Penso que será melhor você não se servir dele. — Por quê? — Porque a verdade não pode ser interpretada pela mentira.

P — Se o Espírito familiar de B... é mentiroso, isso não impediria um bom Espírito de se comunicar pelo médium, no momento em que fosse evocado.

R — Sim, mas aqui o médium ajuda o Espírito, prestando-se à falsidade. Aristo, seu intérprete, e B... acabarão mal.

Observação — B... era um jovem médium que escrevia com facilidade, mas assistido por um Espírito orgulhoso, déspota e arrogante, que usava o nome de Aristo e lhe lisonjeava o amor-próprio. As previsões de Hahnemann se realizaram. Esse jovem acreditou encontrar em sua faculdade uma fonte da fortuna, quer por consultas médicas, quer por invenções e descobertas lucrativas e só colheu decepções e mistificações. Algum tempo depois, não se ouviu mais falar nele.

12 de junho de 1856.

(Casa do Sr. C... – médium: Srta. Aline C...)

Minha missão

Pergunta (A Verdade) — Bom Espírito, gostaria de saber o que você pensa sobre a missão que me foi assinalada por alguns Espíritos: poderia me dizer, peço, se é uma prova para meu amor-próprio? Sem dúvida, você sabe, tenho o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador à qualidade de chefe missionário há uma grande distância, e eu não compreendo o que poderia justificar em mim tal favor, em preferência a tantos outros que possuem talentos e qualidades que não tenho.

Resposta — Confirmo o que foi dito, mas lhe aconselho muita discrição se quiseres ser bem-sucedido. Você saberá mais tarde coisas que lhe explicarão o que hoje o surpreende. Não se esqueça de que pode conseguir ou falhar. Nesse último caso, outro o substituirá, porque os desígnios de Deus não repousam sobre a cabeça de um homem. Então, nunca fale de sua missão; seria uma forma de fazê-la fracassar. Ela só pode ser justificada pela obra completada e você ainda nada fez. Se

completá-la, os próprios homens saberão reconhecê-la, mais cedo ou mais tarde, porque é pelos frutos que se reconhece a qualidade da árvore.

P — Certamente, não tenho nenhuma vontade de me vangloriar de uma missão na qual eu mesmo tenho dificuldade em acreditar. Se fui destinado a servir como instrumento para os desejos da Providência, que ela disponha de mim. Neste caso, peço sua assistência e a dos bons Espíritos, para me ajudarem e sustentarem em minha tarefa.

R — Nossa assistência não lhe faltará, mas será inútil se, de sua parte, você não fizer o que é necessário. Você tem seu livre-arbítrio, cabe-lhe usá-lo como bem entender. Nenhum homem é fatalmente constrangido a fazer alguma coisa.

P — Quais seriam as causas que poderiam me fazer fracassar? Seria a insuficiência de minhas capacidades?

R — Não, mas a missão dos reformadores é cheia de obstáculos e de perigos. A sua é rude, eu o previno, porque se trata de remexer e de transformar o mundo inteiro. Não acredito que lhe basta publicar um livro, dois livros, dez livros, e ficar tranquilamente em casa. Levantarás contra ti ódios terríveis; inimigos obstinados conspirarão pela sua perda. Será alvo da maledicência, da calúnia, da traição, mesmo daqueles que lhe parecerão os mais devotados. Suas melhores instruções serão desprezadas e alteradas. Mais de uma vez você vergará ao peso da fadiga. Em resumo, é uma luta quase constante que terá de sustentar, e com o sacrifício de seu repouso, de sua tranquilidade, de sua saúde e mesmo de sua vida, porque sem isso você viveria mais tempo. Bem mais de uma pessoa recua quando, em vez de uma estrada florida, encontra sob seus pés espinhos, pedras pontiagudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. É preciso, principalmente, para agradar a Deus, a humildade, a modéstia e o desinteresse, porque ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos.

Para lutar contra os homens, é preciso coragem, perseverança e uma firmeza inquebrantável. É preciso também prudência e tato para conduzir as coisas de modo a não comprometer o sucesso por medidas ou palavras intempestivas. É preciso, enfim, devotamento, abnegação e estar pronto a todos os sacrifícios. Veja que sua missão está subordinada a condições que dependem de você.

Espírito Verdade

Eu — Espírito Verdade, agradeço seus sábios conselhos. Aceito tudo sem restrições e sem segundas intenções.

Senhor! Se dignou-se lançar os olhos sobre mim para cumprir Seus desígnios, que seja feita Sua vontade! Minha vida está em Suas mãos, disponha de Seu servidor. Diante de tão grande tarefa, reconheço minha fraqueza. Minha boa vontade não falhará, mas talvez minhas forças me traiam. Supra minha deficiência, dê-me as forças físicas e morais que me serão necessárias. Sustente-me nos momentos difíceis e, com Sua ajuda e a de Seus celestes mensageiros, me esforçarei para corresponder a Seus desejos.

Observação — Escrevi esta nota em 1^o de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que essa comunicação me foi dada e constato que se realizou em todos os pontos, porque passei por todos os revezes que me foram anunciados.

Fui objeto do ódio de inimigos obstinados, de injúria, de calúnia, de inveja e de ciúme. Panfletos infames foram publicados contra mim, as minhas melhores instruções foram alteradas, fui traído por aqueles em quem tinha confiança, pago com ingratidão por aqueles a quem tinha ajudado. A sociedade de Paris foi um foco contínuo de intrigas urdidas pelos mesmos que se diziam a meu favor e que me agradavam pela frente, para me arrebentar pelas costas. Disseram que os que tomavam meu partido tinham sido pagos por mim com o dinheiro que eu recolhia com o Espiritismo. Não conheci o descanso, mais de uma vez sucumbi sob o excesso de trabalho, minha saúde se alterou e minha vida foi comprometida.

Entretanto, graças à proteção e à assistência dos bons Espíritos, que sem cessar me deram provas manifestas de sua atenção, estou feliz em reconhecer que não tive um só momento de fraqueza nem de desencorajamento, e que constantemente persegui minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a maledicência de que era objeto. Conforme me comunicou o Espírito Verdade, eu deveria esperar tudo isso e tudo aconteceu.

Mas também, a par desses revezes, quanta satisfação pude ter, vendo a obra crescer de um modo tão prodigioso! Que doces compensações tive para minhas atribulações! Quantas bênçãos, quantos testemunhos de real simpatia recebi de numerosos aflitos que a Doutrina consolou! Esse resultado não me foi anunciado pelo Espírito Verdade que, sem dúvida, intencionalmente me mostrou apenas as dificuldades do caminho. Seria enorme minha ingratidão se eu me lamentasse! Se eu dissesse que há uma compensação entre o bem e o mal, não seria verdade porque o bem, digo, as satisfações morais, sobrepujaram em muito o mal. Quando me acontecia uma decepção, uma contrariedade qualquer, eu elevava meu pensamento acima da Humanidade, colocava-me por antecipação na região dos Espíritos e, desse ponto culminante, de onde descobria meu ponto de chegada, as misérias da vida deslizavam sobre mim sem me atingirem. Eu fazia isto tão habitualmente que os gritos dos maldosos nunca mais me perturbaram.

17 de junho de 1856.

(Casa do Sr. Baudin – médium: Srta. Baudin)

O Livro dos Espíritos

Pergunta (A Verdade) — Uma parte da obra foi revista. Tenha a bondade de dizer-me o que acha.

Resposta — O que foi revisto está bem, mas quando tiver terminado, será necessário revê-la ainda, para estender certos pontos e abreviar outros.

P — Você acha que deverá ser publicada antes dos acontecimentos anunciados?

R — Uma parte sim, mas não tudo. Porque lhe asseguro que teremos capítulos muito espinhosos. Por mais importante que seja esse primeiro trabalho, *é apenas uma espécie de introdução*. Ele terá proporções que está longe de imaginar e você mesmo compreenderá que algumas partes só poderão ser divulgadas muito mais tarde e aos poucos, à medida que as novas ideias se desenvolverem e estiverem enraizadas. Divulgar tudo de uma vez seria imprudência. É preciso dar tempo para que se forme opinião pública. Você encontrará pessoas impacientes, que o empurrarão para a frente, não as escute. Veja, observe, sonde o terreno, saiba esperar e faça como o general prudente, que só ataca quando chega o momento favorável.

Observação (escrita em janeiro de 1867) — Na época em que foi dada essa comunicação, eu só tinha em vista *O Livro dos Espíritos* e estava longe de imaginar as proporções que tomaria o conjunto do trabalho. Os acontecimentos anunciados só deveriam dar-se depois de muitos anos, pois que ainda não estão acontecendo neste momento. As obras que apareceram até hoje só foram publicadas uma após a outra e fui levado a fazê-las, *à medida que novas ideias se desenvolviam*. Entre aqueles que restam a fazer, o mais importante, o que pode ser considerado como o coroamento do edifício e que contém, com efeito, os *capítulos mais espinhosos*, não poderiam ser divulgados sem prejuízo antes do período dos desastres. Então, eu via apenas um livro e não compreendia que pudesse ser dividido, enquanto o Espírito fazia alusão àqueles que deveriam segui-lo e haveria inconvenientes em publicar prematuramente.

“Saiba esperar, disse o Espírito. Não escutes a voz dos impacientes que o impelem para a frente”. Não faltaram os impacientes e se eu os tivesse escutado, teria conduzido o navio em cheio para os bancos de areia. Coisa estranha, enquanto uns me gritavam para ir mais depressa, outros me acusavam por não ir mais devagar. Não ouvi nem uns nem outros, mantive-me constantemente pela bússola da marcha das ideias.

Com quanta confiança no futuro eu devia estar animado à medida que via acontecerem as coisas previstas e que eu reconhecia a profundidade e a sabedoria das instruções de meus protetores invisíveis.

11 de setembro de 1856.

(Casa do Sr. Baudin, médium: Srta. Baudin)

O Livro dos Espíritos

Após ter feito a leitura de alguns capítulos de *O Livro dos Espíritos* sobre as leis morais, a médium escreveu espontaneamente:

— “Você compreendeu bem o objetivo de seu trabalho. O plano está bem concebido. Estamos contentes com você. Continue, porém, quando a obra estiver terminada, lembre-se de que recomendamos imprimi-la e propagá-la: tem uma utilidade geral. Estamos satisfeitos e não o deixaremos nunca. Creia em Deus e caminhe”.

Vários Espíritos

6 de maio de 1857.
(Casa da Sra. de Cardone)

A tiara espiritual

Tive oportunidade de conhecer a Sra. de Cardone nas sessões do Sr. Roustan. Alguém me disse, acredito que o Sr. Carlotti, que ela possuía um talento notável para ler a mão. Nunca acreditei no significado das linhas da mão, mas sempre pensei que poderiam ser, para algumas pessoas dotadas, uma espécie de segunda visão, um meio de estabelecer uma relação que lhes permitiria, como aos sonâmbulos, dizer às vezes coisas verdadeiras. Os sinais das mãos são apenas um pretexto, um meio para fixar a atenção como o são as cartas, a borra de café, os espelhos chamados de mágicos, para os indivíduos que usufruem desta faculdade. A experiência, mais de uma vez, me confirmou a verdade dessa opinião. Fosse quem fosse, aquela senhora me animou a ir vê-la, aceitei seu convite, e eis um resumo do que ela me disse:

“Você nasceu com uma grande abundância de recursos e de meios intelectuais... força de julgamento extraordinária... Seu gosto está formado. Governado pela cabeça, você modera a inspiração pelo julgamento; sujeita o instinto, a paixão, a intuição ao método, à teoria. Sempre gostou das ciências morais... Amor pela verdade absoluta... Amor pela arte definida.

“Seu estilo tem número, medida, cadência, mas às vezes você trocaria um pouco de sua precisão pela poesia.

“Como filósofo idealista, submete sua opinião à de outros; como filósofo crente, experimenta agora a necessidade de fazer escola.

“Benevolência prudente, necessidade imperiosa de aliviar, de socorrer, de consolar. Necessidade de independência.

“Corrige bem lentamente a exaltação de seu comportamento.

“Era singularmente próprio para a missão que lhe foi confiada, porque você é mais afeito a se tornar o centro de grandes desenvolvimentos do que capaz de trabalhos isolados... seus olhos refletem o pensamento.

“Vejo aqui o sinal da *tiara espiritual*”, é bem pronunciado, veja (olhei e não vi nada de particular).

— O que a senhora entende por *tiara espiritual*? perguntei — quer dizer que serei papa? Se fosse isso, não seria certamente nesta existência.

Resposta. — “Note que eu disse *tiara espiritual*, o que quer dizer *autoridade moral e religiosa* e não soberania efetiva”.

Relatei pura e simplesmente as palavras daquela senhora, que ela própria me transcreveu. Não me cabe julgar se são exatas em todos os pontos. Reconheço algumas como verdadeiras, porque estão em relação com meu caráter e com as disposições de meu Espírito. Mas evidentemente há uma passagem errônea, em que ela fala sobre o estilo, que eu trocaria às vezes um pouco de minha precisão pela poesia. Não tenho nenhuma vocação poética; o que procuro acima de tudo, o que me agrada, aquilo de que gosto, entre outras coisas, é a clareza, a nitidez, a precisão e, longe de sacrificar tudo isso à poesia, poderia antes sacrificar o sentimento poético à secura da forma positiva. Sempre preferi o que fala à inteligência ao que fala à imaginação.

Quanto à *tiara espiritual*, *O Livro dos Espíritos* acabava de ser publicado: a doutrina estava em seus primórdios e não se poderia ainda prejulgar seus resultados posteriores. Dei pouca importância a essa revelação e me limitei a tomar nota, a título de informação.

Essa senhora deixou Paris no ano seguinte e só a revi oito anos mais tarde, em 1866. As coisas tinham caminhado muito nesse intervalo. Ela me disse então:

— Você se lembra de minha predição sobre a *tiara espiritual*? Ei-la realizada.

— Como realizada? Não estou, que eu saiba, no trono de São Pedro.

— Não, também não foi isso que lhe anunciei. Mas você não é, de fato, o chefe da doutrina, reconhecido pelos espíritas do mundo inteiro? Seus escritos não fazem a lei? Não são milhões seus adeptos? Existe um homem cujo nome tenha mais autoridade do que o seu, no campo do Espiritismo? Os títulos de grande padre, de pontífice, mesmo de papa, não lhes são dados espontaneamente? Sobretudo por seus adversários e por ironia, eu sei, mas isso não deixa de ser a maior prova de influência que reconhecem em você: pressentem seu papel e esses títulos permanecerão.

Em suma, você conquistou, sem procurar, uma posição moral que ninguém pode tirar porque quaisquer trabalhos que se possam fazer, depois de você ou simultaneamente ao seu, não lhe tirarão o título de fundador reconhecido da doutrina. A partir desse momento, então, você possui, na realidade, a *tiara espiritual*, isto é, a supremacia moral. Veja, então, que estou falando a verdade. Acredita agora um pouco mais nos sinais da mão? — Menos do que nunca e estou convencido de que, se a senhora viu alguma coisa, não foi na mão, mas em seu próprio Espírito, e vou lhe provar.

Admito na mão, no pé, nos braços e em outras partes do corpo certos sinais fisiognômicos⁴, mas cada órgão apresenta sinais especiais segundo o uso a que é destinado e suas relações com o pensamento. Os sinais da mão não podem ser os mesmos que os dos pés, dos braços, da boca, dos olhos etc.

Quanto ao fato de os vincos interiores da mão serem mais ou menos acentuados, depende da natureza da pele e da maior ou menor abundância de tecido celular e, como essas partes não têm nenhuma correlação fisiológica com os órgãos das faculdades intelectuais e morais, não podem ser a expressão desses órgãos. Mesmo admitindo essa correlação, poderiam fornecer indícios sobre o estado presente do indivíduo, mas não poderiam ser sinais de presságio das coisas futuras nem de acontecimentos passados independentes de sua vontade. Na primeira hipótese, compreenderia que, com ajuda dessas linhas, se possa dizer que uma pessoa tem tal ou tal aptidão, tal ou tal tendência, mas o bom senso mais comum rejeita que se possa ver nessas linhas se a pessoa foi ou não casada, quantas vezes e quantos filhos tem, se é viúva ou não e outras coisas semelhantes, como pretende a maior parte dos quiromantes.

Entre os vincos da mão, há um bem conhecido de todos e que faz a figura de um M, bem clara. Dizem que quando bem marcado é presságio de uma vida infeliz. Mas a palavra *malheur* (em francês, infelicidade) é francesa e não se pode esquecer que o significado equivalente (infelicidade) não começa com a mesma letra em outras línguas, de

⁽⁴⁾ **Nota da tradução:** Fisiognomonía, arte de conhecer o caráter das pessoas pelos traços fisionômicos.

onde se conclui que esse vinco deveria ter uma forma diferente nas mãos de povos de outras línguas.

Quanto à *tiara espiritual*, é evidentemente uma coisa especial, excepcional, e de alguma forma individual. E estou convencido de que a senhora não encontrou essa palavra no vocabulário de nenhum tratado sobre quiromancia. Como, então, lhe veio ao pensamento? Pela intuição, pela inspiração, por essa espécie de presciência inerente à dupla visão que muitas pessoas possuem, sem dúvida. Sua atenção estava concentrada sobre as linhas da mão, mas você aplicou o pensamento sobre um sinal que outra pessoa teria visto como outra coisa, ou ao qual você teria atribuído uma significação diferente em outro indivíduo.

17 de janeiro de 1857.

(Casa do Sr. Baudin – médium: Srta. Baudin)

Primeiro anúncio de uma nova encarnação

O Espírito tinha prometido me escrever uma carta, por ocasião do ano novo. Dissera que tinha alguma coisa em particular para me falar. Tendo-a pedido em uma das reuniões normais, ele disse que a daria na intimidade à médium, que a transmitiria a mim. Eis a carta:

“Caro amigo, não quis lhe escrever na última terça-feira, diante de todos, porque há certas coisas que só podem ser ditas entre nós.

Queria primeiro falar sobre sua obra, a que você mandou imprimir. (*O Livro dos Espíritos* acabava de ser colocado no prelo.) Não se entregue tanto ao trabalho noite e dia. Você se sentirá melhor e a obra não perderá por esperar.

Pelo que já vi, você é capaz de levar sua empresa a um bom termo e ser chamado a fazer grandes coisas. Mas não exagere em nada: veja e aprecie tudo sã e friamente. Não se deixe arrastar pelos entusiastas nem pelos muito apressados. Calcule todos os passos e movimentos para chegar ao ponto certo. Não creia em mais do que você vê e nem vire o rosto para o que lhe parece incompreensível. Você saberá mais que outros, porque os assuntos de estudo serão postos sob seus olhos.

Mas, infelizmente, a verdade não será conhecida e acreditada por todos antes de muito tempo ainda! Você verá, nesta existência, apenas a aurora do sucesso de sua obra. Será preciso que volte, *reencarnado em outro corpo*, para completar o que começou e então terá a satisfação de ver em plena frutificação a semente que espalhou sobre a Terra.

Você terá invejosos e ciumentos que procurarão denegri-lo e contrariá-lo. Não se preocupe com o que se dirá ou se fará contra você. Prossiga em sua obra, trabalhe sempre pelo progresso da Humanidade e será amparado pelos bons Espíritos, enquanto perseverar na boa causa.

Lembre-se de que há um ano eu prometi minha amizade àqueles que, durante o ano, tivessem sido convenientes em todas as condutas? Bem, digo que você é um dos que escolhi, entre todos”.

Seu amigo que o ama e o protege, Z.

Observação – Eu disse que Zéfiro não era um Espírito superior, mas era muito bom e benevolente. Talvez fosse mais adiantado do que pudesse fazer supor o nome que tinha adotado. Pode-se imaginar que seja assim, a julgar pelo caráter sério e pela sabedoria de suas comunicações, de acordo com as circunstâncias. Com esse nome, ele podia se permitir uma linguagem familiar, apropriada ao meio em que se manifestava, e dizer, o que sempre acontecia, duras verdades sob a forma leve de pequenas poesias. Seja quem for, sempre conservei dele uma boa lembrança e o reconhecimento pelos bons avisos que me deu e o apego que me testemunhou. Ele desapareceu com a dispersão da família Baudin, dizendo que deveria logo reencarnar.

15 de novembro de 1857.

(Casa do Sr. Dufaux – médium Sra. E. Dufaux)

A Revista Espírita

Pergunta — Tenho a intenção de publicar um jornal espírita, você acha que consigo e me aconselha a fazê-lo? A pessoa a quem me dirigi, o Sr. Tiedeman, não me parece decidido a prestar o seu concurso pecuniário.

Resposta — Sim, com perseverança, você conseguirá. A ideia é boa, antes é preciso amadurecê-la.

P — Tenho receio de que outros passem à minha frente.

R — É preciso se apressar.

P — Não quero nada mais que isso, mas falta tempo. Tenho dois empregos, que me são necessários, você sabe. Gostaria de poder renunciar a eles para me dedicar inteiramente ao assunto, sem qualquer outra preocupação.

R — No momento, é preciso não abandonar nada. Sempre se encontra tempo para tudo. Mexa-se e você conseguirá.

P — Devo agir sem ajuda do Sr. Tiedeman?

R — Aja com ou sem sua ajuda. Não se preocupe com ele, é dispensável.

P — Eu tinha a intenção de fazer um primeiro número como experiência, para lançar o jornal e marcar o fato, sob a condição de continuar mais tarde, se for conveniente. O que você acha?

R — A ideia é boa, mas um primeiro número não será suficiente. Entretanto, é útil e mesmo necessário, porque abrirá caminho para o restante. Será preciso ter muito cuidado, de modo a lançar as bases de um sucesso duradouro. Se tiver defeitos, seria melhor nada fazer, porque a primeira impressão pode decidir seu futuro. A começar, é preciso satisfazer a curiosidade. Ele deve ser sério e agradável. A seriedade atrairá os homens da Ciência e o agradável, as pessoas comuns. Esta parte é essencial, mas a outra é mais importante, porque sem ela o jornal não teria fundamento sólido. Em resumo, é fundamental evitar a monotonia com a variedade, juntar a instrução sólida ao interesse, e será um poderoso auxiliar para seus trabalhos posteriores.

Observação — Apressei-me a redigir o primeiro número e o fiz circular em 1º de janeiro de 1858, sem dizer nada a ninguém. Não tinha nenhum assinante e nenhum sócio. Fiz tudo inteiramente por minha conta e risco e não me arrependi, porque o sucesso ultrapassou minha expectativa. A partir daquele dia, os números se sucederam sem interrupção, e como tinha previsto o Espírito, esse jornal se tornou para

mim um poderoso auxiliar. Reconheci mais tarde que ele estava feliz por eu não ter tido um sócio, porque estava mais livre, enquanto que um estranho poderia querer me impor suas ideias e vontades e entrar em meu caminho. Sozinho, não tinha contas a prestar a ninguém, por mais pesada que fosse minha tarefa, meu trabalho.

1º de abril de 1858.

Fundação da Sociedade Espírita de Paris

Se bem que não tenha havido previsões, menciono, para memória, a fundação da Sociedade por causa do papel que desempenhou na marcha do Espiritismo e das comunicações posteriores que ensejou.

Depois de cerca de seis meses, havia em minha casa, na Rua dos Mártires, uma reunião de alguns adeptos, todas as terças-feiras. A principal médium era a Srta. E. Dufaux. Apesar de o lugar não comportar mais que 15 ou 20 pessoas, às vezes havia 30. Estas reuniões despertavam grande interesse por seu caráter sério e pelo alto alcance das questões que eram tratadas: viam-se ali muitas vezes príncipes estrangeiros e outras altas personalidades.

O local, pouco cômodo por sua disposição, evidentemente, tornou-se pequeno. Alguns dos frequentadores se propuseram a se cotizar para alugar um espaço mais conveniente. Mas, então, era preciso uma autorização legal, para evitar ser importunado pelas autoridades. O Sr. Daufaux, que conhecia pessoalmente o chefe de polícia, encarregou-se do pedido. A autorização dependia também do Ministro do Interior, então o general X, que era, sem que soubéssemos, simpático a nossas ideias, embora sem conhecê-las completamente. E, sob a influência dele, a autorização que, seguindo os trâmites ordinários, demoraria três meses, foi obtida em quinze dias.

Assim, a Sociedade foi regularmente constituída e passamos a nos reunir todas as terças-feiras, na casa que se alugou no Palais-Royal, galeria de Valois. Ficou ali um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859.

Como não pôde permanecer por mais tempo nesse lugar, reunia-se todas as sextas-feiras no salão do restaurante Douix, no Palais-Royal, galeria de Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que se instalou em local próprio, na Rua Santa Ana, 59.

A Sociedade, no começo formada por elementos pouco homogêneos e por pessoas de boa vontade, aceitas com muita facilidade, veio a sofrer muitos revezes, que não foram dos menores embaraços sofridos em minha tarefa.

24 de janeiro de 1860.

(Casa da Sra. Forbes – médium Sra. Forbes)

Duração dos meus trabalhos

Em minha opinião, estimava que me seriam necessários ainda cerca de 10 anos para terminar meus trabalhos, mas não tinha dito isto a ninguém. Fiquei então muito surpreso em receber de um de meus correspondentes de Limoges⁵ uma comunicação obtida espontaneamente, em que o Espírito, falando sobre meus trabalhos, dizia que eu precisava ainda de uns 10 anos para terminá-los.

Pergunta (A Verdade) — Como pode ser que um Espírito se comunique em Limoges, onde nunca estive, e diga exatamente o que eu pensava sobre a duração de meus trabalhos?

Resposta — Sabemos o que ainda lhe falta fazer e, em consequência, o tempo aproximado que falta para acabá-lo. Então, é muito natural que os Espíritos o tenham dito em Limoges e em outras partes, para dar uma ideia do alcance do trabalho que a coisa exige.

Entretanto, o prazo de dez anos não é absoluto. Pode ser prolongado por alguns anos, por circunstâncias imprevistas e independentes de sua vontade.

Observação (escrita em dezembro de 1866): publiquei quatro volumes sobre o assunto essencial, sem falar de coisas acessórias. Os Espíritos me apressam, para publicar *A Gênese* em 1867, antes das convulsões. Durante o período de grande perturbação, deverei trabalhar nos livros complementares da doutrina, que só poderão aparecer depois da grande tormenta e para os quais precisarei de três a quatro anos. Isso nos leva a, no mínimo, 1870, isto é, a cerca de dez anos.

⁽⁷⁾ **Nota da tradução:** Cidade francesa, famosa pela fabricação de porcelana.

28 de janeiro de 1860.

(Casa do Sr. Solichon – médium Srta. Solichon)

Acontecimentos. Papado

Pergunta (Ao Espírito Ch.) — Você foi embaixador em Roma e, nesse tempo, predisse a queda do governo papal. O que pensa disso agora?

Resposta — Acredito que se aproxima o tempo em que minha profecia vai se cumprir, mas não será sem rupturas. Tudo se complica, as paixões esquentam e algo que poderia acontecer sem comoção, pelo excesso de apelo, fará com que toda a cristandade fique abalada.

P — Você nos diria sua opinião sobre o poder temporal do Papa?

R — Acho que o poder temporal do Papa não é necessário nem à sua grandeza nem ao seu poder moral. Ao contrário, quando menos súditos tiver, mais será venerado. Aquele que é o representante de Deus na Terra está colocado muito alto e pode dispensar o poder terreno. Dirigir espiritualmente, eis a missão do pai dos cristãos.

P — Você acha que o Papa e o Sagrado Colégio, mais bem esclarecidos, farão o necessário para evitar o cisma e a guerra interior, sendo ela apenas moral?

R — Não acredito que o façam. Todos esses homens são obstinados, ignorantes, habituados aos prazeres profanos. Têm necessidade de dinheiro para se satisfazerem e teriam medo de que uma nova ordem de coisas não lhes deixasse o bastante. Também levam tudo ao extremo, pouco se preocupam com o que acontecerá, por serem cegos para compreender a consequência de sua maneira de agir.

P — Não se deve temer que nesse conflito a pobre Itália sucumba e seja conduzida a se submeter à realza da Áustria?

R — Não. A Itália sairá vitoriosa da luta e a liberdade raiará nessa terra gloriosa. A Itália nos salvou da barbárie, foi nossa mestra em tudo o que a inteligência tem de mais nobre e de mais elevado. Ela não cairá sob o jugo daqueles que a humilharam.

12 de abril de 1860.

(Casa do Sr. Dehau – médium Sr. Crozet)

Comunicação espontânea, obtida em minha ausência.

Minha missão

Por sua firmeza e perseverança, seu presidente frustrou os projetos daqueles que procuravam destruir sua credibilidade e arruinar a sociedade, na esperança de dar um golpe fatal na doutrina. Honra lhe seja feita! Que saiba que estamos com ele e que os bons Espíritos ficarão felizes em poder assisti-lo em sua missão. Quantos gostariam de colocar nos ombros essa missão, pensando receber a sombra dos benefícios que dela emanam!

Mas essa missão é perigosa e, para completá-la são necessárias uma fé e uma vontade inquebrantáveis. São necessárias também a abnegação e a coragem para enfrentar as injúrias, os sarcasmos, as decepções e não se deixar atingir pela lama jogada pela inveja e pela calúnia. Nessa posição, o mínimo que pode acontecer é ser chamado de louco e de charlatão. Deixem falar, deixem pensar à vontade: tudo tem um tempo determinado, exceto a felicidade eterna. Tudo sobre vocês será levado em conta e saibam que é necessário, para ser feliz, ter contribuído para a felicidade dos pobres seres com que Deus povoou a Terra. Que sua consciência fique em paz e serenidade, que são precursoras da felicidade celeste.

15 de abril de 1860.

(Marselha – médium Sr. Georges Grenouillat)

(Comunicação transmitida pelo Sr. Brion Dorgeval)

Futuro do Espiritismo

O Espiritismo é chamado a desempenhar um papel muito importante sobre a Terra. Caberá a ele reformar a legislação muitas vezes tão contrária às leis divinas, retificar os erros da História, reconduzir a religião do Cristo, que se tornou nas mãos dos padres um comércio e um vil tráfico. Ele instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direto a Deus, sem parar nas franjas de uma batina ou nos degraus de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram empurrados pelos abusos incessantes daqueles que se dizem os ministros de Deus, pregam

a caridade com uma espada em cada mão, sacrificam às suas ambições e ao espírito de dominação os mais sagrados direitos da Humanidade.

Um Espírito

10 de junho de 1860.

(Em minha casa – médium Sra. Schmidt)

Meu retorno

Pergunta (A Verdade) — Acabo de receber uma carta de Marselha, que me diz que no seminário dessa cidade se dedicam seriamente a estudar o Espiritismo e *O Livro dos Espíritos*. O que esperar disso? Será que o clero se interessará seriamente pelo assunto?

Resposta — Não tenha dúvida, porque prevê as consequências para ele e suas apreensões são grandes. O clero, sobretudo a parte mais esclarecida, estuda o Espiritismo mais do que você pensa. Mas não pense que seja por simpatia. Ao contrário, procura os meios para combatê-lo e asseguro que lhe fará a mais cruel guerra. Não se preocupe, continue a agir com prudência e ponderação. Proteja-se contra as peças que lhe serão pregadas. Evite cuidadosamente em suas palavras e escritos o que poderia fornecer armas contra você. Siga seu caminho sem medo e, se estiver semeado de espinhos, garanto que terá grandes satisfações antes de voltar “um pouco” entre nós.

P — O que você entende por “um pouco”?

R — Não ficará muito tempo entre nós, é preciso que volte para terminar sua missão, que não pode ser acabada nesta existência. Se fosse possível, você não sairia daí de jeito nenhum, mas é necessário cumprir a lei da Natureza. Você ficará ausente durante alguns anos e, quando voltar, será em condições que lhe permitirão trabalhar desde cedo. Entretanto, é importante que termine alguns trabalhos antes de partir. Por isso o deixaremos o tempo que for necessário para terminá-los.

Observação — Supondo aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda me restam fazer, levando em conta o tempo de minha ausência, os anos de infância e de juventude, até a idade em que um

homem pode desempenhar um papel no mundo, somos levados ao fim do século ou ao começo do outro.

21 de setembro de 1861.

(Em minha casa – médium, Sr. d'A ...)

Auto-de-fé⁶ de Barcelona. Apreensão dos livros

A pedido do Sr. Lachâtre, então morando em Barcelona, expedi-lhe cerca de 300 volumes de livros: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, as coleções da *Revista Espírita* e diversas obras e brochuras espíritas. A expedição foi feita regularmente por seu correspondente de Paris, em uma caixa que continha outras mercadorias e sem a menor infração à legalidade. Na chegada dos livros, teve o destinatário de pagar o direito de entrada, mas, antes de liberá-los, tiveram de deferir o despacho ao Bispo, a autoridade eclesiástica que, na Espanha, fazia a fiscalização de livros. Ele estava em Madri e, quando voltou, apanhou a relação das obras e ordenou que fossem levadas à praça pública e queimadas pelo carrasco. A execução da sentença foi fixada para o dia 9 de outubro de 1861.

Se se tivesse tentado introduzir aquelas obras como contrabando, a autoridade espanhola estaria no direito de dispor da mercadoria como quisesse, mas, a partir do momento em que não havia nenhuma fraude nem surpresa na remessa, o que provavam os direitos voluntariamente pagos, era de rigorosa justiça que se ordenasse a reexportação dos livros, se não queriam admiti-los no país. As reclamações feitas ao cônsul francês em Barcelona não deram resultado. O Sr. Lachâtre me perguntou se seria preciso ir à autoridade superior. Minha opinião era de deixar este ato arbitrário se consumir. Entretanto, achei que deveria saber a opinião de meu guia espiritual.

Pergunta (A Verdade) — Sem dúvida, você não ignora o que acaba de acontecer em Barcelona com as obras espíritas. Teria a bondade de me dizer se vale a pena lutar para conseguir a restituição?

⁽⁶⁾ **Nota da tradução:** Auto-de-fé era a cerimônia em que se proclamavam e executavam as sentenças do Tribunal da Inquisição, e na qual os penitenciados ou abjuravam os seus erros, ou eram condenados ao suplício da fogueira.

Resposta — Por direito, você pode reclamar essas obras e obteria certamente a restituição, apelando para o Ministro das Relações Exteriores da França. Mas minha opinião é de que esse auto-de-fé resultará em um bem maior do que a leitura de alguns volumes. A perda material não é nada, perto da repercussão que semelhante fato dará à doutrina. Você compreende quanto uma perseguição tão ridícula e tão atrasada poderá fazer progredir o Espiritismo na Espanha. As ideias se espalharão com tanto mais rapidez e as obras serão procuradas tanto mais rapidamente quanto mais forem queimadas. Tudo está bem.

P — Convém que se faça um artigo sobre esse assunto, no próximo número da Revista?

R — Espere o auto-de-fé.

9 de outubro de 1861.

Auto-de-fé de Barcelona

Esta data marcará os anais do Espiritismo pelo auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona. Eis o extrato do processo verbal da execução:

“Neste dia, nove de outubro de um mil, oitocentos e sessenta e um, às dez e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber: *O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec... etc”.

Os principais jornais da Espanha publicaram com detalhes esse fato que os órgãos de imprensa liberal do país severamente difamaram. Deve-se observar que na França os jornais liberais limitaram-se a mencionar o fato, sem comentários. O próprio jornal *Século*, tão ardoroso em estigmatizar os abusos de poder e os menores atos de intolerância, não publicou nenhuma palavra de reprovação contra esse ato digno da Idade Média. Alguns jornais da pequena imprensa encontraram nisso um motivo para fazer rir.

Qualquer crença à parte, havia ali uma questão de princípio, de

direito internacional, que interessava a todos, sobre a qual não se teria passado tão levemente, se se tratasse de algumas outras obras. Eles não deixam de censurar quando se trata da simples recusa de um selo para a venda de um livro materialista. Ora, a Inquisição, levantando suas fogueiras com a antiga solenidade, às portas da França, era algo muito mais grave. Por que então essa indiferença? Porque se tratava de uma doutrina cujo progresso a incredulidade via com assombro. Reivindicar a justiça a seu favor seria consagrar seu direito à proteção da autoridade e aumentar seu crédito.

Seja como for, o auto-de-fé de Barcelona produziu o efeito esperado, pela repercussão que houve na Espanha, onde poderosamente contribuiu para propagar as ideias espíritas. (Ver *Revista Espírita* de novembro de 1861, pág. 321) Esse evento propiciou numerosas comunicações por parte dos Espíritos. A que segue foi obtida espontaneamente na Sociedade de Paris, em 19 de outubro, em meu retorno de Bordéus.

“Era preciso alguma coisa que abalasse violentamente alguns Espíritos encarnados para que decidissem se ocupar desta grande doutrina que deve regenerar o mundo. Nada se perde na Terra e por isso nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos bem que, agindo assim, daríamos oportunidade a que se desse um grande passo adiante. Esse fato brutal, inédito nos tempos atuais, foi consumado com o propósito de atrair a atenção dos jornalistas, que permaneciam indiferentes, diante da agitação profunda que movia as cidades e os centros espíritas. Eles deixavam dizer e deixavam fazer, mas se obstinavam em se fazer de surdos e respondiam com mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Com boa ou com má vontade, é preciso que hoje falem sobre o Espiritismo. Uns, constatando o histórico feito de Barcelona; outros, o desmentindo, criaram uma polêmica que dará volta ao mundo e que só ao Espiritismo aproveitará. Eis por que a retaguarda da Inquisição fez seu último auto-de-fé. Assim nós o quisemos.”

Um Espírito

Observação — Enviaram-me um desenho em aquarela, feito *in loco* por um eminente artista, que representa a cena do auto-de-fé. Fiz uma fotografia reduzida deste quadro. Tenho também cinzas recolhidas

da fogueira, entre as quais se encontram fragmentos ainda legíveis de folhas queimadas. Conservei-os em uma urna de cristal⁷.

22 de dezembro de 1861.

(Minha casa, comunicação particular – médium Sr. d'A)

Meu sucessor

Uma conversa com os Espíritos levou-me a falar sobre meu sucessor na direção do Espiritismo e fiz a seguinte pergunta:

Pergunta — Entre os adeptos, muitos se preocupam com o que acontecerá ao Espiritismo depois de mim, e se perguntam quem me substituirá quando eu partir, uma vez que não se vê aparecer nenhuma pessoa, de maneira notória, que possa tomar as rédeas.

Respondo que não tenho a pretensão de ser o único indispensável, que Deus é muito sábio para apoiar na vida de um único homem o futuro de uma Doutrina que deve regenerar o mundo. Por outro lado, sempre me foi dito que minha tarefa é constituir a Doutrina e que me será dado o tempo necessário. Então, a tarefa de meu sucessor será mais fácil, já que o caminho está traçado e lhe bastará segui-lo. Entretanto, se os Espíritos julgassem conveniente dizer-me alguma coisa mais clara a esse respeito, eu lhes agradeceria.

R — Tudo isso é rigorosamente verdade. Eis o que nos é permitido dizer a mais:

Tem razão em afirmar que não é indispensável: você é, aos olhos dos homens, porque era necessário que o trabalho de organização fosse concentrado nas mãos de um só, para que tivesse unidade. Mas você não é, aos olhos de Deus. Você foi escolhido, por isso é o único, mas não é, como já sabe, o único capaz de completar essa missão. Se ela fosse interrompida por uma causa qualquer, Deus não deixaria faltar pessoas para o substituírem. Assim, aconteça o que acontecer, o Espiritismo não pode enfraquecer.

⁷⁾ **Nota da tradução:** Uma nota de rodapé da 30ª edição deste livro pela Federação Espírita Brasileira informa, na página 304, que essa urna de cristal foi destruída pelos nazistas, na Segunda Grande Guerra Mundial.

Até que o trabalho de elaboração esteja acabado, é fundamental que só você esteja em evidência, porque era necessária uma bandeira, em torno da qual as pessoas pudessem se concentrar. Era preciso que o considerassem indispensável, para que a obra que saiu de suas mãos tivesse mais autoridade, no presente e no futuro. Era preciso mesmo que fossem concebidos os temerosos pelas consequências, depois de sua partida.

Se aquele que deve substituí-lo fosse designado antes, a obra não acabada poderia ser entravada. Formar-se-iam contra ele as oposições suscitadas pela inveja, discuti-lo-iam antes de qualquer prova, os inimigos da doutrina procurariam barrar seu caminho e o resultado de tudo seriam os cismas e as divisões. Ele será revelado, então, quando chegar o momento.

A tarefa dele se tornará mais fácil porque, como você disse, o caminho já estará traçado. Se ele descartá-lo, se perderá como já se perderam aqueles que quiseram atravessar esse caminho. Mas a tarefa será mais penosa em outro sentido, porque terá lutas mais rudes para sustentar. Você se incumba da carga da concepção; ele, da execução. Por isso, deverá ser homem de energia e de ação.

Admire aqui a sabedoria de Deus na escolha de seus mandatários: você tem as qualidades exigidas para o trabalho que deve realizar, mas não as que serão necessárias para seu sucessor. Para você é preciso a calma, a tranquilidade de um escritor que amadurece as ideias no silêncio da meditação. Para ele, será necessária a força do capitão que comanda um navio segundo as regras da Ciência. Sem a responsabilidade da criação da obra, sob cujo peso seu corpo sucumbirá, ele estará mais livre para aplicar todas suas faculdades no desenvolvimento e na consolidação do edifício.

P — Você poderia me dizer se a escolha de meu sucessor já está feita desde agora?

R — Está e não está, uma vez que o Homem, tendo seu livre-arbítrio, pode recuar até o último momento, diante da tarefa que ele mesmo escolheu. É preciso também que dê provas de capacidade, de devotamento, de desinteresse e de abnegação. Se estiver maduro só para a ambição e para o desejo de se sobressair, certamente será posto de lado.

P — Sempre foi dito que vários Espíritos superiores deveriam encarnar para ajudar o movimento.

R — Sem dúvida, muitos Espíritos terão essa missão, mas cada um, em sua especialidade, agirá, em sua posição, em tal ou tal parte da sociedade. Todos se revelarão por suas obras e nenhum deles por qualquer pretensão à supremacia.

Ségur⁸, 9 de agosto de 1863 – médium Sr. d'A ...

Imitação do Evangelho

Observação — Eu nunca tinha dito a ninguém sobre o assunto do livro em que trabalhava. Guardava tanto segredo sobre o título que mesmo o editor, Sr. Didier, só o conheceu no momento da impressão. Na primeira edição, esse título foi *Imitação do Evangelho*. Mais tarde, por causa das observações reiteradas do Sr. Didier e de algumas outras pessoas, foi mudado para *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. As reflexões contidas nas comunicações seguintes não podem, então, ser o resultado de ideias preconcebidas do médium.

P — O que você pensa sobre a nova obra em que estou trabalhando?

R — Esse livro de doutrina terá influência considerável. Você aborda as questões capitais e não apenas o mundo religioso encontrará as máximas que lhe são necessárias, mas a vida prática das nações obterá excelentes instruções. Você fez bem em abordar as questões da alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida deve ser destruída; a Terra e suas populações civilizadas estão prontas. Já há muito tempo que seus amigos de além-túmulo prepararam o terreno. Lance, então, a semente que lhe confiamos, porque é tempo de a Terra gravitar na ordem resplandecente das esferas e de sair, enfim, da penumbra e da obscuridade intelectual. Acabe sua obra e conte com a proteção de seu guia, guia de todos nós, e com a ajuda de seus mais fiéis Espíritos e entre os quais sempre me inclua.

⁽⁸⁾ **Nota da tradução:** Ségur, cidadezinha próxima de Limoges.

P — O que dirá o clero?

R — O clero clamará que é heresia, porque verá que você ataca as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele apoia sua influência e sua credibilidade. Clamará muito mais, por se sentir mais ferido do que pela publicação de *O Livro dos Espíritos*, cujos dados principais, a rigor, ele podia aceitar. Mas agora você vai entrar em um novo caminho no qual o clero não poderá segui-lo. A enérgica reprovação secreta se tornará oficial e os espíritas serão rejeitados, como os judeus e os pagãos, pela Igreja Romana. Por outro lado, verão seu número aumentar na medida dessa espécie de perseguição, sobretudo ao ver-se o clero acusar de obra demoníaca uma doutrina cuja moralidade brilhará como um raio de sol, pela publicação de seu novo livro e dos que se seguirem.

Eis que se aproxima a hora em que lhe será necessário declarar abertamente o que é o Espiritismo e mostrar a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que, diante do céu e da Terra, você deverá proclamar o Espiritismo como única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana. Ao escolhê-lo, os Espíritos sabiam da solidez de suas convicções e que sua fé, como um muro de arrimo, resistiria a todos os ataques.

Entretanto, amigo, se seu coração ainda não fraquejou diante da pesada tarefa que aceitou, saiba que você começou com o pé direito e que agora chegou a hora das dificuldades. Sim, caro mestre, prepara-se a grande batalha; o fanatismo e a intolerância, irritados pelo sucesso de sua propaganda, vão atirar em você e nos seus com armas envenenadas. Prepare-se para a luta. Mas acredito em você como você acredita em nós, porque sua fé é daquelas que removem montanhas e fazem andar sobre as águas.

Coragem, então, e que sua obra se complete. Conte conosco e, sobretudo, com a alma do Mestre de todos nós, que o protege de maneira toda particular.

Paris, 14 de setembro de 1863

Observação — Eu tinha pedido uma comunicação sobre um assunto qualquer e que me fosse enviada para meu retiro de Sainte-Adresse.

“Quero falar-lhe sobre Paris, embora não veja utilidade nisso, porque posso fazê-lo aí, já que seu cérebro recebe nossas inspirações com uma facilidade que nem você imagina. Nossa ação, sobretudo a do *Espírito da Verdade*, é constante à sua volta e de tal forma que não a pode negar. Por isso, não entrarei em detalhes inúteis sobre o plano de sua obra, que você, seguindo meus conselhos ocultos, tem tão ampla e completamente modificado. Agora você compreende por que tínhamos necessidade de mantê-lo à nossa disposição, isolado de qualquer outra preocupação que não fosse a doutrina. Uma obra como essa, que elaboramos de comum acordo, tem necessidade de recolhimento e de isolamento sagrado. Sigo com vivo interesse os progressos de seu trabalho, que são um considerável passo adiante e abrem enfim para o Espiritismo o largo caminho das aplicações úteis pelo bem da sociedade. Com essa obra, o edifício começa a destacar-se de seus andaimes e já se pode antever a cúpula desenhar-se no horizonte. Então, continue sem impaciência e sem fadiga; o monumento estará acabado na hora determinada.

Já conversamos com você sobre as questões incidentes do momento, isto é, as questões religiosas. O Espírito de Verdade falou-lhe sobre as defesas que estão sendo erguidas no momento. Essas hostilidades previstas são necessárias para manter alerta a atenção dos homens que tão facilmente se deixam desviar de um assunto sério. Aos soldados que combatem pela causa vão juntar-se, incessantemente, outros novos combatentes cuja palavra e escritos serão a sensação e levarão perturbação e confusão às fileiras dos adversários.

Adeus, caro companheiro de antigamente, discípulo fiel da verdade, que continua pela vida a obra a que nos comprometemos — por juramento há muito tempo, diante do grande Espírito que o ama e que eu venero —, consagrar nossas forças e nossas existências, até que estivesse terminada. Eu o saúdo!”

Observação — O plano da obra tinha, realmente, sido completamente modificado, o que seguramente o médium não poderia saber, já que estava em Paris e eu em Sainte-Adresse. Ele não poderia saber também sobre o levantamento de defesas de que o Espírito de Verdade tinha me falado, por parte do bispo de Alger e de outros. Todas estas circunstâncias foram importantes para me confirmar o conhecimento que os Espíritos tinham sobre meus trabalhos.

Paris, 30 de setembro de 1863.
(médium Sr. d'A ...)

A Igreja

Ei-lo de volta, meu amigo, e você não perdeu seu tempo. Mãos à obra ainda, pois é preciso não deixar enferrujar sua bigorna. Forje, forje armas de boa têmpera. Descanse de seus trabalhos, para realizar trabalhos mais difíceis. Todos os elementos serão colocados em suas mãos, no tempo e à medida que forem necessários.

Chegou a hora em que a Igreja deve prestar contas sobre o depósito que lhe foi confiado, a maneira como praticou os ensinamentos do Cristo, o uso que faz de sua autoridade, enfim, sobre o estado de incredulidade a que conduziu os Espíritos. Chegou a hora em que ela deve dar a César o que é de César e sujeitar-se à responsabilidade de todos os seus atos. Deus a julgou e a reconheceu imprópria, de agora em diante, para a missão de progresso que incumbe a toda autoridade espiritual. Somente por uma transformação absoluta poderia sobreviver, mas se resignará a essa transformação? Não, porque então não seria mais a Igreja; para assimilar as verdades e as descobertas da ciência precisaria renunciar aos dogmas que lhe servem como fundamentos. Para voltar à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, seria necessário renunciar ao poder, à dominação, mudar o fausto e a púrpura pela simplicidade e humildade apostólicas. Ela está entre duas alternativas: ou se transforma e se suicida, ou fica estacionária e sucumbe pela opressão do progresso.

Aliás, Roma já vive em ansiedade e sabe-se, por revelações irrecusáveis, que na Cidade Eterna a doutrina espírita é chamada a provocar uma

viva dor ao papado, porque o cisma se prepara vigorosamente na Itália. É preciso não se espantar pela obstinação com que o clero combate o Espiritismo. Ele é levado pelo instinto de conservação, mas já viu suas armas enfraquecerem contra este poder nascente. Seus argumentos não puderam resistir à inflexível lógica, só lhes resta o demônio, um pobre auxiliar no século XIX.

De resto, a luta está aberta entre a Igreja e o progresso, mais do que entre ela e o Espiritismo. É o progresso das ideias que a ataca por todos os lados e sob o qual ela sucumbirá, como tudo que não se renova. A rápida marcha das coisas deve fazer vocês pressentirem que o desfecho não demorará muito tempo. A própria Igreja parece impelida fatalmente a precipitar esse desfecho.

(Espírito de E.)

Paris, 14 de outubro de 1863.

(Sobre o futuro de diferentes publicações – médium, Sr. d'A)

Vida de Jesus, por Renan

Pergunta (A Erasto) — Que efeito produzirá a obra *Vida de Jesus*, do Sr. Renan?

Resposta — Um grande efeito. Será imenso o alvoroço entre o clero, porque esse livro lança os fundamentos do edifício sob o qual se abriga há dezoito séculos. Essa obra está longe de ser irrepreensível porque é o reflexo de uma opinião exclusiva, que circunscreve sua visão ao círculo restrito da vida material. O Sr. Renan não é materialista, mas pertence a essa escola que, se não nega o princípio espiritual, também não lhe atribui nenhum papel efetivamente direto na conduta das coisas do mundo. Faz parte do grupo daqueles cegos inteligentes que explicam à sua maneira o que não podem ver. Não compreendendo o mecanismo da visão a distância, imaginam que só se conhece uma coisa quando se pode tocá-la. Assim, ele reduziu o Cristo às proporções de um homem comum, negando-lhe as faculdades que são os atributos do Espírito livre e independente da matéria.

Entretanto, ao lado de erros capitais, sobretudo no que diz respeito

à espiritualidade, esse livro contém observações muito corretas, que até agora tinham escapado aos comentadores e que lhe dão alto alcance, sob este ponto de vista. Seu autor pertence à legião de Espíritos encarnados que se pode chamar de demolidores do velho mundo. Sua missão é nivelar o terreno sobre o qual se edificará um mundo novo, mais racional. Deus quis que um escritor respeitado pelos homens por seu talento viesse lançar luz sobre certas questões obscuras e manchadas por preconceitos seculares, para predispor os Espíritos às crenças novas. Sem imaginar, o Sr. Renan aplainou o caminho para o Espiritismo.

30 de janeiro de 1866.

(Paris, Grupo do Sr. Golovine – médium M. L ...)

Precursores da tempestade

Permitam a um velho dignitário⁹ da Táurida¹⁰ abençoar seus dois filhos. Possam eles, sob a égide de suas mães, tornarem-se inteligentes em tudo e serem fontes de reais satisfações para vocês! Que sejam espíritas convictos, isto é, que estejam de tal forma convencidos completamente pela ideia de outras vidas, pelos princípios da fraternidade, da caridade e da solidariedade, que, quando os acontecimentos se precipitarem, durante sua idade da razão e da consciência, eles não se espantem nem enfraqueçam sua confiança na justiça divina, diante das provas a que a Humanidade deve ser submetida.

Às vezes, vocês se surpreendem com a rispidez com que seus adversários os atacam. Acham que vocês são loucos, visionários, que confundem a ficção com a verdade, que ressuscitam o diabo e todos os erros da Idade Média.

Vocês sabem que responder a esses ataques seria começar uma polêmica sem saída. O silêncio é a prova da força e, não lhes dando oportunidade para contra-atacar, acabarão se calando.

O imprevisto é o que vocês mais devem recear. Se acontecesse uma

⁽⁹⁾ **Nota da tradução:** Dignitário, segundo o dicionário *Aurélio, século XXI*, é aquele que exerce cargo elevado, que tem alta graduação honorífica, que foi elevado a alguma dignidade.

⁽¹⁰⁾ **Nota da tradução:** Táurida, referência aos tártaros, da Crimeia, região da antiga Rússia.

mudança para um governo no sentido ultramontano¹¹ mais intolerante, certamente vocês seriam mais perseguidos, atacados, combatidos, condenados, exilados. Mas os acontecimentos, mais fortes que as surdas manobras, preparam no horizonte político uma negra tempestade e, quando ela desabar, tratem de estar bem abrigados, procurem ser fortes e desinteressados. Haverá ruínas, invasões, delimitações de fronteiras e, desse naufrágio imenso que nos virá da Europa, da Ásia, da América, os que sobreviverão, saibam, serão as almas bem fortalecidas, Espíritos esclarecidos, tudo o que é justiça, lealdade, honra, solidariedade.

As sociedades de vocês, tal como estão organizadas, são perfeitas? Há milhões de párias¹². A miséria não cessa de encher suas prisões, seus prostíbulos e abastece as guilhotinas. A Alemanha vê, como em todos os tempos, emigrarem centenas de milhares de seus habitantes, o que não honra seus governantes. O Papa, príncipe temporal, espalha o engano pelo mundo, em vez do *Espírito de Verdade*, de que é o símbolo artificial. Por toda parte, a inveja. Vejo lutas de interesses e não esforços para elevar o ignorante. Os governos, minados por princípios egoístas, pensam em se sustentar contra a onda que cresce e essa onda é a consciência humana que se insurge, enfim, após séculos de espera, contra a minoria que explora as forças vivas das nacionalidades.

Nacionalidade! Possa a Rússia não ter encontrado um perigo terrível, um cabo das tormentas nessa palavra! Bem-amado país, possam seus homens de Estado não se esquecerem de que a grandeza de um país não consiste em ter fronteiras sem fim, muitas províncias e não cidades despovoadas, grandes cidades em um oceano de ignorância, imensas planícies desertas, estéreis, inclementes como a inveja, como tudo o que é falso e soa falso. Por mais que o Sol se ponha sobre suas conquistas, não haverá menos deserdados, ranger de dentes, todo um inferno ameaçador e escancarado como a imensidade.

⁽¹¹⁾ **Nota da tradução:** Ultramontano, referente ao *ultramontanismo*: doutrina e política dos católicos franceses (e outros) que buscavam inspiração e apoio além dos montes, os Alpes, isto é, na Cúria Romana. Sistema dos que defendem a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina.

⁽¹²⁾ **Nota da tradução:** Pária, pessoa excluída da sociedade. Na Índia, com seu sistema de castas, o pária pertence à mais baixa, constituída pelos indivíduos privados de todos os direitos religiosos ou sociais, quer pelo seu nascimento, quer pela sua exclusão da sociedade bramânica.

E entretanto as nações, como os governos, têm seu livre-arbítrio. Como as individualidades, eles sabem se conduzir pelo amor, pela união e pela concórdia. Fornecerão à tempestade anunciada os elementos elétricos próprios para melhor destruí-los e desagregá-los.

Inocente (Em vida, era arcebispo de Táurida)

30 de janeiro de 1866.

(Lyon. Grupo Villon – médium Sr. G.)

A nova geração

A Terra vibra de alegria. O dia do Senhor se aproxima. Todo aquele que estiver à frente, entre nós, será solicitado pelo desafio de entrar na luta. O Espírito de algumas corajosas almas encarnadas agita seu corpo, como se quisesse deixá-lo. A carne perturbada não sabe o que pensar, um fogo desconhecido a devora. Serão libertadas, porque venceram os prazos: uma eternidade está a ponto de terminar, logo uma eternidade gloriosa vai despontar e Deus conta Seus filhos.

O reino do ouro dará lugar a um reino mais puro. Logo, o pensamento será soberano e os Espíritos de elite, que vieram de antigas épocas para iluminar seu século e preparar os futuros séculos, reencarnarão entre vocês. Que estou dizendo? Muitos estão reencarnados. A sábia palavra deles terá uma chama destruidora, que fará estragos irreparáveis entre os velhos abusos. Quantos velhos preconceitos vão desmoronar em bloco, quando o Espírito, como um machado de corte duplo, vier destruí-los em seus próprios fundamentos.

Sim, os pais do progresso do Espírito humano deixaram, uns as gloriosas moradas; outros, os grandes trabalhos em que a felicidade se junta ao prazer de se instruir, para virem retomar o bastão de peregrino, que apenas tinham depositado na entrada do templo da ciência e, nos quatro cantos do globo, os sábios oficiais ouvirão com pavor jovens imberbes, que virão, com uma linguagem profunda, retrucar seus argumentos, que acreditavam irrefutáveis. O sorriso sarcástico não será mais uma defesa segura e precisarão responder, sob pena de serem desmoralizados. Então, o círculo

vicioso em que se fecham os mestres da vã filosofia será completamente exposto, porque os novos campeões trazem consigo não apenas uma luz, que é a inteligência desembaraçada de véus grosseiros, mas ainda muitos deles gozarão desse estado particular, privilégio das grandes almas, como Jesus, que dá o poder de curar e de fazer maravilhas, consideradas milagres. Diante dos feitos materiais, em que o Espírito se mostra tão superior à matéria, como negar os Espíritos? O materialista será rechaçado em seus discursos e pela palavra mais eloquente que a sua e pelo feito patente, positivo e provado por todos, porque, grandes e pequenos, novos São Tomés poderão enxergar claramente as coisas.

Sim, o velho mundo deteriorado desaba por toda parte, ele acaba e com ele todos esses velhos dogmas que só reluzem ainda pelo dourado que os cobre. Espíritos valorosos, é de vocês a tarefa de raspar esse falso ouro. Para trás, vocês que querem, em vão, apoiar este ídolo. Atingido por todos os lados, vai desmoronar e os arrastará consigo em sua queda.

Para trás, todos vocês que negam o progresso. Para trás, com suas crenças de outra época. Por que negam o progresso e querem detê-lo? É que, querendo se sobressair, serem os primeiros ainda e sempre, condensaram seu pensamento em artigos de fé, dizendo à Humanidade: “Você será sempre criança e nós, que temos a iluminação do alto, estamos destinados a conduzi-la”.

Mas vocês ficaram com os andadores da criança nas mãos e ela salta diante de vocês e vocês ainda negam que ela possa caminhar sozinha! Será que, batendo nela com os andadores que deveriam sustentá-la, vocês demonstrarão a autoridade de seus argumentos? Não, e bem o sabem. Mas é tão bom dizer-se infalível, acreditar que os outros ainda têm fé nesta infalibilidade em que nem vocês mesmo creem.

Ah! Quantos gemidos enchem o santuário! É aí que se ouvem dolorosos soluços. O que vocês dizem, então, pobres obstinados? Que a mão de Deus ficou mais pesada sobre sua Igreja? Que por toda parte a imprensa livre os ataca e destrói seus argumentos? Onde estará o novo Crisóstomo¹³, cuja poderosa palavra reduzirá a nada essa torrente de argumentadores? Esperam-no em vão, suas mais vigorosas e eloquentes

penas para escrever não podem mais nada. Obstinam-se a se agarrar ao passado que se vai, quando a nova geração, em seu impulso irresistível para a frente, brada: Não, chega de passado. Para nós, o futuro, uma nova aurora se levanta e é para ela que tendem nossas aspirações!

Para a frente, diz ela. Alarguem a estrada, nossos irmãos nos seguem. Sigam a onda que nos arrasta, temos necessidade do movimento que é a vida, enquanto vocês nos apresentam a imobilidade, que é a morte.

Abram seus túmulos, suas sepulturas, saciem a visão com os velhos fragmentos de um passado que não existe mais. Seus santos mártires não estão completamente mortos, para manterem essa imobilidade. Anteviram nossa época e se precipitaram na morte, como a estrada que deveria conduzi-los. Cada época tem seu gênio. Queremos nos precipitar na vida, porque os séculos futuros que nos surgem têm horror à morte.

É isso, meus amigos, que os valorosos Espíritos que estão encarnando presentemente farão todos compreender. Este século não acabará sem que muitos destroços cubram o solo. A guerra mortal e fratricida desaparecerá diante da discussão. O Espírito substituirá a força bruta. E depois que todas essas almas generosas tiverem combatido, voltarão para o mundo espiritual, para receber a coroa do vencedor.

Este é o objetivo, meus amigos. Os combatentes são muito valentes para que se duvide do sucesso. Deus escolheu a elite entre eles e a vitória está garantida à Humanidade.

Alegrem-se, então, todos vocês que aspiram à felicidade e querem que seus irmãos também participem dela. Chegou o dia! A Terra pulsa de alegria, porque vai começar o reino de paz, prometido pelo Cristo, o divino Messias, o reino cujos fundamentos ele veio assentar.

Um Espírito

⁽¹³⁾ **Nota da tradução:** Provável referência a São João Crisóstomo, bispo, confessor e doutor da Igreja. Um dos mais conhecidos padres da Igreja Grega, por seus discursos eloquentes (*crisóstomo* significa “boca de ouro”). Desenvolveu uma pastoral sistematizada, com evangelização rural, criação de hospitais, sermões “de fogo” com que incriminava e advertia os fiéis, chamando-os à conversão. Pio X proclamou-o patrono especial da eloquência sagrada. A sua produção literária (600 entre discursos e sermões) ultrapassa todos os escritores orientais, e no Ocidente apenas é comparado a Santo Agostinho.

23 de abril de 1866

(Paris – Comunicação particular – médium, Sr. D.)

Instrução para a saúde do Sr. Allan Kardec

A saúde do Sr. Allan Kardec enfraquece dia a dia, em consequência de trabalhos excessivos, superiores a suas forças. Vejo-me na necessidade de repetir-lhe o que já lhe disse muitas vezes: você precisa de repouso. As forças humanas têm limites que seu desejo de ver progredir o ensinamento o leva a ultrapassar com frequência. Não é certo porque, agindo assim, não apressa a marcha da doutrina, mas arruína a saúde e coloca-se na impossibilidade material de acabar a tarefa para a qual veio. Sua doença atual é apenas o resultado de um dispêndio incessante de forças vitais, sem se dar um tempo de recuperação, e de um aquecimento do sangue, produzido pela absoluta falta de repouso. Sem dúvida, nós o sustentamos, mas com a condição de que não anule o que fazemos. De que adianta correr? Não lhe dissemos inúmeras vezes que cada coisa viria a seu tempo e que os Espíritos encarregados do movimento das ideias saberiam fazer surgir as circunstâncias favoráveis, quando chegasse o momento de agir?

Quando cada espírita reúne suas forças para a luta, você pensa que seja seu dever esgotar as suas? Não, em tudo deve dar o exemplo e seu lugar será estar em plena atividade, na hora do perigo. O que poderia fazer se seu corpo fraco não permitisse mais ao Espírito usar as armas que a experiência e a revelação puseram em suas mãos? Acredite em mim, deixe para mais tarde os grandes trabalhos destinados a completar a obra esboçada em suas primeiras publicações. Os trabalhos atuais e algumas pequenas brochuras urgentes são suficientes para absorver seu tempo e devem ser os únicos objetos de suas preocupações atuais.

Não lhe falo apenas em meu nome, mas com a delegação de todos esses Espíritos que contribuiram poderosamente para a propagação do ensinamento, com suas sábias instruções. Por meu intermédio, eles lhe dizem que essa demora que você acha ser nociva ao futuro da doutrina é uma medida necessária, sob diversos pontos de vista, seja porque algumas questões ainda não estão completamente elucidadas, seja para preparar

os espíritos para melhor assimilá-las. É preciso que outros preparem o terreno, que fique provada a insuficiência de certas teorias e se produza um vazio maior. Em resumo, o momento não é oportuno. Então, se poupe, porque chegará um tempo em que todo o vigor de seu corpo e de seu Espírito lhe será necessário. O Espiritismo não foi até agora objeto de críticas violentas, não levantou muitas tempestades? Você acredita que todo o movimento esteja apaziguado, que os ódios estejam acalmados e reduzidos à impotência? Perca as ilusões, o caldeirão ainda não removeu todas as impurezas. O futuro guarda-lhe outras provas e as últimas crises não serão as menos penosas para suportar.

Sei que sua posição particular provoca um grande número de trabalhos secundários que ocupam a maior parte de seu tempo. Você acumula todos os tipos de pedidos e acha que é seu dever satisfazer a todos. Farei daqui o que você mesmo não ousaria e, dirigindo-me aos Espíritos em geral, pedirei, no interesse do próprio Espiritismo, que o poupem de qualquer sobrecarga de trabalho que absorva instantes de seu tempo, porque você deve dedicar-se quase exclusivamente a acabar a obra. Se sua correspondência sofrer um pouco com isto, o ensinamento vai ganhar.

Algumas vezes é preciso sacrificar as satisfações pessoais em nome do interesse geral. É uma medida urgente, que todos os adeptos sinceros saberão entender e aprovar.

A enorme correspondência que você recebe é uma fonte preciosa de documentos e de informações. Esclarece-o sobre a verdadeira marcha e o progresso real da doutrina. É um termômetro imparcial. Você obtém satisfações morais nessa correspondência, que mais de uma vez sustentaram sua coragem, ao constatar a adesão que as ideias encontram em todos os pontos do globo. Sob esse aspecto, o excesso é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de auxiliar seus trabalhos e não de entravá-los, criando-lhe um aumento de ocupações.

Doutor Demeure

Bom, senhor Demeure, agradeço-lhe os sábios conselhos. Graças à resolução que tomei, de encontrar um auxiliar, salvo para os casos excepcionais, a correspondência normal caminha bem agora e não será mais prejudicada no futuro. Mas o que farei com a correspondência

atrasada, de mais de quinhentas cartas, que, apesar de toda minha boa vontade, não consigo responder?

Resposta – Como se diz em linguagem comercial, é preciso lançá-las na coluna de lucros e perdas. Noticiando esta medida na *Revista*, seus correspondentes saberão como andam as coisas. Compreenderão a necessidade da medida e a acharão justificada, sobretudo pelos conselhos que acabou de receber. Repito, seria impossível que as coisas continuassem como estão. Tudo seria prejudicado, sua saúde e a doutrina. É preciso, quando necessário, saber fazer sacrifícios. De hoje em diante, tranquilo sobre este ponto, você poderá se dedicar mais livremente a seus trabalhos obrigatórios. É isso que o aconselha sempre este seu amigo devotado.

Demeure

Conforme tão sábio conselho, solicitamos àqueles de nossos correspondentes, com os quais estávamos muito atrasados em responder, que aceitassem nossas desculpas e nosso pesar por não termos podido responder mais pormenorizadamente, como gostaríamos, a suas bondosas cartas e que se dignassem aceitar, coletivamente, a expressão de nossos fraternos sentimentos.

25 de abril de 1866.

(Paris – Resumo das comunicações pelos Srs. M... e T... , em estado de sonambulismo)

Regeneração da Humanidade

Os acontecimentos se precipitam com rapidez. Já não dizemos mais “os tempos estão próximos”. Falamos agora: “os tempos chegaram”.

Não entendam nessas palavras a perspectiva de um novo dilúvio, nem um cataclismo, nem uma perturbação geral. Convulsões parciais do globo aconteceram em todas as épocas e ainda se produzem, porque fazem parte de sua constituição e não são os sinais.

Entretanto, tudo o que está predito no Evangelho deve se cumprir e se cumpre neste momento, como mais tarde vocês reconhecerão. Mas tomem os sinais anunciados como figuras, das quais é preciso apreender

o espírito e não ao pé da letra. Todas as *Escrituras* encerram grandes verdades, sob o véu da alegoria. Os comentadores se prendem à letra, por isso se enganam. Faltou-lhes a chave para compreender o sentido verdadeiro. Essa chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo acaba de nos revelar. De agora em diante, com a ajuda desses novos conhecimentos, o que era obscuro torna-se claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas e as leis imutáveis de Deus não serão subvertidas. Não se verão nem milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural, no sentido comum que se dá a essas palavras.

Não olhem para céu, à procura de sinais precursores, porque não verão nada. E aqueles que lhe disserem que sim, estarão iludindo-os. Mas olhem em torno de vocês, entre os homens, é aí que encontrarão os sinais.

Vocês não sentem uma espécie de vento que sopra sobre a Terra e agita os Espíritos? O mundo está em espera, como que preso a um vago pressentimento da aproximação de uma tempestade.

Entretanto, não acreditem no fim do mundo material. A Terra progrediu, a partir de sua transformação, deve progredir ainda mais e de forma alguma ser destruída. Mas a Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação e a Terra vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

Então, não é o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral: é o velho mundo, o dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que desmorona. Cada dia leva consigo alguns destroços. Tudo acabará com a geração que se vai, e a nova levantará o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra será chamada a se tornar um dia um mundo feliz e habitá-la será uma recompensa, em vez de ser uma punição. Aqui, o reino do bem deve suceder o reino do mal.

Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela seja povoada por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que só desejam o bem. Quando chegar esse tempo, uma grande emigração se fará entre os que a habitam. Aqueles que praticam o mal pelo mal e não são tocados pelo sentimento do bem serão indignos da Terra transformada e

serão excluídos, porque trariam de novo para cá o engano e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Expiarão seu endurecimento em mundos inferiores, para onde levarão seus conhecimentos e terão como missão fazer esses mundos avançarem. Serão substituídos na Terra por Espíritos melhores, que farão reinar a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, já dissemos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilará de repente uma geração. A geração atual desaparece gradualmente e a nova a sucederá da mesma forma, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas. Então, tudo acontecerá aparentemente como sempre, com uma única diferença, mas que é capital: uma parte dos Espíritos que encarnam aqui não encarnará mais. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado, com tendência para o mal, virá um Espírito mais avançado e com tendência ao bem. Trata-se, então, mais de uma nova geração de Espíritos do que de uma geração corporal. Assim, aqueles que esperavam ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão decepcionados.

A época atual é de transição. Os elementos das duas gerações já se misturam. Quem estiver de fora assistirá à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já está assinalada no mundo pelas características que lhes são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pelas disposições morais, mas, sobretudo, pelas *intuitivas* e *inatas*, é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração deve fundar a era do progresso moral e se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, reunindo ao sentido *inato* do bem crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior. Não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas por aqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a ajudar o movimento regenerador.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é, antes de tudo, a revolta contra Deus, pela negação da Providência e de todo poder superior à Humanidade. Depois, é a propensão *instintiva* para as paixões degradantes, pelos sentimentos antifraternais de orgulho, de ódio, de inveja, de cupidez, enfim, a predominância do apego por tudo o que é material.

É desses vícios que a Terra deve ser purgada, pelo distanciamento daqueles que se recusam a melhorar, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade e fazem sofrer os homens de bem. A Terra se libertará deles e os homens caminharão sem entraves para o futuro melhor que lhes está reservado aqui mesmo, como recompensa de seus esforços e de sua perseverança, esperando que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada de mundos superiores.

Por essa emigração de Espíritos, não se espere que todos os Espíritos retardatários sejam expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos cederam à prática das circunstâncias e dos exemplos, sua aparência era pior que seu conteúdo. Uma vez retirados da influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria verá as coisas de um modo bem diferente do que lhes parecia em vida, como vocês já viram vários exemplos. Nesse processo, serão ajudados por Espíritos benevolentes, que se interessam por eles e se apressam a esclarecê-los e a mostrar-lhes o falso caminho que seguiram. Com suas preces e exortações vocês mesmos podem contribuir para a melhora deles, porque existe solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

Assim, esses Espíritos poderão voltar e ficarão felizes por isso, porque essa volta será uma recompensa. Não importa o que foram nem o que fizeram, se estiverem animados por melhores sentimentos! Longe de serem hostis à sociedade e ao progresso, serão auxiliares úteis, porque pertencerão à nova geração.

Só haverá exclusão definitiva para aqueles Espíritos essencialmente rebeldes, para aqueles que o orgulho e o egoísmo, mais que a ignorância, tornam surdos à voz do bem e da razão. Mas mesmo estes não estão condenados a uma inferioridade perpétua e virá um dia em que repudiarão seu passado e abrirão os olhos para a luz.

Orem, então, por esses endurecidos, para que melhorem enquanto ainda há tempo, porque se aproxima o dia da expiação.

Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá em sua cegueira e sua resistência marcará, por terríveis lutas, o fim de seu reinado. Extraviados, correrão para a própria perda, atingirão a destruição que produzirá muitos flagelos e calamidades, de forma que, sem saber, apressarão o advento da era da renovação.

E, como se a destruição não caminhasse suficientemente rápida, se verá os suicídios se multiplicarem em uma proporção inédita, até entre as crianças. A loucura atingirá como nunca um número muito grande de homens que, mesmo antes da morte, estarão eliminados do mundo dos vivos. Esses são os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo se cumprirá pelo encadeamento das circunstâncias, como dissemos, sem que nada transgrida as leis da Natureza.

Entretanto, através da nuvem sombria que os cerca, no meio da qual rugem a tempestade, vocês já veem apontarem os primeiros raios da nova era! A fraternidade lança seus fundamentos a todos os pontos do globo e os povos se estendem as mãos. A barbárie se familiariza em contato com a civilização. Os preconceitos de etnias¹⁴ e de seitas, que fizeram jorrar ondas de sangue, se vão extinguindo. O fanatismo, a intolerância, perdem terreno, enquanto que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. As ideias fermentam em toda parte. Enxerga-se o mal e procura-se o remédio, mas muitos caminham sem direção e perdem-se em utopias. O mundo está em um imenso trabalho de gestação, que dura cerca de um século. Nesse trabalho, ainda confuso, vê-se, entretanto, dominar uma tendência para certo objetivo: o da unidade e da uniformidade, que predispõem à fraternização.

São ainda sinais dos tempos, mas enquanto os outros estão na agonia do passado, estes últimos são os primeiros choros da criança que nasce, os precursores da aurora que se verá levantar no próximo século, porque então a nova geração estará em plena força. Tanto quanto a fisionomia do século XIX difere da do século XVIII, em certos pontos de vista a fisionomia do século XX será diferente da do século XIX.

Uma das características da nova geração será a fé *inata*. Não a fé exclusiva e cega, que divide os homens, mas a fé raciocinada, que esclarece e fortalece, que os une e os junta em um sentimento comum de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue, desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

⁽¹⁴⁾ Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 355.

O Espiritismo é o caminho que conduz à renovação, porque derruba seus dois maiores obstáculos: a incredulidade e o fanatismo. Proporciona uma fé sólida e esclarecida, desenvolve todos os sentimentos e ideias que correspondem aos ideais da nova geração. Por isso, é inato e em estado de intuição no coração de seus representantes. A nova era o verá crescer e prosperar, pela força das coisas. Ele se tornará a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Mas, até lá, haverá muitas lutas ainda contra seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo que, coisa estranha, se dão as mãos para combatê-lo. Pressentem o futuro do Espiritismo e a ruína deles, por isso o temem, porque já o veem plantar sobre as ruínas do velho mundo egoísta a bandeira que deve aproximar todos os povos. Leem sua própria condenação, na máxima: *fora da caridade não há salvação*, porque é esse o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo. Essa máxima se lhes apresenta como as palavras fatais do festim de Baltazar¹⁵ No entanto, deveriam bendizer essa máxima, porque os garante contra todas as represálias, por parte dos que eles perseguem. Mas não: uma força cega os leva a rejeitar a única coisa que poderia salvá-los!

Que poder terão contra a ascendência da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, não duvidem, porque está nas leis da Natureza e por isso mesmo é imperecível. Vejam a multiplicidade de meios pelos quais a ideia se espalha e penetra em toda parte. Acreditem que esses meios não são casuais, mas providenciais. Aquilo que, num primeiro momento, pareceria prejudicial é exatamente o que ajuda sua propagação.

Logo surgirão, entre os mais consideráveis e os mais acreditados, defensores da causa que se declararão abertamente, que apoiarão, com a autoridade de seu nome e de seu exemplo, impondo silêncio aos detratores, porque ninguém ousará tratá-los como loucos. Esses homens o estudam em silêncio e se mostrarão quando chegar o momento propício. Até lá, é importante que eles se mantenham a distância.

⁽¹⁵⁾ **Nota da tradução:** Festim da Baltazar, referido em Daniel, capítulo 5^o, versículos 25 e seguintes.

Vocês verão, em breve, as artes buscarem o Espiritismo como uma mina fecunda e traduzirem as ideias e os horizontes que ele descortina pela pintura, pela música, pela poesia e pela literatura. Foi-lhes dito que um dia haveria a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã, e é uma grande verdade, porque os maiores gênios se inspirarão na Doutrina. Logo, vocês verão os primeiros esboços e mais tarde chegarão à categoria que devem ter.

Espíritas, o futuro é de vocês e de todos os homens de coração e devotados. Não tenham medo dos obstáculos, porque não existe nenhum que possa entrar os desígnios da Providência. Trabalhem sem descanso e agradeçam a Deus por tê-los colocados na vanguarda da nova falange. É um posto de honra, que vocês mesmo pediram e do qual é preciso tornar-se digno pela coragem, perseverança e devotamento.

Felizes aqueles que sucumbirem nessa luta contra a força, mas a vergonha será, no mundo dos Espíritos, para aqueles que sucumbirem por fraqueza ou falta de energia. As lutas são necessárias para fortificar a alma. O contato do mal faz apreciar melhor as vantagens do bem. Sem as lutas, que estimulam as faculdades, o Espírito se deixaria levar a uma indolência nociva e sem avanço. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência e contra o mal desenvolvem as forças morais.

27 de abril de 1866.

(Paris – casa do Sr. Leymarie – médium, Sr. L...)

Marcha progressiva do Espiritismo Dissidências e perturbações

Caros discípulos, o que é verdade tem que ser; nada pode se opor ao surgimento de uma verdade. Às vezes, pode-se encobri-la, torturá-la, fazer sobre ela o que a bruma faz sobre os diques holandeses, mas uma verdade não é construída sobre estacas, ela percorre o espaço, está no ar ambiente e se foi possível cegar uma geração, há sempre reencarnações novas, recrutas da erraticidade, que vêm trazer os germes fecundos e outros elementos e sabem atrair grandes coisas desconhecidas.

Não se apressem muito, amigos. Muitos de vocês gostariam de ir a pleno vapor e, nesse tempo de eletricidade, correr como ela. Esquecidos das leis da Natureza, gostariam de ir mais rápido que o tempo. Entretanto, reflitam como Deus é sábio em tudo. Os elementos que constituem o seu planeta sofreram uma longa e laboriosa gestação. Antes que vocês pudessem existir, foi preciso que tudo fosse constituído de acordo com a aptidão de seus órgãos. A matéria, os minerais fundidos e refundidos, os gases, os vegetais, foram pouco a pouco harmonizados e condensados, para permitir o aparecimento de vocês sobre a Terra. É a eterna lei do trabalho, que não parou de reger tanto os seres inorgânicos quanto os seres inteligentes.

O Espiritismo não pode fugir dessa lei, da lei da gestação. Implantado em solo ingrato, é preciso que ele tenha suas más ervas, seus maus frutos. Mas também a cada dia desbrava-se o terreno, arrancam-se, podam-se os maus galhos. O terreno torna-se mais leve insensivelmente e, quando o viajante, cansado das lutas da vida, encontrar a abundância e a paz à sombra de fresco oásis, virá estancar sua sede, enxugar seu suor nesse reino lenta e sabiamente preparado. Nele, o rei é Deus, o distribuidor generoso, o igualitário prudente, que sabe bem que o trajeto a seguir é doloroso, mas fecundo; penoso, mas necessário. O Espírito formado na escola do trabalho sai mais forte e mais apto para as grandes coisas. Aos que desfalecem, pede coragem. E, como esperança suprema, deixa antever, mesmo aos mais ingratos, um ponto de chegada, ponto salutar, caminho demarcado pelas reencarnações.

Riam das inúteis declamações: deixem os dissidentes falarem, deixem gritar aqueles que não podem se consolar nem serem os primeiros. Todo esse insignificante barulho não impedirá que o Espiritismo siga o seu caminho. Ele é uma verdade e, como um rio, toda verdade deve seguir seu curso.

16 de agosto de 1867.

Sociedade de Paris – médium, o Sr. M..., em sonambulismo)

Publicações espíritas

Observação – O Sr. L... acabava de anunciar que se propunha a publicar obras espíritas, que venderia a preços fabulosamente reduzidos. É sobre esse assunto que o Sr. Morin diz o que segue, em estado sonambúlico:

“Hoje, os espíritas são numerosos, mas muitos ainda não compreendem a dimensão eminentemente moralizadora e emancipadora do Espiritismo. O núcleo que sempre seguiu o bom caminho continua sua marcha lenta, mas segura. Distancia-se de todos os preconceitos, preocupa-se com aqueles que deixa pelo caminho.

Infelizmente, mesmo entre os membros que formam o núcleo fiel, há aqueles que enxergam beleza em tudo, tanto entre eles como nos outros e, fácil e voluntariamente, se deixam levar pelas aparências e, infantilmente, se prendem à isca de seus inimigos, dos que dizem se despojar, dar seu sangue, sua inteligência, para o triunfo da ideia. Bem, releiam a comunicação (comunicação que ele tinha escrito) e verão que para alguns indivíduos tais sacrifícios não se fazem sem segundas intenções.

É preciso desconfiar dos devotamentos e das generosidades de fachada e da veracidade das pessoas que dizem que não mentem jamais.

Pretender oferecer alguma coisa a preço impossível, sem prejuízo, é artimanha do ofício. Fazer ainda mais, dar por nada, supostamente por excesso de zelo, a título de brinde, todos os elementos de uma doutrina, é o cúmulo da hipocrisia. Espíritas, tomem cuidado!”

16 de agosto de 1867.

(Sociedade de Paris – médium Sr. D...)

Acontecimentos

A sociedade em geral, ou melhor dizendo, a reunião dos seres, tanto encarnados como desencarnados, que compõem a população flutuante de um mundo, em resumo, a Humanidade, é simplesmente uma grande criança coletiva que, como qualquer ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem desde o nascimento até a idade mais avançada. Semelhante ao desenvolvimento do indivíduo, que é acompanhado de certas perturbações físicas e intelectuais, que ocorrem mais particularmente em determinados períodos da vida, a Humanidade tem suas moléstias de crescimento, suas perturbações morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas, que terminam um período e começam outro, que lhes é dado assistir. Participando ao mesmo tempo de coisas do passado e do futuro, dos sistemas que desmoronam e de verdades

que se estabelecem, tenham cuidado, meus amigos, de se colocarem ao lado da solidez, da progressão e da lógica, se não quiserem ser arrasados à deriva, e abandonem os palácios suntuosos na aparência, mas vacilantes na base, que sepultarão sob suas ruínas os infelizes suficientemente insensatos para não querer sair, apesar dos muitos avisos de toda natureza que receberam.

Todas as frentes se anuviam e a calma aparente que vocês gozam serve apenas para acumular um maior número de elementos destruidores.

Algumas vezes, a tempestade que destrói o fruto do suor de todo um ano é precedida de sinais que permitem tomar as precauções necessárias para evitar, tanto quanto possível, a devastação. Desta vez, não será assim. O céu encoberto parecerá clarear, as nuvens fugirão. Depois, de repente, todas as fúrias, comprimidas por muito tempo, se desencadearão com uma violência inédita.

Infelizes aqueles que não tiverem preparado um abrigo! Infelizes os fanfarrões, que estarão na tempestade com o braço desarmado e o peito descoberto! Infelizes aqueles que enfrentarem o perigo com o copo na mão! Que terrível decepção os espera! O copo que têm à mão não chegará a seus lábios antes que sejam atingidos!

Mãos à obra, então, espíritas, e não se esqueçam de que devem ter toda a prudência e toda a previdência. Vocês têm um escudo, saibam usá-lo; uma âncora de salvação, não a menosprezem.

9 de setembro de 1867.

Ségur – sessão íntima – médium Sr. D...

Minha nova obra sobre A Gênese (Comunicação espontânea)

Primeiro, duas palavras sobre a obra que está sendo preparada. Como dissemos inúmeras vezes, é urgente colocá-la em execução, sem demora, e apressar o mais possível sua publicação. É necessário que a primeira impressão esteja produzida nos Espíritos, quando o conflito europeu explodir. Se a obra se atrasar, os acontecimentos brutais poderão desviar a atenção das obras puramente filosóficas e, como essa obra é chamada

a desempenhar seu papel na elaboração que se prepara, é preciso não deixar de apresentá-la em tempo oportuno. Entretanto, não seria necessário restringir-lhe o desenvolvimento. Dê a amplitude desejável, cada pequena parte tem seu peso na balança de ação. Em uma época tão decisiva como esta, é preciso nada negligenciar, nem de ordem material nem de ordem moral.

Pessoalmente, estou satisfeito com o trabalho, mas minha opinião é pouca coisa, perto da satisfação daqueles que transformará. O que me alegra, sobretudo, são suas consequências sobre as massas, tanto do espaço como da terra.

Pergunta – Se não houver contratempo, a obra poderá ser publicada em dezembro. Você prevê algum obstáculo?

Resposta – Não prevejo dificuldades intransponíveis. Sua saúde será o principal, por isso o aconselhamos sem parar que não a negligencie. Quanto a obstáculos exteriores, não prevejo nada de sério.

Dr. D

22 de fevereiro de 1868

(Comunicação particular – médium Sr. D...)

A Gênese

Em seguida a uma comunicação do Dr. Demeure, em que me deu três sábios conselhos sobre as modificações a fazer no livro *A Gênese*, no momento da reimpressão, aos quais me incentivava a me dedicar sem demora, eu lhe disse:

— A venda até agora tão rápida, diminuirá, sem dúvida. É o efeito do primeiro momento. Acredito que a 4ª e a 5ª edições demorarão mais para se esgotar. Entretanto, como é preciso um certo tempo para a revisão e a reimpressão, é importante não ser pego desprevenido. Você poderia me dizer aproximadamente quanto tempo eu tenho para tratar desse assunto?

Resposta — Essa revisão é um trabalho sério e o conselho a não demorar muito para fazer: é melhor que esteja pronto antes da hora do que ser preciso esperar depois. Sobretudo, não se apresse demais. Apesar da contradição aparente de minhas palavras, sem dúvida você me compreende. Comece imediatamente a trabalhar, mas não faça um

esforço contínuo durante um tempo muito longo. Ocupe o tempo necessário. As ideias serão mais claras e o corpo se beneficiará com isso, cansando-se menos.

Entretanto, é preciso esperar um escoamento rápido. Quando dissemos que esse livro seria um sucesso entre seus sucessos, entendíamos que seria ao mesmo tempo um sucesso filosófico e material. Como você vê, nossas previsões estavam certas. Esteja sempre pronto, será mais rápido do que você imagina.

Observação – Em uma comunicação de 18 de dezembro, foi dito: *É certo que será um sucesso entre seus sucessos.* É notável que, dois meses depois outro Espírito repete exatamente as mesmas palavras, dizendo: *Quando nós dissemos etc. etc.* Esta palavra “nós” prova que os Espíritos agem em conjunto e que frequentemente um fala em nome de vários.

Paris, 23 de fevereiro de 1868.

(Comunicação íntima dada ao médium Sr. C...)

Acontecimentos

Ocupe-se agora do trabalho que esboçou, sobre os meios de um dia ser útil a seus irmãos de crença e de servir à causa da Doutrina, porque é possível que os acontecimentos que se desenrolarão não lhe deixem tempo livre suficiente para se dedicar a ele.

Esses acontecimentos trarão fases em que o pensamento humano poderá se produzir com uma liberdade absoluta. Nesses momentos, os cérebros em delírio, desprovidos de qualquer direção sadia, produzirão tais anormalidades, que o anúncio da proximidade da aparição da besta do apocalipse não surpreenderá ninguém e passaria despercebido. A imprensa vomitará todas as loucuras humanas, até o esgotamento das paixões que engendraram.

Um tempo assim será favorável aos espíritas. Eles se juntarão, prepararão seus materiais e suas armas. Ninguém pensará em perturbá-los, porque não incomodarão ninguém. Só eles serão os discípulos do Espírito, os outros serão os discípulos da matéria.

Paris, 4 de julho de 1868 – médium Sr. D...

Meus trabalhos pessoais. Diversos conselhos

Seus trabalhos pessoais estão bem encaminhados, insista na reimpressão de sua última obra. Faça sua tabela geral para o fim do ano, é uma coisa útil, e confie em nós.

A influência produzida por *A Gênese* está apenas no começo e, logo, elementos tocados por seu aparecimento se juntarão sob sua bandeira. Outras obras sérias ainda aparecerão, para acabar de esclarecer o pensamento humano sobre a nova doutrina.

Congratulo-me igualmente com a publicação das cartas de Lavater: é uma coisa pequena, destinada a produzir grandes efeitos. Em suma, o ano será frutífero para todos os amigos do progresso racional e liberal.

Concordo inteiramente que você publique o resumo que se propôs a fazer, sob forma de catecismo ou de manual, mas estou também de acordo que deve ser revisto com cuidado. Quando você for publicá-lo, não se esqueça de me consultar sobre o título, talvez eu tenha uma boa sugestão para lhe dar, na época, e de cujos termos dependerão os acontecimentos já passados.

Ultimamente, quando o aconselhamos a não esperar muito para se dedicar à correção de *A Gênese*, dizíamos que era preciso acrescentar alguns pontos, preencher algumas lacunas e condensar em outros pontos, para não aumentar o volume.

Nossas observações não foram perdidas e ficaremos felizes em colaborar na correção dessa obra e de ter contribuído para sua execução.

Hoje, convidá-lo-ei a rever com cuidado, sobretudo, os primeiros capítulos, em que todas as ideias são excelentes, todo o conteúdo é verdade, mas há certas expressões que poderiam se prestar a uma interpretação errônea. Salvo essas retificações, que o aconselho a não negligenciar — porque se rejeita a partir das palavras quando não se pode atacar as ideias —, nada mais tenho a indicar. Aconselho-o, entretanto, a não perder tempo. É melhor que os volumes esperem pelo público do que faltem no mercado. Nada deprecia mais uma obra do que uma falha na venda. O editor, impaciente por não poder atender aos pedidos que lhe são feitos e pela falta, na ocasião de vender, se desinteressa pelas

obras de um autor imprevidente. O público se cansa de esperar e essa má impressão demora a desaparecer.

Por outro lado, não é ruim que você tenha alguma liberdade de espírito para evitar as eventualidades que podem surgir e cuidar dos estudos particulares que, segundo os acontecimentos, podem ser suscitados atualmente ou adiados para tempos mais propícios.

Então, esteja pronto para tudo, desembaraçado de qualquer entrave, seja para se dedicar a um trabalho especial, se a tranquilidade geral o permite, seja para estar preparado para qualquer acontecimento, se complicações imprevistas exigirem uma determinação repentina de sua parte. Logo chegará o próximo ano, é preciso então, no fim deste, finalizar a primeira parte da obra espírita, para ter o campo livre e terminar a tarefa que diz respeito ao futuro.

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Esses princípios, para mim, não são apenas teoria. Coloco-os em prática. Faço tanto bem quanto minha posição o permite. Presto serviço quando posso. Os pobres alguma vez foram rejeitados em minha casa ou tratados com insensibilidade? A qualquer hora, sempre foram recebidos com benevolência. Lamentei os passos que dei para prestar serviço? Pais de família saíram da prisão sob meus cuidados. Certamente, não pretendo fazer o inventário do bem que pude fazer, mas, no momento em que todos parecem esquecer, me é bem permitido, acredito, lembrar que minha consciência me diz que não fiz nada de errado a alguém. Fiz todo o bem que pude, repito, sem me preocupar com a opinião alheia. Nesse sentido, minha consciência está tranquila e qualquer ingratidão que recebi em mais de uma ocasião não seria um motivo para eu parar de fazer o bem. A ingratidão é uma das imperfeições humanas, e como nenhum de nós está livre de reprovação, é preciso desculpar os outros, para que os outros nos desculpem, para que possamos dizer, como Jesus Cristo: — “Aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra”. Continuarei então a fazer o melhor que puder, mesmo a meus inimigos, porque o rancor não me cega e lhes estenderei sempre a mão, para tirá-los de um precipício, se tiver oportunidade.

Assim entendo a caridade cristã. Compreendo uma religião que nos ordene a pagar o mal com o bem, com mais forte razão, devolver o bem com o bem. Mas não compreenderia jamais a que nos mandasse devolver o mal com o mal.

*(Pensamentos íntimos de Allan Kardec.
Documento encontrado entre seus papéis.)*

PROJETO 1868

Um dos maiores obstáculos capazes de postergar a divulgação da Doutrina seria a falta de unidade. O único modo de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos detalhes, com tanta precisão e clareza, que é impossível que se tome qualquer interpretação divergente.

Se a Doutrina do Cristo deu lugar a tantas controvérsias, se até hoje é tão malcompreendida se encontra e tão diversamente praticada, é isso devido a que o Cristo se limitou a um ensinamento oral e a que Seus próprios apóstolos apenas transmitiram princípios gerais, que cada um interpretou de acordo com suas ideias ou interesses. Se tivesse formulado a organização da Igreja cristã com a precisão de uma lei ou de um regulamento, é indiscutível que houvera evitado a maior parte dos cismas e das querelas religiosas, assim como a exploração que foi feita da religião, em proveito das ambições pessoais. Resultou que, se o Cristianismo constituiu, para alguns homens esclarecidos, uma causa de séria reforma moral, não foi e ainda não é para muitos a não ser objeto de uma crença cega e fanática, algo que, em grande número de pessoas, gerou a dúvida e a incredulidade absoluta.

O Espiritismo, bem entendido e bem compreendido, pode amenizar esse estado de coisas e tornar-se, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da Humanidade. A experiência deve explicar-nos sobre o caminho a seguir. Mostrando-nos os inconvenientes do passado, ela nos fala claramente que a única forma de serem evitados no futuro consiste em assentar o Espiritismo sobre as bases sólidas de uma doutrina positiva que nada deixe ao arbítrio das interpretações. As dissidências que possam surgir se juntarão por si mesmas na unidade principal que se estabelecerá sobre os alicerces mais racionais, desde

que eles sejam claros e não vagamente definidos. Igualmente salienta dessas considerações que essa marcha, dirigida com prudência, representa o mais poderoso meio de luta contra os antagonistas da Doutrina Espírita. Todos os sofismas quebrar-se-ão de encontro a princípios aos quais a sã razão nada encontraria para opor.

Dois elementos hão de concorrer para o avanço do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de popularizar. O desenvolvimento cada dia maior, que ela toma, multiplica as nossas relações, e somente tendem a ampliar-se, pelo impulso que lhe darão a nova edição de *O Livro dos Espíritos* e a publicidade que se fará a esse propósito.

Para utilizarmos de maneira proveitosa essas relações, se, após constituída a teoria, eu tivesse de concorrer para sua instalação, essencial seria que, além da publicação de minhas obras, dispusesse de recursos para exercer uma ação mais direta. Ora, creio fora conveniente que aquele que fundou a teoria pudesse ao mesmo tempo impulsioná-la, porque então haveria mais unidade. Sob esse aspecto, a Sociedade tem necessariamente que exercer forte influência, como o tem dito os próprios Espíritos; sua ação, porém, não será, em realidade, eficiente, senão quando servir de centro e de ponto de ligação donde parta um ensinamento preponderante sobre a opinião pública. Para isso, faz-se imprescindível uma organização mais forte e elementos que ela não possui. No século em que estamos e tendo-se em vista o estado dos nossos hábitos, os recursos financeiros são o grande motor de todas as coisas, quando utilizados com discernimento. Na hipótese de que esses recursos, de uma forma ou de outra, me viessem às mãos, eis o plano que eu seguiria e cuja execução seria proporcional à importância dos meios e subordinada aos conselhos dos Espíritos.

Estabelecimento central

O mais urgente seria transferir a Sociedade para um lugar convenientemente localizado e disposto para as reuniões e recepções. Sem lhe oferecer um luxo desnecessário e, ao demais, sem cabimento, precisaria que nada ali demonstrasse miséria, mas apresentasse um aspecto tal, que as pessoas de distinção pudessem frequentá-lo sem se sentirem diminuídas. Além do alojamento particular onde eu habitasse, deveria possuir:

1º Uma sala ampla para as sessões da Sociedade e para as grandes reuniões;

2º Um salão de recepção;

3º Um compartilhamento destinado às evocações íntimas, espécie de santuário, que não seria violado por nenhuma ocupação estranha;

4º Um escritório para a *Revista*, os arquivos e os negócios da Sociedade.

Tudo isso disposto e preparado de maneira cômoda e de acordo com o seu propósito.

Também seria formada uma biblioteca composta de todas as obras e escritos periódicos franceses e estrangeiros, antigos e modernos, relativos ao Espiritismo.

O salão de recepção estaria aberto todos os dias e em determinadas horas, para os membros da Sociedade, que aí poderiam conferenciar livremente, ler os jornais e consultar os arquivos e a biblioteca. Os adeptos estrangeiros, de passagem por Paris, seriam ali recepcionados, desde que fossem apresentados por um sócio.

Seria estabelecida correspondência regular com os vários centros da França e do estrangeiro.

O local seria servido por um secretário e outro para os serviços gerais de escritório.

Ensino Espírita

Um curso regular de Espiritismo seria ministrado com a finalidade de desenvolver os princípios da Ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de trazer adeptos esclarecidos capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências.

Publicidade

Seria proporcionado maior desenvolvimento à *Revista*, quer aumentando-se-lhe o número de páginas, quer tornando-se-lhe mais frequente a publicação. Agregar-se-lhe-ia um redator remunerado.

Uma publicidade em larga escala, veiculada nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até às regiões mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria a vontade de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os integrantes, imporiam silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral.

Viagens

Dois ou três meses do ano seriam consagrados a viagens, em visita aos diversos centros e a lhes imprimir boa direção. Se os recursos o permitissem, instituir-se-ia um fundo para custear as despesas de viagem de certo número de missionários, esclarecidos e talentosos, que seriam encarregados de espalhar a Doutrina.

Uma organização completa e a assistência de auxiliares remunerados, com os quais eu pudesse contar, desobrigando-me de uma imensidade de ocupações e preocupações, me dariam o lazer necessário para ativar os trabalhos que ainda me restam por concretizar e aos quais o atual estado das coisas impede que eu me consagre tão assiduamente como fora preciso, por me faltar materialmente o tempo e por não serem bastantes para tanto as minhas forças físicas.

Se porventura me estivesse reservado realizar este projeto, em cuja execução eu teria de me haver com a mesma prudência de que utilizei no passado, indubitavelmente alguns anos seriam suficientes para fazer adiantar de séculos a Doutrina espírita.

A Constituição do Espiritismo, Allan Kardec a inseriu na *Revista* de dezembro de 1868, mas sem os comentários acrescentados por ele antes de morrer e que transcrevemos textualmente. A morte corpórea o deteve, quando se preparava para formular os *Princípios fundamentais da Doutrina Espírita reconhecidos como verdades definitivas*, o que os nossos leitores certamente lamentarão, como nós, porquanto esses princípios teriam completado aquela constituição por meio de apreciações lógicas e judiciosas. É o último manuscrito do Mestre e nós o lemos com profundo respeito.

CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO

Exposição de motivos

I – Considerações preliminares

O Espiritismo passou, como todas as coisas, a sua fase de criação e, enquanto todas as questões, principais e acessórias, que dele derivam não se acharem resolvidas, somente pode dar resultados incompletos. Entreviu-se-lhe a finalidade, pressentiram-se-lhe as consequências, mas apenas de maneira vaga. Da incerteza sobre pontos ainda não indeterminados haviam forçosamente de nascer divergências sobre o modo de os considerar; a unificação tinha que ser obra do tempo e se efetuou gradualmente à proporção que os princípios se foram elucidando. Somente quando tiver desenvolvido todas as partes em que se desdobra é que a Doutrina formará um todo harmônico e só aí será possível julgar do que é o Espiritismo.

Enquanto ele não passava de uma opinião filosófica, não podia contar, da parte de seus adeptos, a não ser com a simpatia natural que a comunhão de ideias produz; nenhum vínculo sério podia existir entre eles, por carência de um programa claramente traçado. Esta, evidentemente, a razão fundamental da débil coesão e da instabilidade dos grupos e sociedades que logo se formaram. Por isso mesmo, constantemente buscamos, e com todas as nossas forças, afastar os espíritas do propósito de fundarem prematuramente qualquer instituição especial com base na Doutrina, antes que esta assentasse em alicerces sólidos. Fora exporem-se a inevitáveis insucessos, cujo efeito teria sido desastroso, pela impressão que produziriam no público e pelo desânimo em

que lançariam os membros. Semelhantes fracassos talvez postergassem de um século o progresso definitivo da Doutrina, a cuja impotência se imputaria um insucesso devido, na realidade, à imprevidência. Por não saberem esperar, a fim de chegarem no instante exato, os muito apressados e os impacientes, em todas as épocas, hão comprometido as melhores causas.

Não se deve solicitar às coisas senão o que elas podem oferecer, à medida que se vão pondo em estado de produzir. Não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore que acaba de ser plantada o que ela dará quando estiver em todo o seu vigor. O Espiritismo, em via de elaboração, apenas resultados individuais podia dar; os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá.

Se bem não haja ele proferido ainda sua última palavra sobre todos os pontos, aproxima-se do seu complemento e soou o momento de se lhe oferecer um alicerce forte e durável, suscetível, contudo, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportem e que ofereça toda a segurança aos que perguntem quem lhe tomará as rédeas, depois daquele que lhe dirigiu os primeiros passos.

Sem dúvida, a doutrina é imperecível, pois repousa nas leis da Natureza e porque, melhor do que qualquer outra, corresponde às legítimas aspirações dos homens. Entretanto, a sua propagação e a sua instalação definitiva podem ser adiantadas ou retardadas por diversas circunstâncias, algumas das quais subordinadas à marcha geral das coisas, outras inerentes à própria doutrina, à sua constituição e à sua organização.

Conquanto a questão de substância seja essencial em tudo e acabe sempre por prevalecer, a questão de forma tem aqui importância capital; poderia mesmo sobrepujar momentaneamente e suscitar embaraços e atrasos, conforme a forma pela qual fosse resolvida.

Houvéramos, pois, feito coisa incompleta e deixado grandes dificuldades para o futuro, se não prévissemos as que podem surgir. Com a intenção de evitá-las foi que elaboramos um plano de organização, pondo em jogo a experiência do passado, a fim de evitar os escolhos contra que se chocaram a maioria das doutrinas que surgiram no planeta.

O plano aqui exposto concebemo-lo há muito tempo, porque sempre nos preocupamos com o porvir do Espiritismo. Fazemo-lo pressentir, em diferentes ocasiões, vagamente, é certo, mas o bastante para destacar que não é esta, hoje, uma concepção nova e que, trabalhando na parte teórica da obra, não nos descuidávamos do lado prático.

II – Dos cismas

Uma questão que desde logo se apresenta é a dos cismas que poderão brotar no âmago da Doutrina. Estará imune a eles o Espiritismo?

Não, certamente, porque terá, sobretudo no início, de lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, refratárias a se misturarem com as ideias dos demais; e contra a ambição dos que, a despeito de tudo, se empenham por ligar seus nomes a uma inovação qualquer; dos que criam novidades só para poderem afirmar que não pensam ou agem como os outros, pois lhes sofre o amor-próprio por ocuparem um posto secundário.

Se, porém, o Espiritismo não pode fugir às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre, pode neutralizar-lhes os efeitos e isso é o fundamental.

É de notar-se que os vários sistemas divergentes, surgidos na origem do Espiritismo, sobre a forma de explicarem-se os fatos, foram desaparecendo à medida que a Doutrina se completou pela observação e por uma teoria racional. Atualmente, raros partidários ainda contam esses primitivos sistemas. É este um fato notório, do qual se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a elucidação integral de todas as partes da Doutrina. No entanto, haverá sempre os dissidentes, de ânimo prevenido e interessados, por um motivo ou outro, a constituir bando à parte. Contra a pretensão desses é que cumpre se premunam os demais.

Para assegurar-se, no porvir, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com clareza e precisão, sem que nada fique impreciso. Para isso, procedemos de modo que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. Quando for falado peremptoriamente e sem ambiguidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois fazem cinco.

Conseqüentemente, seitas poderão formar-se ao lado da Doutrina, seitas que não lhe adotem os princípios ou todos os princípios, porém não dentro da Doutrina, por efeito de interpretação dos textos, como tantas se formaram sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. É este um primeiro ponto de capital importância.

O segundo ponto está em não se sair do âmbito das ideias práticas. Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia posterior, deixemos que o amanhã realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos.

E, finalmente, o terceiro ponto é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada unicamente nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum avanço, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, fiscais ou metafísicas, nunca jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.

Se, portanto, uma seita se formar à ilharga do Espiritismo, fundada ou não em seus princípios, de duas uma: ou essa seita estará com a verdade, ou não estará; se não estiver, cairá por si mesma, sob o ascendente da razão e do senso comum, como já ocorreu a tantas outras, através dos séculos; se suas ideias forem corretas, mesmo que com relação a um único ponto, a Doutrina, que apenas procura o bem e o verdadeiro onde quer que se achem, as assimilará, de sorte que, em vez de ser absorvida, absorverá.

Se alguns de seus integrantes vierem a afastar-se, é que se acreditarão capazes de fazer coisa melhor; se realmente fizerem algo melhor, ela se esforçará por fazer outro tanto; se fizerem coisa má, deixará que a façam, certa de que, cedo ou tarde, o bem vence o mal e o que é verdadeiro predomina sobre o que é falso. Essa a única batalha em que se empenhará.

Acrescentemos que a tolerância, fruto da caridade, que constitui a base da Doutrina Espírita, lhe impõe como um dever respeitar todas as crenças. Querendo ser aceita livremente, por convicção e não por constrangimento, proclamando a liberdade de consciência um direito

natural imprescritível, diz: *Se tenho razão, todos acabarão por pensar como eu; se estou em erro, acabarei por pensar como os outros.* Em decorrência desses princípios, não atirando pedras a ninguém, ela nenhum pretexto dará para represálias e deixará aos desertores toda a responsabilidade de suas palavras e de suas ações.

Não será, portanto, invariável o programa da Doutrina, a não ser com referência aos princípios que atualmente tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, não os admitirá, como tem feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe mostrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se transformará nesse ponto.

A verdade absoluta é eterna e, por isso mesmo, invariável. Mas quem poderá lisonjear-se de possuí-la na íntegra? No estado de imperfeição em que se encontram os nossos conhecimentos, o que hoje nos parece falso pode amanhã ser reconhecido como verdadeiro, em virtude da descoberta de novas leis, e isso tanto na ordem moral quanto na ordem física. Contra essa eventualidade, a Doutrina jamais deverá estar despreparada. O princípio progressivo, que ela inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade será mantida, exatamente porque ela não assenta no princípio da imobilidade.

Esta, longe de ser uma força, se torna motivo de fraqueza e de ruína, para quem não acompanha o movimento geral; quebra a unidade, porque os que querem avançar se separam dos que persistem em ficar atrás. Mas, acompanhando o movimento progressivo, cumpre fazê-lo com cautela e evitar ir de cabeça baixa ao encontro dos devaneios da utopia e dos sistemas; cumpre fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

Indiscutivelmente uma doutrina assente sobre tais alicerces tem que ser forte, na realidade, capaz de desafiar qualquer concorrência e de anular as pretensões dos seus competidores.

Aliás, a experiência já constatou o acerto desta previsão. Tendo trilhado sempre por esse caminho desde seus primórdios, a Doutrina marcha constantemente, mas sem precipitação, observando sempre se é sólido o local onde pisa e medindo seus passos pelo estado da opinião. Faz como o navegante que não prossegue sem ter na mão a sonda e sem verificar a direção dos ventos.

III – O chefe do Espiritismo

Mas quem será responsável por manter o Espiritismo nessa senda? Quem terá o lazer e a persistência necessários a se consagrar à labuta incessante que essa tarefa exige? Se o Espiritismo for entregue a si mesmo, sem guia, não será de temer que se desvie de seu roteiro? E que a malevolência, com a qual ainda estará por muito tempo em luta, não procure desfigurar-lhe o Espírito? É esse, com efeito, um ponto vital e cuja solução se reveste do maior interesse para o porvir da Doutrina.

A necessidade de uma direção central superior, guarda vigilante da unidade progressiva e dos interesses gerais da Doutrina, é tão clara, que já causa inquietação e não ser visto, aparecer no horizonte, o seu condutor. Entende-se que, sem uma autoridade moral, capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar a impulsão, de estimular os zelos, de defender os enfraquecidos, de manter os ânimos vacilantes, de auxiliar com os conselhos da experiência, de ficar a opinião sobre os tópicos incertos, o Espiritismo correria o risco de vagar ao léu. Não apenas essa direção é necessária, como também preciso se faz que preencha condições de força e de estabilidade suficientes para enfrentar as tempestades.

Os que nenhuma autoridade admitem não entendem os reais interesses da Doutrina. Se alguns creem poder desprezar toda direção, a maioria, os que não se consideram infalíveis e não depositam confiança absoluta em suas próprias luzes, se sentem necessitados de um ponto de apoio, de um guia, ainda que somente para ajudá-los a caminhar com Espiritismo. (Ver na *Revista* de abril de 1866: “O Espiritismo Independente”.)

Reconhecida a necessidade de uma direção, de quem o chefe receberá poderes para exercê-la? Será ele aclamado pela universalidade dos adeptos? É algo impraticável. Se impuser por sua própria autoridade, uns o aceitarão, enquanto que outros o recusarão, e podem aparecer vinte pretendentes, levantando bandeira contra bandeira. Fora ao mesmo tempo o despotismo e a anarquia. Tal ato seria próprio de um ambicioso e ninguém conviria menos do que um ambicioso, por isso mesmo orgulhoso, para comandar uma doutrina que se baseia na abnegação, no devotamento, no desinteresse, na humilde. Mantido fora do princípio fundamental da Doutrina, outra coisa não poderia fazer, senão falsear-lhe o espírito. É o que, de modo inevitável, se daria, se de

antemão se não adotassem medidas eficientes para prevenir esse inconveniente.

Admitamos, no entanto, houvesse um homem com todos os atributos necessários ao desempenho do seu mandato e que, por uma senda qualquer, alcançasse a direção suprema. Os homens se sucedem e não se assemelham; depois de um bom, poderia vir um mau. Com o indivíduo, pode mudar o espírito da direção; sem maus desígnios, pode ele ter modos de ver mais ou menos justos; se entender de fazer que prevaleçam suas ideias pessoais, pode levar a Doutrina a desviar-se, causar dissidências e as mesmas dificuldades se renovarão a cada transformação. É preciso não esquecer que o Espiritismo ainda não está na plenitude da sua força. Do ponto de vista da organização, é uma criança que mal começa a caminhar. Insta, pois, sobretudo no princípio, premuni-lo contra os obstáculos do caminho.

Mas, dir-se-á, não virá estar à frente do Espiritismo um dos Espíritos que, conforme foi anunciado, tem que tomar parte na obra de regeneração? É provável; todavia, como esses Espíritos não trarão na frente um sinal para serem reconhecidos; como não se farão reconhecer como tais pela maioria, a não ser depois de terem morrido, conformemente ao que houverem produzido durante a existência; como, ao demais, não serão perpétuos, essencial se torna prever todas as eventualidades.

É sabido que eles terão uma missão múltíplice; que serão de todos os graus da escala espiritual e se encontrarão nos diversos ramos da economia social, onde cada um exercerá influência a favor das novas ideias, segundo a particularidade da sua posição; que todos, pois, trabalharão pelo ascendente da Doutrina, aqui e ali, uns como chefes de Estado, outros como legistas, outros como magistrados, sábios, literatos, oradores, industriais etc.; que cada um dará provas de si onde lhe caiba exercer sua atividade, desde o proletário até o soberano, *sem que nada os distinga do comum dos homens, a não serem suas obras*. Se a um deles couber tomar parte na direção, é possível que seja posto providencialmente na posição apropriada a fazê-lo chegar lá pelos meios legais que forem adotados; circunstâncias aparentemente fortuitas até lá o conduzirão, sem que de sua parte haja desígnio premeditado, sem mesmo ter ele consciência de sua missão. (*Revista Espírita* – fevereiro-março de 1868: “Os messias do Espiritismo”).

Nesse caso, o pior de todos os comandantes seria o que se desse por eleito de Deus. Como não é racional se admita que o Pai Celestial confie tais missões a ambiciosos ou a orgulhosos, as virtudes características de um verdadeiro messias têm que ser, antes de tudo, a simplicidade, a humildade, a modéstia. Em suma: o mais completo desinteresse material e moral. Ora, só a pretensão de ser um messias constituiria a negação dessas qualidades indispensáveis; provaria, naquele que se prevalecesse de tal título, ou tola presunção, em havendo boa-fé, ou insigne impostura.

Não faltarão intrigantes, falsos espíritas, que queiram elevar-se por orgulho, ambição ou cupidez; outros que estadeiem pretensas revelações com o apoio das quais procurem salientar-se e fascinar as imaginações por demais crédulas. É também de prever que, sob falsas aparências, indivíduos haja que tentem apoderar-se do leme, com a ideia preconcebida de fazerem soçobrar o navio, desviando-o da sua rota. O navio não soçobrará, mas poderia sofrer prejudiciais atrasos que se devem evitar.

São esses, indiscutivelmente, os maiores escolhos de que o Espiritismo precisa preservar-se. Quanto maior consistência ele adquirir, tanto mais armadilhas lhe armarão seus oponentes. É, portanto, dever de todos os espíritas sinceros anular as manobras da intriga que se possam urdir, tanto nos pequenos como nos grandes centros. Deverão eles, primeiramente, repudiar, da forma mais absoluta, todo aquele que por si mesmo se denomine como messias, quer como chefe do Espiritismo, quer como simples apóstolo da Doutrina. Pelos frutos é que se conhecem as árvores; espere-se, pois, que a árvore dê seu fruto, para decidir se ela é boa e veja-se também se os frutos têm sabor. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XXI – “Caracteres do verdadeiro profeta”.)

Houve quem sugerisse que os candidatos fossem designados pelos próprios Espíritos em cada grupo ou sociedade espírita. Além de que este meio não obviaria a todos os inconvenientes, apresentaria outros, peculiares a semelhante modo de proceder, que a experiência já mostrou e que fora supérfluo lembrar aqui. Não se deve perder de vista que a missão dos Espíritos consiste em nos instruir, para que nos melhoremos, porém não em se sobreponem ao nosso livre-arbítrio. Eles

nos propõem ideias, auxiliam com seus conselhos, principalmente no que diz respeito às questões morais, mas deixam ao nosso raciocínio o encargo da execução das coisas materiais, encargo a que não lhes cabe poupar-nos. Contentem-se os homens por ser assistidos e protegidos por Espíritos bons; porém não descarreguem, em cima deles, a responsabilidade que incumbe ao encarnado.

Esse meio, aliás, suscitaria maiores embaraços do que se poderia imaginar, pela dificuldade de fazer-se que todos os grupos participassem de tal eleição. Seria uma complicação nas rodagens e estas tanto menos susceptíveis se mostrarão de desarranjar-se, quanto mais simplificadas forem.

A questão é, pois, a de constituir-se uma direção central em condições, de força e estabilidade, que a mantenham ao abrigo de todas as flutuações; que correspondam a todas as necessidades da causa e oponham intransponível obstáculo às tramas da intriga e da ambição. Tal o propósito do plano de que vamos dar um rápido esboço.

IV – Comissão central

Durante a fase de elaboração, a direção do Espiritismo teve que ser individual. Tornou-se preciso que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos, no estado de embriões, de uma multidão de focos, se dirigissem para um centro comum, a fim de serem aí analisados e cotejados, de sorte que um só pensamento presidisse à coordenação deles, a fim de estabelecer-se a unidade no conjunto e a harmonia entre todas as partes. Se não fosse assim, a Doutrina se teria assemelhado a um mecanismo cujas rodas não se ajustam com precisão umas nas outras.

Já o temos dito, por ser verdade incontestável, hoje claramente demonstrada: a Doutrina não podia sair, de um único centro, totalmente estruturada, da mesma forma que toda a ciência astronômica não poderia sair, inteiramente constituída, de um único observatório. Qualquer centro que tentasse erguê-la exclusivamente sobre as suas observações falaria coisa incompleta e estaria, com relação a uma infinidade de pontos, em contradição com os outros. Se mil centros quisessem fazer cada um a sua doutrina, não haveria duas semelhantes em todos os pontos. Se estivessem de acordo quanto aos fundamentos, inevitavelmente difeririam

quanto à forma. Ora, como há muita gente que atenta mais na forma do que no conteúdo, tantas seriam as seitas quantas as maneiras diferentes. Somente do conjunto e da comparação de todos os resultados parciais podia resultar a unidade. Por isso é que era indispensável a concentração dos trabalhos. (*A Gênese*, capítulo I: “Caráter da revelação espírita”, nº 51 e seguintes.)

Contudo, o que era de vantagem por um tempo mais tarde seria inconveniente. Atualmente, que o trabalho de elaboração se acha concluído, no que diz respeito às questões fundamentais; que estabelecidos se encontram os princípios gerais da Ciência, a direção, de individual que houve de ser em começo, tem que se tornar coletiva, primeiramente, porque um momento há de vir em que o seu peso ultrapassará as forças de um homem e, em segundo lugar, porque maior garantia apresenta um conjunto de indivíduos, a cada um dos quais caiba apenas um voto e que nada podem sem o concurso mútuo, do que um só indivíduo, capaz de abusar da sua autoridade e de querer que predominem as suas opiniões pessoais.

Em vez de um comandante único, a direção será confiada a uma *comissão central* permanente, cuja organização e atribuições se definam de forma a não dar azo ao arbítrio. Essa comissão se comporá de, no máximo, doze membros titulares, que deverão, para tal efeito, preencher determinadas condições indispensáveis, e de igual número de conselheiros. Ela se completará a si mesma, conforme as regras igualmente determinadas, à medida que em seu seio se derem vagas por falecimentos ou por outras causas. Uma disposição especial estabelecerá o modo pelo qual serão nomeados os doze primeiros.

A comissão nomeará o seu presidente por um ano.

A autoridade do presidente será essencialmente administrativa. Ele dirigirá as deliberações da comissão, velará pela execução dos trabalhos e pelo expediente; mas, fora das atribuições que os estatutos constitutivos lhe conferirem, não poderá tomar decisão alguma sem o concurso da comissão. Portanto, não haverá oportunidade para abusos, nem alimentos para a ambição, nem pretextos para intrigas ou ciúmes, nem supremacia chocante.

A comissão central será, pois, a cabeça, o verdadeiro comandante do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o consentimento da maioria. Suficientemente numeroso para se esclarecer por meio da discussão, não o será bastante para que haja confusão.

A autoridade da comissão central será temperada e seus atos fiscalizados pelos congressos ou assembleias gerais, de que falaremos adiante.

Para a comunidade dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em suma, de um corpo constituído, representando opinião coletiva, forçosamente terão uma autoridade que nunca teriam, se emanassem de uma só pessoa, que apenas representa uma opinião pessoal. É frequente uma pessoa rejeitar a opinião de outra, por entender que se humilharia, caso se submetesse a essa opinião, e acatar sem dificuldades a de muitos.

Fica bem entendido que aqui se trata de autoridade moral, no que concerne à interpretação e aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer. Essa autoridade será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia, em matéria de Ciência.

Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os oponentes, sobre tudo, mostra uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e exterminada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva.

Tal entidade oferece garantias de estabilidade, que não existe, quando tudo recai sobre uma única cabeça. Desde que o indivíduo se ache impossibilitado por uma causa qualquer, tudo fica paralisado. A entidade coletiva, ao contrário, se perpetua incessantemente. Embora perca um ou vários de seus integrantes, nada periclita.

A dificuldade, dirão, constituirá em reunir, de modo permanente, doze pessoas que estejam sempre de acordo.

O indispensável é que sejam acordes no tocante aos princípios fundamentais. Ora, isso constituirá uma condição absoluta para que sejam admitidas à direção, como para a de todos os que desta participam. Sobre as questões pendentes de detalhes, pouco importa que

discordem, porquanto a opinião da maioria é que prevalecerá. Àquele cuja forma de ver for acertada, não faltarão bons motivos com que a justifique. Se algum, contrariado por não conseguir que suas opiniões prevaleçam, se retirar, nem por isso deixariam as coisas de seguir o seu curso e razão não haveria para se lhe deplorar a saída, pois que teria dado prova de uma suscetibilidade orgulhosa, pouco espírita, e que poderia tornar-se origem de perturbações.

A causa mais comum de separatividade entre cointeressados é o conflito de interesses e a possibilidade de uns suplantarem os outros, em benefício próprio. Esta causa não pode existir, do momento em que o prejuízo de um em nada aproveitará aos outros; desde que todos são solidários e apenas podem perder, em vez de ganhar, com a desunião. É esta uma questão de minúcia prevista na organização.

Suponhamos que entre os integrantes da comissão haja um irmão falso, um traidor, que os inimigos da causa tenham ganho para si: que logrará ele fazer, não dispondo senão do seu voto nas decisões? Admitamos que, por impossível, toda a comissão enverede por mau caminho: aí estarão os congressos para reconduzi-la à ordem.

A fiscalização dos atos da administração pertencerá aos congressos, que poderão decretar a censura ou uma acusação contra a comissão central, por infração do seu mandato, por violação dos princípios estabelecidos, ou por medidas prejudiciais à Doutrina. Por isso é que se apelará da comissão para o congresso, nas circunstâncias em que se julgue que a responsabilidade da primeira está gravemente comprometida.

Sendo os congressos um freio para a comissão, na aprovação deles haure esta última novas forças. É assim que o chefe coletivo depende, em definitivo, da opinião geral e não pode, sem dano para si próprio, afastar-se do caminho reto.

Serão estas as atribuições principais da comissão central:

1^o Zelar pelos interesses da Doutrina e da sua propagação; manter-lhe a utilidade, pela conservação da integridade dos princípios firmados; prover ao desenvolvimento de suas consequências;

2^o O exame dos novos princípios, suscetíveis de entrar no corpo da Doutrina;

3º A concentração, em seu poder, de toda a documentação e informações que interessem ao Espiritismo;

4º A correspondência;

5º A manutenção, a consolidação e a extensão dos laços de fraternidade entre os membros e as sociedades particulares dos diferentes países;

6º A direção da *Revista*, que será o periódico oficial do Espiritismo e à qual se poderá juntar outra publicação periódica;

7º O estudo e apreciação das obras, dos artigos de jornais e de todos os escritos que interessem à Doutrina: a refutação dos ataques, se aparecerem;

8º A publicação das obras fundamentais da Doutrina, nas condições mais favoráveis à sua popularização; a elaboração e publicação das de que daremos o plano e que não teremos tempo de executar em nossa atual existência; a animação de que necessitem as publicações que sejam de proveito para a causa;

9º A fundação e conservação da biblioteca, dos arquivos e do museu;

10º A administração da caixa de socorros, do dispensário e do retiro;

11º A administração dos negócios materiais;

12º A direção das sessões da Sociedade;

13º O ensino oral;

14º As visitas e instruções às reuniões e sociedades particulares que se colocarem sob o seu patrocínio;

15º A convocação dos congressos e assembleias gerais.

Os membros da comissão distribuirão essas atribuições entre si, conforme a especialidade de cada um, sendo eles, se for necessário, assistidos por certo número de auxiliares ou de simples empregados.

V – Instituições acessórias e complementares da comissão central

Muitas instituições complementares serão anexadas à comissão central, como dependências locais, à medida que as circunstâncias o permitirem, a saber:

1º Uma *biblioteca* na qual sejam reunidas todas as obras que interessem ao Espiritismo e que possam ser consultadas no local, ou cedidas para leitura fora;

2º Um *museu* onde se achem colecionadas as primeiras obras de arte espírita, os trabalhos mediúnicos mais notáveis, os retratos dos adeptos a quem a causa muito deva pelo devotamento que lhe tenham demonstrado, os dos homens a quem o Espiritismo renda homenagens, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso etc.

3º Um *dispensário* destinado às consultas médicas *gratuitas* e ao tratamento de determinadas afecções, sob a direção de um médico diplomado;

4º Uma caixa de socorros e de previdência em condições práticas;

5º Um asilo;

6º Uma sociedade de adeptos, que celebre sessões regulares.

Sem entrar numa análise prematura a respeito, convém dizer algumas palavras acerca de dois artigos, com relação aos quais poderão dar-se enganos.

A criação de uma caixa geral de socorros é impraticável e causaria sérios inconvenientes, como já o relatamos em artigo especial. (*Revista* de julho de 1866). A comissão não deve, pois, tomar um caminho que teria de abandonar ao cabo de pouco tempo, nem emprender coisa alguma que não esteja convicta de poder realizar. Ela precisa ser positiva e não se embalar em ilusões quiméricas. Esse o meio de caminhar longo tempo e com segurança. Para isso, cumpre-lhe ficar sempre nos limites do possível.

A caixa de socorros a criar-se não pode e não deve ser mais do que uma instituição local, de ação circunscrita e cuja prudente organização sirva de modelo às do mesmo gênero que as sociedades particulares venham a fundar. Pela sua multiplicidade é que elas prestação serviços eficazes e não pela centralização dos meios de ação.

Será alimentada: 1º pelas parcelas, que se lhe destinem, tiradas da renda da caixa geral do Espiritismo; 2º pelas ofertas especiais que lhe forem feitas. Ela capitalizará os valores que receber, de maneira a constituir para si um rendimento. Com essa renda é que prestará os socorros temporários ou vitalícios e cumprirá as obrigações do seu mandato, estipuladas no regulamento da sua constituição.

O projeto de um asilo, na acepção completa do termo, não poderá ter execução logo de começo, pelos capitais que reclamaria tal fundação e, ao demais, visto que é necessário dar à administração tempo de se firmar e de atuar com regularidade, antes de complicar suas atribuições com empreendimentos que possam malograr-se. Fora imprudência tentar muitas coisas, antes de estar certa de possuir os meios de execução. É o que facilmente se compreenderá, desde que se pense em todos os detalhes inerentes a estabelecimentos desse gênero. Convém, sem dúvida, nutrir boas intenções, mas, antes de tudo, é imprescindível poder realizá-las.

VI – Amplitude de ação da comissão central

No princípio, um centro de elaboração das ideias espíritas se formou por si mesmo, sem desígnio premeditado, pela força das coisas, mas sem caráter oficial. Ele era preciso, porquanto, se não existira, qual seria o ponto de ligação dos espíritas disseminados por diversas nações? Não podendo comunicar suas opiniões, suas impressões, suas observações a todos os outros centros particulares, esparsos a seu turno e não raro sem consistência, ficariam insulados, com o que a difusão da Doutrina sofreria. Era, pois, indispensável um ponto de concentração, do qual tudo se irradiasse. O desenvolvimento das ideias espíritas, longe de tornar inútil esse centro, ainda melhor fará sentir a sua necessidade, porque tanto maior mais considerável for o número deles. A constituição do Espiritismo, regularizando o estado das coisas, terá por efeito fazê-lo criar maiores vantagens e preencher as lacunas que apresente. O centro que essa organização produzir não será uma individualidade, mas um foco de atividade coletiva, atuando no interesse geral e onde se apaga toda autoridade pessoal.

Mas qual será a amplitude do círculo de atividade desse centro? Será destinado a reger o mundo e a tornar-se árbitro universal da verdade? Alimentar tal pretensão fora compreender mal o espírito do Espiritismo que, pela razão mesma de proclamar os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repele a ideia de arvorar-se em autocracia; logo que o fizesse, teria enveredado por uma senda mortal.

O Espiritismo sustenta princípios que, por se firmarem nas leis da Natureza e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e um dia certamente o serão, os da universalidade das criaturas; todos os aceitarão, porque descobrirão neles verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas, pretender-se que o Espiritismo chegue a estar, por toda parte, organizado da mesma maneira; que os espíritos do mundo todo se sujeitarão a um regime uniforme, a um mesmo modo de proceder; que terão de esperar lhes venha de um ponto fixo a luz, ponto em que deverão fixar os olhos, fora utopia tão absurda como a de pretender-se que todos os povos do planeta formem um dia um única nação, governada por um único chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetida aos mesmos costumes. Há, é certo, leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, mas que sempre, quanto às minúcias da aplicação e da forma, serão apropriadas aos hábitos, aos caracteres, aos climas de cada um.

Outro tanto se dará com o Espiritismo organizado. Os espíritos do mundo inteiro terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão conforme as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa; sem que se formem seitas dissidentes a atirar pedras e lançar anátemas umas às outras, o que seria totalmente antiespírita. Poderão, pois, formar-se, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em diversos países, unidos apenas pela comunidade da crença e pela solidariedade moral, sem subordinação de uns aos outros, sem que o da França, por exemplo, nutra a pretensão de impor-se aos espíritos norte-americanos e vice-versa.

É perfeitamente justa a comparação, de que anteriormente nos valem, com os observatórios. Há-os em distintos pontos do globo; todos, seja qual for o país a que pertençam, se fundam em princípios gerais firmados pela Astronomia, o que, entretanto, não os faz tributários uns dos outros. Cada um regula como compreende os respectivos trabalhos. Trocam suas observações e cada um se utiliza da Ciência e das descobertas dos outros. Assim se dará com os centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do plano invisível, que trocarão entre

si o que obtiverem de bom e de aplicável aos hábitos dos países onde funcionarem, uma vez que o objetivo que eles colimam é o bem da Humanidade e não a satisfação de ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se encontrarem embuídos do verdadeiro espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os adversários comuns: a incredulidade e o fanatismo.

VII – Os estatutos constitutivos

A redação dos estatutos constitutivos deve preceder a toda execução. Se for confiada a uma assembleia, necessário se faz que antecipadamente se determinem as condições que devam preencher os que sejam destinados ao trabalho. A falta de base prévia, a divergência de pontos de vista, possivelmente as pretensões individuais, sem falar das intrigas dos adversários, poderiam produzir dissídios. Trabalho de tão grande alcance não pode ser improvisada; demanda ampla elaboração, conhecimento das necessidades reais da Doutrina, conhecimento esse adquirido por meio da experiência e de profundas meditações. Para que haja unidade de vistas, harmonia e coordenação de todas as partes do conjunto, tem ele que promanar da iniciativa individual, destacada a possibilidade de receber mais tarde a sanção dos interessados. De princípio, porém, será necessária uma regra, um rumo traçado, um objetivo fixo. Estabelecida a regra, caminha-se com segurança, sem tateamentos, nem hesitações.

No entanto, como a ninguém é dado possuir a luz universal, nem fazer perfeito o que quer que seja; como um homem pode enganar-se acerca de suas próprias ideias, enquanto que outros podem ver o que ele não visualiza; como seria abusiva a pretensão de quem quisesse impor-se por qualquer título, os estatutos serão elevados à revisão do congresso que haja de reunir-se mais proximamente, o qual poderá fazer-lhe as retificações que pareçam convenientes.

Mas uma constituição, por melhor que seja, não poderia ser eterna. O que é bom para certo período pode tornar-se deficiente em época posterior. As necessidades variam com o tempo e com o desenvolvimento

das ideias. Se não se quiser que com o tempo ela caia em desuso, ou que venha a ser atrasada pelas ideias progressistas, será necessário caminhar com essas ideias. Dá-se com as doutrinas filosóficas e com as sociedades particulares o que ocorre em política e em religião: acompanhar ou não o movimento propulsivo é uma questão de vida ou de morte. No caso de que aqui se trata, fora grave equívoco acorrentar o futuro por meio de uma regra que se declarasse inflexível.

Não menos grave equívoco seria introduzir com muita frequência, na constituição orgânica, modificações que acabariam por privá-la de estabilidade. Faz-se preciso proceder com ponderação e circunspeção. Só uma experiência de certa duração pode possibilitar se julgue da utilidade real das modificações. Ora, quem pode ser juiz em tal caso? Não será um único homem, que em geral só do seu ponto de vista vê as coisas; tampouco será o autor do trabalho primitivo, porque poderá ser complacente demais na apreciação da sua obra. Serão os próprios interessados, visto que experimentam de modo direto e permanente os efeitos da instituição e podem perceber por onde ela peca.

A revisão dos estatutos constitutivos se fará pelos congressos ordinários, transformados para esse efeito em congressos orgânicos, em certas épocas, e assim se prosseguirá indefinidamente, de maneira a mantê-los, sem interrupção, ao nível das necessidades e do progresso das ideias, ainda que a mil anos daqui.

Sendo periódicas e antecipadamente conhecidas as épocas de revisão, não haverá cabimento para se fazerem apelos, nem convocações especiais. A revisão constituirá não apenas um direito, mas também um dever do congresso da época indicada; de antemão, inscrever-se-á, na sua ordem do dia, de sorte que não estará subordinada à boa vontade de quem quer que seja e ninguém poderá arrogar-se o direito de decidir, firmado na própria autoridade, se a revisão é ou não oportuna. Se, após lidos os estatutos, o congresso julgar desnecessária qualquer modificação, declará-los-á mantidos integralmente.

Sendo forçosamente limitado o número dos componentes dos congressos, atenta a impossibilidade material de reunir neles todos os interessados, para que os que se reúnam não fiquem privados das luzes

dos ausentes, todos estes poderão, qualquer que seja o lugar do planeta onde se encontrem, enviar à comissão central, no intervalo de dois congressos orgânicos, suas ponderações, que serão postas em ordem do dia do congresso vindouro.

Nenhum movimento apreciável das ideias se esboça em período menor do que um quarto de século. De vinte cinco em vinte cinco anos, pois, é que a constituição orgânica do Espiritismo será submetida à revisão. Sem ser demasiado longo, esse período é suficiente a permitir se apreciem as necessidades novas e não se causem perturbações por efeito de modificações muito frequentes.

Todavia, como nos primeiros anos é que se notará o maior trabalho de elaboração; é que o movimento a operar-se nessa oportunidade pode fazer surgir necessidades imprevistas, até que a sociedade haja firmado seus passos; e é que importa se aproveitem, sem muita demora, as lições da experiência, mais aproximadas serão as épocas de revisão, porém sempre marcadas previamente, até o fim do século atual. No intervalo dos trinta primeiros anos, a constituição se terá completado e retificado suficientemente, para desfrutar de relativa estabilidade. Então é que, sem inconveniente, poderão ser iniciados os períodos de vinte cinco anos.

Assim, a obra individual primitiva, que abra o caminho, se tornará obra coletiva dos interessados, com as vantagens inerentes a esses dois modos, sem os seus inconvenientes. Ela se transformará sob o império das ideias progressivas e da experiência, mas sem abalos, sem precipitações, porque obedecerá ao princípio estabelecido na própria constituição.

VIII – Do programa das crenças

A condição absoluta de vitalidade para toda reunião ou associação, qualquer que seja a sua meta, é a homogeneidade, isto é, a unidade de vistas, de princípios e de sentimentos, a tendência para um mesmo objetivo determinado, numa palavra: a comunhão de ideias. Todas as vezes que alguns homens se congregam em nome de uma ideia vaga nunca chegam a entender-se, porque cada um apreende essa ideia de

forma diferente. Toda reunião composta de elementos heterogêneos carrega em si os germes da sua dissolução, porque se compõe de interesses opostos, materiais, ou de amor-próprio, tendentes a fins diversos que se entrecrocavam e rarissimamente se mostram dispostos a fazer concessões ao interesse comum, ou mesmo à razão; que suportam a opinião da maioria, se outra coisa não lhes é possível, mas que jamais se aliam francamente.

Assim foi sempre, até o surgimento do Espiritismo. Formado gradativamente, como todas as ciências, em consequência de ponderações sucessivas, sua aceitação tem alcançado pouco a pouco maior amplitude. O qualificativo de espírita, aplicado sucessivamente a todos os graus de crença, comporta uma infinidade de matizes, desde o da simples crença nas manifestações, até as mais altas deduções morais e filosóficas; desde aquele que, detendo-se na superfície, não vislumbra nas manifestações mais do que um passatempo, até aquele que procura a concordância dos seus princípios com as leis universais e a aplicação dos mesmos princípios aos interesses gerais da Humanidade; enfim, desde aquele que não vê nas manifestações a não ser um meio de exploração em benefício próprio, até o que haure delas elementos para seu próprio aprimoramento moral.

Dizer-se alguém espírita, mesmo espírita convicto, não determina, pois, de modo algum, a medida da crença, essa palavra exprime muito, com relação a uns, e muito pouco, relativamente a outros. Uma reunião para a qual se convocassem todos os que se dizem espíritas apresentaria uma amálgama de opiniões divergentes, que não poderiam assimilar-se reciprocamente, e nada de efetivo chegaria a concretizar, sem falar dos interessados a suscitarem no seu seio as discussões a que ela abrisse ensejo.

Essa falta de precisão, inevitável no início e durante o período de planejamento, tem frequentemente provocado equívocos lamentáveis, fazendo se atribuir à Doutrina o que não passava de abuso ou transviamento. Pela falsa aplicação que diariamente se faz do qualificativo de espírita, é que a crítica, pouco inquirindo do fundo das coisas e ainda menos do lado sério do Espiritismo, encontrou nele matéria para

zombarias. Diga-se espírita um indivíduo, ou pretenda fazer Espiritismo como os prestidigitadores pretendem fazer física, embora seja um saltimbanco, e logo se considera representante da Doutrina. Uma distinção, é certo, se tem feito entre os bons e os maus, os verdadeiros e os falsos espíritas, os espíritas mais ou menos esclarecidos, mais ou menos convencidos, os espíritas de coração etc. Mas essas designações, sempre vagas, nada de autêntico revelam, nada que os caracterize, quando não se conhecem os indivíduos e ainda não se teve oportunidade de os julgar por suas obras.

Pode-se, pois, ser enganado pelas aparências. Daí resulta que a qualificação de espírita, não comportando mais que uma aplicação falha, não constitui recomendação absoluta e essa incerteza lança nos espíritas uma espécie de desconfiança, que impede se estabeleça entre os seus integrantes um laço forte de confraternização.

Atualmente, quando nenhuma dúvida mais se legítima sobre os pontos fundamentais da Doutrina, nem sobre os deveres que tocam a todos os integrantes sérios, a qualidade de espírita pode ter um caráter definido, de que antes carecia. É possível estabelecer-se um formulário de profissão de fé e a adesão, por escrito, a esse programa será testemunho autêntico da maneira de considerar o Espiritismo. Essa adesão, comprovando a unidade dos princípios, será, além do mais, o laço que ligará os adeptos numa grande família, sem distinção de nacionalidade, sob o império de uma mesma fé, de uma comunhão de pensamentos, de modos de ver e de anseios. A crença no Espiritismo já não será simples aquiescência, muitas vezes parcial, a uma ideia vaga, mas uma adesão motivada, realizada com conhecimento de causa e comprovada por um título oficial, deferido ao aderente. Para evitar os inconvenientes da ausência de precisão, quanto ao qualificativo de espírita, os signatários da profissão de fé tomarão o título de espíritas professores.

Assentando num alicerce preciso e definido, essa qualificação a nenhum engano dá lugar, possibilitando que os seus componentes que professem os mesmos princípios e trilhem a mesma senda se reconheçam, sem outra formalidade mais do que a declaração de sua qualidade e, se for necessário, a apresentação do seu título.

Um formulário de profissão de fé, circunstanciado e claramente expresso será o caminho traçado; o título de espírita professo será a palavra de ligação.

Mas, perguntar-se-á, esse título será garantia suficiente contra os de sinceridade duvidosa?

É impossível obter-se garantia absoluta contra a má-fé, porquanto há quem trate com descaso os atos mais solenes; convenhamos, todavia, em que essa garantia vale mais do que qualquer outra que não exista. Aliás, aquele que, sem escrúpulos, se faz passar pelo que não é – quando a questão é só de palavras que voam –, muitas vezes recua diante de uma afirmação escrita, que deixa vestígios e que lhe pode ser apresentada no caso de ele desviar-se do caminho reto. Se, no entanto, alguns haja que não se deixem deter por essa consideração, mínimo seria o número deles e nenhuma influência teriam. Ao demais, essa hipótese estará prevista nos estatutos, que lhe consagrarão um dispositivo especial.

Tal providência inevitavelmente afastará das reuniões sérias aqueles que aí não estariam em seus devidos lugares. Se ela tivesse por efeito o distanciamento de alguns espíritas de boa-fé, estes seriam dos que não se acham bastante senhores de si mesmos, para se declararem tais, ou dos timoratos, que temem pôr-se em evidência, ou, ainda, dos que jamais são os primeiros a pronunciar-se, em quaisquer circunstâncias, antes de verem que direção tomam as coisas. Com o tempo, uns se esclarecerão de modo mais completo e os outros tomarão coragem. Nem uns, nem outros, no entanto, poderão contar-se entre os destacados defensores da causa. Quanto àqueles cuja ausência fora verdadeiramente de lamentar, será pequeno o número deles e diminuirá continuamente.

Nada sendo perfeito neste mundo, as melhores coisas têm seus inconvenientes. Se se houvesse de rejeitar tudo o que não esteja isento de inconveniências, nada se admitiria. Em tudo se faz necessário avaliar as vantagens e desvantagens. Ora, é por demais evidente que, aqui, as primeiras sobrepujam as segundas.

É certo que nem todos os que se qualificam de espíritas se submeterão à constituição. Por isso mesmo, ela existirá somente aos que a

aceitarem livre e voluntariamente, porquanto não nutrirá a pretensão de impor-se a ninguém.

Uma vez que o Espiritismo não é compreendido da mesma maneira por todos, a constituição apela para os que o encaram do seu ponto de vista, com o objetivo de lhe dar apoio, quando se achem isolados, e de fortalecer os laços da grande família pela unidade da crença. Mas, fiel ao princípio de liberdade de consciência, que a Doutrina proclama como direito natural, ela respeitará todas as convicções sinceras e não anatematizará os que sustentem opiniões distintas das suas, nem deixará de aproveitar as luzes que possam iluminar fora do seu seio.

O essencial é, portanto, distinguir os que seguem a mesma rota. Mas como sabê-lo com exatidão? É humanamente impossível conseguí-lo por meio de interrogatórios individuais, acrescentando que ninguém pode ser investido do direito de perscrutar as consciências. O único meio, o mais simples, o mais legal, seria redigir um formulário de princípios, resumindo o estado dos conhecimentos atuais que se destacam da observação e que têm a sancioná-los o ensino geral dos Espíritos, ensino a que cada um é livre de aderir ou não. A adesão escrita é uma profissão de fé, que dispensa qualquer outra investigação, concedendo a cada um inteira liberdade.

Por conseguinte, a constituição do Espiritismo tem como complemento necessário, no que diz respeito à crença, um programa de princípios definidos, sem o qual seria obra sem alcance e sem porvir. Tal programa, fruto da experiência adquirida, será o marco indicador do caminho. Para perlustrá-lo com segurança, a par da constituição orgânica, faz-se necessária uma constituição da fé, um credo, se o preferirem, que seja o ponto de referência de todos os componentes.

No entanto, nem esse programa nem a constituição orgânica podem ou devem acorrentar o futuro, sob pena de sucumbirem, cedo ou tarde, sob as coações do progresso. Fundado de acordo com o estado presente dos conhecimentos tem ele que se transformar e concluir à medida que novas observações lhe indicarem as deficiências ou os defeitos. As modificações, entretanto, não lhe devem ser incorporadas de modo leviano, nem com precipitação. Hão de ser obra dos congressos orgânicos que,

à revisão periódica dos estatutos constitutivos, acrescentará a do formulário dos princípios.

Marchando constante e harmoniosamente com o progresso, constituição e credo subsistirão na sucessão dos tempos.

IX – Vias e meios

Sem dúvida, é de se lastimar que tenhamos de entrar em considerações de ordem material, para atingirmos um objetivo todo espiritual. Cumpre, porém, notemos que a espiritualidade mesma da obra se firma na questão da Humanidade terrestre e do seu bem-estar; que já não se trata unicamente da emissão de algumas opiniões filosóficas, mas de fundar algo positivo e durável. Supor que ainda estamos nos tempos em que alguns apóstolos podiam pôr-se a caminho com um bastão de viagem, sem cogitarem de saber onde pousariam, o que comeriam, seria nutir uma ilusão que bem depressa amarga decepção destruiria. Para alguém fazer qualquer coisa seriamente, tem que se submeter às necessidades exigidas pelos costumes da época em que vive e essas necessidades são muito diversas das dos tempos da vida patriarcal. O próprio interesse do Espiritismo exige, pois, que se observem os meios de ação, para não ser forçoso parar na metade do caminho. Apreciemo-los, portanto, uma vez que estamos num século em que é preciso calcular tudo.

Como se vê, são numerosas as atribuições da comissão central, para necessitarem de uma verdadeira administração. Tendo cada um de seus componentes funções ativas e assíduas, se apenas a constituíssem homens de boa vontade, as atividades seriam prejudicadas, porquanto ninguém teria o direito de censurar os negligentes. Para regularidade dos trabalhos e normalidade do expediente, necessário se torna contar com aqueles cuja assiduidade se possa estar certo e que não considerem suas funções como simples atos de prazer. De quanto mais independência eles forem senhores, pelos seus próprios recursos, tanto menos se permitirão prender por ocupações quaisquer; se não dispuserem de tempo, não poderão consagrá-lo àquelas funções. Importa, pois, que sejam retribuídos, assim como o pessoal administrativo. A

Doutrina com isso ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, da mesma forma que constituirá um meio de prestar serviços àqueles que dela necessitem.

Na economia de toda administração previdente, ponto essencial é que sua existência não dependa de produtos eventuais que possam faltar, mas de recursos certos, regulares, de modo que sua marcha aconteça o que acontecer, não seja embaraçada. Insta, pois, que aqueles que forem chamados a lhe prestar concurso, não se sintam inquietos pelo futuro que as aguarde. Ora, a experiência demonstra que se devem considerar essencialmente aleatórios os recursos que somente tenham por alicerce o produto de cotas ou contribuições, sempre facultativas, quaisquer que sejam os compromissos contraídos, e de cobrança sempre difícil. Assentar despesas permanentes e regulares sobre recursos eventuais indicaria falta de previdência, que mais tarde se haveria de deplorar. Sem dúvida, menos graves são, as consequências, quando se trate de fundações temporárias, destinadas a durar quanto possam. Porém, aqui, é uma questão de futuro. A sorte de uma administração como esta não pode ficar subordinada aos azares de uma negociação comercial; precisa ser, desde o seu princípio, senão tão florescente, pelo menos tão estável quanto o será daqui a um século.

Em tal caso, a mais vulgar prudência determina se capitalizem, de maneira inalienável, os recursos, à proporção que vão sendo obtidos, a fim de constituir-se uma renda perpétua, a coberto de todas as eventualidades. Regulando a administração a sua despesa pela renda que aufera, não pode a sua existência, em nenhum caso, ficar comprometida, pois que disporá sempre de meios para funcionar. Pode, no início, organizar-se em menor escala; o número de integrantes da comissão poderá ser limitado provisoriamente a cinco ou seis, o pessoal e as despesas administrativas reduzido ao mínimo possível, sem prejuízo do desenvolvimento dos recursos.

A preparar o caminho para essa instalação é que consagramos até agora o fruto dos nossos trabalhos, conforme destacamos anteriormente. Se os nossos recursos pessoais não nos permitem fazer mais, temos, pelo menos, a satisfação de haver colocado o primeiro tijolo.

Figuremos então que, de uma forma ou de outra, a comissão central, em certo tempo, esteja em condições de funcionamento, o que pressupõe uma renda de 25 a 30.000 francos. Restringindo, a princípio, as suas despesas, os recursos de qualquer espécie de que disponha, em capitais e produtos eventuais, constituirão a *Caixa Geral do Espiritismo*, que será objeto de uma contabilidade rigorosa. Regulados os gastos obrigatórias, o excedente da renda aumentará o capital comum. Proporcionalmente, com os recursos desse capital é que a comissão proverá às diversas despesas proveitosas ao desenvolvimento da Doutrina, sem que jamais faça dele aplicação particular, nem fonte de especulação para qualquer de seus componentes. Ao demais, o emprego dos fundos e escrituração serão submetidos à verificação de comissários especiais, designados, para esse efeito, pelos congressos ou assembleias gerais.

Um dos seus primeiros cuidados da comissão será ocupar-se com as publicações, desde que seja possível, sem esperar que o possa fazer com o auxílio das rendas. Na verdade, os fundos a isso destinados não serão mais que um adiantamento, pois que retornarão à caixa, em decorrência da venda das obras, cujo produto reverterá ao capital comum. É um negócio de administração.

X – Allan Kardec e a nova constituição

Como prelúdio da nova constituição do Espiritismo, que ele elaborava, e a externação da sua forma de enxergar com referência à sua posição pessoal, têm perfeito cabimento neste preâmbulo as considerações que passamos a transcrever, extraídas da exposição que, a propósito da Caixa do Espiritismo, ele fez à Sociedade de Paris, em 5 de maio de 1865.

“Muito se tem falado dos proventos que eu retirava das minhas obras. Certamente, nenhuma pessoa séria crê nos meus milhões, a despeito da afirmação dos que afirmam conhecer de boa fonte que eu mantinha um trem principesco, carruagens a quatro e que em minha casa se andava por cima de tapetes d’Aubusson. (*Revista* de junho de 1862, pág. 179.) Além disso, não obstante o que disse o autor de uma brochura que conheceis, provando, por meio de cálculos hiperbólicos, que o meu

orçamento de receita ultrapassa a lista civil do mais poderoso rei europeu, porquanto, só na França, vinte milhões de espíritas são meus tributários (*Revista* de julho de 1863, pág. 175), há um fato mais legítimo do que os seus cálculos, isto é: que eu nada nunca pedi a ninguém, que jamais ninguém me deu nada para mim pessoalmente; numa palavra: que não vivo à custa de quem quer que seja, pois que, das somas que voluntariamente se me confiaram no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito.¹

“A minha imensa fortuna proviria, pois, das minhas obras espíritas. Conquanto elas tenham atingido inesperado sucesso, quem quer que esteja um pouco iniciado em negócios de livraria sabe que não é com livros filosóficos que se ganham milhões em cinco ou seis anos, quando sobre as vendas não se tem mais do que os direitos de autor, que não passam de alguns cêntimos por exemplar. Mas, avultado ou mínimo, sendo esse lucro resultado do meu trabalho, ninguém tem o direito de se imiscuir no emprego que lhe dou.

“Comercialmente falando, estou na posição de qualquer homem que colha o fruto de seu trabalho; corro os azares de todo autor que tanto pode ser bem-sucedido, como pode sofrer um malogro.

“Quem quer que tenha visto a nossa residência outrora e a veja atualmente poderá atestar que nada mudou no nosso modo de viver, depois que passei a ocupar-me com o Espiritismo; ela é agora absolutamente tão simples quanto o era antigamente. É, portanto, manifesto que meus lucros, quaisquer que tenham sido, não deram para nos proporcionar os prazeres do luxo. Que se segue daí?

“Tirando-me do anonimato, o Espiritismo me lançou num novo caminho; em pouco tempo, vi-me arrastado por um movimento que me achava longe de prever. Quando concebi a ideia de *O Livro dos Espíritos*, era minha intenção de modo algum não me pôr em evidência e permanecer desconhecido, mas, para logo ultrapassados os limites que eu imaginara, isso não me foi possível; tive de renunciar ao meu

⁽¹⁾ Essas somas subiram, naquela época ao total de 14.100 francos, cujo emprego, a favor exclusivamente da Doutrina, se encontra especificado pelas contas.

gosto pelo insulamento, sob pena de abdicar da obra empreendida e que crescia de dia para dia; foi-me preciso ceder à impulsão e tomar-lhe as rédeas. À medida que ela se desenvolvia, mais amplo horizonte se coscortinava diante de mim e lhe distanciava os lindes. Entendi então a extensão da minha tarefa e a importância da tarefa que me restava fazer para completá-la. As dificuldades e os obstáculos, longe de me atemorizarem, redobram as minhas energias. Divisei o fim objetivado e resolvi alcançá-lo, com a assistência dos bons Espíritos. Sentia que não tinha tempo a perder e não o desperdizei, nem em visitas inúteis, nem em cerimônias estéreis. Foi a obra de minha existência. Dei-lhe todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe o meu descanso, a minha saúde, porque diante de mim o porvir estava escrito em letras irrecusáveis.

“Sem me afastar do meu estilo de vida, nem por isso essa posição excepcional deixou de apresentar-me necessidades a que só os meus próprios recursos, muito limitados, não me permitiam prover. Não seria fácil a outrem imaginar a multiplicidade das despesas que aquela posição acarreta e que, sem ela, eu teria evitado.

“Pois bem! Senhores, o que me possibilitou suprimento aos meus recursos foi o fruto das minhas obras. Digo-o com satisfação, foi com o meu próprio trabalho, com o resultado das minhas vigílias que provi, em sua maior parte pelo menos, às necessidades materiais da instalação da Doutrina. Levei assim à *Caixa do Espiritismo* uma larga contribuição; os que auxiliam na propagação das obras não poderão, conseguintemente, afirmar que trabalham para me enriquecer, porque o produto da venda de todo livro, de toda assinatura da *Revista* é revertido em proveito da Doutrina e não do indivíduo.

“Mas, prover ao presente não era tudo; também importava pensar no futuro e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse amparar aquele que me substituísse na missão que terá de desempenhar. Essa fundação, a cujo respeito ainda devo guardar silêncio, se prende à propriedade que possuo e é em vista disso que aplico, em melhorá-la, uma parcela do que ganho. Como estou longe dos milhões com que me gratificaram, duvido muito que, sem embargo das minhas economias, os meus recursos me permitam jamais dar a essa fundação

o complemento que eu desejara ela tivesse, ainda em minha vida. Uma vez, porém, que a sua realização está nos propósitos dos meus mentores espirituais, se eu mesmo não o fizer, é provável que, um dia ou outro, isso se fará. Enquanto aguardo, vou elaborando os planos a que ela obedecerá.

“Longe de mim, senhores, a ideia de me envaidecer, ainda que de leve, com o que acabo de expor-vos. Foi necessária a pertinácia de certas diatribes, para que me decidisse, mesmo a contragosto, a quebrar o silêncio acerca de alguns fatos que me concernem. Mais tarde, todos aqueles que à malignidade aprouve desnaturar serão evidenciados, por documentos autênticos. A única coisa que por enquanto me importava era que ficásseis esclarecidos quanto ao destino dos fundos que a Providência faz que passem por mim, qualquer que seja a providência deles. Não me considero mais do que um depositário, até mesmo do que ganho; portanto, com mais forte razão, daquilo que me é confiado.

“Certo dia, alguém me perguntou, sem curiosidade, bem entendido, por mero interesse pela coisa em si, o que eu faria se tivesse um milhão de francos. Respondi-lhe que, presentemente, o emprego dessa soma teria de ser totalmente diverso do que seria no princípio. Outrora, eu teria feito a propaganda, mediante larga publicidade; agora, reconheço que isso seria inútil, pois que os nossos oponentes se encarregaram de custeá-la. Não me pondo então à disposição grandes recursos, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo devia seus triunfos à sua própria força.

“Atualmente, ampliado como está o horizonte e quando, sobretudo, o futuro se desdobrou, são de ordem muito diferente as necessidades que se fazem sentir. Um capital, como o figurado, teria mais utilidade. Sem entrar em detalhes que seriam prematuros, direi apenas que uma parcela se destinaria a converter a minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos moradores colheriam os benefícios da nossa doutrina moral; outra a constituir uma renda inalienável, destinada: 1^o a manter o estabelecimento; 2^o a assegurar uma vida independente àquele que me sucedesse e aos que o auxiliassem no desempenho da sua

missão; 3º a atender às necessidades correntes do Espiritismo, sem os riscos de auxílios eventuais, como sou obrigado a fazer, pois que a maior parte de seus recursos decorrem do meu trabalho, que terá fim.

“Aí está o que eu faria. Mas, se tal satisfação não me é dada, sei que, de uma maneira ou de outra, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as carências no momento oportuno. Por isso, modo algum me perturbo e só me ocupo com o que, para mim, é o essencial: a conclusão dos trabalhos que me restam por terminar.”

Ao que ele não dizia, acrescentou recentemente Allan Kardec:

Quando a comissão estiver organizada, dela tomaremos parte como simples integrante, dando-lhe a nossa colaboração, sem reivindicar, para nós, nem supremacia, nem título, nem qualquer privilégio.

Embora membro ativo da comissão, jamais pesaremos no seu orçamento, nem por honorários, nem por despesas de viagens, nem por qualquer outro motivo. Se nunca a ninguém nada pedimos para nós, ainda menos o faríamos nesta circunstância. Nosso tempo, nossa vida, todas as nossas forças físicas e intelectuais pertencem à Doutrina. Declaramos, pois, formalmente, que nenhuma parte dos recursos de que dispuser a comissão será desviada em proveito nosso.

Ao contrário, daremos a ela a nossa contribuição:

1º abrindo mão, em seu favor, do que produzam as nossas obras, feitas e por fazer;

2º fazendo-lhe a doação dos valores mobiliários e imobiliários.

Em se achando organizado o Espiritismo pela constituição da comissão central, nossas obras tornar-se-ão propriedade do Espiritismo, na pessoa dessa mesma comissão, que as gerirá e cuidará da publicação delas, pelos meios mais apropriados a popularizá-las. Ela também deverá cuidar de que sejam traduzidas nos principais idiomas.

A *Revista* foi, até agora, e não podia deixar de ser, uma obra pessoal, visto que era integrante das nossas obras doutrinárias, constituindo os anais do Espiritismo. Por seu intermédio é que todos os princípios novos foram elaborados e encaminhados ao estudo. Era, pois, necessário que mantesse seu caráter individual, para que se estabelecesse a unidade.

Fomos, por diversas vezes, solicitados a fazê-la circular mais amiúde; por muito lisonjeiro, porém, que nos fosse esse desejo, não pudemos atendê-lo, em especial, porque o tempo material não nos consentia esse acréscimo de trabalho e, em segundo lugar, porque importava que ela não perdesse o seu caráter essencial, que não é o de um jornal propriamente dito.

Agora, que a nossa obra pessoal se aproxima do seu fim, as necessidades já não são as mesmas; a *Revista* se tornará, como as nossas outras obras, feitas e por fazer, propriedade coletiva da comissão, que lhe tomará a direção, para maior vantagem do Espiritismo, sem que, por isso, renunciemos a lhe prestar o nosso auxílio.

Para concluir a obra doutrinária, falta-nos publicar vários textos, que não formam a parte menos difícil, nem menos penosa. Conquanto já disponhamos de todos os meios para os executar e o programa de cada um esteja traçado até a última linha, poderíamos dispensar-lhes mais acurada atenção e ativá-los, se, por instituída a comissão central, estivéssemos libertos de outros cuidados que nos absorvem boa parte do tempo.

O primeiro período do Espiritismo foi dedicado ao estudo dos princípios e das leis, que em seu conjunto tinham de constituir a Doutrina. Em suma: a preparar os materiais, ao mesmo tempo que à popularização da ideia. Foi o do plantio da semente que, semelhante à da parábola do Evangelho, não frutificaria igualmente por toda parte. A criança cresceu; tornou-se adulto e é chegado o momento em que, auxiliado por intengrantes sinceros e devotados, tem que avançar para o objetivo que lhe está posto, sem ser obstado pelos retardatários.

Mas como fazer essa seleção? Quem ousaria assumir o compromisso de um julgamento a incidir sobre as consciências individuais? O melhor seria que a seleção se fizesse por si mesma e o meio era bem simples: seria suficiente desfraldar um estandarte e bradar – sigam-no os que o adotem.

Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum, o que todo homem tem de concluir, conforme o entender, a obra que haja iniciado e de ser juiz da oportunidade. Desde o instante em que cada um é livre de aderir ou não a essa obra, ninguém pode reclamar por sofrer uma pressão arbitrária. Criamos a palavra Espiritismo, para atender às necessidades da causa. Temos, pois,

o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita. (*Revista Espírita*, de abril de 1866, p. 111.)

Depois de tudo o que fica falado, facilmente se assimilará quão impossível e prematuro fora estabelecer essa constituição logo no início. Se a Doutrina Espírita se houvera formado em conjunto, como toda concepção pessoal, teria sido concluída desde o primeiro dia e, então, nada mais simples do que constituí-la. Mas, tendo ela surgido gradativamente, em decorrência de aquisições sucessivas, a sua constituição teria congregado todos os amantes de novidades; em breve, porém, estaria esquecido pelos que não lhe aceitassem todas as consequências.

Entretanto, alguns porventura dirão: não estais assim provocando uma ruptura entre os adeptos? Abrindo dois campos, não enfraqueceis a falange?

Nem todos os que se dizem espíritas pensam do mesmo modo sobre todos os pontos; a divisão existe, de fato, e é muito mais prejudicial, porque pode acontecer que não se saiba se, num espírita, está um aliado ou um adversário. O que faz a força é a universalidade: ora, uma união franca não poderia existir entre pessoas interessadas, moral ou materialmente, em não seguir o mesmo caminho e que não objetivam a mesma finalidade. Dez homens unidos por um pensamento comum são mais fortes do que cem que não se entendam. Em tal caso, a mistura de vistas divergentes tira a força de coesão entre os que gostariam de andar juntos, exatamente como um líquido que, infiltrando-se num corpo, ergue obstáculo à agregação das moléculas desse corpo.

Se a constituição tem por efeito diminuir momentaneamente o número aparente dos espíritas, terá, por outro lado, como consequência, dar mais energia aos que caminharem em comum acordo para a concretização do grande objetivo humanitário que o Espiritismo há de alcançar. Eles se conhecerão e se estenderão mutuamente as mãos, de um extremo a outro do mundo.

Terá, além disso, por efeito opor obstáculo às ambições que, se impusessem, tentariam desviá-lo em proveito próprio. Tudo está calculado, visando a esse resultado, pela supressão de toda autocracia ou supremacia pessoal.

CREDO ESPÍRITA

Preâmbulo

Os males da Humanidade têm origem na imperfeição dos homens: é por meio de seus vícios que se prejudicam uns aos outros. Enquanto os homens forem viciosos, serão infelizes, pois a luta dos interesses criará constantes misérias.

Sem dúvida, Leis justas contribuem para a melhoria do estado social, mas são impotentes para assegurar a felicidade da Humanidade, porque não fazem senão cumprir as más paixões, sem aniquilá-las. Além disso, são mais repressivas do que moralizadoras, e elas não reprimem senão os atos maus mais salientes, sem destruir a causa. Aliás, a bondade das leis está em razão da bondade dos homens; enquanto eles estiverem dominados pelo egoísmo e pelo orgulho, redigirão leis voltadas às ambições pessoais. A lei civil não modifica a não ser a superfície. Apenas a lei moral é capaz de penetrar o foro interior da consciência e reformá-lo.

Estando, pois, admitido que a contusão causada pelo contato dos vícios é que torna os homens infelizes, o único remédio para os seus males está no seu aperfeiçoamento moral. Uma vez que as imperfeições são a fonte dos males, a felicidade aumentará à medida que as imperfeições diminuírem.

Por melhor que seja uma instituição social, se os homens são maus, falseá-la-ão e lhe desnaturarão o espírito para explorá-la em seu benefício. Quando os homens forem bons, farão boas instituições e elas serão duráveis, porque todos terão interesse em sua conservação.

A questão social não tem, portanto, o seu ponto de partida a forma desta ou daquela instituição; está inteiramente no aperfeiçoamento moral das pessoas e das massas. Aí está o princípio, a verdadeira chave

da felicidade da Humanidade, porque então os homens não pensarão mais em se prejudicarem uns aos outros. Não basta aplicar um verniz sobre a corrupção. É fundamental extinguir a corrupção.

O princípio do aperfeiçoamento está na natureza das crenças, porque elas são o móvel das ações e transformam os sentimentos; está também nas ideias inculcadas desde a infância e identificadas com o Espírito, e nas ideias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortificar, e não destruir. Será pela educação, mais ainda do que pela instrução, que se transformará a Humanidade.

Aquele que trabalha seriamente pelo seu próprio aperfeiçoamento garante a sua felicidade nesta vida. Além da satisfação de sua consciência, isenta-se das misérias, materiais e morais, que são o resultado inevitável de suas imperfeições. Terá a calma porque as vicissitudes não farão senão de leve roçá-lo; terá a saúde porque não usará o seu corpo para os excessos; será rico, porque se é sempre rico quando se sabe contentar-se com o essencial; terá a paz da alma, porque não terá necessidades factícias, não será mais atormentado pela sede das honras e do supérfluo, pela febre da ambição, da inveja e do ciúme; indulgente para com as imperfeições de outrem, delas sofrerá menos; excitarão a sua piedade e não a sua ira; evitando tudo o que pode prejudicar o seu próximo, em palavras e em ações, procurando, ao contrário, tudo o que pode ser útil e agradável aos outros, ninguém sofrerá com o seu contato.

Assegura a sua felicidade na vida futura, porque quanto mais estiver depurado, mais ascenderá na hierarquia dos seres inteligentes, e logo deixará este planeta de provas por mundos superiores; porque o mal que tiver reparado nesta existência não terá mais que reparar em outras existências; porque, na erraticidade, não encontrará senão seres amigos e simpáticos, e não será atormentado pela visão incessante daqueles que teriam do que se lamentar dele.

Garante a sua felicidade na vida futura, porque, quanto mais ele se depurar, tanto mais se elevará na hierarquia dos seres inteligentes e cedo abandonará esta terra de provações, por mundos superiores, porquanto o mal que haja reparado nesta vida não terá que o reparar em outras existências; porquanto, na erraticidade, só encontrará seres amigos e simpáticos e não será atormentado pela visão incessante dos que contra ele tenham motivos de queixa.

Vivam juntos alguns homens, embuídos por esses sentimentos, e serão tão felizes quanto o comporta a nossa terra. Ganhem assim, passo a passo, esses sentimentos todo um povo, toda uma raça, toda a Humanidade e o nosso orbe tomará lugar entre os mundos ditosos.

Será isto uma utopia, uma quimera? Sê-lo-á para aquele que não acredita no avanço da alma; não o será, para aquele que acredita na sua perfectibilidade indefinita.

O progresso geral é a resultante de todos os progressos individuais. Contudo, o progresso individual não consiste somente no desenvolvimento da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos. Nisso mais não há do que uma parcela do progresso, que não conduz necessariamente ao bem, pois que há homens que não se utilizam bem do seu saber. O progresso consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na eliminação dos maus germens que existem em nós. Esse é o verdadeiro progresso, o único capaz de garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o contrário do mal. Muito mal pode causar o homem de inteligência mais cultivada; aquele que se houver adiantado moralmente só o bem realizará. É, pois, do interesse de todos a evolução moral da Humanidade.

Mas que importam a melhora e a felicidade das gerações futuras, àquele que crê que tudo se acaba com a vida? Que interesse tem ele em se aperfeiçoar, em se constringer, em domar suas paixões inferiores, em se privar do que quer que seja em proveito de outrem? Nenhum. A própria lógica lhe diz que seu interesse está em desfrutar rapidamente dos bens materiais e por todos os meios possíveis, visto que amanhã, talvez, ele nada mais será.

A doutrina do nadismo é a estagnação do progresso humano, porque circunscreve as vistas do homem ao imperceptível ponto da presente existência; porque lhe restringe as ideias e as concentra forçosamente na vida material. Com essa doutrina, a criatura nada sendo antes, nem depois, cessando com a vida todas as relações sociais, a solidariedade é vã palavra, a fraternidade uma teoria sem base, a abnegação em favor de outrem mero embuste, o egoísmo, com a sua máxima – cada um por si, um direito natural; a vingança, um ato de razão; a felicidade, privilégio do mais forte e dos mais astuciosos; o suicídio, o fim lógico daquele que, baldo de recursos e de expedientes, nada mais espera e não pode

safar-se do tremedal. Uma sociedade fundada sobre o nadismo traria em si o gérmen de sua próxima extinção.

Outros, no entanto, são os sentimentos daquele que tem fé no porvir; que sabe que nada do que adquiriu em saber e em moralidade será perdido; que o trabalho de hoje dará seus frutos amanhã; que ele próprio fará parte das gerações porvindouras, mais adiantadas e mais ditosas. Sabe que, servindo aos outros, trabalha para si mesmo. Sua visão não se detém na Terra, alcança a infinidade dos mundos que lhe servirão um dia de morada; entrevê o glorioso local que lhe caberá, como o de todos os seres que atingem a perfeição.

Com a fé na vida futura, dilata-se-lhe o círculo das ideias; o futuro lhe pertence; o progresso pessoal tem um fim, uma utilidade real. Da continuidade das relações entre os homens nasce a solidariedade; a fraternidade se fundamenta numa lei da Natureza e no interesse de todos.

A crença na vida futura é, pois, elemento de avanço, porque estimula o Espírito; somente ela pode dar ao homem coragem nas suas provas, porque lhe fornece a razão de ser dessas provas, perseverança na luta contra o mal, porque lhe assina um objetivo. A formar essa crença no espírito das massas é, portanto, que devem aplicar-se os que a possuem.

Entretanto, ela é inerente ao homem. Todas as religiões a proclamam. Por que, então, não deu, até agora, os resultados que se deviam esperar? É que, em geral, a apresentam em condições que a razão não pode aceitar. Conforme a pintam, ela rompe todas as relações com o presente; desde que tenha deixado a Terra, a criatura se torna estranha à Humanidade: nenhuma solidariedade existe entre os mortos e os vivos; o progresso é puramente individual; cada um, trabalhando para o futuro, unicamente para si trabalha, só em si pensa e isso mesmo para uma finalidade vaga, que nada tem de definido, nada de positivo, sobre que o pensamento se firme com segurança; enfim, porque é mais uma esperança que uma certeza material. Daí resulta, para uns, a indiferença, para outros, uma exaltação mística que, isolando da Terra o homem, é essencialmente prejudicial ao progresso real da Humanidade, porquanto negligencia os cuidados que reclama o avanço material, para o qual a Natureza lhe impõe o dever de colaborar.

Todavia, por muito incompletos que sejam os resultados, não deixam de ser efeitos. Quantos homens não se sentiram encorajados e sustentados na senda do bem por essa vaga esperança! Quantos não pararam no declive do mal, pelo temor de comprometer o seu futuro! Quantas virtudes nobres essa crença não desenvolveu! Não desdenhemos as crenças do passado, por imperfeitas que sejam, quando conduzem ao bem: elas estavam de acordo com o grau de adiantamento da Humanidade.

Mas, tendo evoluído, a Humanidade reclama crenças em harmonia com as novas ideias. Se os elementos da fé se mantêm estacionários e ficam distanciados pelo espírito, perdem toda influência; e o bem que tiverem produzido, em certo tempo, não pode prosseguir, porque aqueles elementos já não se acham à altura das circunstâncias.

Para que a doutrina da vida futura doravante dê os frutos que se devem esperar, é necessário, antes de tudo, que satisfaça totalmente à razão; que corresponda à ideia que se faz a sabedoria, da justiça e da bondade de Deus; que não possa ser desmentida de forma alguma pela Ciência. É imprescindível que a vida futura não deixe no espírito nem dúvida nem incerteza; que seja tão positiva quanto a vida presente, que é a sua continuação, do mesmo modo que o amanhã é a continuação do dia anterior. É preciso seja vista, compreendida e, por assim dizer, tocada com o dedo. Faz-se mister, enfim, que seja evidente a solidariedade entre o passado, o presente e o futuro, por intermédio das diversas existências.

Tal a ideia que da vida futura apresenta o Espiritismo. O que a essa ideia concede força é que ela absolutamente não é uma concepção humana com o mérito somente de ser mais racional, sem contudo oferecer mais certeza do que as outras. É o resultado de estudo realizados sobre os testemunhos de Espíritos de diferentes categorias, nas suas manifestações, que permitiram se explorasse a vida extracorpórea em todas as suas etapas, desde o extremo superior ao extremo inferior da escala dos seres. As peripécias da vida futura, por conseguinte, já não constituem uma simples teoria, ou uma hipótese mais ou menos provável: decorrem de observações. São os moradores do mundo invisível que vem, eles próprios, descrever os seus respectivos estados e há situações que a mais fecunda imaginação não conceberia, se não fossem patenteadas aos olhos do observador.

Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos nos mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis consequências do bem e do mal, a Doutrina Espírita, mais do que qualquer outra, põe em relevo a urgência da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem de onde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma finalidade prática. Ela não se restringe a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão o reinado da paz e da fraternidade na Terra.

A Doutrina Espírita é, assim, o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido.

Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e morais. São inúmeras as questões que ele envolve, as quais, no entanto, podem resumir-se nos pontos seguintes que, considerados verdades inconcussas, formam o programa das crenças espíritas.

Princípios fundamentais da Doutrina Espírita, reconhecidos como verdades inconcussas

A morte corpórea de Allan Kardec interrompeu as *Obras Póstumas* desse eminente Espírito. Este volume termina com um ponto de interrogação e muitos leitores desejariam vê-lo respondido logicamente, como o sabia fazer o douto professor em matéria do Espiritismo. Sem dúvida, assim deveria ser.

No Congresso espírita e espiritualista internacional de 1890, declararam seus componentes que, desde 1869, estudos perseverantes haviam revelado coisas novas e que, segundo o ensinamento preconizado por Allan Kardec, alguns dos princípios do Espiritismo, sobre os quais o mestre baseava seu ensino, tinham de ser revisados e postos de acordo com os progressos da Ciência, em geral, nos últimos 20 anos.

Essa corrente de ideias, comum aos participantes daquele Congresso, vindos de todas as partes da Terra, provou que um volume novo precisava ser elaborado, para conjugar o ensino de Allan Kardec com o que nos proporciona constantemente a pesquisa da verdade.

Essa será a obra da *Comissão de propaganda*. Muito contamos com os bons conselhos dos irmãos que no Congresso demonstraram a sua competência sobre as mais altas questões filosóficas, para auxiliarem a Comissão nesta elaboração de um trabalho coletivo e incessantemente progressivo. Esse volume terá por sua vez que ser revisto, quando um novo Congresso assim o decidir.

“A Ciência, disse Allan Kardec, tem por finalidade constituir a verdadeira gênese, segundo as leis da Natureza.

“As descobertas da Ciência, longe de rebaixá-Lo, glorificam a Deus. Elas somente destroem o que os homens construíram sobre as ideias falsas que fizeram de Deus.

“O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.” (*A Gênese*, capítulo I – “Caráter da Revelação Espírita”.)

P.G. Leymarie

NOTA EXPLICATIVA

“Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. Revista Espírita, de 1868. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)”

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metucioso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre por meio de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Kardec, as ideias frenológicas de Gall e as da fisiognomia de Lavater eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “*resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.*” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas lhe permite afirmar que:

“O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, há apenas consanguinidade”. (O Livro dos Espíritos, item 207).

“[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor”. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

“Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e

progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes”. (Revista Espírita, 1867, p. 231.)

“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade”. (A Gênese, capítulo I, item 36, p. 42-43. Vide também Revista Espírita, 1867, p. 373).

Dos negros, Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais”. (KARDEC, Allan. Revista Espírita de 1863 – 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005 – janeiro de 1863.)

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus”. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XVII, item 3, p. 348)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. No Capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

“Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem

aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica”. (A Gênese, capítulo XI, item 43, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

“É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações”. (Revista Espírita, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“*benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas*”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora